

SYLVIO ROMÉRO

DOCTRINA CONTRA DOCTRINA

O evolucionismo e o positivismo na
Republica do Brasil

1.^a Serie

RIO DE JANEIRO
EDITOR — J. B. NUNES

1894

M. B. Lopes.

Comitiba, 8-8-94

DOUTRINA CONTRA DOUTRINA

SYLVIO ROMÉRO

DOCTRINA CONTRA DOCTRINA



O evolucionismo e o positivismo na
Republica do Brasil



1. Serie

RIO DE JANEIRO
EDITOR — J. B. NUNES

1894

Typographia da Empreza Democratica Editora
149—Rua do Hospicio—149

A SEU AMIGO

FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA

OFFERECER

Sylvio Romero

DECLARAÇÃO INDISPENSÁVEL

Auctorisamos, e rogamos até, á imprensa brasileira a transcripção d'este livro.

Sylvio Roméro

INTRODUÇÃO

Os partidos politicos na Republica do Brasil
e o grupo positivista entre elles

I

Com quatro annos apenas de existencia a republica do Brasil tem passado por intensas commoções internas, que estam a pedir o estudo e as apreciações dos publicistas e philosophos.

Quaes as causas historicas das lutas entre nós pugnadas nesse lapso de tempo ?

Quaes os seus moveis proximos e quaes os remotos ?

Qual a lei sociologica que vai presidindo ao desdobramento dos factos ?

A elucidação destes e d'outros problemas congeneres seria de inestimavel valor para a orientação dos espiritos, o que importa dizer—para a

apazigução geral, que, nas actuaes circumstancias, seria o melhor serviço prestado a este paiz.

O interesse immediato, o estímulo de victoria prompta, até no sentido mais elevado, é sempre da parte dos combatentes um obstaculo á apreciação calma, um obice á comprehensão nitida dos phenomenos contemporaneos. Um esforço, porem, do pensamento, que o faça levantar-se á esphera superior de onde se possa descortinar a amplitude geral do horisonte politico, é cousa praticavel aos espiritos contemplativos, que são aquelles que nas lutas dos homens deixam-se sempre impressionar e dirigir pelo ideal.

Dentre as diversas agitações que estão n'esta hora vasculejando a alma brasileira, é talvez a mais curiosa e a mais formidavel a que se refere ao que se póde chamar o genesis e a formação das principaes correntes da opinião. É o trabalho, lento ás vezes, precipitado quasi sempre, da stratificação das ideias na consciencia do povo nas epochas de revolução. Como massas candentes ellas deslocam-se, precipitam-se, escorrem, por assim dizer, ora em um sentido, ora em outro. Mas as ideias, as doutrinas, os conceitos, as opiniões não cahem do ceo, como as chuvas, nem brotam do chão, como as hervas dos

câmpos. Sahem dos cerebros e vão achar asylo nos corações.

As correntes da opinião não são outra cousa mais do que os agrupamentos dos homens em torno de uma bandeira, o combate dos espiritos no encaço de um ideal.

No Brasil representa-se agora um desses dramas raros, que nem a todas as gerações é dado presenciar. O esborçar de um trono, a queda de instituições quasi quatro vezes seculares, pois que essa é a verdadeira data do governo régio no Brasil ; o levantar de novas organizações, de novas fórmulas, de novas doutrinas, com seus moldes e suas necessidades novas, tudo isto constitue para os sociologos e amadores de estudos de psychologia popular um momento verdadeiramente excepcional.

Prescrutar algum tanto por este lado, deitar o ouvido onde mais forte parece pulsar o coração dos factos, a alma dos phenomenos politicos, que passam diante de nós, é plano que afagamos de ha muito e pretendemos realizar por miudo em livro especial.

Na presente introdução havemos de detennos na simples apreciação quasi exterior dos partidos já existentes, ou simplesmente em embryão entre nós.

È seja logo a nossa preliminar a entrada franca no assumpto. Quaes são os actuaes agrupamentos partidarios na republica? Que relações nutrem elles com o todo das tradições e aspirações do paiz? Quaes os defeitos de cada um e as chances de victoria de todos elles?

Responder a estas questões não seria espinhoso, talvez, em outros paizes, patrias feitas, equilibradas, tradicionaes, onde o pensamento corre sereno e a visão dos factos é quasi espontanea e instinctiva.

Não assim no Brasil, onde tudo é indisciplina, tudo é vasio e inanido; onde a ignorancia dos doutores é só comparavel á sua original companheira—a vaidade, a desenfreada petulancia dos politiqueiros.

Não é possivel, nem seria preciso, dar uma relação completa dos matizes politico-sociaes que actualmente dividem as populações brasileiras.

E bastante referir os mais significativos.

Por facilidade de exposição devemos começar pelo mais saliente aos olhos do observador, por ser aquelle que se põe em antagonismo directo com a republica, aquelle que pretende dar combate ás actuaes instituições.

Referimo-nos ao partido monarchista, ao partido restaurador.

Hontem, como ainda hoje, depois de bem amargas experiencias, houve certo grupo de republicanos ingenuos, que levavam a arrogancia e a vaidade ao ponto de negar a simples existencia de restauradores no Brasil. Não conhecemos maior aberração do juizo politico.

Porquanto a inexistencia de monarchistas neste paiz importaria a admissão dos seguintes absurdos: que entre cerca de treze milhões de ~~brasillos~~^{brasillos}, dos quaes, pelo menos, nove decimos eram monarchistas, não existisse nenhum homem sincero; que uma fórmula de governo reinasse quatro seculos em um paiz e sobre um povo, sem nelles deixar o menor vestigio, a mais leve influencia nos espiritos e nos factos. Os que sabemos ser a lei maxima de todos os phenomenos da historia, como a de todos os phenomenos do mundo physico, a lei de evolução, cuja fórmula mais completa é aquella que é devida ao genio de Herbert Spencer; os que sabemos que não podem existir factos sem antecedentes immediatos, sem a passagem de um estado homogeneo e incoherente a um estado de differenciação e coherencia, não podemos admittir o milagre da existencia de instituições, quatro vezes seculares, no ar, sem a menor base na vida nacional.

Tal ideia pôde ser de muito effeito na bocca de declamadores e ignorautes; mas não tem nem pôde ter o apoio da sciencia.

Nem precisavamos nós das declarações inconcussas de homens graves do valor dos Srs. Joaquim Nabuco, Carlos de Laet e Escragnolle Taunay para saber da existencia de seu partido.

Não está elle, por certo, ainda organizado com força e segura direcção; não passou, por ventura, ainda de um punhado de aspirações esparsas pelo vasto corpo de nosso paiz; porem elle vive, elle é uma realidade.

A negação, em absoluto, é aqui anomala e exquisita; mas não é inexplicavel, nem é facto singular na historia.

Tambem a presumpçosa Inglaterra no seculo XVII se afigurava definitiva a republica de Cromwell e que é hoje a Inglaterra?

Tambem aos affeitos e pouco lucidos patriotas do Terror se desenhava definitiva a republica por elles fundada e todos sabemos quão fallazes foram essas vozes propheticas.

Tambem aos confiantes revolucionarios de 1868 em Hespanha pareceu definitiva a republica que fundaram. E que é hoje o governo da terra de Cervantes?

Tambem a espiritos cultos, como o proprio Augusto Comte, pareceu definitiva a republica de 1848 em França, a ponto de um juiz competente escrever o seguinte a respeito: « O philosopho proclamava a republica *definitivamente* fundada e eu acreditei.

O 2 de dezembro deu um desmentido cruel a tão temerarias esperanças, tanto mais cruel, quanto os mais afflictos de então não o podiam imaginar. »

Em outra paragem accrescenta a mesma testemunha ocular: « Oubliant ce que sa prédiction (refere-se a Comte) avait de général, annonçant les collisions douloureuses sans aucune acception de forme de gouvernement, il déclara que la *république était irrévocablement fondée*; même le coup d'État de 1851 ne le fit pas changer de langage, et tout le long de 1852 il professa que le peuple de Paris ne permettrait pas le rétablissement de l'empire. » Bem se vê que até os philosophos não são infalliveis; até elles têm o direito de se enganar.

Não admira, pois, a cegueira dos nossos epigonos e as fallazes presumpções de que se nutrem. Nunca é demais, para quem tem bom senso, combater as pretenções restauradoras, que se podem avolumar e crescer, tentando fundar

com força e pujança o partido, a que já uma vez appellidámos de *neo-caramurú*,—em recordação ao partido restaurador da época regencial, dirigido pelos Andradas, e que constitue na historia a macula inapagavel do nome desses bons patriotas.

E o systema de combate que deve ser dado a taes pretensões não deve ser o acastelamento da negação opposta por um optimismo infantil.

A mais efficaz repulsa a oppor aos monarchistas deve ter duas feições, uma que se póde chamar positiva e deve consistir na sabia administração republicana, que leve ao povo a consciencia da superioridade do systema, e outra, que se póde denominar critica, e deve consistir na analyse seria dos desvarios monarchicos, por meio da historia.

Isto é que é preciso fazer e é o que não tem sido praticado em gráo algum.

Quem ahi já escreveu a historia analytica da administração régia no Brasil, mostrando os esbulhos, as violencias, as tyrannias de que eram victimas os filhos do paiz?

Quem ahi já praticou outro tanto para com a administração e a politica imperial dez vezes mais desastradas do que a gestão colonial?

Quem, por outro lado, já escreveu a historia,

clara, precisa, dramatica das aspirações para a liberdade e para a republica em terras do Brasil?

Ningu e tudo isto devia ter sido levado a effeito como doutrina e como ensinamento para o povo.

É preciso formar a educação republicana, tornando-a uma convicção consciente no seio da nação.

É mistér formar alicerces bem seguros para a nova construcção politica ser amada e tornar-se um fermento de vida e progresso.

Não são raros, na historia, os casos de adaptação exterior de fórmias politicas a povos que nunca as comprehenderam de todo, nem dellas se serviram com destreza e vantagem. Nós mesmos somos disso um exemplo, que por demasiado proximo, não deve ser deslembrado.

As praticas e usos do constitucionalismo parlamentar não assentáram jamais neste paiz em aspirações, impulsos, necessidades do povo.

O nosso constitucionalismo, apesar de alguns beneficios que prestou ao paiz, não passou de uma comedia, cujos papeis eram distribuidos a limitadissimo numero de actores e a cujo desempenho o grosso da nação nem em sonhada miragem assistio.

As construcções politicas que não são orga-

nisadas pelo trabalho popular, que não representam a fructificação de que os ideias da nação são a flor, não têm, não pódem ter estabilidade.

Ao sahir da colonia o problema brasileiro só poderia ter duas soluções sérias: passar o paiz á direcção forte, segura, intelligente e duradoura de um dictador de genio, e este nos falhou de todo; ou dividir-se em cinco ou seis estados regidos por chefes locais de capacidade excecional, que igualmente não tinhamos, como não possuímos ainda hoje.

O paiz era bastante homogeneo para conservar-se unido; porem o orgão supremo dessa conservação foi um constitucionalismo fallacioso, inane, verborhagico, adjunto a um imperialismo falso, *manqué*, servido por dous principes mediocres.

Sob tão frageis armaduras, a indisciplina, o desrespeito, a leviandade trefega do genio brasileiro quasi sem peias, produziram a sua obra de destruição, e chegámos ao ponto em que nos encontrou a revolução de 15 de novembro de 1889.

Ha ahí, ao que se deve suppôr, um partido restaurador.

Que aspirações pretende restaurar, que obra historica se propõe continuar?

Eis a difficuldade maxima, queremos dizer, a impossibilidade em que viria arrebentar-se o imperio no Brasil.

Elle não tem uma missão historica a continuar e a desenvolver. Sua obra foi um lento trabalho de desorganisação, de desarticulação em todos os ramos de actividade nacional.

O imperio não poderá nunca, no Brasil, ser auctoritario, autocratico, dictatorial, capaz de concretisar os elementos estaveis, conservadores, retardatarios do povo e dar-lhes uma feição duradoura.

O imperio terá necessariamente de ser desconfiado, liberalisante, dissolvente, isto é, elle tenderá sempre a preparar a ruina de si proprio.

Uma tradição de setenta annos impede-o de voltar atraz; nem essa anomalia seria mais possivel na America e em nosso tempo.

O imperio, em um palavra, por sua propria historia, não poderá ser um governo forte; ha de necessariamente ser um governo fraco e instavel.

Mas a fraqueza não é ainda o seu maior defeito.

Ha cousa peor: a contradicção intrinseca que o consome e leva fatalmente á morte.

É impossivel fundar monarchias novas;

porque é impossível crêar aristocracias novas. O tempo destas passou.

Onde ellas ainda existem, com mais ou menos força, é possível ao seu lado, e com o seu apoio, conservar a realeza que ellas crêaram.

Onde, porém, ellas não existem, é tentar o absurdo, pretender fundal-as em nosso tempo. O Brasil é um paiz fatalmente democratico. Filho da cultura moderna, depois da epoca das grandes navegações e das grandes descobertas, o que importa dizer, depois da constituição forte da plebe e da burguezia, elle é, além do mais, o resultado do cruzamento de raças diversas, onde evidentemente predomina o sangue tropical.

Ora, os dous maiores factores de equalisação entre os homens são a democracia e o mestiçamento.

E estas condições não nos faltam em gráo algum, temol-as de sobra.

E uma cousa e outra entram amplamente na caracteristica da civilisação moderna: na Europa a mescla cada vez maior de todas as classes, principalmente a contar da revolução franceza; no resto do mundo, mormente nas fundações coloniaes da America, Africa e Oceania, a mistura enorme das raças.

No alvorecer da historia quando chamitas,

semitas, aryanos, mongolicos iniciáram as respectivas civilisações, o estado das ideas, a natureza das instituições puderam preparar e deixar que se desenvolvessem as theocracias, as nobrezas, as realezas, todas mais ou menos parecidas e apenas modificadas pelas indoles diversas dos povos e dos meios sociaes.

Hoje não ; nações formadas hontem, quando a realeza já tinha entrado em plena decadencia, quando a aristocracia feudal era quasi apenas uma reminiscencia historica ; nações formadas hontem pelos filhos desses *burguezes das communas*, alliados ao *peões*, e ainda mais alliado aos *indios*, que elles escravisáram, e aos *negros*, que elles escravisáram ainda em mór escala, nações assim, povos assim entrados para as lutas de nossos dias, são gentes equalitarias, affeiçoadas pela democracia dos novos tempos, que lhes traçou os moldes.

Em um terreno desses a monarchia não póde brotar, e, se brotar, não ^{podará} póde prosperar.

Não é preciso ir mais adiante para apontar a carcôma interna que desmoronou o imperio bra-gantino na America.

O leitor, menos attento aos factos, não se queira admirar de contarmos nós entre os agentes niveladores da sociedade de nossos dias, além da

democratização crescente das classes, o mestiçamento das raças.

Não se queira espantar desse appello á ethnographia.

Máo grado ás pretenções e ao desespero de muitos, semelhante appello é indispensavel; porque é imposto pela evidencia da sciencia.

A distincção e desigualdade das raças humanas é um facto primordial e irreductivel, que todas as cegueiras e todos os sophismas dos interessados não têm fôrça de apagar.

É uma formação que vai entroncar-se na biologia e que só ella póde modificar.

Esta desigualdade originaria, brotada do laboratorio immenso da natureza, é bem differente da outra diversidade, oriunda da historia, a distincção das classes sociaes.

E se, para acabar com esta, o simples vai-vem da historia é sufficiente; se para acabar com a diversidade das classes sociaes, o simples rythmo da sociedade mesma, produzindo a democratização geral, é sufficiente; alli, para apagar a diversidade oriunda da natureza, a biologia é que vai inconscientemente encarregando-se de a desfazer aos poucos. E é o que se tem praticado no longo curso da historia, maximé nos ultimos quatro seculos.

No Brasil, onde as duas forças, a natural e a social, têm estado constantemente em acção ; onde a formação do povo foi, por um lado, um resultado da burguezia, da plebe, do terceiro e do quarto estado, e onde, por outro lado, o caldeamento das tres raças fundamentaes tem sido immenso, a democratisação é fatal e a monarchia é uma chimera.

Em um povo dest'arte argamaçado, os mestiços de todas as gradações e matizes estão em maioria e nos governos democraticos a maioria dicta a lei. Todos os grandes factos de nossa historia são outras tantas victorias das populações brasileiras, novas, mestiçadas de sangue e de sentimentos e intuições.

A primeira raça, cujo concurso directo foi dispensado, foi a do incola primitivo, o caboclo. Cedo se lhe deu liberdade, carta de alforria ; porque cedo foi conhecida a improficuidade de seu auxilio. O indio estreme ou morreu ou retirou-se aos altos recessos do paiz. Foi isto logo no decorrer do segundo seculo da conquista, até meados do terceiro.

O segundo concurrente, cujo poder directo, cuja direcção immediata teve de dispensar-se, foi o colonizador portuguez. A *Independencia* não tem outro significado.

A terceira e ultima que pôde ser dispensada em sua contribuição immediata, que era o trabalho, foi o negro. A *abolição da escravidão* não tem outro sentido.

Sobre estes tres factores de nosso povo, de nossas riquezas, de nossa cultura, e, com o proprio auxilio delles, é que se formáram as populações genuinamente brasileiras, resultados das tres correntes que confluíram, das tres almas que se fusionáram.

A republica foi uma victoria dessas populações novas, representadas por seus homens mais eminentes, e por isso ella tem o apoio e reclama os applausos de nosso povo.

Ella representa a maioria e tem assim um esteio ethnographico. Prophetisando esta verdade, já havia dito, ha sessenta annos, o marquez de Maricá, em fôrma ironica e atacante, é certo: «o primeiro imperador foi deposto, porque não era *nato*; e o segundo ha de sê-lo, porque não é *mulato*...»

O velho marquez tinha razão: não ha mais lugar na America para o *sangue azul* da realza...

Dest'outro lado do Atlantico as ideas aristocraticas mescláram-se muito aos sentimentos da plebe e o sangue tropical da maioria de nossas

gentes tem a côr *vermelha* do sangue dos homens, bem differente, pois, do sangue impossível dos deuses.

Mais uma razão para descremos da efficacia da restauração.

Afim de apaziguar despeitos e prevenir velleidades de certa classe de pretenciosos, declará-mos que, ao fallarmos em mestiçamento, o fazemos no sentido mais geral e mais vasto possível, comprehendendo os proprios cruzamentos entre si das variedades de uma mesma raça. E, quanto aos entrelaçamentos de raças diversas, é cousa acontecida na propria Europa, desde os mais remotos tempos, como está prova-lo pelos competentes. Eis aquí o que escreve um d'elles :

« Nos nations les plus dégagées d'alliages ne sont que des résultats très décomposés, très peu harmoniques d'une série de mélanges, soit *noirs et blancs*, comme, au midi de l'Europe, les Espagnols, les Italiens, les Provençaux ; soit *jaunes et blancs* comme, dans le nord, les Anglais, les Allemands, les Russes. »

Eis ahí : bem pensado, estamos em boa companhia. O velho fermento equalitario, posto que desfigurado e submergido na velha Europa, lá também tem estado e continúa a estar em acção. Aquí elle é apenas mais forte, mais vasto, mais evidente.

Nós dissemos, no anterior paragrapho, existirem na humanidade duas grandes desigualdades: as *classes* e as *raças*, filhas aquellas da historia e filhas estas da natureza. A extincção gradativa das primeiras, accrescentámos, pertence ao ascendente geral da democracia por toda a parte.

Tal é a funcção social dessa força nova, que tem estado a crescer continua e desmedidamente no correr dos ultimos cem annos.

Mas a democracia se divide em duas grandes fracções: de um lado, acham-se todos aquelles que esperam que a evolução seja feita gradativa e harmonicamente pela energia latente que dirige o progresso; de outro lado, collocam-se em linha os que pretendem intervir directamente na direcção dos phenomenos historicos, reorganizando a *sociedade*, que lhes parece seguir marcha errada. De uma banda, em uma palavra, os *individualistas* e endeosadores da *liberdade*; de outra banda, os *socialistas*, os fanaticos da *egualdade*.

Não é nova esta luta nos annaes humanos, e o olhar percurçiente vai descobri-la nas civilisações antigas e nos fastos da idade media. Qual

quer que fosse, porém, o gosto que pudéssemos ter em fazer também agora uma excursão pelo passado, para assistir ao labutar do socialismo, renunciámos a esse prazer diante da urgência em tratar de perto e exclusivamente o assumpto na parte em que elle interessa directamente ao nosso paiz. Limitamo-nos apenas a fazer uma indicação, que nos parece capital: o confronto entre a *questão social* nos passados tempos e a *questão social* em nosso seculo, e nomeadamente em nossos dias, mostra naquella todos os symptomas de um brinquedo infantil, em face das inquietações lancinantes que são o apanagaio desta.

A lei da *inter-dependencia* dos phenomenos capitaes da vida social, o *concensus*, que preside á evolução total dos acontecimentos da historia, não deixa, aos olhos pasmos do observador, que não se quer illudir, de notar em nosso tempo, e peculiarmente nas lutas que formam a essencia do socialismo, bem vivos signaes de decadencia e decrepitude.

O ascendente mesmo das questões economicas, a ancia de bem-estar material, a preocupação constante dos assumptos monetarios e financeiros são um symptoma de velhice, uma prova de que passou para a humanidade a phase juve-

nil do idealismo, que animava as grandes criações desinteressadas.

A crise economica, para tudo dizer em traço rapido, vem ladeada por outras muitas crises, cada qual mais pavorosa. Aqui, é a velha intuição religiosa, o velho *crêdo christão*, que presidio á evolução de nossa cultura occidental, que se esborôa e cahe aos pedaços : é a crise religiosa.

Alli, é o movel das acções que perdeu o apoio das crenças tradicionaes e vacilla incerto, procurando um arrimo : é a crise da moral.

Neste ponto, é o *mecanismo dos phenomenos*, que em uma evolução sem norte dirige o mundo dos factos, quaesquer que elles sejam, astros da astronomia, corpos da physica, atomos da chimica, vida da biologia, ideias da psychologia, actos do direito, principios da politica: é a crise da sciencia.

Naquelle outro ponto, é a questão das origens, da causação fundamental do universo, o plano de seu desenvolvimento, a *teleologia* da evolução, desde os astros, os corpos, os atomos, a vida, até ás ideias, as doutrinas, os actos e os systemas : é a crise da philosophia.

Nosso seculo assiste a todos estes terriveis debates, em uma anciedade tremenda ; porque as velhas crenças se foram, as velhas crenças phan-

tasiosas, filhas do ideal ; e o raciocinio frio não crêou outras, para as substituir, tão aptas para confortar.

A humanidade entrou definitivamente na phase da observação, da experiencia, da analyse scientifica e esta para tudo poderá servir, menos para *illudir e consolar*, missão das crenças antigas, na opinião de um pensador.

Pois bem ; no meio desses incandescentes debates é que o socialismo tomou posição, pretendendo em tudo tocar, porém tomando a si, mais especialmente, a questão *economica das relações do trabalho e do capital*, e a questão *social da extincção das classes e reorganisação da vida publica*.

Não entra em nosso plano fazer a historia, tantas vezes já feita, do socialismo, nem mesmo a discussão doutrinaria dos *meios* que elle pretende pôr em pratica para solver o problema que se propoz.

Das vinte ou trinta doutrinas diversas, que são outras tantas maneiras de resolver as questões de seu programma, não temos tambem necessidade de expôr os planos e lhes fazer a critica.

Altamente sympathicos a esse movimento ingente, que é um dos signaes mais elevados de

nosso tempo; inteiramente convencidos de ser uma necessidade fatal da historia o advento da democracia social, a victoria do quarto estado; sectarios até de algumas das ideias que andam na liça, estudamos neste momento apenas uma questão brasileira.

Temos nós aqui tambem o nosso partido operario, segundo todos os symptomas; temol-o até já dividido em tres ou quatro grupos, conforme não menos evidentes signaes.

As seguintes questões a seu respeito estam a pedir uma resposta prompta e decisiva: temos já nós aqui as condições, todas as condições indispensaveis á existencia de um *proletariado politico*, propondo lutas e projectando reivindicações?

Corresponde a criação de um partido proletario no Brasil a necessidades e aspirações inilludiveis, senão de todo o povo, ao menos de uma grande classe da sociedade?

Qual, das muitas existentes na Europa, a doutrina abraçada por nossa democracia social?

Qual a propaganda de seus directores, que pretendem estes fazer, que questões vão agitar e resolver?

Taes os factos que deviam estar elucidados, discutidos e claros diante da opinião do paiz.

Infelizmente não o estão. A nossa litteratura socialista ainda não existe e só por si este symptoma original é digno de séria meditação : nós aqui tivemos o partido antes de havermos tido a propaganda...

É singular ! Irrecusavel prova da artificiosidade do movimento.

Fazemos chronica sem nomes proprios ; não temos em mira molestar ninguem. Mas não abrimos mão do nosso direito de dizer a verdade.

As grandes leis da historia hão de se cumprir tambem no Brasil ; - nós tambem havemos de ter o nosso quarto estado triumphante. Não ha duvida.

Mas para que, por prazer de imitação, ou por qualquer outro novel ainda menos desculpavel, havemos de fantasiar factos que não possuímos, problemas que não nos assentam e só pódem servir para augmentar a confusão, desnortear os espiritos e difficultar a vida da nação ?

Attenda-nos o leitor.

Sabem todos que o primeiro acto do grande drama da *approximação das classes*, consistio na luta da *burguezia* contra a *nobreza*, que afinal foi vencida quasi por toda a parte.

Sem ter, por sua posição sociologica, con-

tribuido para o facto, o nosso paiz delle aproveitou.

O Brasil não possuia nenhuma *aristocracia* para desbaratar e tirou do facto o proveito generico que elle em si mesmo encerra.

Que se poderia, porém, dizer de um agitador qualquer, que, só pelo gosto de *macaquear*, fantasiasse neste paiz a existencia de uma despotica e opulenta *nobreza* e organisasse, para a deitar no chão, o partido da *burguezia* pacata e sombria?

Zombaria toda a gente do dislate do extravagante. Pois, *mutato nōmine*, é quasi o mesmo que se dá com o nosso *operariato* politico.

As condições para a existencia de um partido reivindicador dessa natureza são sempre e sempre por toda a parte: paiz demasiado cheio de população, concentrada esta especialmente em grandes cidades industriaes, e clima inclemente.

Dahi a superabundancia de braços; dahi os abusos do capital; dahi a hyper-produccão e as crises; dahi a *chōmage*, a miseria, a morte, muitas vezes.

Dahi também, em larga escala, a tendencia *emigratoria*. Onde nada disto no Brasil? Temos terras de mais e não temos população; em vez de emigrarmos, pedimos *immigrantes*; não temos

industrias; não temos grandes cidades populosas e manufactureiras; existe para a nossa minguada lavoura escassez de braços; não temos capitaes accumulados, não temos sobras, não temos poupanças. Justamente o inverso das patrias natas do socialismo...

Apezar da mania, do materialismo grosseiro de *povoar por povoar*, que se apoderou de alguns ideologos, ainda felizmente o Brasil não está transformado em uma Belgica ou em uma China, regorgitantes de sêres humanos.

Bem longe disto.

Economicamente somos uma nação embryonaria, cuja mais importante industria é ainda uma lavoura rudimentar, *extensiva*, servida hontem por dous milhões de escravos e hoje por trabalhadores nacionaes e algumas dezenas de milhares de colonos de procedencia européa, cem vezes mais felizes do que na mãi patria. Que socialismo sério deve sahir dahi nesses duzentos annos? O *capitalismo nacional* é exiguo, quasi mesquinho.

Em rigor todo o paiz é ainda uma vasta feitoria, uma verdadeira colonia, explorada pelo *capital europeu*, sob a fórma do commercio e sob a fórma de empresas.

A população em geral, feita a pequena excepção de alguns fazendeiros, senhores de engenho,

negociantes e herdeiros de capitalistas, mais ou menos desempenhados, é em sua maioria *pobre*: mas são os *pobres da inercia*; não são os proletarios no sentido socialista; porque não são operarios ruraes ou fabris. Se, pois, ha *pauperismo* é da nação inteira.

Um dos caracteres mais pronunciados do collectivismo europeu é o estudo profundo da vida das classes operarias.

São celebres os estudos de Carlos Marx e de Engels sobre as classes operarias na Inglaterra; os de Bebel e Liebknecht sobre as da Allemanha.

Que estudos sobre a vida economica, sobre as classes productoras do Brasil já tentou algum dos acclamados chefes do nosso socialismo?

Onde os seus escriptos demographicos e estatisticos? São até hoje um mysterio, uma incognita.

Entretanto, por ahi é que se deveria ter começado.

E' por isso que o character de *macaqueação* da democracia social brasileira é visivel a olhos desarmados. Na Europa a grande massa estruge famelica; aqui espera talvez fazer alguma *grève* pilherica sonhada por algum deputado ambicioso. Na Europa, quando não está na luta perti-

naz, commemora suas datas com manifestações assombrosas ; aqui faz alguma passeiata *academica*, ou vai ao *S. Pedro* ou ao *Lucinda* assistir a algum espectáculo *burguez* !...

Por Deus, carissimos senhores, não matem pelo ridiculo o nosso bom, o nosso grande socialismo. Apressemos-nos em declarar que essas notas dissonas, mal-soantes de nosso proletariado parecem oriundas dos chefes, os desorientados chefes de certos grupos.

Precisam todos reforçar suas ideias pelo estudo sério das condições de nosso paiz.

Foi sempre convicção nossa que o Brasil, seguindo a marcha normal de seu povoamento, queremos dizer, não prestando ouvidos aos *immigrantistas negociadores*, cujo interesse seria metter aqui tumultuariamente algumas dezenas de milhões de homens ^{contanto} ~~contanto~~ que isto lhes rendesse avultadas sommas, ainda que nessa alluvião ficasse afogada a população nacional, sempre foi convicção nossa que o Brasil por dous ou tres seculos ainda poderia estar a salvo dos males do pauperismo revolucionario e perturbador.

Felizmente, os sonhos dos importadores de homens não têm na pratica tido aquella realização que elles ardentemente almejavam.

A Europa tem tido suas duvidas em desembo-

car para cá as correntes caudaes de suas massas desoccupadas.

Possuimos, por certo, uma população muito reduzida ainda, que por isso deve ser reforçada por levas immigratorias, dirigidas, porém, systematicamente por todo o paiz, para evitarem-se hypertrophias por um lado e esgotamentos por outro.

Mas esse é o problema de nosso futuro. No presente, affirmamol-o convictamente, em zona alguma do paiz existem ainda as condições que fazem brotar o socialismo em suas diversas manifestações.

Nem nas cidades, nem nas regiões ruraes. Lançemos uma vista inquiridora sobre as populações nacionaes, apreciando-as sob o aspecto das relações economicas.

Reconheceremos por toda a parte, uma *pobreza geral*, dando-se até uma singular anomalia: a classe *mais pobre* que existe no paiz é justamente a que corresponde á *burguezia* da Europa.

Effectivamente, considerem-se os habitantes das cidades e dos campos.

Nas cidades é preciso fazer ainda uma distincção entre as quatro ou cinco merecedoras deste nome, e as pequenas cidades esparsas por

todos os Estados, muitas das quaes não passam de verdadeiras aldêas.

As primeiras não são grandes centro fabris, manufactureiros, industriaes, como as suas congeneres do velho mundo.

São apenas nucleos commerciaes.

A pequena industria local é sempre insignificante. Nellas a população divide-se, pouco mais ou menos, nas seguintes classes: alguns capitalistas e banqueiros ricos; mas estes em numero que se pode contar nos dedos, e isto mesmo em duas ou tres praças apenas; logo abaixo certo numero de negociantes bem collocados, possuidores de fortunas, que nos parecem consideraveis, porém, em verdade, de pequeno vulto, comparadas ás da Europa e dos Estados Unidos.

O seu numero não é avultado e representa pequena proporção, se a compararmos á população total do paiz.

Em terceira linha apparecem os pequenos negociantes em numero mais crescido; mas ninguem se lembrará de os comparar aos burguezes ricos dos paizes abastados.

Colloquemos em quarta linha os donos de fabricas, isto onde as ha, posto que sempre em não grande numero, e com elles os empreiteiros,

os corretores, os empregados superiores do alto commercio.

Ninguém dirá que entre nós sejam todos esses verdadeiros cultores do *mammonismo*.

Em quinta classe veja-se desfilar o nosso verdadeiro *pauperismo*; é a mendicidade envergonhada; porque é *diplomada* e veste casaca: é o mundo dos medicos sem clinica, dos advogados sem clientela, dos padres sem vigararias, dos engenheiros sem empresas e sem obras, dos professores sem discipulos, dos escriptores, dos jornalistas, dos litteratos sem leitores, dos artistas sem publico, dos magistrados sem juizados ou mesmo com elles, dos funcionarios publicos mal remunerados.

Eis a nossa *riquissima* classe média...

Será essa a fonte do *capitalismo*, que esteja a explorar o trabalhador?

No sexto grupo façamos apparecer os operarios propriamente ditos: alfaiates, sapateiros, carpinteiros, marceneiros, pedreiros, ferreiros, typographos, encadernadores, etc. etc.

Em um sentido geral são a gente mais prospera e satisfeita de todo o Brasil.

Não se queixam de falta de trabalho; pois, ao contrario, elle superabunda.

Os proprios carroceiros, carregadores, e tal.

vez mesmo engraxadores, ganham muito mais, especialmente nos dias actuaes, do que a mór parte dos medicos, advogados e pequenos negociantes, os quaes empregáram um capital, que se acha improductivo, ao passo que aquelles não empregáram nenhum, ou quasi nenhum.

Depois segue-se a turbamulta, indistincta, viciosa, que possuímos em larga escala, de vadios, capoeiras, capangas, jogadores de profissão, que vivem ao *Deus dará*, ou de *suas agencias*, como elles mesmos dizem.

Ora, sejamos francos : onde está ahí, em todas estas classes, o proletario, o trabalhador famelico, que veja suas forças exploradas criminosamente pelo capitalismo, o *mammonismo* devorador? Não está em parte nenhuma; é a resposta irrefragavel. Não é tudo. Nas pequenas povoações do interior reproduzem-se as mesmas séries de classes da população, apenas em escala muito menor e com maior desafogo para o trabalhador braçal.

Vejamos agora as gentes dos campos, os habitantes das zonas ruraes.

Em primeira linha vêm os fazendeiros, senhores de engenhos, estancieiros, etc., conforme as zonas do paiz.

Não são gentes que se possam considerar *mil-*

lionarias, nem mesmo, em grande parte, abastadas.

Ha muitos completamente arruinados..

Esta é a verdade, e, quasi sempre, a origem dessa ruina, dessa *quebradeira*, é a falta de braços para as respectivas industrias... Eis a nossa faustosa plutocracia agraria!

Após os grandes agricultores e creadores pelo methodo extensivo, é mister collocar os pequenos lavradores, os donos de *sítios* e pequenas *granjas*. Logo após os *aggregados*, que lavram terras dos grandes fazendeiros e senhores de engenho.

Uns e outros vivem em certa mediania, que não é a miseria, mas tambem não é a fabulosa riqueza. Seguem-se os trabalhadores ruraes, propriamente ditos: antigos homens livres que vivem de seu serviço braçal, e antigos escravos, hoje livres, que praticam de egual sorte.

Esta gente não se queixa e nem lhe falta o que fazer.

O mesmo, em regra, dá-se com os colonos estrangeiros..

Depois apparece a turbamulta dos vadios, dos *cafagestes*, dos pernesticos que, neste abençoado clima, passam perfeitamente, sem occupaões nem preoccupaões, *à la belle étoile*, como perfeitos bohèmios e felizardos poetas...

Será isto o proletariado estrugidor e tonitruante ?

Dizê-lo, seria o mesmo que conferir igual predicado aos seiscentos ou setecentos mil índios que habitam os altos recessos do paiz.

A conclusão a tirar dos factos é que um partido politico e social operario no Brasil é uma criação prematura, artificial, que póde aproveitar a alguns geitosos, porém, de certo, não vai aproveitar ao operario, ao trabalhador nacional.

Quereis uma prova? Não dispuzessêem os operarios do direito de *votar*, não pudessem elles levar com seus suffragios algum pretendente ao Congresso, e, com certeza, não teriam agora tantos amigos...

Karl Marx dizia: « *Uni-vos, proletarios!* » Nós dizemos aos nossos trabalhadores: « *Abri os olhos, amigos!...* » Eis o caso.

III

Já vimos dois grupos, que não são a nação, que são apenas pequenas classes do povo e que agitam-se no sentido de dominar.

Mas não é só em *sebastianistas* e *socialistas* que se acha dividida a opinião nacional.

A analyse vai descobrir facilmente, entre di-

versos matizes que veremos depois, certo grupo de feições especiaes, com seus chefes apontados a dedo, gente que ha tido representantes no governo da republica, os tev e influentes no Congresso e os tem ainda hoje junto ao governo. Em falta de melhor nome, podemos chamal-a a facção *jacobina*.

E' um resto de doutrinarismo romantico-revolucionario, que agita no ar as velhas fórmulas palavrosas da *liberdade, egualdade, fraternidade, dos direitos do homem, da razão universal, da soberania dos povos*, e outras *inania verba*, sem valor pratico tomadas aos grossos armazens de 89 e 48.

Compõe-se o gremio de individuos provindos de duas direcções: antigos declamadores da tribuna e do jornalismo, representantes do elemento *rhetorico* da propaganda republicana historica, e alguns mais novos que se lhes alliáram por attracção de indoles.

Constituem uma especie de batedores de um radicalismo ultra, que se quer implantar na sociedade.

Armados de uma intransigencia feroz, constituiriam, se pudessem, um *puritanismo*, em que só elles apparecessem e dessem a voz de commando.

Sonhando metter a nação dentro de suas

vasias formulas, e não o podendo, andam quasi sempre desgostosos, enraivecidos, displicentes.

Dahi certo pendor para a desordem e para o despotismo.

• E' gente apta a arruinar qualquer governo que demandar o seu apoio. E' gente da especie daquelle que botou a perder a primeira republica franceza, desorganizou a segunda, e já teria dado por terra com a terceira, se a intelligencia politica naquelle paiz não estivesse n'esta hora mais disciplinada e instruida pelas lições da historia, por amarissima experiencia. O primeiro impeto desse grupo politico foi arredar da collaboração republicana todos e quaesquer homens, que não tivessem militado nas fileiras do partido.

Ha quatro annos era isto uma cousa impossivel, como o é ainda hoje e o será sempre.

Em contrapeso a esse *exclusivismo jacobino* temos visto, desde os primeiros tempos da republica, levantar tambem a cabeça o exclusivismo contrario...

Em mais de um ponto do paiz, tem-se visto darem-se as mais serias posições, os postos de confiança a afamados e experimentados politicadores do antigo regimen, como uma especie de desprestigio do republicanismo honesto e regalo dos velhos mandões de tola acasta.

Entretanto, o bom senso mais elementar estava e está indicando qual o caminho certo a trilhar. Seria possível fazer politica só com os antigos elementos historicos? Não; por ser preciso conciliar os animos e quebrar as resistencias com habilidade.

Será também proveitosa e viavel a politica de exclusão dos bons elementos republicanos? Também não, porque a elles deve caber a maior e melhor parte na responsabilidade de seu systema politico.

Qual seria, pois, o mais acertado plano a seguir? Este: nos Estados acolher todas as capacidades, todos os bons elementos, viessem donde viessem; na direcção suprema federal pôr em cada ministerio o maior numero possível de representantes capazes da escola politica que fez a propaganda e triumphou com a revolução.

Não se transgridem impunemente as leis da logica, do criterio historico e do bom senso.

O povo tem em larga escala a intuição da verdade e gosta da logica nos factos. Ou a republica é viavel ou não o é entre nós. Se é, tenham também em grande parte a gloria desse feito aquelles que por elle se esforçaram e que o encarnam aos olhos da nação.

Se não é viavel, que morra principalmente

ele
ho
ias mãos daquelles que a sonharam e por ella sempre combateram. O contrario disso é systematicamente esbulhar dos postos quem de direito os levava occupar ; é estar de má fé e com pensamentos occultos ; é, pelo menos, desnaturar na pratica um ideal de que não se tem a paixão, que nem sequer se estima ; porque por elle nem se lutou nem se soffreu...

Nada de exclusivismos insensatos ; e o *exclusivismo dos jacobinistas* é da peor especie e deve ser combatido.

Apreciemol-o mais de perto, por assim dizer, na philosophia de suas pretenções. Esta gente suppõe sustentar-se em duas muletas : a *historicidade* e a *irreductibilidade*... São *historicos*, isto é, descendem directamente do sol e da lua ; são como uma raça de Prometheus atirada na America ; são os reivindicadores *pur-sang*, vieram nas mesmas caravellas que Pedro Alvares Cabral ; são coevos de Gama e Carlos V...

São *irreductiveis*, isto é, muniram-se de um rosario de republicanismo barato com dez ou doze *contas* de ideias ôcas e retumdantes ; repetem uns *padre-nossos* do revolucionarismo phantastica de *noventa e tres*, ligados a umas *ave-marias* do doutrinarismo socialista de *quarenta e oito* ; engrossam a voz ao estouro de suas bombas ;

queimam no ar o seu fogo de artificio e julgam santamente, beatamente que *elles sim... elles é que sabem fazer as cousas... elles sim... têm o credo das novas éras na ponta da lingua e as magicas republicanas nas palmas das mãos...*

Gente brava, em verdade; mas gente perigosa; vive de indefinidas aspirações e de douradas miragens.

Da sciencia politica, em sua difficillima manipulação, com seus problemas economicos, administrativos, sociaes, elles decoraram apenas o breviario dos declamadores.

Esse grupo, com seus hysterismos desatinados, com sua completa ignorancia da historia nacional, com sua incapacidade pratica para comprehender os problemas brasileiros, com sua fatuidade feminil, tem sido por certo um dos maiores factores da desordem que lastra pela alma popular na hora presente.

Sem planos, sem ideias feitas, sem systema assentado, sem intuições claras, querem elles pegar desse immenso paiz e amarral-o, com as fitinhas de seus raciocinios de visionarios, ao leito estreitissimo de suas concepções de atrasados e de incompetentes.

Desarticulados espiritualmente por uma philo:ophia fallaciosa de prophetas de esquina, da

realidade humana e brasileira elles nada sabem e nem poderão jamais saber. Nem estudam com seriedade, nem possuem a plasticidade mental precisa para assimilar os arduos problemas da vida politica em sua realidade.

D'ahi, os deliquios, os desanimos, os desalentos de que se deixam a miudo possuir diante do espectaculo das cousas, que elles não puderam, nem prever nem dirigir...

Engrossam, na sua inconsciencia, a gritaria dos interesseiros e dos descontentes. Vêm, dest'arte, a ser os mais efficazes collaboradores dos reaccionarios.

Estes bradam constantemente, porque estam apêados do poder e perderam as pingues mamatas. Os visionarios, *jacobinistas* e *puritanos*, gritam a cada momento contra tudo e contra todos; porque um seu idolo qualquer não está empoleirado no governo, para ainda mais sacrificar o paiz, convertido em *anima vilis* das experiencias e azares de uma ideologia fallaciosa e vã.

É esta a razão pela qual ouve-se a cada instante o desapontamento puritano asseverar :

« Não pensei que republica era isto, e se tal esperasse, não teria trabalhado para ella.»

Phrase só por si capaz de pôr a descoberto

toda a vacuidade mental de quem a pronuncia. Como se toda a historia e toda a sciencia politica não fossem, ao envez, o attestado perenne e inilludivel das pavorosas difficuldades que accarretam as mudanças, qual aquella porque passou a nação brasileira. Como se, bem pelo contrario, a mutação nacional não tenha sido, até certo ponto, calma e serena diante dos descalabros que eram, e são, para receiar justamente em face da agitação insensata dos desorganizadores sociaes, em cujo numero pede a justiça sejam incluídos os jacobinistas de todos os tamanhos e feitios. (1)

Contra esse pessimismo morbido ou seja elle oriundo da fantasia esconsa do *puritano*—ou seja elle filho da especulação gananciosa de quem quer que fôr, o verdadeiro e bom republicano, o sincero amigo da patria deve premunir-se de todo. A situação geral do paiz não é lisongeira; porém o remedio não lhe ha de vir das mãos dos ideologos insensatos de toda e qúalquer categoria.

O paiz precisa de ser dirigido por homens de character severo, de patriotismo provado, de illustração larga, de estudos solidos.

(1) Não esquecer que esta *introdução*, bem como a maior parte d'este livro, foi escripta antes da revolução de 6 de Setembro, e já tinha sido publicada no *Jornal do Commercio*.

Não basta ter sido declamador de rua ou de gazeta para pretender um posto na direcção dos negocios ; é mister inspirar confiança por producções sérias.

• E, se quereis a prova, experimentai. Pegai d'um desses maiores agitados do jacobinismo baflo e pretencioso e perguntai-lhe por suas ideias, por suas doutrinas, suas vistas praticas sobre os mais sérios problemas nacionaes ; indagai por seu programma politico-social, e em resposta recebereis apenas sophisticarias e rabolices.

É um rondó de tres ou quatro rimas arrevezadas e nada mais.

A olhos vistos, e ahi diante de todos nós, está-se já formando com elementos nem sempre os mais puros e aproveitaveis um verdadeiro *noli me tangere* republicano, uma especie de aristocracia bastarda e pretenciosa, tão insupportavel como a do tempo do imperio.

Quem não nasceu para escravo, deve rir-se della, como escarneceu da outra.

Esta anomalia é uma das faces mais irrisorias do puritanismo republicano. Sejamos francos e digamos a verdade inteira : o partido puritano-jacobino aspirou desde 15 de novembro de 1889, e aspira ainda hoje, á posse exclusiva do poder ; a elle se devem grandes desa-

tinós no *provisorio* e especialmente no governo actual de Floriano Peixoto.

Se não levou por diante o seu desejo de monopolisar a politica é porque, felizmente para o paiz, esta nação é bastante grande para ser a presa de duas duzias de individuos ; é porque, felizmente para o paiz, na revolução não entrou somente aquelle elemento autoritario ; é porque, felizmente para o paiz, pela força das cousas e das circumstancias, outros factores intervieram e influíram, no sentido de quebrar todas as resistencias, chamando a nação inteira a collaborar em a nova fórmula de instituições. E este poderia ter sido o maior titulo do governo *provisorio* aos olhos da historia. Em sua organização e em sua marcha governativa o *provisorio* daria um signal de bom senso se tivesse querido, ainda mais amplamente do que o fez, o concurso de todos.

Nem sempre soube escolher os seus agentes, nem sempre cercou-se dos melhores elementos; affirma, porém, a verdade que elle não arvorou em norma a absoluta intrasigencia... E, se o pretendesse, não teria durado quatro semanas. Os povos definham á mingua de justiça e de verdade: só podem ser facilmente duraveis os governos de largas vistas, capazes de contentar com aquelle alimento a alma das nações.

O mais é pintar n'agua...

Tiremos as ultimas consequencias do puritanismo historico, isto é, façamos a logica do sonho e do desatino.

Supponhamos que, em um bello dia, elle galgava puro e sem mescla o poder. Que aconteceria? Vamos vêr. Supponhamos, para maior clareza, que tivesse sido a 15 de novembro de 1889.

Aconteceria o seguinte: a propria hypothese da sua ascensão, simples e sem mistura, era impossivel; elle não teria gente com que fazer a revolução.

Não é tudo: não teria gente bastante para entregar-lhe, nas vinte provincias, todos os lugares de confiança.

Ainda mais: não teria eleitores para suffragarem os candidatos ao congresso; e, o que ainda é mais eloquente, não teria gente bastante para enviar á alludida e sonhada assembléa.

Deixe-se, pois, o jacobinismo de illusões e de vaidades.

Em um governo de opinião, de suffragio, de voto, é um disparate espantar a *maioria*, e o puritanismo a espanta, com suas irrequietas pretenções, com suas aereas phantasmagorias. E ouça

para seu completo ensino : todas as grandes reformas, capazes de representar um papel na historia, só se podem fazer, só podem se transformar em realidades vivas, se ellas rompem o circulo de ferro do *sectarismo estreito* e derramam-se sobre as massas exteriores. E, para ultimar com um grande exemplo, ahi temos o caso do christianismo.

Corria este o risco de ficar e morrer no estreito ambito dos judêo-christãos, quando um homem de genio fez romper o circulo acanhado da intolerancia e jogou-o n'alma sequiosa dos *gentios*...

Paulo foi esse homem e começou essa propaganda em Antiochia, uma especie de Rio de Janeiro da antiguidade, uma cidade cosmopolita e incredula.

« Então, diz um escriptor competente, não houve outro remedio senão admittir que se podia ser christão sem ser judêo, e receber o baptismo sem soffrer a circumcisão. O futuro inteiro do evangelho estava nisso; porque foi dest'arte que de uma seita judia o christianismo tornou-se uma religião universal. »

E é por isso que das tres ideias capitales do paulinismo, evangelisação dos gentios, predestinação, justificação pela fé, a primei-

ra é a mais notavel e verdadeiramente superior.

Façam os nossos intrasigentes o mesmo; deixem a estreiteza judia, isto é, o pharisaismo jacobino e volvam-se para toda a nação.

Ella vale bem o sacrificio de umas regrinhas mofentas...

IV

Vejamos o *partido militar*, que está a reclamar-nos a attenção. Em rigor não existe entre nós um partido dessa natureza; porquanto chama-se um partido em politica—a um certo complexo de ideias, um determinado programma, defendido por um grupo maior ou menor de cidadãos.

Não se dá isto com os nossos militares. Desde os tempos do imperio elles se dividiram pelos diversos credos politicos existentes. Conservadores, liberaes e republicanos, de todos os matizes, contavam membros da força armada em seu seio.

Póde-se até affirmar, por ser isto comprovado pela mais elementar observação, que o partidatismo politico em tempos do segundo imperador, como uma verdadeira tentação, procurava attra-

hir os grandes nomes do exercito e da armada para as suas fileiras, no intuito de guerreiar aos adversarios. Especialmente durante e depois da guerra do Paraguay foi isto um séstro partiçario, prenhe de perigos que os tempos não tardáram em desvendar.

Os conservadores, com o seu *Caxias*, os liberaes, com o seu *Herval*, levantados á altura de principios, constituindo verdadeiras bandeiras, avançavam para o militarismo, que repousava no fundo de nossa vida politica, apenas occulto aparentemente pelas *ficelles* do constitucionalismo.

Então, como hoje, não tínhamos um partido militar; tínhamos, porem, a tendencia dos soldados para predominarem como classe, como força homogenea, como a parte armada da nação.

Dahi a impaciencia com que essa força portou-se nas chamadas tres *questões militares* nos ministerios Cotegipe e João Alfredo; com que procedeu na questão Apulcho de Castro; com que na republica tomou a frente dos negocios na direcção suprema, na governança dos estados, na representação nacional. É preciso que se comprehenda bem o nosso pensamento. Dos publicistas deste paiz somos justamente do numero daquelles que reconhecem os grandes serviços

políticos prestados por nossa classe militar. Temo-lo proclamado cincoenta vezes, sendo uma das mais significativas aquella em que desbaratamos a reunião de um extravagante partido *nacional spirita*, que se quiz organizar, não ha muito nesta cidade. Um dos fins dessa criação parecia ser a acintosa guerra ao elemento armado. Tivemos occasião de pronunciar-nos a respeito e fizemos justiça á essa classe.

Algun tempo depois, em artigo publicado no *Paiz*, aos 7 de abril de 1892 diziamos :

« Não somos sectarios da intervenção da força armada nos negocios da politica. No Brasil, porem, onde o exercito ha sempre sido o principal factor de nossas conquistas democraticas ; no Brasil, onde o exercito no advento da republica foi o agente decisivo, é preciso abrir uma excepção. Ha além de tudo o meio honesto e intelligente e elevado de levar ao animo do exercito a convicção de dever elle afastar-se da politica activa.

A discussão doutrinaria é só por si sufficiente para conquistar a adhesão de nossos bravos soldados a esse ideal. »

Eis ahi : os principios de sciencia politica que professamos, de um lado, aconselham-nos o afastamento do exercito dos negocios da vida

partidaria ; a lição de nossa historia, por outro lado, indica-nos certa attenção e pronunciado despeito ao elemento militar, á vista de seus serviços civicos.

Esta especie de antinomia demanda uma explicação. E é esta :

Durante a nossa vida de nação independente por setenta dilatados annos, a força militar tinha apparecido por vezes na arena politica, a proposito, como que guiada por um espirito superior ; praticava o seu feito, ajudava o mundo civil, e retirava-se tambem a proposito, como que guiada ainda pelo mesmo espirito superior.

É inutil relembrar os factos, geralmente conhecidos.

Ha quatro annos, porem, em dias da republica, ella tomou direito de cidade na politica e parece não querer mais largar o posto.

É inutil negar ou esconder a verdade ; o *militarismo sul-americano*, isto é, aquella condição politica das nações de nosso continente em que a força armada intervém abertamente nos negocios publicos, torna-se o arbitro das situações, dirige a engrenagem social em suas rodas captaes, é tambem já agora uma realidade no Brasil. E cada situação nova que surge é um alargamento do facto estranho. Deodoro fez uma

política militar; Floriano Peixoto aggravou-a ainda mais.

No tempo daquelle o congresso, (senado e camara dos deputados) contou por dezenas o elemento armado. No tempo deste a direcção governativa de quasi todos os estados (exceptuando sete ou oito) cahio nas mãos da poderosa classe. Não é propriamente só uma censura que fazemos; é um phenomeno historico que constatamos, e cuja explicação repousa em parte no estado de cultura em que se acha o Brasil, e em parte na propaganda *dictatorial* dos positivistas.

Tal a razão principal de nosso militarismo hontem embuçado, pore:m realissimo, tanto que o governo imperial não tinha a menor força diante d'elle, e teve de capitular seguidamente até cahir; hoje completamente desvendado o exposto ás vistas dos mais myopes.

Sendo a classe mais organizada da nação, tendo atirado fóra o throno, metteram-se os seus chefes na direcção do paiz, tomando conta dos logares que acháram vagos. A propaganda positivista de um governo *dictatorial*, feita directamente nas publicações e nas predicas do Apostolado, veio fortalecer esta tendencia por achar preparado o terreno nas escolas militares pela velha acção doutrinaria do nosso Benjamin Constant.

O estado de atrazo do paiz, onde nove de-
cimos da população são de analfabetos ; onde a
mór parte do centro e do longo oéste é desco-
nhecida e inhabitada ; onde a organização do
ensino na realidade, e abstracção feita da char-
lataneria do papelorio, é verdadeiramente primi-
tiva ; onde o povo não tem ainda a consciencia
de um grande ideal a realizar ; onde todas as
classes jazem amorphas e indistinctas ; onde a
opinião publica não tem disciplina nem orienta-
ção segura e racional ; onde os mais adiantados
ainda pensam que o *velho positivismo francez* é
a ultima palavra da sabedoria humana ; onde final-
mente a educação physica é a mais descurada de
que ha exemplo em todo mundo, e por isso a
nação não tem força e coragem para armar-se e
resistir e deixa que a sua vida seja dirigida por
quem della toma conta ; o estado de atrazo do
paiz, diziamos nós, bem estava indicando que ha-
viamos de passar pela phase de agitações mili-
taristas porque têm passado as republicas hespa-
nholas. Era fatal.

O que devemos é apressar a evolução pela
consciencia clara de nossa situação, aprovei-
tando as lições da experiencia das republicas
irmãs.

As agitações militaristas da politica dos povos

sul-americanos, reproduzindo um typo historico já ultrapassado ha seculos na politica européa foram objecto de um bello estudo do joven sergipano Fausto Cardoso.

« São d'este esperançoso talento estas exactas e acertadas palavras : « Todas as vezes, diz elle, que na historia, povos em grãos diversos de cultura se põem em contacto e em fusão ; todas as vezes que a civilisação se desloca de um para outro meio ; todas as vezes que se quebra a fôrma de um governo e se derocam as instituições de um povo, a sociedade perde o seu equilibrio anterior, annullam-se os sentimentos que cimentavam a ordem e a paz, predominando em seu logar os instinctos e paixões anti-sociaes. É então que sobre este solo, assim preparado, rebenta, cresce e se desenvolve o militarismo, como uma planta que germina, floresce e fructifica.

É que a segurança e fixidez de todo progresso politico, moral ou juridico repousam sobre a continuidade historica, quer dizer, sobre a ligação intima entre o passado e o presente, e esta, por sua vez, repouza, em ultima analyse, no meio e na hereditariedade das funcções, e por isso bem se comprehende que, quebrada a uniformidade destas condições statico-dinamicas da soie-c

dade, a barbaria e a desordem invadem e diffundem-se por todas as camadas sociaes, predispondo assim o terreno para o desenvolvimento do militarismo. Este é o esphinge, o grande enyigma da politica brasileira. Não temos na actualidade a resolver problema mais sério do que este, nem mesmo o problema economico. „

O moço professor tem razão. Elle poderia juntar que nesse desequilibrio social, em que médra e floresce o militarismo, o grande mal deste é a inversão de suas funcções. Quando, pois, dizemos que a força armada deve afastar-se da politica activa, queremos explicitamente dizer que esta não é a funcção que ella é chamada a desempenhar nas sociedades pacificas e bem organisadas.

Outros são os fins, os nobres e elevados alvos para que são creados os exercitos. Classe depositaria dos brios nacionaes em face do estrangeiro, guarda avançada da integridade do territorio, grupo eleito, seleccionado para hastear bem alta e impoluta a bandeira da patria, e representar a sua honra; bem consideraveis, bem superiores são os deveres, os encargos dos militares.

Desvia-los dahi é falsear a sua indole, os seus designios.

Se elles é que vão fazer a politica, occupar os cargos da administração, preencher as funcções legislativas, quem ha de ir para o campo lutar pela patria, o que sempre e em todos os tempos se chamou lutar pela gloria?

Quem? Responda o exercito. Se elles abandonam a serenidade de animo diante das lutas nacionaes, se vão metter-se nellas, acompanhar facções, seguir agrupamentos, quando a desordem lavrar seriamente no paiz, quem ha de sahir para a combater, para lutar pela ordem, que sempre e em todos os tempos se chamou lutar pela paz e pelo bem?

Quem? Responda o exercito.

A politica gera o partidarismo, este produz a desunião, esta traz as dissidencias, estas ultimas são a expressão dos interesses, dos intuitos, das paixões diversas, que se chocam, se despedaçam em direcções desencontradas. Ora, veja bem, a classe militar, não existe verdadeira antinomia entre este vai-vem, estes zig-zags tortuosos da politica, que sempre foi a mãe das divisões de todo o genero, e a sua nobre missão, grande, alta, superior, que deve ser *nacional*, isto é, tão geral, que abranja toda a nação, que a represente em synthese e a possa defender nos dias terriveis? Não podem existir duas respostas.

A intervenção da força armada na politica de um povo tem o duplo inconveniente: de desvirtuar essa politica e amesquinhar essa força armada. Desvirtua a politica, porque diante desse concorrente poderoso, e fóra de suas funcções normaes, as classes civis ou abstêm-se atemorizadas, desanimadas, ou abrem luta.

No primeiro caso, o mais geral entre nós em quasi todo o paiz, a politica restringe-se cada vez mais, deixa de ser a expressão das necessidades da maioria, da quasi totalidade do povo para tornar-se o monopolio de uma classe, e de um ou outro grupo esperto, que se lhe allia. No segundo caso, isto é, quando ha luta, quer dizer que começa a phase dolorosa das revoltas, dos pronunciamentos, das rebelliões, das sedições, de todo esse terrivel cholera-morbus que açouta endemicamente a politica sul-americana. Quer o nosso patriotico exercito levar-nos para ahi, elle o glorioso exercito cheio de serviços de guerra, mas, a nosso vêr, ainda mais repleto de serviços civicos? Não o podemos acreditar. (1)

Mas não é só isto: a intervenção militarista na politica, dissemos, não corrompe a esta só-

Ainda uma vez não esquecer que tudo isto foi escripto ha cerca de dois annos.

mente, amesquinha tambem a força armada. Sim, amesquinha e rebaixa o seu grandioso papel entre os povos cultos.

O partidarismo militar não póde escapar á lei fatal de todo o partidarismo : representar um grupo, uma tendencia particularista.

Dahi o esposamento de uma causa que nunca corresponde ás aspirações geraes da nação, e raras vezes é a expressão de interesses consideraveis. Dahi a perda daquella imparcialidade, que deve ser o apanagio do exercito, e é o que lhe dá força moral e prestigio.

Ainda mais : mettida nas agitações da politica activa, só dous casos se poderiam deparar á força armada : ou toda ella junta constituir um só partido, ou dividir-se em partidos diversos. No primeiro caso, que aliás jámais se deu em todo o curso da historia, teriamos o espectaculo terrivel de ir a nação por um lado e a força publica por outro, o que seria simplesmente hediondo nos resultados.

No segundo caso, que é o que geralmente se dá, e é exactamente a nossa condição presente, a força armada quebra-se em matizes diversos, uns adversarios dos outros, e, então,

adeus disciplina, adeus organização superior do exercito e da marinha.

Temos generaes contra generaes, almirantes contra almirantes, coroneis contra coroneis, capitães contra capitães, soldados contra soldados...

Temos ainda cousa peor: presenciámos o pouco edificante espectáculo de officiaes inferiores na tribuna do congresso ou nas columnas dos jornaes, atacando, e ás vezes tão desabridamente, os seus superiores hierarchicos...

E é por isso que temos hoje generaes e almirantes, e outras altas e distinctas patentes, degradados; e é por isso que a nação se retráe e o nosso futuro negreja no horisonte.

Não é tudo: na sua sanha de fazer politica os diversos matizes militares procuram allianças no mundo civil. Os politiqueiros habilidosos se apresentam, useiros nas tricas da especie, e trávam pacto.

Dahi a exploração de que são victimas os militares por parte de certos especuladores em todos os estados, e dahi grande desprestigio para a illustre classe.

Por que é preciso ficar bem patente o seguinte facto, que a inexperiencia politica da força armada explica: sabemos, por observação directa e veri-

dica, que muitos homens de prestigio do exercito e da armada hão sido impellidos, arrastados á politicagem pelas espertezas de certos individuos, que com elles se têm apadrinhado para galgar posição e fazer carreira.

E o exercito quererá continuar a ser explorado por esses especuladores? Não podemos acreditar.

Retire-se, pois, dessa senda tortuosa e reasuma a sua antiga posição superior e magnifica de garantidor imparcial da patria e guarda das instituições.

V

Vamos avistar-nos agora com os positivistas.

Confessamos que não é sem algum receio que vamos bulir, segundo a phrase popular, nessa formidavel *casa de maribondos*.

Não é o receio doutrinario a que nos referimos. Quem está affeito á leitura e meditação das obras immortaes dos verdadeiros chefes e senhores do pensamento humano nos ultimos dous seculos: um Hume, um Kant, um Adam

Smith, um Diderot, um Hegel, um Hamilton, um Darwin, um Spencer, um Hartmann, um Helmholtz, um Huxley, um Hæckel, um Noiré, desses e de outros seus sectários, quasi egualmente meritorios, não tem medo dessa *philosophia de pobres*, segundo a chrisâmara um espirito causticante.

Nosso mêdo é o mêdo das diatribes e de certas outras armas, moedas correntes nas algibeiras desse novo genero de jesuitismo.

Na fatua pretensão d'esses fanaticos de trazerem nas mãos as grandes taboas de uma nova religião, uma nova philosophia e uma nova politica, é da acção pratica desta ultima em nosso malfadado paiz, que nos vamos rapidamente occupar n'esta introducção.

Não ignoramos ser uma das geitosas capciosidades dos sectarios do systema, a esperta distincção estabelecida, *ad usum populi ac simpliciorum*, entre o apostolado positivista e o grosso dos crentes da doutrina. O fim pratico dessa distincção é o seguinte: quando apparece alguma cousa boa ou supposta assim, em nossos negocios, o apostolado adianta-se e diz: fomos nós que a fizemos, nós os heroicos e immaculados positivistas, nós os homens unicos *orientados* desta terra; quando, porem, surge algum dis-

parate, e elles não têm faltado, de evidente origem positivista, apparece o habilidoso apostolado e brada logo, em algum *brève* pontificio:—não fômos nós, os que constituimos o positivismo classico e sem jaça; foi, talvez, algum *sympathico á doutrina*, porém ainda não de todo orientado!... E, dest'arte, contra todos os precedentes da historia, um punhado de sectarios, uma pequenissima minoria de systematicos idolatras de uma doutrina, contestavel e contestada, fez deste paiz a *anima vilis* de suas experiencias; tem-nos acarretado males tremendos, e não ha, não tem havido ninguem que lhe saia á frente para embargar-lhe o passo.

Quando damos conta daquella habilidosa distincção, não fantasiámos; consignamos um facto de vulgar observação. Quem se não lembra de ter ouvido ao positivismo arrogar-se a gloria de ter sido elle o autor da separação da igreja e do estado?

Quem já não o vio banquetear-se no anniversario da promulgação do decreto que realizou aquella velha aspiração do velho partido *republicano* e do ainda mais velho partido *liberal*?

Entretanto, essa estafada velharia, que constituia o celebre mote, algum tanto banal, de

Cavour, foi no seio do *provisorio* pleiteada talvez mais ardentemente por outras vozes que não as que o positivismo tinha alli destacadas, e a contextura, a realização do decreto pertenceu a outras mãos que não ás mãos sagradas que o positivismo tinha alli para *atar e desatar*...

Quem tambem se não lembra de ter lido acaso alguma encyclica papal da nova seita regeitando, *exempli gratia*, a reforma do ensino de Benjamin Constant, e outras cousas assim, onde a acção dos symphaticos á escola é evidente?

Prosigamos.

Um estudo perfeito da acção do positivismo, em nossa malsinada republica, para ser completo, deveria associar aos feitos desse partido (os positivistas não negam que constituem um partido politico) os feitos do partido militar.

Não ha negar terem sido estes dous grupos os mais influentes em nossa vida nacional nos tempos da republica.

Ha, porém, uma observação a fazer, um phenomeno que a historia ha de consignar espantada.

É o seguinte: qualquer que pudesse ser a influencia do militarismo em nossa politica, nos dias que correm, essa influencia, esse valor não teria chegado para fazer, entre nós, dos militares

um verdadeiro partido preponderante, se ao *militarismo*, por uma singular aberração, por uma exquisitez de nossa educação desorientada, não se tivesse vindo juntar, em intima alliança, o *positivismo*.

E, por outro lado, os positivistas, a despeito de suas pretensões e ousadias, não passariam, não teriam passado até hoje de um grupo insignificantissimo, sem a minima preponderancia, se não contassem entre seus adeptos os moços estudantes e os moços officiaes, ha pouco sahidos da escolar militar e da escola superior de guerra.

Estes é que têm sido, pela sua influencia armada os protectores do positivismo ; elles, em ultima analyse, e para quem sabe ver, pelo seu prestigio, é que dirigem a parte geral e mais numerosa do exercito, e, com taes recursos, hão dado o tom á politica republicana. É, portanto, desse consorcio entre *positivismo* e *militarismo* duas cousas que se espantam de se ver juntas, que advem o tão afamado prestimo do comtismo em acção.

É essa hybridação extravagante tem feito mal ao exercito e vai fazendo damno a este paiz.

Expliquemo-nos : o exercito não precisava de *positivar-se* em parte, para ser grande, forte, patriota e prestar os maiores e mais desinteressa-

dos serviços á nossa patria, mesmo em os negocios civis e politicos.

A nossa historia está cheia de exemplos frisantes de sua acção benefica, opportuna, patriotica e sempre bem intencionada.

Desde os prodromos de nossa independencia, a força armada tem sido poderoso auxiliar em nossas aspirações de liberdade e progresso. Foi ella que aos 26 de fevereiro de 1821, fez a famosa reunião em que se aventou e decidio a partida de D. João VI para fóra do Brasil; foi ella, a joven gente armada, que se levantou para garantir a nova patria livre, quem mais ardentemente pugnou pela emancipação politica do paiz; foi ella quem primeiro comprehendeu a necessidade da dissolução, em 1823, da constituinte que se tinha tornado facciosa; foi ella, mais tarde, no 7 de abril de 31, quem melhor verificou a indispensabilidade da deposição do primeiro imperador; foi ella quem largou as armas quando, nos ultimos annos do captiveiro, lhe mandaram pegar escravos fugidos e bater escravos revoltosos; foi ella finalmente, quem, prestando ouvidos á propaganda do *republicanismo historico* deu, em 15 de novembro de 89, o nltimo empurrâc ao throno imperial.

Mas note-se a differença: até 15 de novem-

bro a força armada apparecia a proposito, intervinha em pròl do mundo civil e retirava-se da scena politica, dando as mais inequivocas provas de abnegação. Já, porem, depois da proclamação da republica, seu afastamento dos negocios do estado não tem sido prompto, e até hoje não se realisou.

Attribuimos este facto á má orientação positivista.

Esta observação é capital e apta a elucidar muitos factos de nossa historia hodierna.

Não precisa grande esforço para comprehender o prestigio que advem ao systema comteano do facto de, por um accidente da marcha de nossa historia, tomar a dianteira, nos negocios politicos do paiz, a classe armada, onde, tambem por um accidente da marcha do ensino em nossas escolas militares, veio a contar aquelle systema entre os seus adeptos um grande numero de jovens enthusiasts.

Representam elles no exercito, que tem até aqui fornecido os dous presidentes da republica, o elemento mobil, o *momento agitador*, como dizem os allemães, que vai por toda a parte e leva a sua acção por onde passa.

Habeis, disciplinados, ao serviço de uma doutrina que tira unicamente o seu prestimo de

certa compressão, que lhe é pelular, elles constituem, além de um baluarte nas fileiras, um excellente elemento de propaganda no mundo civil.

No Brasil as doutrinas novas, que têm para todos os grandes phenomenos humanos, arte, religião, politica, moral, philosophia, sciencia, uma resposta e uma solução adequada, não se organisaram exteriormente, como o positivismo. Causas diversas, oriundas umas da indole mesma dessas doutrinas, oriundas outras de nosso geral desmantelo, especialmente em materia de ensino, têm trazido semelhante resultado. Dahi o ascendente do atrazado positivismo, com seus anachronismos, suas *dictaduras*, seu *patriciado*, seu *grand-prêtre*, seu *grand-être*, seu *grand-fetiche*, seu *grand-milieu* e outras galhardias do genero.

Aconselhamos, de passagem porém com inteira convicção, aos sectarios do naturalismo evolucionista, cuja fórmula synthetica póde ser bebida em Herbert Spencer, a que se organisem tambem em um centro de acção e propaganda e procurem reagir, pelo jornal, pelo livro, pela conferencia, pela lição oral, contra o *neo-jesuitismo* que nos invade.

Entretanto, dissemos nós algumas linhas acima, um estudo completo do alastramento inde-

bito do positivismo na republica do Brasil, deveria associa-lo á acção do militarismo, pelos motivos indicados.

A boa marcha do methodo aconselhou-nos que separassemos os dous assumptos e tratassemos isoladamente do comtismo politico.

O objecto não é dos mais attrahentes ; mas é facil de ser acompanhado por quantos sabem observar os factos que lhes passam sob os olhos.

Cada um appelle para sua memoria e ahi verifique o que imos historiar.

Antes do advento, segundo a linguagem da escola, da republica, as relações entre Benjamin Constant e seu genro Alvaro de Oliveira, de um lado, e o Centro Positivista de outro lado, não eram nada cordiaes ; eram antes inteiramente más.

Disto possuimos plena certeza, não só por havermos acompanhado os factos, como pelos documentos existentes, quaes sejam a critica ao *Compendio de chimica* de Alvaro, e o oppusculo sobre um *supposto erro mathematico* de Comte com endereço a Constant. E estes haviam sido os propagadores das doutrinas do systema nas escolas militar e polytechnica !...

É facto de vulgar noticia. O *Centro*, pelo organ de seus chefes, em resposta ao illustrado

Dr. Rodolpho Brasil, declarou positivamente nada dever, naquelle sentido, aos notaveis propagandistas, nem mesmo ao primeiro.

Benjamin e Alvaro não passavam de dous individuos prejudicados pela *empregomania*. Não é tudo: temos noticia, que nos tem chegado aos ouvidos por mais de uma vez, noticia muito verosimil, porque entra perfeitamente nas raías da doutrina, porém cuja veracidade é-nos difficil verificar, temos noticia de que, nos prodromos da revolução de 15 de novembro, sendo avisados della os chefes do Centro para a coadjuvarem, recusáram-se a isto, e condemnáram o plano de ser posta no chão a monarchia pelo meio violento da revolta.

Cauteloso é o apostolado e sabe bem dirigir-se.

É assim que, realisada a obra de 15 de novembro, dissipados os terrores, e estando no poder aquelle mesmo Benjamin, até então malsinado, os *apostolos* comprehenderam que era tambem occasião de se pôrem em movimento. E um dos primeiros procurados foi Constant.

A nós, contou-nos este illustre morto, poucos dias depois da revolução, e a proposito de instrucção publica, que a elle tinha ido o apostolado ponderar e convencer de *haver o Brasil plena-*

mente entrado no franco periodo de transição para o advento da doutrina regeneradora, segundo a infallivel previsão do Fundador, e ser urgentissimo, por um decreto, extinguir todos os cursos, todas as academias, todos os institutos de ensino, custeados pelo estado, neste paiz!... Constant teve o bom senso de resistir.

Entretanto, a resistencia neste ponto não importou absolutamente o desbarato das pretensões positivistas de terem franca intervenção nos negocios politicos.

E, effectivamente, hão tido, e immensa, já por inspirações directas do apostolado, já pelo concurso dos alludidos *sympathicos á doutrina*.

Quem tiver acompanhado os factos politicos mais salientes na republica em toda a sua recente existencia, ha de haver notado que a acção positivista bifurcou-se, isto é, exerceu-se aqui no governo e nos negocios federaes, e exerceu-se tambem nos estados, onde existiam os *sympathicos*, ou para onde foram elles mandados.

Nada haveria a ponderar e menos a criticar, se essa influencia houvesse sido em um largo plano doutrinario, de onde a patria retirasse grandes e ^{faustosos} ~~faustos~~ proventos.

Seria, antes, para louvar; porque teria sido a cousa mais justa deste mundo.

Mas, infelizmente, o influxo positivista tem sido plenamente desastrado.

E tem-no sido necessariamente por cincoenta razões, cada qual mais valorosa.

Pondo de parte a questão doutrinaria, já por nós ha dezeseis annos feita rapidamente na *Philosophia no Brasil*, e que, no livro que se vae lêr começamos a praticar por miudo, é sufficiente indicar agora o desarrazoado da implantação pratica da cousa em nossa vida politica e social. Deixando para o fim os motivos de ordem geral e, por assim dizer theoreticos, desse desacerto, continuemos a narrativa, por amor ao methodo, tanto mais legitimamente, quanto do proprio desacerto de seus feitos, mais evidente resaltarã a inefficacia ou a erronia de sua acção.

No governo central sua agitação começou desde os primeiros dias do *provisorio*, onde contavam os ministros da guerra e da agricultura, ladeados além disto de um ou mais sectarios do systema, como officiaes do gabinete, secretarios ou auxiliares em qualquer sentido.

Gabam-se de haver obtido, como vimos, a separação da igreja do estado. Mas essa velha aspiração, antes de ser um dogma positivista, era um artigo de fé do liberalismo universal, e já

tinha sido levada a effeito, além de outros paizes, nas *perversas republicas protestantes das diabolicas gentes do norte* — Estados-Unidos e Suissa...

Além de que, como já foi demonstrado no senado e ficou sem resposta, outra foi, como já referimos, a mente que architectou o decreto e outra a mão que o traçou.

Gabam-se mais: da confecção da *bandeira*, da lista dos *dias feriados* e do impagavel *saude e fraternidade*... Mas, hão de convir, isto é pouco, é muito pouco; e a critica nacional pesou taes obras, e *achou-as leves*.

Realmente, foi de uma infelicidade sem par a lembrança da faixa escripta no pavilhão nacional, exposto assim ao ridiculo do proprio povo, sempre tão sensato e certo em seus juizos. *Marca cometa*... foi o brado geral... O *provisorio* quiz emendar a mão; porém, o positivismo armado não deixou.

E ficou a bandeira com o lemma banal de *ordem e progresso*, duas cousas que existem na Russia, e na Turquia e o povo não é feliz, porque falta-lhe a *liberdade*...

A listas das datas festivas, objecto de criticas irrespondiveis, é sempre um documento onde a festa pelo descobrimento do Brasil passa de um

dia para outro, por se attender á mudança do calendario *juliano* para o *gregoriano*, e o mesmo não acontece, como era logico, com a festa da descoberta da America.

E o salut et fraternité, traduzido por *saude e fraternidade!*...

E como tudo isto indica a tendencia para mi-nudencias frivolas!...

Mas as pretenções dos positivistas no tempo da dictadura não paráram ahi.

Aspiráram, logo e logo, ao triumpho completo de seus homens e de suas ideias.

D'ahi o máo humor do ministro da agricultura em mais de um negocio, e d'ahi tambem, especialmente, a sua lucta com o ministro da fazenda.

Todos conhecem as peripecias d'esse embate, que já tem sido historiado.

A gestão financeira do governo provisorio não foi, por certo, estreme de erros, determinados quasi todos pela direcção dada áquelles negocios pelos dois ultimos gabinetes da monarchia, de um lado, e por outro, pelo grande abalo politico porque tem passado o paiz, trazendo-lhe forte depressão na confiança que inspirava.

Entretanto, qual não teria sido o resultado, se tivessem triumphado as atrazadissimas ideias

do ministro da agricultura? Vejam: O ministro da fazenda queria crear um reduzido numero de bancos emissores, dividindo, para isto, o paiz em tres ou quatro zonas.

• O honrado ministro da agricultura, que, em materia de bancos de emissão ainda labora, como os seus collegas de escola, nas velhas ideias do velhissimo Dunoyer, que é o economista sympathico da seita, queria, naquella esphera, completa liberdade, aspirando á creação, não de tres ou quatro bancos emissores, mas á de vinte ou trinta, ou duzentos, ou quantos a concurrencia pudesse e quizesse fundar... Comprehende o leitor sensato e entendido, se quatro ou cinco bancos de emissão contribuíram para os nossos embarços economicos, quanto mais oitenta ou cem?!

Outro facto deu-se no governo em dias do *provisorio* que veio aproveitar aos famosos sectarios. Referimo-nos á desastrada luta entre o marechal Deodoro da Fonseca e o coronel Benjamin Constant.

Este desgraçado incidente, ao que suppomos, oriundo de intrigas urdidas por occasião de promoções no exercito, foi um lamentavel episodio, que poderia perfeitamente passar despercebido, ou, pelo menos, não ter consequencias funestas, e nunca mais foi esquecido, nem

mesmo após a reconciliação dos dous protagonistas...

As pretensões partidarias apoderáram-se do facto e dahi começou o declinio do prestigio do dictador.

A mocidade das escolas militares, como aliás era natural, tomára partido por seu antigo mestre, e movêra desde então guerra de morte ao velho marechal.

No mais ardente dessa luta abrio-se o congresso. O positivismo, especialmente em sua ramificação militar, tinha, como sempre teve ali, diversos e habéis representantes.

A guerra continuou lá dentro cada vez mais aguda, particularmente depois da quêda do primeiro ministerio e da ascenção do Sr. Lucena. O dictador foi eleito presidente; porém sua influencia proseguio sempre e sempre em declinio.

As relações entre o chefe do governo e o congresso tornaram-se cada vez mais tensas. Não eram, certamente, os positivistas, os promotores unicos da lucta; eram, porém, n'ella, evidentemente, a parte mais activa e instigadora.

Perdida a calma, accumularam-se os erros de parte a parte: o congresso legislava acintosamente tendo em mira o presidente: este entrou a vetar leis a torto e a direito. D'ahi, o golpe

de estado de 3 de novembro de 1891, e a subsequente revolução de 23 daquelle mez; o que importa dizer, d'ahi uma série immensa de abalos porque tem passado este malfadado paiz, a começar nas deposições dos governadores, não esquecendo os desastres de 10 de abril de 1892 e indo acabar sabe Deus como... (1) O vice-presidente foi chamado á direcção dos negocios por uma revolução feita em nome dos direitos do congresso, que tinham sido conculcados. Naturalissimo era, pois, certo tropeço á sua indispensavel independencia, em face de um poder a quem elle devia uma especie de investidura moral.

Augmentou, pois, espontaneamente a força da maioria do congresso, como augmentou tambem a força das classes militares, que, pela segunda vez, tinham ajudado á revolução. Augmentou, assim naturalmente, tambem a influencia dos positivistas, maxime daquelles que a essa qualidade juntavam mais os predicados de pertencer ao corpo legislativo, ou de pertencer ao exercito, ou a ambos.

(1) Tivemos estro propheticico: de desordem em desordem, de violencia em violencia, o paiz chegou até ás revoluções do Rio Grande do Sul e de 6 de setembro, que ainda perduram, hoje 3 de março de 1894, dia em que escrevemos esta nota.

Tal a explicação do facto de terem sido alguns, nestas circumstancias, destacados para as intendencias, ou para as chefaturas de policia, ou para a governança dos estados, etc., etc.

Ainda mais: a circumstancia do *advento* do Sr. Lucena, leva-nos a lançar as vistas para as antigas provincias, onde, dissemos nós, tambem são evidentes o influxo e a desordem positivamente.

Deixando de lado o que poderia ser dito do Amazonas, do Pará, do Maranhão e de outros estados, por não nos estender demasiado, basta-nos o ponderar aquillo que se tem passado em Pernambuco e Rio Grande do Sul, as duas regiões do paiz onde a decantada doutrina *regeneradora* tem sido a mais *desorganizadora* que se poderia imaginar. Foi por tralhas positivistas que o partido republicano de Pernambuco, desde o tempo do governo do general Simeão, começou a dividir-se, e de modo irremediavel, emquanto perdurar a causa perturbadora. Retirado do governo daquelle estado o citado general, durante a curta governança de seu successor, o manejo cresceu lá e aqui de ponto, procurando-se attrahir com habilidade o Sr. Lucena, pernambucano, amigo particular do dictador e homem,

ao que se suppunha, geitoso e nomeadamente energico. O illustre compadre do Sr. Deodoro achava-se então no Rio de Janeiro.

As cousas lhe quadraram e elle facilmente obteve o cargo de governador de Pernambuco, derribando inesperadamente quem quer que naquelle posto havia succedido ao honrado general Simeão. O auctor do manejo tinha sido um famoso positivista, mestre emerito em intrigas.

Foi geral a surpresa, tanto aqui, como no grande estado do norte. Pois bem; o positivismo, na pessoa d'aquelle seu *sympathico*, acompanhou para o Recife o Sr. Lucena, no mesmo vapor, fez alliança com o Sr. José Mariano; consumou a obra da divisão dos republicanos de Pernambuco; e voltou com uma cadeira de deputado ao congresso...

Por esse mesmo tempo o Sr. Lucena tornava para esta capital, cheio de prestigio, porque se dizia haver elle conciliado com a republica os antigos elementos antagonicos pernambucanos, e, pouco depois, era chamado ao ministerio, esse terrivel ministerio que quasi deu com as actuaes instituições em terra...

A despeito de ter sido *magna pars* em tudo isto; a positividade ainda não estava satisfeita, e, pouco após a sua intallação no congresso, em

festivo ágape, commemorativo da data do decreto da separação da igreja do estado, que nesse tempo ainda a seita inculcava como obra sua, a população desta cidade soube com espanto que ella a *positividade*, na pessoa do celebre intrigante, tinha alli levantado um *brinde á dissolução da patria brasileira!*...

Incrível, porém verdadeiro.

E sempre n'um crescendo terrível, Pernambuco tem sido a presa de manejos positivos do corajoso corypheu e do não menos curioso Barbosa Lima, positivista militar, seu governador actual.

No Rio-Grande do Sul os desatinos foram ainda maiores. O prospero e poderoso estado é flagelado pela *orientação*, a famosa *orientação* positiva.

No primeiro e no terceiro ministerios da republica teve representantes seus filiados na seita; teve-os no congresso, e os têm tido lá na governança estadual.

É de todo o Brasil a região hoje mais desorganizada, e, cousa singular!... é justamente aquella onde a doutrina tem imperado mais.

É, pois, evidente que a desorganização vai ali, como no resto do paiz, na proporção maior ou menor da influencia da gente *regenerante*.

Curioso phenomeno que entregamos á meditação publica...

A rapida resenha que deixamos feita dos principaes factos denunciadores da perniciosa intervenção positiveira na politica republicana está mui longe de ser cõpleta.

Fôra preciso não esquecer seus manejos para a retirada do ministro José Hygino da pasta do interior, já em dias da governança do actual presidente; fora necessario ir de novo a Pernambuco e inquirir das desavenças, cada vez maiores entre o actual governador e os republicanos daquelle estado; fôra indispensavel avançar outra vez até ao Rio-Grande do Sul para apreciar o systema governativo alli implantado, desde o tempo dos sectarios de Deodoro, com a sua constituição ao sabor da seita, até aos dias de hoje em que se pretendem acolá galvanisar algumas nullidades politicas, com auxilio do governo central, trazendo para isso a populaçãc alarmada, a guarnição dividida, sendo possivel um rompimento de um dia para outro... (1)

O que não seria possivel esconder, como uma das machinações do nucleo, mais geitosamente

(1) Como effectivamente veio a dar-se sob o governo do positivista Julio de Castilhos, actual governador,

ensaiadas e que melhor documentam as manhas desse sectarismo, avido de mando e dominio, é a campanha de descredito, que, ininterruptamente, ha sido posta em pratica contra os republicanos historicos e em geral contra todo o republicanismismo nacional não adheso ás doutrinas da escola. Neste sentido sabemos de factos que preferimos calar.

Tomando a republica por uma cousa delles, segura, feita, e agarrada ás suas mãos donde não poderá mais escapar, nunca sahiram a dar combate aos antigos monarchistas, liberaes ou conservadores.

Assestaram toda a sua bateria contra os velhos chefes, os antigos propagandistas, os cor-religionarios cheios de serviços, todos emfim, que têm direito á confiança publica e titulos á benemerencia democratica do paiz.

É evidente o affan em que se agitam de ficarem senhores absolutos do terreno, donde já teriam expellido a todos os que lhes não seguem as traças, se, por impossivel, tivesse já vingado o desejo, que logo de principio manifestaram, de ser nesta terra proclamado um governo *dictatorial*, mais ou menos á guisa do que por elles é sonhado para a felicidade... do genero humano.

Tal a razão capital da guerra insidiosa que a sua propaganda escripta e oral (mais oral do que escripta) move contra os mais eminentes caracteres republicanos. Entretanto, a experiencia de quatro annos de governo já deveria lhes ter aberto os olhos sobre o desarrazoado de seus calculos e pretenções.

Quem tem governado a republica ha sido o exercito; e o sectarismo positivista é quem têm dirigido o exercito, cada vez a mais.

No primeiro ministerio, além de varios secretarios, officiaes de gabinete e auxiliares diversos, todos muito ouvidos e applaudidos, a seita contava dous dos mais poderosos membros da junta revolucionaria, um delles apontado até como o fundador das instituições.

No segundo deixaram-se ficar de fóra e trama-ram-lhe o descredito e a quéda, cavando na força armada o desprestigio do primeiro presidente, levantando a candidatura militar do actual chefe do executivo.

No terceiro tem influido discricionariamente de alto abaixo, como influem geralmente por toda a parte.

Porém é cousa que anda *ad oculos* bem patente a pessima direcção impressa aos publicos negocios.

Ha muito que elles governam o espirito de Peixoto sem o minimo embaraço; quebraram todas as resistencias; reunidos no *club militar*, pela voz de seus mais afamados oradores, fizeram riscar das listas do alludido club, para esgarmento a futuras ousadias, os nomes de 13 generaes, condemnados pelo poder; approvaram com applausos a quédia dos governadores, das justiças e dos congressos estadoaes; montáram de norte a sul, tanto quanto o têm querido, a sua machina de acção; deitáram por terra o systema financeiro da dictadura; desprestigiáram á direita e á esquerda a quem lhes veio á gana; dividiram o paiz em dous grandes grupos, os puros que estam de guarda ao thesouso, e os *especuladores*, que tem sido batidos em toda a linha!... Mas, as cousas não *melhoram*, a *confiança* não renasce, o *cambio* não sóbe, a nação não *resfolega*!...

Que é isto? Como se explica essa anomalia? Que é feito das lições do apostolado? Onde a efficacia da doutrina *regeneradora*?

Impossivel é escrever sem fazer satyra... É que a nação sente-se mal ferida por todos os lados por essa politica de xadrez, que o povo não comprehende, não póde assimilar, e, como tal, não póde amar... Em todos os tempos, e aqui tocamos

os motivos geraes da aversão contra toda essa geringonça positivista com que o apostolado busca emplastar as costas nossa gente, em todos os tempos e em toda a parte, onde homens sensatos tratáram cousas de governo, a politica foi sempre uma especie de expoente da vida nacional, um indicador das suas forças em acção, um resultado desta acção, alguma cousa de tão intimo e individual a cada povo, que não é mais do que a sua propria vida juridica e moral posta em pratica.

Se no simples conceito da litteratura e da arte, só é possível comprehender como tal aquellas creações artisticas em que se acha estampado aquillo que um povo dado pensou e sentio em uma phase qualquer de sua historia, o que não se dirá da politica, muito mais pratica, mais intima, mais de perto ligada á vida popular, por ser intrinsicamente activa e não admittir fantasias, nem poder se prestar ao joguete de imaginações enfermias ?...

É o que não querem comprehender os positivistas, insurrectos contra esse elementarissimo principio, que reclama immediata e completa equação entre a indole e cultura do povo e a sua politica.

Apezar de sua famosa orientação, ei-los em

cahidos em erro, logo aos primeiros passos dados fóra das portas do apostolado... Que a nação brasileira, por seu passado, por seu estado presente, pelo rythmo geral de sua evolução, não se encaminha para a idiotificação transcendente da religião da humanidade, é um destes postulados da historia que não demandam grandes gastos de demonstração para se tornarem evidentes aos espiritos mais myopes, ou aos cerebros mais rijos.

A nação é christã em seu todo, educada no velho credo catholico; póde ser dividida em dous grupos: a população culta, provavelmente apenas um decimo do seu total, e as gentes incultas. Nestas a intuição, a velha intuição univrsal, humana por ser geral, do theismo é que impéra. Ora, digam-nos os homens sensatos: não é um disparate plantar nestes espiritos theorias positivistas, que não são, que não podem ser comprehendidas? A resposta é uma só: é realmente um desvario, indicador de completa desorientação.

Restam as pessoas cultas em qualquer gráo, ás quaes, certamente, mais de perto procura attingir a propaganda positivista. Mas ahi é que bate o ponto principal do debate. Pelo seu character, por sua indole, por suas tendencias intrinsecas, para onde deve pender o povo brasileiro, repre-

sentado por sua mocidade intelligente: para a doutrina naturalista e evolucionista, onde palpita mais intenso o coração do seculo e agita-se a alma do futuro, para essa doutrina compativel com todos os progressos, porque ella mesma é uma resultante do progresso scientifico; ou para essa organização tumular, que aspira á paz consciencias, pela inspecção de um sacerdotio, armado de um catechismo feroz, com os olhos fitos no Grand Prêtre?!

A resposta não pode ser tambem senão uma; já vamos e havemos, cada vez mais, de ir com o genio dos novos tempos.

O Brasil não ha de ser a China do occidente.

O que leva alguns republicanos a supportar o positivismo é acreditarem que este systema é favoravel ao seu ideial politico.

Aqui é que vai a maior cegueira no assumpto.

A republica do positivismo tem de republica apenas o nome: está para o verdadeiro ideial republicano, como o governo autocratico do czar da Russia está, na ordem da realeza, para a monarchia constitucional da Inglaterra.

Nem mais, nem menos.

É o que é facil verificar, chamando a depôr

—as *Bases de uma constituição politica dictatorial federativa para a republica brasileira*, publicadas pelo apostolado central.

São principios cardeaes do republicanismo moderno, que não deve ser confundido com o aristocratismo republicano da antiguidade:— a elegibilidade do chefe do governo, a temporariedade de suas funcções, o alargamento do suffragio, a discriminação e responsabilidade das funcções publicas, o governo exercido pelos proprios governados, ou por si ou por uma representação vasta é séria.

Todos estes principios são outras tantas conquistas do povo no seu desenvolvimento normal, na sua luta secular contra a theocracia, o despotismo régio, as prerogativas feudaes e nobres.

Poisbem; o positivismo insurge-se contra esse trabalho de seculos, em pontos importantissimos, exactamente como o ensinam os reaccionarios catholicos da escola de ^{de}Maistre e Bonald.

Vejamos.

O principio fundamental, n'um verdadeiro regimen republicano, da elegibilidade do chefe do poder executivo, elle o contesta, o repelle peremptoriamente; e o substitue pela criação

de um *dictador central*, que escolhe seu successor.

Mas de onde ha de sahir o primeiro dictador central?

- Da eleição? Não.

Esperam os positiveros que algum dos nossos presidentes assuma, *coram populo*, este odioso e criminoso papel, em detrimento de nosso pacto constitucional.

Já a d. Pedro II elles o insinuáram claramente, ou, melhor, na sua audacia de fanaticos obcecados por um crêdo asphyxiante, elles o intimáram, sociocraticamente, ao velho imperador.

« Durante dez annos (são palavras de uma mensagem do centro ao marechal Deodoro) durante dez annos, elles (os apóstolos positivistas) não cessáram de proclamar ao chefe, a quem o passado confiára os destinos da patria, a urgencia de transformar o imperador theologico-metaphysico em *dictador* republicano. O monarcha, porém, foi surdo a esses reclamos. O homem, que antepunha a vaidade *pedantocratica* (cá vem a coisa) á gloria civica, cerrou os ouvidos ás lições do grande mestre de quem nos confessamos humildes discipulos. »

A nação brasileira está vendo : aconselha-se a um imperador, a um chefe constitucional do

estado a que rasgue a constituição, que o investira de seu poder, e que elle jurára manter e servir, e se declare *dictador*, reunindo, á guisa do tyranno Francia do Paraguay, em suas mãos —o legislativo e o executivo e o direito de indicar o seu successor; e, como o velho monarcha teve o bom senso de resistir a essa tentação do demonio, faz-se-lhe disto um largo capitulo de accusação....

Para nós, os democratas, outros foram os vicios e os defeitos de d. Pedro, e quasi todos elles provindos do poder *pessoal* que por vezes punha em pratica.

Para o jesuitismo positivista aquillo era um bem, e o imperador devia deixar-se de cerimoniaes e proclamar-se de uma vez dictador!...

Ao general Deodoro, na citada mensagem, em que vem narrado o caso de Pedro II, fez-se egual insinuação, que o velho soldado teve tambem a seriedade de desprezar. Isto dous dias depois da revolução, aos 17 de novembro de 1889.

Pouco mais de dois mezes depois, aos 31 de janeiro de 1890, appareciam as bases da constituição, offerecidas á nação brasileira pelo apostolado do centro.

Em seu titulo III, que trata do governo fe-

deral, lê-se no art. 12 : « O governo federal competirá a um dictador intituido segundo as regras abaixo. »

As regras são estas : « o dictador actual continuará a ser aquelle que os acontecimentos fizeram espontaneamente surgir, emquanto não renunciar livremente ao posto em que se acha. Se o mesmo dictador já tiver completado 56 annos deverá, após a approvação destas bases, indicar o seu successor, afim de ser a escolha sancionada, em caso de renuncia ou morte pelas capitães dos estados brasileiros. »

Propunha-se, pois, ao general Deodoro o mesmo que se intimára ao segundo imperador : constituir-se dictador *central*, (os positivistas gostam muito deste qualificativo ; se se reúnem, dizem que estão em centro, aos francezes chamam o povo central, e assim por diante), e indicar o seu successor, caso tivesse já attingido á idade de 56 annos.

Continuaria a governar até aos 60 annos, segundo os ensinamentos da seita, ao que nos parece ; pois esta circumstancia não vem expressa no proposto texto constitucional.

A escolha do successor ha de ser *sancionada* pelas capitães dos estados.

Nesta clausula ha um machiavelico embai-

mento ao sentimento liberal da nação. Como seria muito irritante logo de principio eliminar de todo as populações nacionaes da escolha do chefe do estado, apparece aquella disposição de uma fantastica sancção das capitaes...

Dupla illusão, ou duplo desacerto.

Primeiramente, se o voto popular não tem valor, nada significa, não deve ser admittido em qualquer gráo, e ainda menos se póde aceitar o monopolio eleitoral das capitaes. Porque não hão de intervir as demais cidades, villas e aldêas do paiz? Para que esse regimen de privilegios até no facto material da residencia? Depois, essa sancção em segunda instancia não confere ao eleitorado um poder directo, ou simplesmente preponderante na escolha: porquanto, no caso de uma *nãe sancção*, é ainda ao dictador central que compete escolher outro successor, segundo as normas da seita.

O principio da elegibilidade é ainda enormemente cerceado na confecção da denominada *assembléa orçamentaria*.

No famoso regimen dictatorial não existe assembéa representativa, que discuta e faça leis.

Voltando alguns seculos atrás na evolução da civilisação moderna, a seita recúa até aos tempos do despotismo régio; insurge-se contra

a differenciação politica dos poderes e accumula o legislativo e o executivo nas mãos do dictador...

A insignificante assembléa orçamentaria, ainda mais insignificante do que os antigos estados geraes, apenas pôde-se occupar das despezas publicas. Tudo mais quanto interessar á vida politica, juridica, economica, espirital da nação é expressamente posto fóra da sua alçada. Os que conhecem a doutrina, claramente percebem que é isto preparar o terreno para a livre influencia do sacerdocio da seita, cujas attribuições pretendem ser immensas e abarcar toda a esphera da vida nacional em suas multiplas manifestações espirituaes.

A reunião do legislativo e executivo é clara no art. 16 : « ao dictador compete com plena responsabilidade : 1º, a *decretação* das medidas que forem da competencia do governo federal, segundo as regras adiante prescriptas. »

Estas regras são as seguintes, inscriptas no art. 21 :

« Antes de promulgar uma lei qualquer, o dictador fará publicar o respectivo projecto acompanhado de uma exposição de motivos. Findo o prazo de trez mezes após o projecto ter chegado ao conhecimento dos pontos mais remotos

da republica, serão transmittidas ao dictador pelas autoridades locais todas as observações ou representações fornecidas por qualquer habitante da republica.

Tomando em consideração essas emendas, o dictador manterá o projecto ou formulará novo, e, tanto em um como em outro caso, submeterá a sua resolução á approvação das capitães dos estados brasileiros.

Approvado que seja pela maioria dos votos, será promulgado como lei da republica.»

Analysemos este embroglio.

Salta aos olhos que é ao dictador que pertence a iniciativa na decretação de uma lei. Aquillo que lhe não vier á vontade ou ao capricho nunca será lei, nunca se traduzirá em um acto legislativo.

As medidas mais urgentes hão de depender da boa vontade do despota. E, por mais urgentes que sejam, hão de depender de um prazo de trez ou quatro mezes para chegarem ao conhecimento dos pontos mais remotos da republica e mais trez mezes após essa chegada.

Mas o principal não é isto: o mais interessante é que ao dictador fica sempre o *direito de manter o seu projecto ou o seu substitutivo como entender, bastando-lhe a approvação da maioria*

das *capitales*. Aqui tem inteiro cabimento a critica por nós feita á sancção da escolha do successor do dictador pelas denominadas *capitales*.

E' inutil repetir. Se alli, como aqui, não se verificar a obtenção dos votos das *capitales*, que succederá?

As bases são mudas; porém, certamente deve prevalecer a vontade do despota: a republica não ha de ficar sem dictador e sem leis...

O resto, o sacerdocio se occupará de obter, isto é, a obediencia cega, em um regimem regulado por uma doutrina, cujo chefe teve o desassombro de escrever estas palavras nefandas:

« A noção de direito deve desaparecer do dominio politico, como a noção de causa do dominio philosophico. Todo direito humano é tão *absurdo* quanto *immoral*. »

Este horror lê-se no *Catechismo*. Nada, neste sentido, porém, deve espantar da parte do homem que muitos annos antes já tinha escripto no — *Curso de Philosophia* — estas tremendas palavras:

« Não ha liberdade de consciencia, em physica, em chimica, e até em philosophia, no sentido de que cada um acharia absurdo não crêr nos principios estabelecidos nas sciencias pelos homens competentes. »

Compreenda bem o leitor; isto que se vae buscar lá de bem longe, desde a astronomia e a physica, é um habil preparo para estabelecer a cousa na politica scientifica, tão infallivel, na crença da seita, como as affirmações da astronomia e da mecanica !... Por isto é que a exco-munhão existe nessa doutrina perversa, quando tem o desplante de pregar, neste final de seculo, que no pleno regimem positivo os espiritos anarchicos serão impotentes e condemnados a completo desprestigio, porque serão por todos *abandonados* !...

E, entretanto, quasi sempre os espiritos, chamados por esses jesuitas de anarchicos, são almas de eleição, sedentas de renovamento, anciosas de verdade.

Bem razão teve o sublime Huxley quando, a proposito daquelle trecho sobre a liberdade de consciencia, negada sem o menor escrupulo, escreveu estas memoraveis palavras : « O proprio ultramontanismo não possui, na minha opinião, nada mais completamente sacerdotal, mais contrario ao espirito scientifico, do que o trecho que citei. Todos os grandes progressos scientificos são devidos nomeadamente a homens que não trepidam em duvidar dos principios estabelecidos nas sciencias pelos homens competentes ; e

o grande ensinamento da sciencia, sua grande vantagem como meio de disciplina mental, está exactamente em ella nos inculcar a maxima salutar de que o unico direito de uma affirmação á crença depende da impossibilidade de uma refutação. » Nada dos taes homens competentes...

Os disparates e cavilozidades da sancção da escolha do successor do dictador, e da approvação das leis pelas capitaes dos estados, não param em tudo quanto havemos dito até aqui.

Importa mostrar outra maravilha da cousa. E vem a ser a seguinte: além de serem só as capitaes a dar, *si et in quantum* isto aprouver ao sacerdocio e ao dictador, a dar, dizemos, naquelles importantissimos assumptos os seus votos, accresce que nessa dictatoriocracia só têm direito de votar as classes agricola, bancaria, commercial e fabril.

É o decantado patriciado, que com o sacerdocio, o *Sacro-Collegio* e o *Grand-Prêtre*, hão de todos metter em boas talas a pobre humanidade !...

Lê-se no tit. VII, art. 22, tratando da assembléa orçamentaria : « Cada estado fornecera tres representantes, respectivamente eleitos pelas classes agricola, fabril e commercial, inclusive a bancaria. »

È assim com um traço de penna, se pretende tirar ao povo aquelle direito de intervir no seu governo, direito que é uma conquista da historia, realizada a custa de seu sangue!

E ha quem bata palmas a esse despotismo carrancudo, que nem ao menos tem a elegancia e a generosidade do absolutismo dos grandes reis.

Não é, porém, de admirar da parte de uma escola que na Constituição Política, visando claramente o caso de Clotilde de Vaux, atreve-se a estabelecer como regra uma fórmula nova da antiga *infamia*, que attingia os réos, quando ousa escrever estas palavras, como uma exigencia da lei: «A condemnação criminal dissolve legalmente os laços domesticos sancionados pelo poder civil, os quaes poderão ser reatados, depois de cumprida a sentença, mediante o consentimento dos membros da familia, que forem maiores.» E' do n. XXII do tit. XI.

E eis como a doutrina orientadora dá um salto para traz, e vae cahir de costas naquella phase do direito, em que ainda não existia a separação entre a esphera do direito privado e a do direito publico, separação, que, segundo Holtzendorff, é obra do direito romano nas suas primeiras phases!... A pena, um principio de direito pu-

blico, chegando até a dissolver os laços de família !...

Seria enorme, se não fosse ainda um pouco peor. Que, porém, havia a esperar de uma seita que leva o seu desembaraço ao ponto de resuscitar a pena, a velha pena de confisco?!

Lê-se no n. XXIII do citado tit. XI « O capital, sendo social na sua origem e destino, haverá o confisco dos bens nos casos de delictos communs graves, que a lei especificará, e especialmente naquelles que determinarem a condemnação á prisão perpetua ou á morte.»

Então? Que bella não é a Republica Dictatorial! Como tão serenamente não iremos cahir nos magnificos tempos de El-Rei-Nosso Senhor!...

E tal é o systema que se propõe emphaticamente a acabar com os males da opinião democratica e liberal, que domina no paiz !...

Tome cada um cuidado e comprehenda que é urgentissimo tratar da reacção...

VI

Cinco foram as principaes correntes de opinião que havemos analysado: sebastianistas, socialistas, jacobinos, militares e positivistas. Quatro partidos republicanos e um monarchista.

É mister mostrar agora, em rápida recapitulação, quaes os recursos de que dispõe cada um e que futuro se lhes antolha. Será preciso indicar, finalmente, se, além daquelles matizes do pensamento politico, se nos não depara uma agremiação mais larga e mais vasta em que o mundo civil possa em sua quasi totalidade entrar e servir de base e apoio á republica.

Vejam os :

A simples inspecção dos nomes dos quatro partidos até hoje formados no seio do regimen republicano é sufficiente para mostrar que dous delles não passam de pequenos grupos e os dous outros de classes, mais ou menos consideraveis da população, muito longe, porém, de a constituirem ou sequer de a representarem.

E, realmente, os positivistas e os jacobinos não passam de dous pequenos grupos de fanaticos ; os primeiros, de uma politica e de uma religião especificamente anachronicas e antipathicas á nação ; os segundos, de um doutrinarismo de velha metaphysica revolucionaria, anarchica, sem planos, sem normas, odienta, e apenas apta para desorganisar e corromper.

A despeito de toda a audacia de que dêem provas, e as têm dado de sobejo, para se apoderar do mando e deitar a perder este paiz,

esses dous grupos, isoladamente, ou solidariamente unidos, não têm, não podem ter a força precisa para se manter no governo e dirigir os destinos da patria brasileira. Falta-lhes o bom senso, a largueza de vistas, a capacidade dirigente e administrativa, o espirito de justiça, o desassombro de animo para acolher a todos ; falta-lhes o numero indispensavel de adhesões que deve ter toda boa causa e sobretudo fallece-lhes completamente a confiança popular e a confiança do estrangeiro.

Um governo de jacobinos, hystericos demolidores, é experiencia que o povo algum deseja mais fazer. Um governo de positiveiros, com sua dictadura e as cincoenta mil bugigangas que estam para ser applicadas na decantada *Politique* e no cerebrino *Catéchisme*, é experiencia que o mundo inteiro repelle, e não se poderá realizar no Brasil, por mais caducos que sejam.

O operariado e a força armada são classes muito consideraveis, muito valorosas da população; mas não são a nação e nem podem ter a vaidade de a constituir.

Uma dellas, a militar, entendemos dever afastar-se da politica por motivos superiores de seu proprio destino e de sua funcção social. Se continuar a ingerir-se nas dissenções da politica,

falseará cada vez mais a sua organização e se afastará progressivamente do idéal de um exercito nas sociedades cultas.

Resta a classe dos operarios, e aqui daremos o nosso modo de vêr especial sobre o socialismo.

Neste grande partido universal, dividido em umas poucas de ramificações, parece-nos bem fundada e digna de applausos a aspiração para um melhoramento das classes pobres, das classes trabalhadoras. Tudo quanto theorica e praticamente tender a esse alvo superior tem a razão de seu lado e ha de contar com o futuro. O quarto estado ha de emancipar-se e florescer como poderoso factor.

Até ahi nenhuma duvida. O quarto estado ha de chegar, como chegou o terceiro. Negar a evolução que se faz neste sentido, é cair nas mesmas aberrações da nobreza quando desdenhava da classe média, da burguezia. Parece-nos, porém, que o socialismo de todos as matizes, ou, pelo menos, das principaes ramificações, labora em dous graves equívocos, um de alvo doutrinario e outro de pratica e applicação. O erro geral doutrinario vem a ser esse optimismo quasi pueril e quasi inacreditavel em nossa civilização, já tão experimentada por tantas desillusões:—

a crença de que os males humanos são remediáveis.

Esse velho mytho de um Eden, ou no passado, como queria a theologia, ou no futuro, como querem os socialistas, não passa de sonho e fumaça. A realidade é outra e bem diversa:— os males humanos, os flagelos moraes e physicos, que nos atormentam, estão em nossa indole, em nosso sangue, como estão no mundo e na natureza; são uma parte integrante da vida, e constituem, senão o fundo, ao menos um dos lados da existencia.

Fôra util que os socialistas temperassem os seus devaneios com algumas doses de pessimismo.

A leitura de Hartmann teria para elles esse effeito tonificante.

O optimismo imponderado gera a affoiteza, produz illusões irrealizaveis, desequilibra a marcha da vida, atira os homens e os partidos atrás de chimeras. Esse mundo de aspirações aéreas e insondaveis, não achando applicação pratica, sendo derrotado pela realidade, vem a produzir depois o máo humor, o desespero, o pessimismo intratavel dos anarchistas, dos nihilistas, dos bandeiras negras e de outras modalidades do genero.

Eis porque o pessimismo moderado, que inspira apenas a desconfiança pelas theses absolutas de felicidade indefinida, que nos adverte da improficuidade dos esforços que tendem a um alvo impossivel, é util, porque serena o espirito e afasta-o das agitações temerarias.

Creemos, pois, que o quarto estado chegará a crescer em força e prestigio, em luxo e riquezas; não acreditamos que desapareçam a miseria, a injustiça, a dôr moral, o desassocego pelo futuro, as apprehensões pela familia, as desigualdades sociaes e economicas, as irregularidades politicas, os dissabores da vida humana.

O abuso de pratica e applicação, de que falámos, está nesses diversos systemas e planos para o que elles chamam a reorganisação social. Este erro é oriundo do primeiro: dada a ideia da realização possivel da felicidade social, nada mais logico do que procurar realizar esse desideratum por meio de tentativas e arranjos ^{diversos.} ~~diversos.~~ Dahi os planos para a famosa reorganisação da sociedade.

Entretanto, isto é simplesmente um ponto de vista velho e errado. A sociedade não é uma casa de taipa que se faça e se desfaça. Este sonho é ainda uma continuacão das loucuras de Rousseau. A sociedade organizou-se um dia como

uma produção biológica superior aos calculos e manejos humanos; evolue normalmente, segue um rythmo de desenvolvimento, determinado sempre pela lei de causação, que outra cousa não é mais do que a constancia systematica e infallivel de uma determinada cadêa de antecedentes e consequentes.

Nella não se fazem reorganisações; porque ella não interrompe o seu curso para se prestar aos caprichos dos experimentadores.

No seu seio podem-se originar ideias, doutrinas, que venham tambem por sua vez lutar pela vida, pugnando por uma pratica realização. Esta, porém, só poderá ser feita por uma assimilação lenta e normal, entrando na circulação do grande todo, tomando a plasticidade indispensavel ás forças vivas, e indo afinal, sob a fórma de aspiração geral, constituir uma especie de relação, de anelo instinctivo da vida social.

O mais é o velho empyrismo grosseiro da politica rotineira dos despotas, ou esse punhado de fantasias esconsas que enchem os livros dos utopistas.

O problema do operariado, parece, deve consistir em tomar elle vida e força, como nos primordios fez a nobreza, e mais tarde fê-lo igualmente a burguezia. Para isto largue o sonho da

felicidade, do messianismo, e outras variantes do paraíso e do reino de Deus sobre a terra; deixe os planos de fantásticas reorganizações sociais, e trate de empregar, que processos? justamente aquelles mesmos processos que as classes rivais empregaram.

Esta ideia é aproveitável; porem vemos que não é aqui o lugar de a desenvolver.

Nosso operariado fará, pois, bem em organizar-se e crescer, deixando de lado certas pretensões, inopportunas aqui no Brasil, systematizações engendradas para a situação da Europa, que não é precisamente a nossa situação.

E' justo que procure surgir, não para dominar e impôr ás outras classes do paiz, senão para prosperar no sentido de collaborar para o proprio progresso e o progresso geral da nação.

Deve constituir-se mais como um factor de evolução social na republica do que como partido politico.

Quanto aos restauradores, os sebastianistas, é gente que não se encommoda com as desgraças do paiz.

Elles sabem perfeitamente ser a restauração o signal e o fermento de pavorosa e interminavel guerra civil; sabem que se, por absurdo, viessem a triumphar, o partido republicano teria de reco-

meçar sua incansavel propaganda, que afinal havia de ter a victoria definitiva, isto é, os sebastianistas sabem que só poderão ter triumphos ephemeros...

• E, todavia, não se lhes dá de convulsionarem o paiz.

São fautores de ruina, são inimigos da evolução normal da patria; são espiritos desarticulados pela superstição de um passado de erros; devem ser postos *au ban* da historia, batidos em todos os terrenos.

E, porém, esses cinco grupos de partidarios não constituem a nação brasileira.

Fóra delles está a maioria do mundo civil, onde está a força latente do povo, a energia immorredoura da patria.

Ahi é que se deve formar e crescer o grande partido democratico nacional, cujo programma, como a synthese desta introdução, nos falta esboçar.

Entendemos que as classes mais illustradas da nação não se devem afastar da politica nas actuaes circumstancias, justamente por serem ellas bem criticas.

O patriotismo ordena, nestes casos, a collaboração e não a deserção. Esta é vergonhosa, egoistica e mesquinha.

Com que direito podem censurar o governo da republica aquelles que o não ajudam com os seus conselhos, os seus esforços, as suas assistencias?

Com que direito poderão accusar, *exempli gratia*, á classe militar, aquelles que aos deveres civicos antepõem o despeito, o odio, e todos os condemnaveis estimulos de almas cheias de fel, porque perdêram proventos e posições?

Vamos, meus senhores, antigos liberaes, antigos conservadores, antigos republicanos: se o que vos guiava na politica era o patriotismo, agora mais que nunca é chegada a occasião de virdes com os vossos auxilios.

E' preciso que a nação, no que ella tenha de validez mental e moral, venha ajudar a obra da organisação da republica.

Ha ahi uma vasta democracia, séria, com bons elementos conservadores, que deve adiantar-se e constituir o braço e o coração do regimen republicano.

Se abandona, como tem feito, o campo, este será occupado, como tem sido, pelo partidarismo dos fanaticos sem capacidade, ou dos politiqueiros sem consciencia.

Pela observação dos factos politicos, leitura dos jornaes, exame das eleições, composição

do parlamento, é bem facil vêr que a nossa democracia rural, classe estavel, productora e cheia de serviços ao paiz; a burguezia commercial de todas as nossas cidades e villas, classe activa, utilissima e grandemente radicada á vida economica do povo; as gentes que exercem aquellas profissões que os nossos maiores chamavam as profissões liberaes, a classe mais culta da nação, na qual ha medicos, advogados, engenheiros, professores, homens de letras de grande merito e a que se pôde juntar o nosso clero, em cujo seio ha muitos homens illustrados e animados de sentimentos liberaes; os proprios industriaes, que exercem mais influencia pela sua intelligencia e pelo seu prestigio, é facil vêr, diziamos, que todos estes, e pôde-se dizer, a massa geral da nação, têm-se abtido de collaborar na obra do regimen definitivo do paiz.

E' urgente o abandono desse absentismo moral, a entrada franca na faina commum.

O primeiro effeito dessa intervenção será o **desapparecimento** do exclusivismo que até hoje, por causas diversas, tem sido a regra no governo republicano.

Os positivistas, no seu audacioso plano de tomar a direcção da vida politica deste paiz, bem **compreenderam** que o maior embaraço que teriam

de encontrar em seu caminho era exactamente a democracia nacional. D'ahi o desembaraço com que a cobrem de baldões, oriundos da mais crassa confusão dos factos. Possuidores de duas caras, quando se völvem contra os elementos conservadores das nações modernas, mostram a figura truculenta de Danton; quando se viram contra a democracia, apresentam a carranca terrivel de de Maistre.

E vão esses Janus das ideias illudindo á direita e á esquerda. E' preciso, porém, inutilisar-lhes os golpes, e para isso não poderá haver nada melhor do que a união em um grande partido dos elementos democraticos de toda a nação, por toda a parte, em todos os estados.

«Dictatoriaes e democratias, taes serão em breve as duas fracções mais importantes do partido republicano brasileiro.» São palavras das decantadas Bases de uma Constituição Politica Dictatorial Federativa, que temos já tantas vezes citado.

O problema é, pois, claro: tomando para si, sem reбуço e por imposição de sua propria doutrina, a bandeira da republica dictatorial, os positivistas reconhecem que no outro campo estam os arraiaes dos democratias.

Será possivel que, após tão expressiva inti-

mação, estes se conservem desunidos, indifferentes, desarmados diante do inimigo compacto e preparado para a luta? Seria a mais rematada ineptia.

● Tomando exemplos na Suissa e na America do Norte, o grande partido democrata deve esforçar-se por manter illeso o culto da liberdade, da expansão normal de todas as actividades; manter e alargar o direito de voto e a intervenção da nação no seu governo; diffundir a instrucção primaria dos dous grãos gratuita e obrigatoria, como obstaculo á ignorancia, propicio terreno de propagandas esdruxulas; apoiar o espirito nacional nas suas tradições legitimas, nas suas aspirações de ordem e de integridade patria; promover a representação directa de todas as classes para que tenham meio de ser attendidas em seus justos reclamos; combater o espirito de separatismo, onde quer que elle surja, pugnando pela igualdade pratica de todos os estados na gestão politica do paiz; combater implacavelmente as oppressivas ideias e quasquer tendencias e planos de dictatorianismos de qualquer genero, pela diffusão de uma philosophia mais progressiva e mais de accôrdo com o espirito dos novos tempos.

Se a democracia se unir e vier trazer o seu

apoio e o concurso dos seus esforços á causa da republica, esta será progressiva e grande ; se o não fizer, o paiz continuará a ser *anima vilis* de experiencias extravagantes ; perdurará o periodo de lutas intestinas, porque taes experiencias são em completo desaccôrdo com a marcha da nossa historia, e escuro, bem escuro, se avistará lá bem longe o nosso porvir.

Cumpra cada um o seu dever...

?



PARTE PRIMEIRA

O Positivismo em suas ideias capitaes

DOCTRINA CONTRA DOCTRINA

I

A supposta razão fundamental do positivismo e suas exageradas pretensões

I

Vantagens apparentes do positivismo: seu ponto de partida

O positivismo é uma cousa perigosa e deve ser combatido com seriedade. Desde que uma doutrina, qualquer que ella seja, tornou-se o pão espiritual de algumas centenas de homens, essa doutrina constitúe um factor social e um estímulo de acção; essa doutrina distribue alento e enthusiasmo, aviventa as forças d'alma, affirma-se como um incentivo em nome do futuro. E cousas assim tão graves só podem ser tratadas com severidade e compostura. Podemos tomar com ellas a nossa parte de divertimento e gracejo, porque tudo n'este mundo tem o seu momento comico; mas este expediente deve ser passageiro e relegado para o segundo plano.

O positivismo no mundo, e nomeadamente no Brasil, deve ser combatido larga, tenaz e systematicamente, ponto por ponto, ideia por ideia, doutrina por doutrina.

Nós, individualmente, não temos a pretensão de o fazer definitivamente; o trabalho é demasiado complexo para um só luctador, ainda armado da maior energia e actividade, o que, infelizmente, não é o nosso caso. Não tendo a menor duvida sobre a victoria futura do naturalismo evolucionista, hasteadado nas mãos das maiores figuras intellectuaes do nosso tempo, nem por isso julgamos acertada a opinião d'aquelles que entendem chegada a hora do triumpho e aconselham a deposição das armas. E' uma grave cegueira. O positivismo tem uma grande força no presente e é preciso repellil-o emquanto não cresce mais, emquanto não se torna verdadeiramente formidavel e quasi impossivel de rechaçar.

Não nos illudamos, não se illudam os evolucionistas, os democratras, todos e quaesquer sectarios das doutrinas não positivistas: o comtismo tem sobre todos os systemas modernos uma grande vantagem: é uma *religião* e esta organisada pelo modelo *catholico*... Tanto basta dizer perante espiritos cultos, que conheçam a historia da civilisação, para indicar que especie de adversario é este que se deve urgentemente combater.

Até aqui os créadores de religiões só foram

crêadores de religiões ; os fundadores de philosophias só foram fundadores de philosophias ; os organisadores de politicas só foram organisadores de politicas : os tres dominios jaziam separados. Quando muito os dois ultimos ás vezes appareciam alliados nos grandes systemas, nas grandes syntheses de um Platão, de um Aristoteles, de um Kant, de um Hegel. Estava reservada a nosso seculo a tentativa da reunião systematica dos tres dominios. A tradição antiga, porém, ainda hoje é a predominante, e vemos, por exemplo, a immensa synthese de um Spencer abarcar a philosophia e a politica, deixando quasi de lado a religião.

E esta maneira de proceder, que no fundo é a verdadeira e exacta, como havemos de ver, constitue apparentemente uma fraqueza. Sob este aspecto, para os espiritos superficiaes, o comtismo leva-lhe vantagem e é justamente esta illusão que é preciso arredar. A empreza é ardua e não se deixa resolver com pilherias e brincadeiras.

Será preciso mostrar ser à inteireza, a inflexibilidade do positivismo exactamente a sua força e o seu defeito, a vantagem que o ha de fazer avançar, o vicio que o ha de fazer perder terreno. A vantagem está em ser um todo logico e inteiriço, tendo uma resposta e uma solução para as mais inquietantes questões que têm agitado a humanidade, resposta e solução apparentes, é

certo, porém faceis de ser apprehendidas e assimiladas. D'ahi o favor que vai encontrando caracteristicamente entre os povos pouco inventivos e dotados de maior ou menor preguiça intellectual.

O defeito é ter necessidade, para manter-se integro, de tornar-se uma doutrina que estacionou, que se crystallizou em uma fôrma immobil, em lucta aberta com o progresso scientifico e o genio dos novos tempos. Mettendo a sciencia, a philosophia, a moral, a arte, a politica, a industria, a religião em um circulo de ferro, ainda mais apertado do que o fez o catholicismo, o systema positivista é uma obra apenas logica e por isso mesmo não tem a plasticidade dos fortes organismos vivos.

Elle bem o comprehende, e d'ahi o *anathema sit* que lança ás agitações superiores do espirito moderno. D'ahi essa profusão de epithetos grosseiros e malsoantes, de que traz as mãos cheias para atirar sobre a sociedade actual.

Ás investigações scientificas chama *especialismo despersivo* ou *metaphysicismo anarchico*; ao ascendente da democracia chama *corrupção democratica*; ao republicanismo electivo chama *podridão parlamentarista*; á classe média, a que a civilização moderna tanto deve, desde a lucta medieval dos burgos e das communas contra o poderio feudal, chama a *burguezeocracia viciada...*

Mas não antecipemos. Vejamos o systema em traços largos nas suas ideias capitaes, no intuito digno e elevado de oppôr-lhe as affirmações inestimaveis e grandiosas de nosso credo. Se elles têm o fanatismo de suas ideias, nós tambem não conhecemos o caminho por onde se deserta das nobres convicções. E desde já reclamamos do povo, do governo e do proprio positivismo a liberdade espiritual indispensavel para a propaganda de nossas crenças.

Doutrina contra doutrina — é o nosso brado, e, se é verdade que o positivismo conta hoje no Brasil (caso unico em a historia de um systema philosophico ser defendido por batalhões armados), se o positivismo conta hoje no Brasil homens de guerra dispostos a o defenderem pelas armas, nós, os fracos e desarmados, commetemos talvez uma imprudencia expondo o nosso peito ao chanfalho do inimigo !...

O positivismo, por honra sua, como philosophia, como politica e como religião, como obra do homem que reunia, no dizer leviano de seus discipulos, o genio de Aristoteles ao espirito de Cesar e de S. Paulo, não deve aceitar essa especie de collaboração e admittir esse genero de defesa.

E' livre a todos o culto e a propaganda das proprias ideias, proposição tão sedicã, que só o desnorreamento do espirito nacional, nos dias de agora, obriga a repetir. E, portanto, as armas

confiadas pela nação ás classes militares só devem rutilar ao sol quando a batalha se houver de travar em desaggravo da honra da Republica. Jámais para a imposição de concepções doutrinarias que escapam á alçada dos fuzis e das espadas.

Já nos não lembra o nome do deputado catholico, que disse uma vez no parlamento allemão ao celebre Virchow :

«*Eu não discuto com um homem, cuja religião acaba na ponta do escalpello.*»

E oxalá não tenhamos no Brasil de dizer um dia aos positivistas : «*Nós não podemos mais discutir com uns homens, cuja argumentação decisiva vai acabar na ponta das bayonetas !...*»

Como quer que seja, porém, fallamos ao paiz e havemos de proseguir em nosso terreno : a arena das ideias e dos principios. Isto mesmo que estamos a escrever, *sine ira et studio*, é como se fôra uma prelecção diante de nossos discipulos. Dizia o velho Saint-Simon, em um dos seus mais antigos escriptos, que em nosso tempo todo o esforço intellectual e doutrinario *deve ser subordinado ao ponto de vista social* ; e esta ideia magna, que foi assimilada por Comte, a ponto de os positivistas a crerem propria d'elles, é uma d'aquellas que nos prezamos de compartilhar.

Tambem temos a nossa funcção social e havemos de cumpril-a, quaesquer que hajam de ser os espinhos da estrada.

Vejamos, pois, o positivismo syntheticamente em suas cinco ou seis concepções capitaes.

Antes de tudo, importa assignalar que dos dois modos mais correntes de apreciar o famoso systema, o d'aquelles que o consideram como uma obra unitaria, cuja feição politica e religiosa está de perfeito accôrdo com a parte philosophica, e o d'aquelles que o querem scindir em dois pedaços, um philosophico aceitavel e outro politico-religioso desprezivel, não hesitamos em seguir o primeiro modo de julgar, como o mais justo e mais attento aos factos.

O segundo systema é, como geralmente se sabe, o de Littré, Stuart Mill, Wyrouboff, Roberty e outros. O primeiro é o dos chamados orthodoxos, Robinet, Lonchampt, Audiffrent, Laffitte, Congreve, Sémérie.

E' verdade que no grupo da orthodoxia houve, ha já alguns annos, uma escandalosa ruptura, dando em resultado cahir Laffitte para um lado com alguns sectarios e tombarem Audiffrent, Lagarrigue, os dois apóstolos do Brasil e alguns mais para a outra banda. Esta scisão interna da orthodoxia é demasiado peculiar ao sectarismo e escapa quasi aos dominios da critica. Tem alguma cousa de privado.

Não assim a distincção a que acima alludimos ; foi um debate geral que produziu dois campos ineiramente antagonicos.

Na lucta entre os dois grupos, dissemos, damos razão aos orthodoxos. Não é que lhes achemos justiça quando, injuriando a natureza humana, elles, que se dizem apóstolos da *Religião da Humanidade*, attribuem a moveis inconfessaveis a attitude de Littré e Mill, especialmente a d'este ultimo. Não : a posição de ambos é plenamente explicavel no ponto de vista em que se collocaram. Admiradores entusiastas do *Curso de Philo-sophia Positiva* e enxergando, com razão ou sem ella, contradicção entre elle e o *Systema de Politica Positiva*, os dois notaveis escriptores, presagiando o fiasco das concepções politico-religiosas do mestre, tentaram ao menos salvar a parte da sua obra que julgavam boa. Nada mais regular e mais digno, especialmente da parte de Mill, que, em sua correspondencia epistolar com Augusto Comte, foi sempre com este da maior franqueza.

Em todo caso, porém, convictamente estamos, n'este ponto, do lado da orthodoxia. Os motivos d'esta posição é que são oppostos, os novos crentes proclamam a unidade da obra de seu chefe e guia, porque a acham, sob todos os aspectos, impeccavel ; nós proclamamos a tão desejada unidade, porque, de accôrdo com Huxley, encontramos em tudo aquillo erros e desatinos de alto a baixo e a cada passo.

O positivismo para ser bem comprehendido

não basta ser tomado em suas próprias ideias. E' mister prendel-o ao tempo de seu apparecimento, ao conjuncto das condições que o determinaram e o fizeram nascer. E' preciso submettel-o ao processo geral da critica, abrindo mão da especie de privilegio que os fanaticos querem crear para elle. N'este intuito, não basta fazer magramente e de modo capcioso a indicação de um certo numero de predecessores, escolhidos a dedo, sob um ponto de vista vago, formar uma especie de familia de genios, no claro empenho de tomar assento entre elles, como manhosamente fez o proprio Comte no prefacio do *Catechismo Positivista*.

E' preciso fazer o estudo completo da época em suas correntes espirituaes, destacando-lhe a phisionomia exacta e indicando os veios onde o philosopho bebeu.

Este trabalho de dissecção será feito no correr d'este livro; agora, n'este capitulo, ficaremos nos traços geraes. Vejamos.

A razão de ordem, por assim dizer, o *primum mobile* do positivismo está no seu modo peculiar de encarar a marcha da civilisação, nomeadamente da civilisação occidental. D'essa sua especiosa maneira de apreciar o desenvolvimento da cultura moderna origina-se o determinado e invencivel desaccôrdo em que elle se acha para com a philosophia critico-naturalista, para com o evolucionismo em summa.

A doutrina positivista parte do presupposto da necessidade de uma crença, de um *dogma geral*, unanimemente seguido pela humanidade nas diversas phases de seu desenvolvimento através dos tempos. A esse dogma devem subordinar-se todos os impulsos, todas as manifestações da actividade humana, sob todos os aspectos considerada. A convergencia das ideias, sentimentos e actos á doutrina fundamental e unitaria é a *conditio sine qua non* da marcha normal da vida humana. O contrario d'isto é desordem, é agitação dispersiva, é a *anarchia mental e moral* de que tanto fabulam os positivistas com uma impertinencia só igual á sua cegueira.

Felizmente a raça humana, dizem, tem estado sempre de posse de um dogma do genero indicado capaz de dar um sentido e uma direcção á sua actividade, ao complexo de suas acções. A ultima criação d'esse genero foi o monotheismo da religião de S. Paulo, inspirador da civilisação catholico-feudal e principio activo da incomparavel organização hierarchica da Egreja.

A partir, porém, do seculo XIV o dogma catholico foi despindo o encanto que o revestia ; foi patenteando cada vez mais o germen destruidor que o corroia ; foi cahindo aos pedaços e acabou por perder toda a força directriz que mostrára nas passadas éras. O seu poder espiritual foi-se dissolvendo progressivamente, abrindo margem á

insubordinação e a todos os males que affligem a sociedade moderna. D'ahi, a necessidade de prompto remedio para essa agitação anarchica. Mas onde estará elle ?

Alguns sonharam, como solução ás inquietações do presente, determinadamente os males politicos, uma volta, um retorno ao pleno regimen da idade média ; outros precipitaram-se na panacéa do regimen representativo, segundo o modelo inglez. Entretanto, de outro lado e por outra fórma é que havia de vir o remedio.

A instituição de um *novo dogma religioso* e a consequente organização de um *novo poder espiritual* devidamente exercido por um *novo clero*, segundo o modelo catholico-feudal, que é o *chef d'œuvre politique de la sagesse humaine*, eis o grande desideratum attingido por Augusto Comte, no pensar de seus sectarios.

Deixou de pé os altares ; apenas atirou fóra d'elles o *Deus* de S. Paulo e o substituiu pelo novo *Ser Supremo*, cuja revelação maxima recebeu de Clotilde de Vaux, isto é, a humanidade, arvorada assim em objecto de seu proprio culto !

A tudo isto a apologetica do positivismo, alteando o cothurno, mas sem attingir á solemne poesia do catholicismo, que nos deu a cathedral gotlica, o orgão, e um hymnario incomparavel pela musica e pelo mysticismo, não fallando na *Imitação* e na *Divina Comedia*, a apologetica do

positivismo, em sua linguagem pedestre, chama a philosophia *definitiva*, a politica *definitiva*, a religião *definitiva*...

Pobre humanidade ! Adoçam-te os beijos com o engodo da apothese, alçam-te á altura de uma divindade, fazem-te a idolatra de ti propria e traçam-te ao mesmo tempo o circulo de ferro, onde tu, incauta e ingenua, reduzida ao modelo de uma mulher banal, tens de debater-te impunemente !...

Estão diante de nós as obras do philosopho e um bom numero de expositores e criticos.

Preferimos, porém, documentar nossos assertos pela condensação popular da doutrina feita pelo Padre Teixeira Mendes, vice-director do Apostolado Positivista do Brasil, no livro por elle escripto sobre o finado Benjamin Constant.

« Por qualquer aspecto, diz esse infatigavel propagandista, que já quasi nos força a confundir *sociocracia* com *mendeocracia*, por qualquer aspecto que se considere a situação da humanidade, a partir do XIV seculo, um escrupuloso exame faz logo sobresahir como origem *unica* de todos os *males* que têm affligido a sociedade moderna, a dissolução irremediavel do *poder espirital medieval*. E indagando-se dos motivos reaes que determinaram tal dissolução, é força convir que elles se resumem na ruina insanavel das *crenças theologicas*, radicalmente *antipathicas* ao tra-

balho, á sciencia, á poesia e á fraternidade universal... A experiencia democratica da Revolução provocára um desanimo nas melhores almas, que ou tenderam para uma *restauração* franca do *passado medievo*, conforme o typo offerecido pelo grande De Maistre, ou se inclinaram para a instituição de uma *monarchia parlamentar*, segundo o modelo inglez... Não é já a *doutrina* que falta á sociedade moderna para que se restabeleça o equilibrio religioso, isto é, a *paz universal*. A doutrina ficou concluida desde os meiodos do seculo actual, como o resumo de todos os esforços moraes, intellectuaes e praticos da Humanidade. O que urge é promover a *formação do sacerdocio* correspondente, a cujo surto se acham intimamente ligadas a propagação e a efficacia regeneradora da religião. »

Eis ahi o que não é novo, não é profundo e nem é absolutamente verdadeiro. Não é exacto que o apregoado fiasco da Revolução tivesse apenas dado origem aos dois expedientes lembrados pelo Sr. Mendes. A solução de De Maistre e o *parlamentarismo* á ingleza foram ladeados de outra corrente, onde Augusto Comte mergulhou e bebeu á farta.

Já desde os dias mais proximos ao *Terror* começaram a apparecer as tentativas de reformas *sociaes e religiosas*, com a pretensão de que só uma radical modificação nas ideias e a instituição

de um novo *credo* seriam capazes de trazer a solução almejada para os problemas do tempo.

La Reveillère Lepeaux e Saint-Martin, o philosopho incognito, dão o signal para esta nova direcção das ideias. O ultimo chega a influir no espirito de De Maistre, que ao seu fervor pelo catholicismo e ao seu enthusiasmo pela idade média, que aliás eram bens communs a toda escola reaccionaria dos Bonald, dos Chateaubriand, dos Eckstein e dos Schlegel, juntou a aspiração de uma *nova synthese*, de uma *renovação religiosa* em pleno seculo XIX, pensamento aliás já d'antes proclamado por Lessing.

Isto é dito por toda a gente, menos pelos positivistas, que o fingem ignorar.

Semelhantes aspirações passaram a Saint-Simon no primeiro decennio d'este seculo e elle tambem entrou a sonhar com uma *nova religião*, *nova politica*, *nova moral*, *novo clero* e a mostrar-se cheio de amores pela *idade média* e de odios contra os *protestantes*, *deistas*, *parlamentares*, *et le reste...* E estas ideias, ligadas a certas preoccupações pelo *operariado* e á concepção fundamental de Condorcet sobre a constituição da historia como *sciencia* e a subsequente *previsão* em politica, constituem a substancia do *saint-simonismo*, como elle se acha integralmente exposto nas obras do celebre mystagogo, anteriores

ao tempo em que travou relações com o futuro fundador do positivismo.

1 D'est'arte aquelles que directamente conhecem Condorcet, De Maistre e Saint-Simon, por leitura propria, devem perfeitamente estar no caso de apreciar essa singular confluencia das ideias dos liberaes e revolucionarios com as dos reaccionarios, que constitue a base principal de todas as tentativas de reforma do genero d'aquella realizada pelo famoso socialista francez e da qual o positivismo é apenas uma variante, por mais que se exasperem os comtistas para provar o contrario.

Não é tudo.

Foi a escola theocratica que, remontando na corrente dos tempos, chegou até ao seculo XIV, para n'elle prender as origens da grande, e para nós benefica, revolução, que é a fonte magna da sociedade moderna.

Em seu odio, em sua colera contra a liberdade espirital e a emancipação das classes populares, comprehendem-se as objurgatorias de um Bonald e as ironias de um De Maistre, *ce Voltaire retourné, le plus ingénieux des sophistes et le plus aventureux des hommes de parti*, como o chamou um dos primeiros escriptores de nosso tempo.

Não deixa, porém, de ser algum tanto chocante essa repetição subserviente de um certo numero de alheias observações sobre o conjuncto da idade média, da parte de homens que pretendem exacta-

mente o arrazamento completo de tudo quanto a idade média produziu de essencial.

Tal se nos affigura a mania dos positivistas de conservar a casca, a fôrma exterior da organisação catholica, da qual aliás retiram o principio fecundante e animador...

O catholicismo só é comprehensivel como uma theologia e ainda mais como uma theocracia.

Conservar a parte formal, compressor, exterior, e esteril na sua exterioridade, da Egreja, inverter os papeis, pôr o crente no altar, a pretexto de apazigual-o definitivamente, fazendo-o a origem e o fim de si mesmo, é uma d'essas parodias desasadas e pulhas, só proprias de uma época de mystagogos e extravagantes, como foi a ultima década do seculo passado e as tres primeiras do seculo actual.

Saint-Simon, espirito desequilibrado, depoz os germens da fatal tendencia n'alma do seu discipulo.

Embalde este rompeu as relações em 1824, por lhe não agradarem então os impulsos *sentimentaes e religiosos do chefe*. Levava n'alma a preocupação reformista da sociedade, a decantada lei dos *tres estados*, tirada da dos *dois estados* (theologico e positivo) dos saint-simoneanos, a admiração por De Maistre e umas tantas cousas que vieram a produzir seus fructos em tempo proprio.

Mas não antecipemos ainda aqui.

O culto da idade média é uma das monomanias da escola romantica; e é altamente significativo que o chefe da escola na Allemanha, Frederico Schlegel, tenha atirado ao mundo o seu primeiro manifesto, onde se acha consignada aquella ideia, em 1796, exactamente o anno em que Bonald publicou a sua *Theoria do poder politico e religioso na sociedade civil* e De Maistre as suas *Considerações sobre a França*, livros que seguem a mesma direcção.

A tão decantada apreciação encomiastica da idade média, justa em muitos pontos, porém grandemente exagerada, e que os ignorantes e superficiaes suppõem ser uma originalidade de Comte, é uma velha ideia romantica que fez o cyclo inteiro do pensamento, em todos os ramos do saber, bem antes que o crêador da religião da humanidade houvesse pegado em uma penna para escrever.

Schlegel e Tieck na poesia e na critica; Eichorn e Savigny no direito; Hallam, Thierry, Wilkens, Raynouard e Ruhs na historia; Bonald, De Maistre e Goerres na theologia e na politica; Grimm no *folklore*, e cem outros em todos os assumptos, a tinham espalhado.

Não basta, porém, mostrar que *tres* e não duas foram as correntes de soluções propostas ás agitações politico-sociaes do principio do seculo; não basta indicar de relance onde se vae prender a

apreciação demasiado louvaminheira da idade média.

Este é o lado exterior e secundario do assumpto.

Releva penetrar no fundo da solução proposta por Comte e patenteiar a sua inanidade.

II

A universalidade do dogma religioso

A concepção fundamental do positivismo, como politica e como religião, da dissolução do dogma catholico e da necessidade de substituil-o por outro, não é, como vimos, uma obra original. Não é original na indicação principal da indispensabilidade de um novo dogma, porque é apenas a repetição de um velho pensamento de Lessing, procurado realizar, conscientemente ou não, por La Reveillère Lepeaux, Saint-Martin e seus sectarios, annunciado como um signal dos tempos por José De Maistre e retomado com amplitude por Saint-Simon, que o passou aos seus discipulos.

Foi uma molestia climaterica, propria de uma época de hyerophantas, de suppostos prophetas e pretenções reformadores, que, em desaccôrdo ra-

dical ás leis de evolução dos phenomenos historicos, partilhavam a ingenua crença e maniaca pretensão de desmontar e refazer a sociedade, como se pratica com as casas velhas ou as paredes arruinadas. E a molestia alastrou pela vida espirital franceza afóra, especialmente nos primeiros decennios do seculo, com os Fourier, Buchez, Leroux, Reynaud, Infantin e outros.

Não é original na tendencia que mostra de reunir a corrente liberal do seculo passado, nomeadamente na concepção geral do progresso e da historia, culminada em um Condorcet, á corrente theocratica da idade média, corporificada em Bonald e De Maistre; porquanto essa mesma característica situação espirital já Saint-Simon a representava quando ainda Augusto Comte tinha apenas dez annos de idade.

Não é original, particularmente na indicação da época a que remonta a chamada crise moderna no seculo XIV e aos caracteres fundamentaes d'essa crise, porque já os citados Bonald, De Maistre e Ekstein o haviam feito.

Não é original nos dythirambos entoados á idade média, porque isto já tinha sido cantado a duas vozes e em duas claves pelos reaccionarios e absolutistas de um lado e pelos romanticos e sonhadores de outro...

Não é original na critica superficialissima que faz ao systema representativo, revelando pasmosa

Ignorancia de um assumpto em que hoje é prohibido pelo simples bom senso tocar, quando se tem a respeito apenas o punhado de mesquinhas e falhas noções bebidas em Montesquieu, porque, em tal caso, o adversario apenas repete as banalidades e frioleiras dos reaccionarios, que dizem, como De Maistre, que o governo representativo é — *une particularité insulaire entièrement indigne d'être imitée*, ou como Bonald, que — *c'est principalement aux défauts de ce gouvernement que les Anglais doivent d'être le plus arriéré parmi les peuples civilisés...*

Quem se não lembra de ter lido cousas d'estas em Augusto Comte ?

Não é original nas objurgatorias que atira contra a democracia moderna, querendo esgrimir contra um facto inevitavel, repetindo ainda e sempre a bagaceira dos declamadores da reacção.

Tudo isto, porém, seria nada, se a apregoada solução do positivismo, com ser imitada em pontos varios, fosse boa, fosse opportuna, fosse verdadeira.

E' justamente o que ella tem menos, é exactamente o seu maior defeito : a falta de veracidade e de accôrdo com os factos.

A ideia, que affoitamente se dá como um axioma da existencia, pelo menos nas épocas que Saint-Simon chamava *normaes e constructoras* por opposição ás *criticas e dissolventes*, de uma.

crença, de um dogma, de uma doutrina espiritual, geralmente partilhada pela humanidade, é um grosseirissimo sophisma, que está em lucta aberta com tudo quanto se sabe da evolução historica universal.

*A pretensão positivista de formular nova *synthese*, novo *dogma*, nova *doutrina*, novo *culto*, novo *poder espiritual*, novo *clero*, que devam guiar a humanidade, e, como a maravilha suprema, trazer-lhe a *paz geral e absoluta*, por ser a *synthese* e o dogma e a doutrina e o poder espiritual e o clero *definitivos e finaes*, tal pretensão não tem o menor fundamento historico e psychologico.

De facto, nunca houve época alguma na humanidade em que tal phenomeno se tivesse dado ; e esta nossa asserção póde ser provada em todos os terrenos e em todos os sentidos.

Primeiramente, a simples consideração philosophica de que a lei geral da evolução rege tambem a historia, mostra-nos que é uma affirmação fatua, para não dizer estolida, a determinação de um estado humano *final e definitivo*.

Esta evolução *parada* é um contrasenso, é uma *contraditio in adjecto*, é um disparate.

Depois, se a evolução é evidentemente a passagem de um estado a outro, diferenciado este por uma maior heterogeneidade e definição, e sendo uma verdade tambem evidente que as di-

versas divisões da humanidade nunca, em tempo algum, hoje como hontem, estiveram no mesmo estado, no mesmo grau, na mesma situação intellectual e moral, é claro que a evolução tem sempre mantido e manterá sempre uma constante desigualdade espiritual entre os diversos povos e raças. Isto se pôde affirmar *á priori*, e é comprovado *á posteriori* pelos factos.

Em qualquer ponto em que nos colloquemos, interpellando qualquer das ramificações do pensamento, teremos a confirmação procurada.

Se interpellarmos a ethnographia, esta nos mostrará sempre, desde os mais remotos tempos da pré-historia, a humanidade dividida em raças diversas, em diversos graus de cultura.

Se appellarmos para a linguistica, a differenciação sempre e por toda a parte, a differenciação das linguas, indicadora da differenciação espiritual, será a regra perenne.

Se indagarmos da historia das artes, o relativismo constante dos ideiaes humanos, conforme as épocas e os meios, nos dará egual resposta.

Se lançarmos as vistas para a *mythologia comparada* e para as *religiões comparadas*, ainda mais completa será a comprovação de nosso asserto.

Comquanto os mythologos e criticos de religião terham, desde o primeiro decennio d'este seculo, mostrado que, de um modo geral, a evolução reli-

giosa se fez de um *naturalismo feiticista*, para um *monotheismo*, passando pelo *polytheismo anthropomorphico*, degraus estes que constituem o estado *theologico* de Saint-Simon, parodiado e repetido dez annos mais tarde por Comte, como com os textos havemos de provar em occasião opportuna, comquanto, diziamos, seja isto verdade, em um sentido geral, é absolutamente certo que jámais, em tempo algum, a humanidade esteve inteira de posse de um só d'esses credos. Sempre e sempre a differenciação e a multiplicidade que constituem a norma infallivel da lucta pela vida no terreno das ideias e dos sentimentos.

Essa verdade é tão real na civilisação antiga como na moderna, tanto na oriental quanto na occidental.

Nem o *buddhismo*, nem o *brahamanismo*, nem o *mosaismo*, nem o *mahometismo*, nem o *christianismo* foram jámais doutrinas feitas de um só jacto, de uma só peça, nem se estenderam em qualquer época sobre a humanidade inteira.

Queremos dizer que, além de não terem sido jámais doutrinas universaes, não tiveram ellas proprias, cada uma de per si, sempre e sempre, um só e determinado aspecto.

Cada uma d'essas religiões obedeceu tambem á lei do desenvolvimento, passando por phases diversas até chegar á constituição definitiva de seus respectiços dogmas.

É tudo isto importa em uma certa variabilidade incompatível com a tal unidade doutrinaria, proclamada ineptamente pelo positivismo.

Só existe uma supposta religião que sahiu fóra das condições de todas as crenças humanas, a lei do desenvolvimento ; só existe uma que sahiu toda feita, prompta, acabada da cabeça de seu autor e não póde ser alterada nem n'uma virgula pelos sectarios : é a religião inspirada por Clotilde de Vaux !...

Evidente signal de não passar ella de uma desasada caricatura.

Examinemos, porém, o caso do catholicismo, a religião de S. Paulo, como engraçadamente a appellidam os positivistas.

Em opportuna occasião, seja dito entre parenthesis, havemos de examinar como essa affecção do *paulinismo*, que é velha ideia *protestante*, passou inconscientemente ao positivismo, tão feroz inimigo da Egreja reformada ! E' phenomeno curioso.

Vejamos, como acima foi ponderado, o caso do catholicismo, que é de transcendente valor n'este debate.

Dissolvido no meio da cultura greco-latina, que nunca esteve de posse de uma doutrina geral, por ter sido o theatro em que se agitaram todos os sistemas possiveis de philosophia, o christianismo gastou mais de seis seculos para constituir a sua

dogmatica e ainda mór espaço de tempo para estabelecer a sua organização disciplinar e seu governo hierarchico.

Não é este o logar mais proprio, nem vem mesmo a proposito, para inquirir da critica religiosa, que possui trabalhos capitaes n'este assumpto, quaes as luctas e debates da historia do christianismo, no primeiro e segundo seculos, assistindo á formação do *canon* do *Novo Testamento* ; para acompanhar a nova doutrina no mundo do *hellenismo*, vendo o que assimilou dos gregos e dos alexandrinos ; para seguir com ella até á Italia, até Roma e assistir ahi ao trabalho da lei de evolução e transformação, que tudo rege sobre a terra.

Basta-nos appellar para os acontecimentos mais geraes da historia da Egreja.

Não fallando já no facto de que o christianismo, apezar de sua aspiração proselitistica e catholicisante, nunca estendeu-se a toda a humanidade, cuja conversão ainda hoje pleitêa a adversarios como o *brahamanismo*, o *buddhismo*, a crença *islamica*, a doutrina de *Confucio*, de *Sinthe* e algumas duzias de outras crenças, não fazendo já referencia a esse facto, que, entretanto, é muito grave e innegavel ; não fallando já tambem de que em plena idade média a doutrina christã dividiu-se em dois grandes credos, o *romano* e o *grego*, e que mais tarde deu-se nova scisão no seio do grupo

românico, do qual se destacaram os *protestantes*, que abrangem quasi todas as gentes do norte da Europa, o que tambem constitue phenomeno inilludivel; basta-nos recordar que, no decurso dos aureos tempos da christandade, sempre e sempre o dogma se viu a braços com heresias de todo o genero, com deserções de toda a casta.

Antes do seculo XIV, que marca o declinio do regimen catholico, a doutrina christã teve de lutar com um sem numero de seitas que lhe brotavam do proprio seio com uma fertilidade espantosa.

Não existe um seculo só que não tenha sido o theatro de luctas d'esse genero.

Ebionitas, Elkésaitas, Manichéos, Montanistas, Arianos, Pelagianos, Semi-pelagianos, Socinianos, Nestorianos, Donatistas, Priscilianistas, Monophysitas, Monothelitas, Adoptianos, Albingenses e algumas duzias mais de seitas pululam por toda a parte.

Só no seculo XIV «ce sont toute espèce de sectes: *Albigeois, Bégards, Patorins, Adamites*, que sais-je encore?...» diz um escriptor perfectamente informado.

E tudo isto é a grande heresia, a heresia publica, que exhibe-se francamente á luz, no terreno das discussões e controversias.

Imagine-se agora a dissidencia, por assim dizer, latente, occulta, que se não manifesta ruidosa:

mente e é tão positiva e real, se não mais, do que a primeira.

Queremos referir-nos áquella multidão de espiritos geralmente dados, em todos os tempos, como catholicos e que absolutamente o não eram, que no fundo eram almas de posse de outras crenças, de outros ideaes.

Onde, pois, o positivismo descobriu a sua phantasiada aceitação geral, da unanimidade da crença no dogma catholico ? E nem a Egreja pôde agradecer ao seu implacavel adversario, que considera *o ideal christão como radicalmente antipathico ao trabalho, á fraternidade, á poesia e á sciencia!*... —nem a Egreja, dizemos, pôde agradecer aquelle elogio, contrario á veracidade historica, da parte de tão implacavel adversario, que a amesquinha nos pontos capitaes da sua doutrina.

A *catholicidade* do christianismo não passou jámais, na mente dos mais eminentes portadores da fé, de um ideal, de uma aspiração, de um desideratum, que lhes alentava a coragem e instigava á propaganda.

Nunca deu-se por facto objectivo, real, estatistico, qual se deduz da argumentação positivista, no claro intuito de preparar as premissas para a insinuação de sua propria doutrina e impingir á sorelfa a necessidade da nova dogmatica.

Não é só isto : se é um facto inquestionavel a in-existencia em todas as phases da evolução hu-

mana de um *crédo* geral, unanime, unico, segue-se, inevitavelmente, que jámais houve a preconizada subordinação dos sentimentos, ideias e actos ao referido *crédo* director, universal, inquestionado.

Segue-se, ainda mais, que a tão esconjurada e achincalhada *anarchia mental* não passa de um espantalho, de um palavrão para effeito, de, permitta-se-nos a palavra, de uma especie de *tutú* philosophico para metter medo aos incautos.

Não existe tal anarchia ; existe apenas a differenciação doutrinaria indispensavel ao progresso moral e mental da humanidade.

Ao contrario, nunca houve uma época em que os homens estivessem de posse de mais principios, ideias e sentimentos em commum do que nos modernos tempos, maximé nos dias actuaes.

Cumpre-nos, portanto, mostrar como e quando se originou a ideia da subordinação de toda a actividade espiritual, politica, artistica, social, ao dogma religioso ; como e porque essa ideia inexequivel cahiu, por não passar de uma pretensão desasada, sem base na psychologia humana, sem apoio nos factos historicos.

III

Subordinação da actividade espiritual ao dogma religioso.

A ideia da *universalidade* do dogma religioso e a da *subordinação* de toda a vida intellectual, emocional e moral a este dogma, são dois productos característicos da civilisação semitica e determinadamente da cultura judaica.

Não se acham unidas uma á outra como dois phenomenos logicos, dos quaes um seja a consequencia infallivel do outro. Ao contrario, a segunda é mais antiga do que a primeira, e, para proval-o, basta ponderar que ainda o povo de Israel considerava a religião como uma funcção da vida *nacional*, ainda elle pretendia ter o privilegio de uma crença, de um dogma, de um culto seu, especial, alheio aos outros povos, e já alli existia um partido da ideia de que a religião devia tudo assenhorear e dirigir.

O conceito da *subordinação* é, repetimos, mais antigo do que o da *universalidade*. As nações semiticas, como os povos de todas as raças, começaram pela noção do particularismo religioso.

Assyrios, babilonios e phenicios desapareceram da historia antes de lhes chegar a phase das

tendências universalistas, *catholisantes* em religião ; porém os judeus e os arabes, membros da mesma familia, chegaram a esse ponto e imaginaram no mundo tal ideal com o christianismo e o islamismo, as duas religiões proselitisticas e predicantes por excellencia.

Deixando de parte o que se refere aos arabes, por sahir fóra do nosso quadro, devemos acompanhar a ideia no mundo judeu-christão. E' hoje cousa firmada pela critica biblica e thalmudica, que foi após o formidavel primeiro desbarato dos judeus como nação, foi após o captiveiro de Babilonia, que a concepção do *Reino de Deus* sobre a terra e todo aquelle especial surto de aspirações e promessas *messianicas* se desenvolveram intensamente na alma dos descendentes de Jacob. Nos tempos proximos á apparição do christianismo o povo israelita estava dividido em dois ramos principaes : os *judeus hellenistas*, tambem chamados da *dispersão*, e os *judeus da Palestina*.

Os primeiros representavam principalmente a tendencia universalista, proselitistica, *catholisante* ; entre os outros estava o partido dos continuadores do velho nacionalismo, do particularismo religioso.

Bem se vê, pois, que a noção da universalidade do dogma, com ser um producto natural da evolução espiritual do povo judeu, mesmo em seu seio encontrava adversarios.

Entre os povos aryanos, maximè os que estacionaram na Europa, a marcha das ideias tinha seguido uma direcção divergente. Nem os celtas, nem os slavs, nem os germanos, e, o que é mais significativo, nem os gregos e nem os romanos passaram além da concepção do nacionalismo das respectivas religiões. O que havia de mais geral na civilisação grega era a cultura da arte e da philosophia; o que havia de mais geral na civilisação romana era a cultura do direito e a consequente acção politica que d'elle se originava.

Mas isto não é o principal: a noção da universalidade da religião é, n'este debate, o ponto secundario.

Tal ideia pôde existir, e até desenvolver-se largamente, e não acarretar indispensavelmente comsigo a pretendida crença da supremacia religiosa e da subordinação de tudo a esse dominio. E, d'est'arte, se o universalismo religioso não foi um producto directo e espontaneo da civilisação greco-romana, ainda menos o foi a decantada e apavorante subordinação da razão á fé religiosa.

Cahido no meio do mundo hellenico-latino, o christianismo inaugurou as duas tendencias que trazia do seio do judaismo. E o espectáculo de toda a historia moderna tem sido o duello entre as duas concepções, as duas intuições fundamentalmente antagonicas.

De um lado o ideal greco-romano que proclama

o parallelismo e independencia entre si das crê-
ações fundamentaes da humanidade, de outro
lado o ideal judeu-medievico, repetido singular-
mente pelos positivistas, que proclama a subor-
dinação da razão á supremacia da fé. *E' preciso,*
dizem os comtistas, *subordinar a razão á fé posi-*
tivista!... Prova evidente de existir n'este sys-
tema alguma cousa de *irracional*, de antagonico
á razão, que é preciso cohibir!... Singular esta
religião *demonstrada*...

Não era esse o pensar antigo, que separava
perfeitamente os dois dominios, que, na reali-
dade, repousam em base diversa na alma humana.

« Um facto immenso, escreve um eminente
historiador, um facto immenso, e muito pouco
apreciado, a meu vêr, é que o *principio da liber-*
dade de pensar, o principio de toda philosophia,
a razão tomando a si propria por ponto de partida
e por guia, é uma ideia essencialmente *filha da*
antiguidade, uma ideia que a sociedade moderna
herdou da Grecia e de Roma. Não a recebemos
evidentemente do christianismo ou da Germania,
porque não se achava ella contida em um ou em
outro d'estes elementos de nossa civilisação. Era,
porém, grandemente poderosa e predominante na
cultura greco-romana e constitue o legado mais
precioso que a antiguidade haja feito ao mundo
moderno, e que felizmente nunca esteve de todo
suspenso e sem valor, »

E não é só isto : o dominio da politica e da acção na Grecia e em Roma não estava subordinado a um poder espiritual dirigente. As duas espheras já alli se achavam separadas na época da maior florescia cultural e essa então era uma verdadeira independencia.

Não assim a separação illusoria que se dava na idade media, separação apenas, por assim dizer, de funcionarios ; porém, no fundo, subserviencia de ideias de um poder a outro. Tal é a especiosa e machiavelica distincção dos dois poderes na scita positivista.

Proclamam-na quanto ao *funcionalismo* ; mas o governo de facto não póde dar um passo, que não estejam os taes apóstolos ahí armados de cóleras, anathemas e maldições para lhe atirar em cima, quando o poder civil não lhes segue os pretenciosos e desarrazoados dictames.

Bella separação de poderes !...

« A ordem espiritual e a ordem temporal, prosegue o citado autor, o humano pensamento e a sociedade humana se haviam desenvolvido entre os antigos, antes parallela do que conjuncta e englobadamente, não sem intima correspondencia, porém sem exercer um sobre a outra influencia prompta e directa. Sem fallar dos primeiros tempos da philosophia e tomando-a na época de maior brilho, Platão, Aristoteles, a mór parte dos philosophos, quer da antiguidade grega, quer

mais tarde da antiguidade greco-romana, pensavam em plena liberdade, ou cousa que immensamente se lhe approximava.

«O Estado, a politica não intervinham nunca em seus trabalhos para os embaraçar ou para lhes imprimir tal ou qual direcção.

«Elles, por seu turno, mettiam-se raramente na politica e bem pouco se inquietavam no intuito de exercer na sociedade em que viviam influencia immediata e decisiva ; exerciam, por certo, essa influencia indirecta, afastada, que é partilha de todo pensamento poderoso lançado no meio dos homens ; mas a acção, a *influencia directa do pensamento sobre os factos exteriores, da pura intelligencia sobre a sociedade*, os antigos philosophos não a pretendiam nem a reclamavam ; não eram por essencia *reformadores* ; não aspiravam ao governo nem do proceder privado dos homens nem da sociedade em geral. O character predominante, em uma palavra, do desenvolvimento intellectual na antiguidade é a liberdade do pensamento e seu desinteresse pratico ; é um desenvolvimento essencialmente racional, scientifico.

«Com a victoria do christianismo no mundo romano, o character da evolução intellectual se foi alterando : *o que era philosophia tornou-se religião* ; a philosophia foi-se enfraquecendo cada vez mais ; a religião invadiu a intelligencia in-

teira ; a fôrma do pensamento tornou-se essencialmente religiosa. E, como o fim do pensamento na religião é fundamentalmente pratico, elle *pretendeu immediatamente muito maior somma de poder sobre os negocios humanos* ; aspirou ao governo dos individuos e tambem ao da sociedade.

«A ordem espiritual continuou, é verdade, a ser separada da ordem temporal ; o governo dos povos não foi directa e plenamente ter ás mãos do clero ; a sociedade leiga e a sociedade ecclesiastica se desenvolveram cada qual por sua conta. E, todavia, a ordem espiritual penetrou muito mais intensamente a ordem temporal do que havia acontecido na antiguidade, e enquanto a liberdade do pensamento, sua actividade puramente scientifica tinha sido na Grecia e em Roma o caracter dominante no desenvolvimento intellectual, a *actividade pratica, a pretensão ao mando* foi o caracter da evolução intellectual nos povos christãos.

«D'ahi resultou outra alteração que não foi de menor alcance. A' medida que o pensamento theorico, sob a fôrma religiosa, pretendeu maior somma de poder sobre a conducta dos homens e sobre os destinos dos Estados, elle foi perdendo a liberdade. Em vez de ficar aberta e entregue á concurrencia, como entre os antigos, a sociedade intellectual *foi organizada, governada* ; em

lugar de escolas philosophicas houve uma Igreja.

«Foi com o preço da propria independencia que o pensamento pagou o mando ; não se desenvolveu mais em todos os sentidos, seguindo seus proprios impulsos ; porém agio poderosamente, immediatamente sobre os homens e as sociedades. »

Tal o ideal que os positivistas, podando a sciencia, fabricando uma synthese final de algibeira, intentam resuscitar, reagindo contra o curso normal da historia, que, desde o Renascimento e a Reforma, vem desbaratando as pretensões do caduco dogmatismo.

E se estes velhos intuitos, no seu lado compressor e externo, cahiram quando eram alimentados pelo dogma catholico, cheio de tantas condições de vida, como poderão em nossos dias levantar-se, em nome de uma caricatura da Igreja do Christo, qual é incontestavelmente a patacoada que Clotilde de Vaux teve o poder de inspirar a Comte ?

A derrota é infallivel, a menos que a humanidade, cahida em completa caduquice, não venha a trocar a sua propria liberdade, seus estímulos de lucta e de progresso, sua inextinguivel sêde de saber, pela modorra apathica que lhe prepara a idiotificação systematica de uma religião mesquinha, em que ella, a humanidade, renunciando a

todas as qualidades viris, deixa-se prender na tontice de *dirigir rezas a si mesma* !...

Podemos, felizmente, affirmar que semelhante patusqueira ha de passar de todo sem deixar vestigios sérios.

A apregoada indispensabilidade do dogma religioso dos positivistas, para a elle ser tudo subordinado, é apenas uma phantasia morbida em desaccôrdo absoluto com os factos.

N'este ponto poderíamos limitar a refutação a dois ou tres casos caracteristicos.

Bastaria, sem duvida, apenas dizer : não ha tal subordinação essencial, e, para prova, ahi tendes dois dominios importantissimos, o da *moral* e o da *arte*, que são inteiramente distinctos e independentes do dominio religioso.

Vós dizeis que sempre, hontem como hoje, a evolução da arte foi dependente da influencia religiosa.

Isto, porém, é um erro contra a historia e um attentado contra a psychologia, porquanto esta demonstra que as duas ordens de phenomenos assentam em faculdades e necessidades diversas do espirito humano, e aquella prova, por outro lado, que realmente as duas esferas, podendo ás vezes encontrár-se, são, todavia, diversas na marcha e nos intuitos.

E, de certo, as mais significativas obras de arte são de todo alheias á influencia religiosa.

Se assim não fôra, grande parte da estatuaría grega, da pintura do Renascimento, da musica em nosso seculo seria inexplicavel.

Egualmente inexplicaveis seriam o *De Natura Rerum* de Lucrecio, os *dramas* de Shakespeare, os *Lieder* de Goethe, os *poemas* de Byron, as *canções* de Beranger, as *satyras* de Giusti, as *comedias* de Molière, os *romances* de Balzac e de Goncourt, as *partituras* de Meyerbeer.

E, notai, nós somos d'aquelles que acreditam na indestructibilidade da arte e proclamam igualmente a immortalidade da religião.

Reconhecemos, porém, a differenciação dos dois dominios.

O mesmo se dá com a moral ; dizeis que sem um credo religioso a moral é impossivel. Enganai-vos. Os dois dominios são tambem completamente separados ; a religião tem por alvo e por função dar satisfação a certa ordem de emoções ; a moral é o dominio da acção, a realização do *dever*, como o *bem* que se procura levar a effeito, tendo o proximo por alvo, e este principio, dada a consciencia da identidade dos destinos humanos, é tão evidente perante a razão como um principio qualquer mathematico e é perfeitamente independente dos systemas scientificos e dos dogmas religiosos.

Dizeis que a moral christã é falha, porque é egoistica e é egoistica, porque o crente pratica,

segundo essa doutrina, o bem com *medo do inferno e com esperanças no ceu...*

Não duvidamos que assim seja em larga escala; mas calumniais a maioria dos christãos, que fazem o bem e cumprem o dever independentemente d'aquellas suggestões.

E, além do mais, não conhecemos moral mais egoista do que a vossa, e, senão, vêde: praticais o bem, mandais que elle seja praticado, tendo em vista o movel egoistico da *immortalidade subjectiva*; esperais a paga do *bom nome*, da *boa fama*; não comprehendéis a virtude ignorada, que faz o bem pelo bem, sem mais outro intuito, sem outros alvos e outras ambições. Tendes sempre em vossa moral, diante dos olhos, o *paraizo positivista*, o paraizo subjectivo, o paraizo da historia; tendes, além d'isto, sempre em mira o *bois sacré*, em que vossos restos tenham de ser glorificados; tendes tambem o terror de vosso *inferno*, o inferno do *esquecimento*.

E vindes fallar de egoismo!... A inconsequencia não vos mette medo.

Esta argumentação, porém, não basta e será preciso mais explicitamente mostrar o parallelismo constante e a constante independencia de phenomenos de diversas ordens, embrulhados e confundidos pelo positivismo. Para tanto será preciso fazer o que se poderia chamar a *theoria das créações fundamentaes da humanidade*.

**Contemporaneidade e independencia reciproca das
crêações fundamentaes da humanidade.**

A inteira sem razão, a completa erronia da doutrina positivista, quando préga a necessidade da subordinação de toda a actividade humana ao dogmatismo religioso, para os espiritos calmos e lucidos vai tornar-se completamente demonstrada pelas considerações que passamos a expender.

Quem lançar um olhar perscrutador sobre o complexo das producções humanas que constituem a civilisação, quem inquirir do modo pelo qual philosophos e historiadores hão procurado explicar a formação e o desenvolvimento das alludidas crêações, terá de ver que o esforço dos pensadores n'esta esphera do saber tem-se limitado em geral a indicar os factores da cultura e a sua marcha evolutiva.

E n'esta mesma ordem de indagações, assim limitada e circumscripta, não é possivel dizer que tudo haja sido explicado e posto fóra de duvida.

Quaes sejam os factores, todos os factores influentes na marcha da civilisação, e quaes tenham sido as leis que hajam presidido a essa marcha, são ainda hoje, em mais de um ponto, problemas

abertos para os espiritos reflexivos, que se não pagam com as imposições dos oráculos, nem com as arrogancias do fanatismo.

E não é só isto: ha um lado do assumpto que tem sido quasi geralmente descurado, talvez por o suppreem de menor alcance.

E esse abandono tem-se mostrado prenhe das mais exquisitas aberrações, dando lugar a terriveis anomalias e quasi irradicaveis desacertos.

Referimo-nos á necessidade de fazer o quadro completo, traçar a carta, organizar definitivamente o schema do conteúdo mesmo da civilização, indicando, sem subterfugios, quaes sejam em definitiva as *crêações fundamentaes da humanidade*, qual o ponto de partida de cada uma d'ellas, qual o seu alvo supremo, qual a sua evolução até hoje, qual, finalmente o character que tenha presidido ao desdobramento de todas.

A' primeira vista parece isto cousa muito simples e qualquer d'esses pretenciosos padres positivistas, que tanto têm de ousados, quanto de superficiaes e mediocres, julga lá de si para si que tem resposta cabal para estes assumptos e quaesquer outros problemas que se lhe deparem. E' a arrogancia da credulidade, quando esta se impõe em nome de um dogmatismo fechado, que não admite réplicas e espalha sobre todo o pensamento o manto funebre de suas mortiferas inspirações.

Mas nós não nos dirigimos aos fanaticos, já inutilisados pelo pyrrhonismo systematico; fallamos aos espiritos ainda emancipados da formidavel tutella, a todos aquelles que ainda estão livres da fatal molestia, no intuito de prevenil-os contra os assaltos da malaria mental. Vamos ver.

A actividade humana, na série dos muitos milenios em que se tem exercido sobre o planeta que nos serve de berço e de tumulto, parece ter sido inesgotavel em seus recursos, quasi infinita em seus effectos, que á primeira vista se furtam a uma determinação regular.

Esta illusão, porém, desaparece, se attentamos mais intensamente sobre o assumpto e lhe applicamos o methodo de analyse e comparação.

A multidão de factos começa a assumir um certo descrimen; notam-se os caracteres que alguns d'elles têm de commum com outros; fazem-se com cuidado as grandes séries e estabelece-se a ordem onde parecia reinar o chaos.

Após um exame d'esses, podemos affirmar, sem medo de errar, que cinco, apenas cinco, são as classes, as especies diversas de actos e phenomenos culturaes, que constituem a civilização humana, como ella se tem desenvolvido desde os mais remotos tempos da prehistoria até aos dias de hoje.

E chamam-se ellas: *religião*, *arte*, *sciencia* (comprehendendo *philosophia*), *politica* (tomada

no mais generico sentido, comprehendendo *moral e direito*) e, finalmente, *industria*.

Taes são o que se póde chamar, como dissemos, as *crêações* fundamentaes da humanidade.

Não ha, não houve jámais um só phenomeno humano, um só producto de sua actividade, um só resultado da sua energia espiritual, emocional ou mental, que não pertença a uma qualquer d'essas classes.

Faça por si mesmo o leitor a verificação; pense em uma producção qualquer da cultura humana hoje ou nos passados tempos; recorra á historia ou á psychologia e ha de ver que terá sempre diante de si ou uma crêação religiosa, ou artistica, ou scientifica, ou politica, ou industrial.

E' que aquellas cinco são hoje e têm sido sempre as attitudes diversas do homem diante do enygma do universo e das necessidades do seu proprio destino.

A sua psychologia desde os primordios lhe foi despertando aquellas attitudes fundamentaes, determinadas pelo spectaculo das cousas e pelas imposições da existencia.

Aquelles aspectos capitaes dos factos, dando origem ou estimulo ás tendencias da alma humana, são a fonte de todo o progresso; porém historica e psychologicamente são *independentes*, queremos dizer, não se póde trocar ou substituir uma qualquer d'ellas por outra. São *irreductiveis* e

são-n'o, porque partem de base espiritual diversa, dirigem-se a alvos differentes, procurando realizar escôpos distinctos e por caminhos tambem separados.

A falsa comprehensão d'essa caracteristica fundamental das crêações humanas tem sido a origem de muitas theorias e doutrinas extravagantes.

Por desconhecê-la é que tem havido quem supponha que a arte póde morrer sendo substituida pela religião, segundo uns, ou pela sciencia, segundo outros; por esquecê-la é que tem havido quem proclame a subordinação da moral, da arte, da sciencia á religião, como fazem os positivistas; por olvidá-la é que tem havido quem nos falle de uma arte utilitaria, ou de uma moral utilitaria, como se uma ou outra pudessem e devessem trocar-se pela industria.

E' mister acabar com estes abusos, oriundos do desconhecimento da verdadeira indole dos phenomenos culturaes.

A nossa these deixa-se provar por quatro ou cinco categorias diversas de ponderações: a analyse psychologica, a natureza intrinseca de cada classe, a evolução distincta de cada uma, considerações ethnographicas que mostram cada uma d'ellas como producto mais aperfeiçoado de uma capacidade ethnica especial, finalmente o disparatado infallivel da confusão de uma ordem por outra.

Só muito rapidamente, n'estas paginas, será possível tratar de todos estes elementos do assumpto.

A *sciencia*, em todos os tempos, hontem como hoje, não tem sido outra cousa senão o conjuncto dos esforços feitos pelo homem para explicar pelo *raciocinio* os phenomenos que se lhe deparam no universo. Sua arma é, pois, o dito *raciocinio*, com todos os seus recursos tomados ao *methodo*; seu alvo, seu designio é a realização do *verdadeiro*.

Póde assumir dois aspectos: 1° a explicação directa de uma ordem qualquer de phenomenos, chamando-se, n'este caso, *sciencia particular*, e havendo tantas sciencias particulares quantas ordens fundamentaes de phenomenos existirem; 2° a intuição synthetica e geral das sciencias particulares e mais a apreciação de certas questões que até hoje não constituíram objecto de uma sciencia particular, como seja a da critica do conhecimento, chamando-se, n'este caso, *philosophia*. Em ambas as faces não renega nunca o seu desideratum da explicação racional dos phenomenos e em ambas parte da necessidade psychologica, da predisposição espontanea, instinctiva de saber que aguilhõa a alma humana.

Se procurarmos marcar os degraus diversos de sua evolução, encontraremos que, até hoje, atravessou quatro momentos principaes, como conjuncto de sciencias particulares e outros tantos

como sciencia geral ou philosophia. No primeiro caso, a sciencia começou por um *empirismo espontaneo*, que assignala a posse das primeiras observações sobre as cousas; passou a uma especie de *dynamismo generalisado*, que assignala a tendencia de explicar os phenomenos recorrendo a energias ou forças a elles inherentes; elevou-se depois a um *realismo phenomenista* que consiste na tendencia, hoje ainda muito espalhada, de explicar os factos por uma sorte de *physicismo geral*, ou por meras descrições dos mesmos factos, sem a inquirição de causas; finalmente, o *evolucionismo naturalistico* ou *monismo*, que está agora em plena florescencia.

Como philosophia, começou por uma especie de *architectonica do universo*, consistente n'essa geral tendencia de explicar o mundo pela acção de certos factores ou *elementos*; passou a uma reacção que constituiu uma sorte de *architectonica das ideias*, inaugurada pelos sophystas, por Socrates e Platão; em seguida desenrolou-se a grande phase inaugurada por Aristoteles, que tentou a *conciliação* entre as duas tendencias anteriores, estabelecendo o *dualismo* de que desenvolveram-se varios matizes; finalmente, a *conciliação* entre aquellas primitivas direcções pela doutrina da *immanencia* ou *monismo*.

A philosophia, como se vê, está em uma phase

em que se encontra plenamente com o espirito que reina nas sciencias particulares.

Poderá, porém, ella substituir a religião ou ser substituida por esta ?

Absolutamente não. A *religião* em todos os tempos, hontem como hoje, não foi em essencia outra cousa mais do que o peculiar estado da alma diante do desconhecido, do ponto de partida de todas as cousas, das origens do universo e de seu ulterior destino, tudo isto em face do acanhado de nossos conhecimentos, que não podem prender em uma fórmula a immensidade dos factos e nem sufocar o surto do sentimento diante do infinito, qualquer que seja o conteúdo que se possa ou deva dar a este conceito.

Emquanto houver uma falha na explicação geral do universo, uma lacuna na sciencia e uma interrogação sem resposta definitiva diante do homem, elle ha de ser um animal religioso ; porque em sua alma tem de haver até lá a vibração especifica das emoções que constituem a religiosidade.

Mas a religião, como conteúdo de ideias, segue tambem a marcha da religião como sentimento, queremos dizer, vai-se tornando uma questão intima e pessoal, dependente do grau de cultura do individuo.

Sua arma é um affecto especial, seu desideratum um estado d'alma *sui generis*, sua ideia capital — o *incognoscivel*, isto é, o infinito, quaes-

quer que sejam, repetimos, as variações que esse conceito tenha experimentado no curso da historia.

A evolução da religião, tão antiga, porém não mais antiga do que a do conhecimento, tem sido a seguinte: começou por um *naturalismo animista*, passou ao *polytheismo anthropomorphico*, mais tarde ao *monotheismo transcendental*, e, por ultimo, ao *incognoscivel*, indeterminado, porém, indispensavel.

Será possivel substituil-a pela sciencia ou pela arte? Absolutamente não.

A *arte*, em todos os tempos, hontem como hoje, não tem sido outra cousa senão as *effusões do sentimento* e o *brinco da imaginação* diante do espectáculo das cousas e das peripecias da existencia humana.

Ou ella, por especial impressão, busque retratar a *realidade* da vida, como essa realidade em nós se produz, ou, fazendo selecção das qualidades e caracteres fundamentaes das cousas, busque realizar por generalisação uma especie de *typo ideal*, ou, reagindo contra a estreiteza da realidade, busque o mais livremente possivel criar um mundo á parte e superior, a arte é sempre o dominio do sentimento e da imaginativa; tem por alvo supremo a realização do *bello*.

Seu fim não é o *verdadeiro* como o da sciencia, ou o *util* como o da industria, ou o *justo* como o

do direito, ou o *bem* como o da moral. E nenhum d'estes a póde substituir.

Sua evolução, correspondendo mais ou menos ás chamadas escolas *classica*, *romantica*, *realista* e *impressionista*, póde ser figurada nos quatro momentos seguintes : *syncretismo primitivo*, determinadamente nacionalista em suas ultimas manifestações, representado na poesia pelos poemas nacionaes ; *subjectivismo personalista*, representado especialmente na poesia pelo lyrismo; *reacção contra o personalismo*, dando entrada na arte aos sentimentos das classes, representado na poesia especialmente pelo drama e pela comedia ; finalmente, *co-participação* cada vez mais geral de todos, pela *democracia*, representada especialmente no *romance moderno*.

Mas a sciencia, a religião e a arte, com toda a sua variedade, não esgotam toda a profusão das crêações humanas ; restam-nos a ver as crêações da politica e as da industria.

A expressão *politica* é aqui tomada no seu mais lato sentido para significar o conjuncto da actividade humana n'aquella esphera, que constitue a sua conducta como individuo e como elemento social.

E' no mesmo sentido que se daria á palavra *poliologia* ou *demologia*.

Reconhecemos-lhe duas ramificações distinctas e da maxima importancia : de um lado, todos

aquelles actos da vida publica, que podem ser exigidos por uma coacção exterior, como diria von Ihering, e que constituem propriamente a esphera do *direito*, e, de outro lado, aquelles actos que não são exigiveis por uma coacção exterior e constituem a obrigação imposta ao homem por elle proprio, isto é, o dominio da *moral*.

O primeiro é a realização do *justo* ; a segunda é a pratica do *bem*.

O primeiro funda-se na liberdade que se limita, como dizia Kant, para produzir a harmonia e a disciplina social ; a outra funda-se, não no *interesse*, ou no *util*, ou na *sympathia*, ou no *prazer*, ou na *compaixão*, como o pretenderam systemas erroneos ou incompletos ; mas sim na *consciencia da identidade dos destinos humanos*, como pensamos nós, dando-lhe uma base capaz de conciliar em synthese ampla o individualismo com o altruismo.

Como ponto de partida e como alvo, a politica, tomada na dupla acção do direito e da moral, não se póde confundir nem com a sciencia, nem com a arte, nem com a religião, nem com a industria.

Sua evolução, tomando-a em um sentido generico que abranja tanto o direito como a moral, tem atravessado as cinco phases seguintes : *dispersão primitiva e primitivo gregario ; cohesão parcial pela tribu e pela familia ; imperios conquistadores e aggressivos ; diferenciação*

estavel em nações pela base ethnica; progressão da democracia industrial.

Se olharmos para a evolução, tomando por base o direito em sentido estricto, poderemos aceitar a seguinte determinação de periodos que encontramos em Holtzendorff: *indistincção do direito privado e do direito publico; separação d'esses dois dominios; separação da vida ecclesiastico-religiosa e da politico-social separação da consciencia individual e das communitades religiosas; separação entre a responsabilidade economica do individuo e a actividade economica do Estado.*

A primeira phase é obra do familismo primitivo e antigo; a segunda, que tornou possível a constituição da propriedade territorial privada, é obra do direito romano; a terceira é obra das luctas christãs da idade média; a quarta é producto da réforma do seculo XVI, que tornou a separar de todo as doutrinas da sciencia e da fé; a quinta é o resultado da cultura scientifica dos tempos modernos.

Releva ponderar que o illustre sabio allemão, ha pouco fallecido, em sua determinação dos periodos evolutivos da consciencia juridica, indicou apenas os quatro ultimos termos da gradação acima citada.

1 A primeira phase é junta por nós, por a julgarmos indispensavel.

Se olharmos a evolução, sob o ponto de vista da *moral estricta*, teremos os seguintes estadios: *utilitarismo empirico primitivo*; *eudemonismo religioso ou de recompensas de além-tumulo*; *moral independente e evidente por si mesma que determina o bem pelo proprio bem*, como uma produção essencial da consciencia da identidade dos destinos humanos.

Sempre e sempre, como se vê, entre todos os ramos da humana actividade existe a independencia que origina-se da distincção dos designios e dos fundamentos de cada um.

A mesma cousa acontece com a industria, que nos falta analysar.

A *industria* em todos os tempos, hontem como hoje, não tem sido outra cousa mais do que o dispendio da força do homem no intuito de produzir as *utilidades* indispensaveis á sua propria existencia.

Póde, no seu desenvolvimento, a industria passar do util *indispensavel*, que é seu alvo principal, e chegar até ao *confortavel* e, ainda mais, até ao *luxo*; mas em todos os casos o seu principio dirigente é sempre o mesmo e ella não se confunde, nem póde substituir qualquer das outras crêações fundamentaes.

Se a arte, por exemplo, se fizer industrial, adulterará e corromperá o seu proprio principio fecundante.

O mesmo acontecerá á religião, á moral, ao direito, á sciencia.

Se interpellarmos, como fizemos para com as suas companheiras, a evolução, veremos que a industria tambem não ficou estacionaria, tambem tem passado por diversos *estados*.

Os principaes são os seguintes, segundo a classificação já ha muito feita e que podemos adoptar: *phase da caça e da pesca*, no primitivo sentido ; *periodo do pastorcio*, tambem no classico sentido; *periodo da agricultura*, como industria predominante ; *phase da manufactura* propriamente dita, e, por ultimo, o *predominio da producção fabril* pelas machinas e aparelhos technicos.

Qual é, porém, a moralidade que se póde tirar de tudo isto ? a que ponto queremos chegar ?

A cousa é muito simples ; o leitor deve ter notado que essas crêações, que foram chamadas as fundamentaes da humanidade, porque o conjuncto d'ellas é que constitue a civilisação, são entre si independentes, como necessidade psychologica e como alvos a attingir.

Tão antiga uma quanto qualquer das outras, podem todas prestar-se mutuo auxilio, porque o desenvolvimento do espirito humano é harmonico e organicamente orientado.

Mas este mutuo auxilio, que constitue a lei do *consensus*, não quer dizer indistincção de funcções, nem confusão de predicados, como, aliás, já

ficou mais de uma vez expresso no correr d'estas paginas.

E, por outro lado, e este é o ponto final a que desejamos chegar, vôa pelos ares a capciosa, a premeditada e mellisona intriga positiveira da subordinação de toda a actividade humana a qualquer dogmatismo religioso.

V

A decantada anarchia mental.

Ha, tratando-se de positivismo, uma questão capital, que deve ser elucidada, para deixar-nos livre e desimpedido o caminho : é a questão mesma da razão principal que levou o fundador d'aquelle systema a tomar assento entre os reformadores da sociedade e entre os crêadores de religião.

Referimo-nos á nunca assás fallada, citada, decantada *anarchia mental*...

A sociedade moderna, diz-se, a datar do seculo XIV tem assistido ao esboroar progressivo do dogma catholico e ainda não crêou outro capaz de o substituir ; emquanto o não encontrar, terá de debater-se na *anarchia espirital*. Para arrancar-a d'este estado de vacillação e desordem é

que foi inventado o *dogma positivista*. Qual a veracidade d'esta doutrina ?

E, antes de tudo, existe de facto a tão apregoada *anarchia* ?

Ou não passará ella de uma exaggerada e falsa premissa, apta a fornecer depois uma certa classe de conclusões ?

Esta ultima hypothese é a verdadeira.

Bem ao contrario do que emphatica e imperinentemente declama a pedantocracia positivista, a historia e a politica ahi estam affirmando não existir tal phantasiosa anarchia dos espiritos ; ahi estam affirmando, muito ao envez, que em época nenhuma o cosmopolitismo foi tão geral, a internacionalidade tão vasta, a solidariedade humana tão intensa. Estamos ainda bem longe do estado a que naturalmente ha de chegar o homem no caminho da fraternidade ; não houve, porém, jamais época em que tanto se tivesse avançado n'essa direcção.

Nunca houve tempo no qual a humanidade estivesse em commum de posse de tantas ideias e principios de magno valor.

Vamos já proval-o, recorrendo a varias ordens de argumentos tomados á historia, á sciencia, á industria, ao direito e á moral.

Antes, porém, de o fazer, é bom mostrar em traços, ainda que rapidos, o estado de desordem a que havia chegado a idade média, que merece en-

comios por outros titulos e não por aquelles n'ella enxergados por De Maistre e Bonald, leviaamente repetidos por Comte n'este ponto. A idade média é credora de grande attenção, porque n'ella se acham as origens da civilisação moderna, a formação das nações e das linguas novas, a organização do municipalismo, da classe média, das corporações operarias, por estes e outros factos d'esta ordem, e não pela enigmatica unidade dogmatica que n'ella descobriram os reactionarios e retrogrados de todos os tamanhos e feitios.

E os positivistas osão innegavelmente, por mais que o pretendam mascarar, recorrendo ao expediente da pretendida alliança do livre espirito moderno ao espirito conservador da época do absolutismo.

Esta tentativa não é valida, nem é tambem original.

Já o hierophanta Saint Simon tinha, em seus mais antigos escriptos, encomiado esse almejado consorcio, juntando Condorcet a De Maistre, pretendendo irmanar *revolucionarios e conservadores* em uma especie de justo-meio. O resultado é ter sido alternadamente *anarchico e retrogrado*, dois peccados em que os nossos galhardos positivistas cahem por vezes, especialmente na sua desastrada intervenção na politica d'este paiz.

Para Comte, repetindo n'este ponto ideias da

escola theocratica, a revolução moderna, que estourou ingente em 1789, prende suas raizes no espirito de insubordinação que desde o seculo XIV começou a levantar-se contra o regimen catholico-feudal.

Não resta a menor duvida ; é isto apenas uma observação banal ao alcance de qualquer apreciador da civilisação moderna em seu conjuncto, cem vezes feita e mil vezes repetida.

E' preciso ser muito myope para não vêr no seculo anterior o ponto culminante de todo o edificio da idade média, e os historiadores o têm proclamado á porfia.

« O seculo XIII, escreve um homem que sabia do assumpto por estudos directos, o seculo XIII tinha marcado para o catholicismo e para todo o estado religioso e social da idade média, o ponto culminante, depois do qual nada mais resta a fazer do que descer. O pontificado de Innocencio III celebra todos os triumphos, reúne todas as glorias, concentra todas as forças.

Nunca uma instituição ostentou mais esplendor e poder do que a Egreja no quarto synodo de Latrão, em 1215. Frederico II assignou a constituição de Egra ; Felipe Augusto foi forçado a romper seu casamento com Ignez ; João de Inglaterra foi excommungado... O papa dispõe dos reinos ; os principes são os vassallos da Santa Sé ; os franciscanos e os dominicanos a cercam de uma

milicia devotada ; uma cruzada extermina a heresia ; o mysterio dos mysterios é consagrado pelo dogma da transsubstanciação : que brilho ! que sonho ! mas tambem que despertar ! Este sonho ficou sempre como o ideal de que vivem ainda hoje a fé e a imaginação da christandade, e, logo após esse dia unico em os annaes da historia, começava para o papado um declinio que não parou mais desde então, e que reduzio a theocracia universal de um Innocencio III á fraqueza desolada de um Pio IX. »

A lei da evolução, que é uma lei de transformação e desenvolvimento, indicando sua maior culminancia, quanto á certa feição do regimen religioso da idade média, no seculo XIII, estabelece, *ipso facto*, que, a datar mesmo dos fins d'este seculo e durante o correr do seguinte, os germens da nova fôrma haviam de vir á lume, haviam de avolumar-se, tomar prumo e chegará plena condição de vitalidade, o que importa dizer que esse supremo momento de completa transição foi exactamente o tempo da maior indecisão e mais intensa anarchia. E realmente assim foi.

Desde o seculo XV e XVI a sociedade moderna vai fazendo as maiores conquistas, vai realizando os mais assignalados progressos de todo o genero, a despeito da sonhada *anarchia* dos positivistas, que se prazem em pintar a humanidade, atufada na mais completa desordem para elles,

os novos *padres-mestres*, os novos *apostolos*, *SS. EExs. Revdms.*, terem o gosto supremo de lhe botarem o freio. E' por isso que o estado de incerteza e desordem de um periodo mais ou menos rapido, da historia, que durou apenas uns noventa a cem annos, elles o estendem por mais cinco longos seculos, isto é, até aos nossos dias !

Mas semelhante modo de ver é evidentemente um falseamento dos factos, a systematisação de um engôdo, uma cousa aérea e desconcertada.

Além de haver ahi a insinuação perfida de um estado de *desordem e anarchia*, que de facto não existe, dá-se esse character, para alarmar os espiritos, áquelle estado de discussão e certamen das crenças que são as condições mesmas da vida para as ideias, as condições indispensaveis ao progresso das doutrinas e das opiniões.

E' realmente uma vista muito superficial da historia admittir que a humanidade esteja ha seis seculos afogada nas trévas da *anarchia mental*... Seria caso para não passar hoje de uma *grande douda* ; e não sabemos, pois, como se possa harmonisar a *desordem mental* com os predicados de *Ser Supremo*, que lhe dão agora de fresco !...

Se a boa critica historica, até nas épocas mais apparentemente estereis e anarchicas, vai descobrir novos elementos de vida, como professar a doutrina da anarchia, da desordem, da nullida-

de espiritual de phases longas e notabilissimas como aquella que decorre de 1390 a 1893 em que nos achamos ?

Escreve o autor, com quem acima fallámos, sobre o tão anarchisado seculo XIV : «Decadencia não é destruição. Alguma cousa vive nestes destroços.

Toda esta agitação é um trabalho de gestação, a substituição da sociedade moderna á velha sociedade.

E' a ordem sobrenatural que cede o passo á ordem natural, é a theocracia que dá logar ao Estado, é o clerigo que vai recuando diante do leigo, o direito civil que toma o logar do direito canonico, a sciencia que desthrona a theologia, a lingua vulgar que desaloja o latim, a arte burgueza que luta com a arte religiosa, a prosa que vai succeder á poesia.

Eis a obra, cujos rudimentos se distinguem, no meio de um immenso trabalho de decomposição e de uma terrivel desordem, em pleno seculo XIV».

Já se vê qual o preço de tamanha agitação ; era a vida nova, a intuição moderna das cousas que ia surgir d'aquellas tremendas lutas.

Apenas resta a admirar como um regimen, que é o *chef d'œuvre politique de la sagesse humaine*, segundo a palavra de Comte, chegou a tal gráo de desordem e confusão.

«Não é facil distinguir as linhas directrizes de uma nova ordem de cousas no meio do cháos que a Europa offerece então aos olhos do observador.

Parece ao contrario que o mundo todo vai cahir em dissolução.

Os Tartaros de Tamerlão penetram até á Russia. Os Turcos tomão Andrinopla, esmagam os christãos em Nicopolis.

O imperio grego está tão enfraquecido que o valoroso Cantacuzene perde toda a esperança de o reerguer, e retira-se para o monte Athos.

Os successores de Rodolpho de Hapsburgo nada mais têm de commum com as varonis dymnastias de Saxonia, de Franconia ou de Suabia. Os montanhezes suissos lhes resistem ; a Italia lhes escapa ; é verdade que para cahir na anarchia. Não ha nenhuma cidade da peninsula que não esteja dividida em facções, que não esteja prompta a lançar-se nos braços do primeiro aventureiro que a faça triumphar. Formam-se novas tyrannias : em Modena, a casa d'Este ; em Mantua, os Gonzagas ; os Della Scala em Parma e em Verona ; os Carraras em Padua. Em Milão Barnabé Visconte percorre as ruas, cercado de cães que açula sobre seus adversarios. Rienzi naufraga miseravelmente em seus esforços, para dar a Roma instituições livres.

A politica não passa então de conjurações,

traições, envenenamentos. Na Hespanha o reino de Granada resiste ainda aos christãos e Castella é dilacerada pela luta fratricida de Pedro — o Cru e Henrique de Transtamara. Quanto á França, tem ella começado a guerra dos cem annos contra a Inglaterra ; a França do XIV seculo é a França dos Valois, de Crécy, de Poitiers, privada de um dos seus reis pelo captiveiro, de outro pela demencia. O spectaculo que ella apresenta é verdadeiramente desolador ; o regimen feudal desmorona-se por todos os lados ; a *Jaequerie* pilha e mata.

Cuidado os senhores, acautele-se o proprio throno ! — E' a vez dos *sans culottes*, como já se diz, dos *ribauds sans chausses*. Em Ruão os operarios proclamam rei a um fabricante de pannos ; no Languedoc os camponeses exterminam a quem quer que não tem as mãos callosas. Os bandidos que infestam os caminhos são tão poderosos que o rei João, de volta de Londres, é forçado a lhes pagar uma especie de segundo resgate. E por cima de tudo isto os flagellos do ceu : a peste negra, a de 1348, que Boccacio tão eloquentemente descreveu, arrebatava dois terços da população das cidades. Era de mais ; os contemporaneos amedrontados pensavam que o mundo ia acabar e perguntavam se Deus teria morrido.»

São palavras de quem sabia o que dizia.

Mas foi, como já avisámos, aquelle tempo um

momento passageiro, cheio de desordem e, ainda assim, cheio de vida. E qual tem sido desde então o rythmo da evolução? Terá sido para a anarchia? Bem longe disso.

Interroguem os factos, começando pelo lado mercantil e industrial.

Logo no seculo seguinte, o seculo XV, inicia-se aquelle immenso movimento de navegação e descobrimentos, que veio a alterar de todo a face da terra. Italianos, portuguezes, francezes, hespanhóes e inglezes atiram-se á faina.

No fim do seculo estam descobertas as ilhas do oceano Atlantico, que se avizinham das costas do velho mundo, está descoberta a America, contornada toda a Africa, sabido o caminho da India, achado o tão apeteccido Oriente. Começa o trabalho da colonisação, da formação de nações novas, com os elementos da Europa, o que importa dizer, principia uma immensa obra de unificação, pelo alargamento da influencia da civilisação occidental.

Este trabalho prolonga-se pelos dois seculos seguintes com a maior intensidade; distende-se mais lento pelos outros dois seculos immediatos, chegando até aos nossos dias. Ainda hoje assistimos a esse ingente esforço da Europa para alargar pela colonisação a sua acção, a sua cultura, a sua vida.

A Africa enche-se de feitorias, origens de fu-

turas nações ; a America, mais feliz, é theatro de uma transformação mais rapida ; nacionalidades novas, povos descendentes dos europeus tomam hoje aqui parte nas justas da civilisação ; a Oceania segue o mesmo caminho. Onde outr'ora campejavam hordas barbaras e selvagens, levantam-se hoje cidades, labora hoje uma população culta. O planeta está conhecido, percorrido, estudado por todos os lados, em todos os sentidos. O *Grand-Fetiché* dos positivistas não é mais um mysterio para ninguem ; a sciencia mediu-o, pesou-o, por assim dizer, marcou o modesto lugar que elle occupa entre os seus collegas do espaço ; a industria européa percorreu-o, remexeu-o por todos os lados, cingiu-o de linhas ferreas, de telegraphos, de vapores por todos os mares ; não existe uma só das cinco partes do mundo onde não demore um povo inteiro ou uma cidade ou uma colonia, em que se falle um dos dialectos da grande raça de Japhet. Ora, em consciencia, senhores positivistas, será isto um trabalho de anarchia, de dispersão, ou antes de congraçamento, de unificação, de cosmopolitismo, de humanitarismo ?

E quanto não seria possivel juntar, por esse lado da industria, de que ficou ahi rapidamente indicado o delineamento geral pela face apenas exterior da colonisação ?

Seria possivel mostrar a unificação dos processos productores, o espalhamento da riqueza

em grau como nunca d'antes havia sido attingido; mostrar essa internacionalidade do commercio, criando interesses communs por toda a parte, unificando as medidas, os meios de acção, os habitos, produzindo, mesmo por esse lado utilitario, cada vez maior, a consciencia da solidariedade humana.

Verdade é que tudo isto é visto com maus olhos pelo positivismo.

Se este systema já existisse desde o seculo XVI, se fosse então possível a existencia d'elle e tivesse a força que pretende vir a possuir um dia, nada disto, que foi feito na America, Oceania e Africa, teria acontecido: não se teria tocado nas terras pertencentes aos amováveis *fetichistas*... As cousas haviam de ficar como d'antes. E ainda hoje os governos europeus são uns relapsos criminosos, por não abrirem já e já mão das possessões que ainda lhes restam nos paizes incultos ou selvagens. Assim o exigem SS. Revmas, os padres positivistas, em nome dos direitos de *Grand-Être* moderno.

Não será uma pretensão retrograda da parte de uns senhores que acreditam ter feito monopolio do *saber e do bom senso hodiernos* ?

Se deixarmos o utilitarismo industrial, em que tocamos para mostrar que d'ahi mesmo provém elementos de paz, de solidariedade entre os homens de nosso tempo, e appellarmos para aquellas

grandes forças que constituem mais intimamente o espirito moderno, ainda mais rapido se dissipam a phantastica anarchia em que incidem teimosamente os ferrenhos sectarios para chegar a seus fins. Vejamos a sciencia.

E' certamente um grandissimo absurdo pretender que ella se desenvolvesse e unificasse exactamente em um tempo de *anarchia espiritual*... O positivismo não tem dado com esta contradicção fundamental que o atira, neste ponto importantissimo, de pernas para o ar.

Sim, attenda-nos o leitor : se a sciencia é um elemento de ordem na intelligencia ; se ella fornece um sério ponto de apoio para as nossas acções, modificando os nossos sentimentos ; se ella acha-se hoje constituida plenamente nas sete ramificações principaes em que se divide ; se ella attingiu já ao seu estado definitivo, além do qual não ha mais progresso possivel, como é que a humanidade póde ter vindo a atravessar seis seculos de *anarchia mental*, e ainda agora persistir nella ?

Como conciliar tal progredimento e unificação com a anarchia espirital ? Como explicar o quasi completo *mutismo* da época famosa da unidade dogmatica na esphera da sciencia e a valida *pujança* do tempo da desordem ?

Ou o progresso, a constituição, a unificação das sciencias e da philosophia não existem, ou então

não existe a decantada *anarchia*, sonhada pelo positivismo.

E' isto ; não ha meio, não ha sahir d'aqui. A verdade é que nem ha a tal constituição das sciencias, no sentido comtista de uma evolução já feita, já acabada, já fechada definitivamente, porque isto é apenas uma concepção inepta ; nem existe a desolante *anarchia* espiritual positivista, porque isto é apenas uma concepção matreira e velhaca.

A verdade está no systema evolucionista, que mostra a sciencia em um desenvolvimento sempre ascendente, por mais lento que ás vezes pareça ser esse progresso, e assignala a lucta das ideias exactamente, justamente como a condição d'esse perpetuo avançar.

Copernico, Galileu, Kepler, Newton assentam em bases inabalaveis a astronomia ; obreiros de igual genio praticam o mesmo para com a *physica* ; outros de igual tamanho encarregam-se da *chimica* ; a *biologia* tem tambem a sua legião ; a *linguistica*, a *mythologia*, a *politica*, o *direito*, todos os ramos da *sociologia* contam tambem seus obreiros incomparaveis.

As sciencias todas caminham ; possuem ainda muitos pontos obscuros, muitas falhas ; porém estam de posse de principios assentados por toda a parte, em toda a linha.

Abençoada a *anarchia*, que produziu taes resultados !

Não gastaremos mais espaço para especificar a demonstração no que é concernente á moral, ao direito, á propria religião, que se têm todos modificado no intuito de uma unificação geral.

Basta-nos lembrar, no terreno da moral, a virtude essencialmente moderna da *tolerancia*.

Essa bella flôr do espirito novo, que reconhece o relativismo de tudo e tambem da religião, é um producto elevadissimo dos nossos tempos.

Ella fez calar o fanatismo retrogrado e myope do sectarismo obcecado ; apagou as fogueiras da Inquisição ; deu aos Estados a egualdade perante a internacionalidade, atirando para o dominio da consciencia as questões de religião ; ella é quem nos garante agora o direito de livre discussão diante d'esse jesuitismo pavoroso e tremendo, que ahí tenta levantar-se com o nome de positivismo, ou Religião da Humanidade, com seu novo papado, sua nova clerezia, seu novo dogmatismo, seus anathemas, suas excommunhões...

Bella e santa tolerancia, que o coração esterilizado do positivista é incapaz de sentir e praticar, conquista admiravel do espirito democratico, que ha-de ser a nossa salva-guarda contra as dictaduras ferrenhas e os despotismos carrancudos !...

Não podemos chegar n'este logar até ao dominio da *Arte*; indicaremos apenas mais uma obra ingente do espirito dos ultimos tres ou quatro seculos: *a evolução do direito internacional*. — A egualdade

das nações, como a dos individuos, perante a lei, diante do direito das gentes, independentemente das suas qualidades quaesquer, religiosas ou ethnographicas, independentemente de seu estado de força ou riqueza, o acabamento das guerras privadas, a liberdade dos mares, a navegação livre dos grandes rios, o fim das guerras *sagradas* contra os *incrèos*, e, especialmente, o modo caracteristico de tratar os prisioneiros, tudo isto, e muito mais que o leitor intelligente e illustrado é capaz de supprir, são outros tantos signaes dos tempos.

Como negar estes factos de apaziguação geral, como conciliar-os com a anarchia, o *tutú* philosophico dos *papistas da humanidade*?

Especialmente o caso dos prisioneiros : o selvagem primitivo os matava ; o barbaro menos feroz os escravisava ; o homem culto antigo os reduzia tambem quasi sempre á servidão, solvavel pelo direito do *postliminium* ; as gentes da edade média faziam o mesmo, passando depois a de-formal-os, marcal-os, estygmatisal-os antes de os deixar de mão.

Entretanto, que se faz hoje com os prisioneiros?

Manda o direito das gentes moderno que sejam tratados com todas as deferencias e attenções, sustentados á custa do aprisionador.

Abençoada *anarchia*, que produz factos destes! Tomem tento os positivistas. Por emquanto

o *Grand Fetiche* não é ainda terra de cegos e loucos.

De nada lhes podem valer as aberrações encomiasticas de incompetentes, como o padre Gruber, que tanto lhes tem cahido no gôto; o jesuita é ignorante ou velhaco; não ha meio.

VI

Sacerdotalismo, pontificalismo, sacramentalismo, inerrancia, definitividade da religião positivista.

A mania dos positivistas de fundarem uma religião que seja uma caricatura do catholicismo, imitando-o nos seus pontos capitaes, na instituição de *sacramentos*, na criação de uma *clerezia hierarchica*, obediente a um *pontifice supremo*, dotado da missão de *regular o pensamento theorico*, estas e outras pretenções, como a de ser a *religião immutavel, inerravel e definitiva*, elles não as escondem, antes proclamam-nas, na sua fatuidade e incompetencia, com um desassombro de fazer pasmar.

Nomeadamente a *urgencia de um novo clero* é ponto que nunca lhes sahe da mente e n'elle tocam a todo instante e a proposito de qualquer cousa.

«O que urge, brada o Padre Teixeira Mendes, é promover a formação do *sacerdocio*, a cujo surto

se acham intimamente ligadas a propagação e a efficacia regeneradora da nova religião.» São palavras do illustre Padre Mestre em seu livro sobre o finado Benjamim Constant.

E tal é o motivo pelo qual o clero positivista em via de formação declama contra o que elle chama as classes *especulativas privilegiadas que infestam o Occidente...* No pensamento, jesuiticamente alimentado, de apossarem-se da direcção suprema da intelligencia humana, sob um falso pretexto de liberdade, prégam machiavelicamente a destruição dos cursos theoricos onde se ensina a sciencia leiga, que tem sido a maior propulsora do progresso nos ultimos seis seculos. Querem que se fechem as universidades, as academias, os gymnasios, os lyceus, todo o ensino do Estado, que se apaguem todos os fócios de sciencia leiga, para opportunamente se abrirem as aulas e os seminarios da *nova religião...* Isto é uma velha historia conhecida, que remexeu-se ahi fanaticamente em plena idade média e de que o espirito humano pôde felizmente sahir triumphante.

A aventura não se ha de repetir, temos fé no bom senso, no criterio das grandes raças.

Não o enganarão palavras mellifluas, como estas do pretencioso Padre da nova crença acima citado : « Não tardará em surgir *do seio da anarchia moderna* (cá está o velho doende matreiro) *a classe de pensadores* (?) capazes de preencher

actualmente as funcções que *couberam ao sacerdotio catholico durante a idade média.*

E' claro que o advento d'esse *novo clero* não se pôde operar subitamente (que pena!) mas é incontestavel que surgirá tanto mais rapidamente quanto menos obstaculos se oppuzerem á sua formação.

Ora, os obices *capitales* que hoje o contrariam *se resumem nas classes especulativas privilegiadas* (abençoadas classes que são hoje um baluarte da liberdade humana!), mantidas pelos governos do Occidente. Entre nós esses privilegios cifram-se na *manutenção do ensino superior e profissional por parte do Estado*, depois que a Constituição federal garantiu o *livre exercicio das profissões intellectuaes, moraes, industriaes.*

Ficaram assim implicitamente revogadas todas as medidas despoticas do antigo regimen, bem como as que o Governo Provisorio, por um cego empirismo, fôra levado a tomar.

Todavia a *manutenção do ensino secundario, superior e profissional, por parte do governo*, entulha ainda a sociedade com uma classe de individuos *sem a preparação intellectual* (esta só os positiveiros têm) e o *devotamento social* indispensaveis ao destino politico das *funcções theoricas.* »

E' um pedaço tentador ; está ahi uma penca de parvas pretenções acobertadas com erros e dis-

farces varios. Primeiramente, ha ahi desconhecimento completo da marcha evolutiva da historia na questãõ do *ensino e das chamadas funcções theoreticas*, marcha essa que consistiu exactamente em *arrancar das mãos de una classe privilegiada, o clero*, as alludidas funcções, descentralisando-as, diferenciando-as cada vez mais, espalhando-as pela sociedade, pondo-as ao alcance de todas as capacidades. E n'isto houve progresso e maior garantia para o livre surto do pensamento.

A reacção contra a omnisciencia e a autoridade incontrastavel e despotica da clerezia é um dos actos magnos da cultura moderna, é obra da philosophia e da sciencia desde os fins da idade média, e nomeadamente desde Copernico e Galileu.

Os Estados do occidente não praticaram mais do que vir em auxilio do livre exame, da livre cultura, fundando o ensino leigo, e n'isso não fizeram senão cumprir o seu dever.

Depois, é uma completa ironia reclamar hoje o positivismo o fechamento das escolas leigas em nome da liberdade...

O positivismo brinca com as palavras e joga a cabra cega com os factos historicos. Ataque á liberdade é exactamente o *monopolio* de uma classe *privilegiada* para as funcções do pensamento, que se pretende hoje restaurar ; ataque á

liberdade era justamente essa pretensão da clerezia medievica. E é um tal *privilegio* e é um identico *monopolio*, que pede para si o clero positivista !...

Cuidado com os novos padres quando nos falam em liberdade... *Latet anguis*. E' apenas a garantia que pedem para si, no claro intuito de fundar, de assegurar suas pretensões.

Sobre as ruinas do ensino publico, do ensino leigo, que tanto custou aos nossos paes fundar, os novos jesuitas hão de levantar o seu castello feudal de terriveis exigencias.

Se hoje, que ainda são insignificante minoria, já atrôam os ares com as suas excommunhões, intimidam os governos com seu *non possumus*, atassalham os adversarios com as suas injurias e os babujam com as suas diatribes, que muito é que, quando todos se houverem calado, accendam as fogueiras inquisitoriaes em nome da *sciencia*, que dizem ser *monopolio* d'elles, em nome da *religião evidente e demonstrada*, que tambem é um privilegio seu ?

E no louco afan chegam até a já suppôr derogados os graus e titulos academicos por uma interpretação cerebrina do artigo constitucional que garante o livre exercicio das profissões.

D'esse artigo da carta republicana de 24 de Fevereiro deduzem ser licito indifferentemente a qualquer o exercicio de qualquer profissão intel.

lectual, moral e industrial, sem attenção a mais nada.

Mas é um grosso dislate. No Art. 72, § 24, onde se lê — é garantido o *livre exercicio de qualquer profissão* moral, intellectual e industrial —, ha claramente duas ideias capitaes : o conceito do *livre exercicio da actividade* do cidadão e o conceito mesmo do que seja uma *profissão*, em que essa actividade se possa exercitar. No primeiro quiz claramente o legislador firmar o principio da egualdade e da liberdade civil ; o legislador democratico não reconhece classes, privilegios, excepções, monopolios, não obriga tal ou tal classe, tal ou tal individuo a esse ou áquelle genero de trabalho ; deixa a todos a livre escolha do genero de actividade em que se queira empregar. No segundo conceito acha-se delimitada a área mesma em que se póde exercer a actividade do cidadão, e vem a ser n'isso a que a linguagem juridica usual chama as *profissões*, que devem ser de indole *moral, intellectual e industrial*, e estas no uso e nas leis e regulamentos acham-se convenientemente definidas.

A industria *A* e a industria *B*, por exemplo, são perigosas e devem ser exercidas com cautela, e a lei previne o caso, provendo sobre o assumpto.

A todo mundo é livre tentar aquelle negocio ; mas tem que sujeitar-se ás limitações da lei.

O mesmo acontece em funcções de outra ordem que não são puramente industriaes.

Em geral toda a gente se pôde preparar para occupar os cargos da judicatura, do exercito, da armada, das repartições publicas, das secretarias de Estado, etc., etc.

Qualquer se pôde *preparar*, mas n'esse *preparo* é que vae tudo ; quer dizer a Constituição não levantou barreiras ao livre concurso para quaesquer funcções e profissões ; como estas, porém, exigem peculiares qualidades que se acham definidas na lei, só as devem occupar aquelles que, aproveitando a liberdade constitucional, se habilitaram para os cargos.

O Estado não obriga ninguem a ser *juiz* ; mas exige de quem livremente escolheu essa profissão que tenha certos e determinados requisitos.

Egualmente o Estado não vêda que alguém queira ser medico, engenheiro ou advogado, não prohibe que o queira ser, nem o obriga a ser; exige apenas de quem livremente se propõe a qualquer d'aquellas profissões que se mostre habilitado. Graves interesses da sociedade assim o exigem, e esse é o espirito da lei contra o qual não prevalecem abusos e contra o qual é singularmente injusta a gritaria sacerdotal do interesse positivista.

Este insurge-se e combate em vantagem propria.

Quer afeiçoar o mundo a seu modo ; sonha um governo de *patricios* ricos, admirados e obedecidos por um *proletariado pacato*, tudo sob a direcção da impagavel *classe theorica*, o decantado *novo clero*, que por sua vez deve obedecer ao *Grand-Prêtre*, com seu *Sacro Collegio*...

Que cousa triste e chatamente banal não havia de ser essa nova idade média, se a humanidade cahisse na caduquice de prestar ouvidos aos devaneios positivistas ! Era caso para preferir a vida entre os botocudos.

Havia de ser por certo mais livre, mais despreocupada, mais sincera e mais poetica.

Mas, sem entrar por quanto em a nova dogmatica, vejamos os caracteres geraes da recente religião, plagiados atropelladamente do catholicismo por intermedio de *De Maistre*.

Se taes pretenções abriram frestas por onde penetrou vastamente o ferro da critica, quando se tratava de uma religião historica, uma religião que obedeceu a um desenvolvimento normal, que não se poderá dizer da contrafacção positivista que tem a velleidade de já ter nascido feita e acabada ? O positivismo já nasceu com dentes e barbado, já tinha até cabellos brancos.

A religião que se diz inspirada por Clotilde de Vaux, não é uma obra que se desenvolvesse lentamente ao través dos tempos, recebendo alentos e inspirações do genio de varios povos.

E' uma cousa de gabinete, pacatamente feita, copiada de uma velha Igreja préexistente e dada ao mundo como o supremo esforço do pensamento religioso.

E', pois, util n'este ponto estudal-a em traços rapidos, jungindo-a aos caracteres mais geraes do seu modelo, fazendo-lhe as indispensaveis applicações d'aquillo de que ella é desasada cópia.

Para isto basta acompanhar a um dos maiores criticos religiosos de nosso seculo, glozando alguns trechos da magnifica pintura por elle feita dos signaes mais evidentes da Igreja catholica. -- Vejamos :

A edade de ouro, pondera Ed. Scherer, a edade de ouro de uma Igreja, e a isto não escapou o proprio christianismo, é sempre o momento em que ella está ainda comprehendida entre os discipulos do cenaculo. Mais tarde sahe d'este estreito circulo, caminha para os seus destinos, subjuga o mundo, arrasta a multidão, e a multidão quer dizer, os homens que o exemplo seduz, que o numero attrahe, que a novidade carrega e que no fundo são mais ou menos estranhos á fé que abraçaram. Taes homens, todavia, fazem d'então em diante parte da Igreja, que se acha profundamente modificada com a presença d'elles. O nivel da vida religiosa baixa infallivelmente na communhão assim invadida, e o *principio interior*, que até

então tinha tudo sustentado e levantado, tal principio vem a faltar.

E onde elle falha, as almas se apegam inevitavelmente ao que é *exterior* ; faltando-lhes a energia espiritual de que se inspiravam, apoiam-se no que é visível e sensível.

Começa uma certa degenerescencia, suppre-se a religião da alma com a dos sentidos, o espirito do culto com aquillo que não é mais do que a sua fórma.

O crente tira, por assim dizer, a devoção de dentro para fóra. É-se religioso, não mais pela conversão do coração, pela direcção da vontade e dos affectos, porém pela celebração de certos ritos e o emprego de certos *especificos*.

A vida inteira é cercada de um rosario de observancias, por meio das quaes nossa salvação se faz por si mesma.

Em uma palavra, de espiritual que era em sua essencia, na sua origem, a religião torna-se *sacramental*, e torna-se ao mesmo tempo *sacerdotal*. A tendencia que leva o crente a confundir o que é *espiritual* com o que é apenas *ritual*, a necessidade de ter uma religião que não nasça das profundezas d'alma, de ter uma fé que não obrigue ou que obrigue o menos possivel, esta tendencia e esta necessidade inventaram a religião *por procuração*.

Collocar a religião no *padre*, que é sinão um

meio de a repellir para a circumferencia, afim de excluir-a com maior segurança do centro, isto é, d'alma ?

Tal é a origem do padre, do *padre incumbido de crêr e decidir* pelo fiel, tal é a origem da *fé de auctoridade* e da *directão de consciencia*.

E, aliás, a theoria do *sacramento* suppõe o *padre*.

E' elle que vem a constituir o canal d'estas graças magicas, que se dizem affluir sobre os fieis por meio do sacerdocio.

Clero e sacramento são productos de uma mesma necessidade, elementos d'um mesmo systema, a ponto de poder o padre ser considerado como o sacramento personificado. O *sacramento* obra por simesmo, independente de *qualquer condição espiritual*; tambem a acção do padre, na *theoria dos meios de graça*, é perfeitamente independente do valor moral d'esse padre.

E, porém, o sacerdocio preenche ainda outra funcção : ao lado do poder da *ordem* ha o poder da *jurisdicção*, em outros termos, ao lado do elemento sacramental ha o elemento *hierarchico*. Bem como o sacramento representa as graças da religião, a hierarchia representa a sua unidade.

Graça e unidade são realidades espirituaes, bens interiores que podem ter desaparecido d'uma Egreja e que ella obstinada e illusoriamente acredita reter, e praz-se em contemplal-as em

fórmulas vazias, fórmulas a que liga tanto mais valor quanto no fundo é tudo o que lhe resta. O clero representando a Igreja, o sacerdócio transformado em Igreja por excellencia, ostenta naturalmente os signaes, e, d'algum modo, os materiaes symbolicos precisos para a manifestação de um ideal facticio. O pastor, o bispo, o metropolitano... são classificados uns acima dos outros.

Mas a sede de unidade visivel só fica plenamente satisfeita, quando a Igreja inteira se acha personificada n'um só individuo : o *soberano pontifice...*

E foi esse sacramentalismo, essa clerezia hierarchizada, esse supremo pontificalismo que a doutrina positivista plagiou, julgando possivel n'esse seculo a resurreição de uma obra da idade média, e só então justificavel.

Mas não pára ahi : o padre é ainda alguma coisa mais. A Igreja lembra-se da sua *missão de propaganda e proselytismo*, e é sobre o clero, seu representante e seu ministro, que naturalmente vae recahir o cuidado d'aquelle desideratum. O clero é dest'arte o educador nato das massas indifferentes e grosseiras, que nada mais commo poderiam desejar do que entregar-se a uma direcção exterior, a uma passividade calma, como a que sabe o padre preparar.

E' dizer que o sacerdócio, ao lado de seu papel sacramental e symbolico, tem uma *função pedagogica*.

Aqui se desenrola um novo e formidavel aspecto da Igreja medieval ; aqui se patenteia tambem toda a matreirice do positivismo.

O povo da nova igreja, como o de seu modelo, se compõe já e ha de compôr-se cada vez mais de homens que abdicaram o cuidado de seus interesses espirituaes nas mãos do clero, ou que mesmo não tiveram que o abdicar, porque nunca o tinham possuido. A hora da maioridade intellectual e moral nunca tinha soado para elles, e por isso cahiram em tutella.

Esta tutella é exercida pelo sacerdocio. A pretendida nova igreja, como a outra, encarrega-se de levar a humanidade ao rêgo, e o character superficial, a tendencia materialistica para as exterioridades, os arranjos feiticistas da *fé positivista*, os vicios e cegueiras do novo crêdo, os ataques á sciencia livre são adrede combinados como preparo ás funcções pedagogicas do novo clero. Trata-se com effeito da catechese de gentes, cuja educação religiosa e scientifica está de todo por fazer.

A religião, e ainda mais a religião positivista, para homens que se acham n'este estado, não pôde ser a religião pessoal, intima, espiritual e pura, que é o ideal ardente do homem ; é, ao contrario, uma religião imposta, uma religião de uma só peça, uma religião de *auctoridade*.

E', demais, uma religião *legal*, isto é, que em

logar de penetrar o homem como um principio de vida e de liberdade, se offerece a elle como uma *lei*, e sobre elle age como uma *fôrma*; prende-o em observancias, regulamenta-o em vez de o inspirar, constrange-o em vez de seduzil-o, ameaça-o em vez de o attrahir.

E' uma cabriolada de symbolos, de fórmulas, de ceremonias, de ritos, de leis, porque n'essa religião de plagiadas exterioridades, padres e crentes não podem comprehender outra cousa.

Mas o positivismo não quer vêr e pretende insurgir-se contra os factos e os principios mais elementares. Elle, por seu clero, pretende desempenhar o papel de director e guia do homem. Mas se sua acção sacerdotal é uma educação, essa nova igreja não deve esquecer que o fim da educação é levar o menino ao estado de homem feito, o que importa dizer leval-o *á independencia*. O educador não pôde, sem faltar á sua missão, desconhecer o character puramente relativo dos meios de que usa ou attribuir a estes meios outro valor que não seja seu proprio valor educativo. Ora, é isto o que não faz o positivismo. Em logar de procurar pôr os crentes em estado de passarem sem a sua igreja, esforça-se para os reter para todo o sempre; em logar de tender á libertação gradual dos fieis, prende-os por milhares de laços; em logar de vêr n'elles homens futuros, enxerga apenas uma multidão condemnada á

tutella ; em logar de os preparar para uma religião pessoal e independente, põe todo o seu cuidado em suffocar n'elles qualquer aspiração d'essa natureza.

E como o clero positivista não póde comprehender que, ainda quando viesse a triumphar em toda a linha por um tempo dado, seu papel tinha de ser passageiro, como tudo n'este mundo, elle não póde tambem comprehender quanto os meios que emprega têm de relativo.

Sob este aspecto ainda se acha no ponto de vista das velhas religiões despoticas, como o judaismo, que, tambem elle, se considerava como *definitivo* e considerava uma blasphemia a ideia de uma instituição *nova e superior*.

Isto, aliás, é facil de comprehender.

O positivismo, para preencher o seu papel pedagogico, deve se apresentar como uma instituição *impeccavel* e perfeita, como a incarnação mesma da *verdade irrefragavel*. Por mais estranha que possa parecer a illusão, elle chega a suppôr que a sua caricatura do catholicismo é a forma completa, acabada, definitiva, absoluta, eterna da religião. E, pois, todas as suas instituições devem revestir esse mesmo character.

Vamos ter uma nova theocracia, uma theocracia ás avessas, uma sociocracia, além da qual nada ha a esperar, porque ella constitue a *revelação perfeita e ultima* da ideia religiosa.

Este ponto é capital e exige algum desenvolvimento.

A chamada religião da humanidade exhibe-se ahí como a verdade definitiva, absoluta. Não usa d'esta palavra por apparentes preocupações de escola, mas ostenta os caracteres da cousa. Doutrina, culto e constituição, tudo n'ella presuppõe aquella pretenção.

Revelação da sciencia ao homem, dá-se-lhe como a fôrma perfeita e derradeira da religião. Em uma palavra, o positivismo é inerravel, inerravelmente instituido, inerravelmente mantido, e, em um mundo onde tudo é mutavel, alterado, imperfeito, elle escapa só á condição das cousas humanas.

Tal é a base fundamental do systema.

E' por ser definitivo, absoluto, inerravel no seu dogmatismo, que elle é *exclusivista*.

Pois que é a verdade religiosa em sua fôrma pura e perfeita, não poderá tolerar que separe-se a gente d'elle n'um ponto qualquer.

Nenhuma diversidade póde ser admittida ; a unidade deve ser rigorosissima.

Se um fiel lembra-se de pensar de um modo diverso da nova egreja n'um ponto de doutrina, é um *heretico* ; se levanta-se contra as fôrmas consagradas, é um *schismatico*. E como a verdade não se divide, como ninguem a póde possuir, se a não possue completa, como, emfim, a verdade é a

vida, o *heretico* e o *schismatico*, que a seita chrisma de *anarchicos*, separando-se da igreja infalível, estão irremediavelmente perdidos.

D'ahi nasce a necessidade da defesa do *exclusivismo*, e a igreja positivista não trepida n'este ponto, vae até á glorificação da theoria de que a verdade é effectivamente exclusiva.

Uma proposição e sua contraria, diz o novo dogmatismo, não podem ser ambas verdadeiras ao mesmo tempo ; o sim e o não não se podem conciliar ; o axioma mathematico, a fórmula que exprime uma lei da natureza, o principio politico ou social implicam, tanto quanto são bem fundados, o erro de toda affirmação opposta.

Entretanto, quem assim falla sahe duplamente da verdade. Em primeiro logar, assemelha verdades de ordens inteiramente diversas.

Em segundo logar, confunde a verdade, tal qual ella é ou deve ser em si, com a concepção humana e individual d'esta verdade.

Não se trata de saber se, a fallar de um modo abstracto, uma cousa póde ao mesmo tempo ser verdadeira e ser falsa, ser e não ser. Trata-se de saber se um homem qualquer tem o direito de identificar por tal fórmula suas proprias opiniões com a verdade mesma, que o que póde ser affirmado d'esta possa igualmente ser affirmado d'aquellas, sem a menor differença. E' este o exacto sentido da questão : trata-se de saber se o

homem pôde pretender a posse em todos os terrenos da verdade absoluta, evidente, irrefragavel.

Fazem valer a analogia das verdades physicas e mathematicas.

Desconhecem, d'est'arte, a natureza particular da verdade moral e religiosa. Ha factos que são percebidos pelos sentidos, de sorte que a sua realidade é reconhecida por todo homem no gozo da integridade de suas percepções.

Ha proposições, cuja certeza repousa sobre a constituição mesma da intelligencia humana, de modo que toda intelligencia não transtornada é convencida da verdade d'essas proposições. Ora, como a mór parte dos homens goza do uso de sua razão e de seus sentidos, resulta que a mór porção dos homens está de accôrdo sobre os pontos de que se falla, e que as verdades da ordem physica e mathematica são tidas por evidentes. Póde-se concluir que seja a mesma cousa para as verdades de ordem moral e religiosa ?

Absolutamente não.

Porque são as primeiras, e isto mesmo nas suas linhas geraes, evidentes ? Porque não temos a liberdade de não as reconhecer ; porque nossa vontade não pôde obscurecel-as a nossos olhos, e, sem duvida tambem, porque não temos interesse em duvidar d'ellas.

E' inteiramente diverso com a outra ordem de verdades.

Ellas são moraes e religiosas, isto é, prendem-se a tudo quanto ha de mais complexo, de mais vacillante, tocam na região do subjectivismo sempre complicado e vario, entram no dominio do que se póde chamar a liberdade humana, e, por isso, não são evidentes, nunca o foram, nem o serão jámais, no mesmo grau e no mesmo sentido em que o são os axiomas mathematicos. A religião cessaria de ser o que deve ser, se ella se pudesse provar como se prova que dois e dois são quatro.

Aqui se ostenta o erro positivista.

O neo-dogmatismo considera-se como estando de posse da verdade irrefragavel, definitiva, absoluta, no sentido racional que se póde ligar a esta palavra.

Importa dizer que elle encara suas doutrinas como *evidentes*; as duas proposições reduzem-se a uma só. A verdade complexa da ordem religiosa e moral varia com os individuos, porque, não sendo evidente, *póde ser comprehendida*, e isto é capital, *differentemente*, reconhecida só em parte e mesino regeitada. A verdade que se quer impôr como absoluta e irregeitavel, ao contrario deve ser sempre a mesma para todos, o que só se póde explicar pela evidencia.

O verdadeiro pensamento do positivismo, o fundo de sua theoria religiosa é, pois, a evidencia dos seus titulos e de seus direitos. Mas nós já sabemos pela historia, quantas vezes eguaes

pretenções já appareceram e o que foi feito d'ellas.

Não é tudo : o positivismo não se contenta com repellir aquelles que ousam pretender alguma liberdade de opinião em materia de fé, elle claramente aspira a perseguil-os, anhela castigal-os.

O positivismo não é, portanto, sómente *exclusivo*, já é e terá de ser cada vez mais, e necessariamente, *intolerante*.

Qual é, com effeito, o principio fundamental da tolerancia ? E' a persuasão de que a verdade religiosa não poderá ser elevada a uma evidencia tal que todas as intelligencias sejam obrigadas a reconhecer-a.

E', demais, a persuasão de que essa verdade, pura e definitiva em sua fonte, cessa de sel-o, quando toma uma fôrma no espirito do homem, porque o homem é em suas faculdades limitado e imperfeito.

Resulta d'estes principios que as verdades religiosas se modificam para cada um dos homens segundo suas faculdades naturaes, suas luzes, seu desenvolvimento intellectual e moral.

Resulta tambem que nenhum de nós tem o direito nem o poder de impôr suas crenças a outrem, isto é, forçal-o a vêr como nós proprios vemos.

A historia inteira da tolerancia confirma o que avançamos. Haveria, pondera ainda o grande critico, que estamos a seguir, um livro singu-

larmente instructivo a escrever sobre este assumpto.

Ver-se-hia como esta grande conquista dos tempos modernos estabeleceu-se á medida que a experiencia, a duvida, as controversias, tendo começado a dissolver os systemas consagrados, foram dissolvendo tambem a fé ingenua do genero humano na verdade absoluta. Compreender-se-hia tambem a razão pela qual esta ineffavel conquista é ainda tão incerta. O homem só difficilmente, lentamente aprende a duvidar ; elle é naturalmente dogmatico ; uma cultura profunda é indispensavel para acostumar-o a vêr em toda a parte uma mistura de verdade no erro e uma mescla de erro na verdade ; e por isso as massas acreditam facilmente na verdade pura e acham-se sempre promptas a recusar a tolerancia aos outros depois de a ter reclamado para si proprias.

Existe naturalmente em todo homem o arcabouço de um inquisidor, e o espirito de perseguição está sempre prestes a despertar no coração de quem quer que se abandona a seus proprios instinctos.

Os rigores por motivo de religião fazem parte da tradição constante do dogmatismo medievico e são ao pé da lettra imitados pelo positivismo.

Seria facil formar um vasto catalogo de testemunhos em prol da perseguição.

E tudo que appareceu n'uma larga historia de

perto de dois mil annos, nada terá de ser diante das maravilhas que o positivismo promette n'este sentido. Quem se quizer convencer estude a curta historia da novissima religião. Leia os seus livros de controversia e propaganda e repare o modo por que são tratados os *hereticos e schismaticos* ou quaesquer pessoas que não tenham battido palmas incondicionaes a Aug. Comte.

Veja o que a seita tem escripto de grosserias, de injurias, de calumniosas objurgatorias contra Saint-Simon, Littré, Stuart Mill, Arago, Guizot, Spencer e vinte outros. Repare o modo como investe certo grupo recentemente contra Laffitte; dê um lance d'olhos em nosso Brasil e observe como foram tratados Pereira Barretto, Silva Jardim, José Leão, e tome nota do tom geral do que se póde chamar a *apologetica do positivismo*. Já não fallamos da propaganda oral, da medonha campanha de descredito movida contra quem tem a coragem de cahir no desagrado da seita...

A suffocante religião da humanidade prepara-se ousadamente para bem ao claro mostrar aos olhos espantados de todo o mundo o quanto ella é capaz de praticar no caminho da intolerancia e das perseguições.

Já no Brasil ella o tem deixado vêr. Foi bastante o regimen republicano, por uma série de nefastas circumstancias, dar algum poder aos trefegos sectarios para elles botarem as garras de

fóra, pretenderem impôr a todo o mundo e fallar ousadamente ao proprio governo.

E em tudo isto declara obedecer apenas ao principio da evidencia em materia de fé. Desde que qualquer homem não tem mais do que abrir os olhos para vêr, desde que a verdade impressiona necessariamente seu espirito, a incredulidade só póde ser explicada pela má vontade, ou antes, ella não é outra cousa mais do que má vontade, e póde-se razoavelmente esperar que o calabouço ou a fogueira triumpharão de uma cegueira, tanto mais perversa quanto é pura e simplesmente voluntaria...

Ha outro traço do positivismo que se explica do mesmo modo : a sua parodia da theocracia, o seu despotismo sociocratico-politico.

A igreja positivista não póde se contentar com o exercer uma influencia puramente espiritual sobre os povos, nem com o constituir uma sociedade independente no Estado. Ella aspira, como por uma força invisivel, a apoderar-se do poder temporal das nações.

Começa por pedir *a liberdade*, reclamará em breve, reclama mesmo desde já em mais de um ponto, *o privilegio* e acabará por exigir *a submissão*. Não que o padre positivista procure tornar-se rei ou presidente de republica ; mas pretende reinar sobre o rei, sobre o presidente, o que constitue um modo mais seguro de governar.

O Estado, insinuam, deve tornar-se um Estado positivista, a lei religiosa, por isso que, segundo os aphorismos da seita, *o homem torna-se cada vez mais religioso*, a lei religiosa deve formar uma lei do Estado, o cidadão deve ser um orthodoxo. Um poder politico que não é subordinado ao poder espiritual é um poder dissolvente e anarchico.

As nações suspiram pela unidade e a unidade social, a união intima dos espiritos só pôde existir por meio da supremacia do sacerdocio...

Assim falla a dogmatica do positiveirismo nas suas preocupações religiosas, e, fallando d'esse modo, não faz mais do que obedecer á logica interior de seus principios. Com effeito, se o positivismo é verdadeiro e se a verdade é evidente, o positivismo pôde e, portanto, deve tornar-se a lei social universal.

A obrigação religiosa, desde que cessa de depender da convicção individual, por que motivo não será erigida em dever civil? Se todo homem pôde reconhecer um symbolo como infallivel, evidente, inilludivel, nada impede que este symbolo entre nas condições da organização social; se todo cidadão não tem mais do que querer para crêr, não poderá queixar-se de ser obrigado a praticar uma cousa ao mesmo tempo tão facil e tão necessaria.

O caracter *infallivel*, absoluto do positivismo

faz a um tempo a sua força e a sua fraqueza.

Faz a sua força porque é por ahí que o systema impõe á grande multidão dos espiritos, é por ahí que elle seduz todos os homens inhabeis para examinar por si mesmos, é por ahí que elle apparece como definitivo no meio de tudo que é passageiro, como certo no meio de tudo que é incerto, como consequente no meio de tudo que é contradictorio. Outras doutrinas hão pretendido, ao mesmo character, porém o positivismo, como o catholicismo, que elle plagia, seja dito mil vezes, tem a vantagem de ser mais completo em suas pretensões, mais absoluto em seus principios. Ora, é mistér reconhecer que sendo o absoluto, no sentido de inerravel ou em qualquer outro, uma das necessidades ou uma das illusões do homem, é no mais absoluto dos systemas absolutos, no mais dogmatico dos systemas dogmaticos que o homem procurará naturalmente a satisfação d'este appetite. O rotulo, a divisa é tudo.

Aquelle que faz as mais bellas promessas atrahê o freguez assás inexperimentado ou assás apressado para examinar a qualidade das mercadorias.

Mas a causa do successo torna-se ao mesmo tempo a origem do perigo.

Quanto mais exageradas são as pretensões

mais ellas illudem aos tempos e ás classes dos homens incapazes de julgar ; porém tambem são mais facilmente reduzidas a seu justo valor, quando os progressos da intelligencia publica consentem que se compare o rotulo com a realidade. E' impossivel que uma pretensão incorrigivel á infabillidade não venha quebrar-se d'encontro ao conhecimento dos factos. E' o que já vae acontecendo a nossos olhos.

A sociedade faz grandes e continuos progressos em toda a especie de conhecimentos e a consequencia é que a these positivista, estacionaria e immutavel torna-se todos os dias mais difficil de se manter. E' inevitavel. A egreja positiveirista introduziu na religião uma multidão de elementos de valor completamente negativo e pretendeu eleva-los todos á dignidade de verdade irrefragavel e perpetua.

Ora, nada existe de absoluto, de universal, de eterno, senão a essencia mesma do ideal humano, o sentimento religioso e o sentimento moral. Mas estes não pertencem a escola alguma, nem são o monopolio de qualquer seita, por mais loucamente pretenciosa que se mostre. Sobreponde áquelles nobres impulsos d'alma humana toda a especie de theses scientificas, ou suppostas taes, historicas, politicas, sociocraticas, fareis apenas alguma cousa de semelhante aos pés da estatua de Nabuchodonosor ; tereis ligado a argilla ao ferro, e

quando o direito publico tiver mudado, quando os acontecimentos houverem caminhado, e caminhando tiverem semeado seus ensinamentos, quando a philosophia da época não poder absolutamente mais ser a vossa, acontecerá que vossa religião estará irremediavelmente ferida de caduquice...

Finda ahi a critica aos caracteres geraes da dogmatica positivista, feita parallelamente á que Scherer fez do dogmatismo catholico em a 8^a e 9^a de suas *Lettres à mon Curé*, que recommendamos ao leitor.

VII

A decantada incorporação do proletariado na sociedade moderna.

Bem como a religião de Christo se intitulou a *religião dos pobres*, a *religião dos desgraçados*, ideia esta que não deixou de ter grande influencia em sua propagação entre as classes populares do Imperio Romano, assim tambem, obedecendo ao seu sestro de imitação, o positivismo pretende impingir-se como um grande amigo do proletariado moderno. E' um engôdo para a obtenção do grande numero; mas não passa de engôdo e presumpção. Sendo na essencia um systema aris-

tocratico em suas principaes doutrinas politicas, conferindo o governo ao patriciato, seleccionado n'um triumvirato de banqueiros, de plutocratas, o positivismo não contribue com um ceutil para a solução d'aquella série de problemas que constituem a moderna questão operaria.

No fundo elle não faz mais do que plagiar a velha intuição da Egreja sobre o papel de ricos e pobres na sociedade, intuição ainda hoje recommendada no programma do socialismo christão, tanto protestante, como catholico.

E' para notar a sem-ceremonia com que os positivistas repetem as alheias ideias com a entonação de quem está a desvendar nunca ouvidas verdades.

A velha maneira de tratar o proletariado pela Egreja, ponto de vista que teve sua razão de ser na idade média, o positivismo, resuscitando-a, chama-a pomposamente — *a incorporação do proletariado na sociedade moderna* e diz ser este o principal problema que lhe incumbe resolver em politica.

Vamos ouvil-o ; escreve o atrazado P. Teixeira Mendes, em seu já tantas vezes citado livro sobre o fallecido Benjamin Constant :

« Segundo a religião positiva, questão alguma humana póde ser resolvida sem attender-se ao triplice aspecto de nossa organização cerebral, ao mesmo tempo affectiva, intellectual e pratica.

Importa também tomar em conta a dependência em que se acha o encephalo para com o corpo e a subordinação total de nossa existência social e moral ao meio material. E' só assim que se pôde comprehender a alta importancia do *capital* humano, como destinado a completar as condições que a terra espontaneamente nos offerece para o desenvolvimento de nossos mais nobres attributos.

Desde então o *trabalho*, isto é, a acção real e util do homem sobre o mundo, se nos apresenta como tendo por objecto ultimo garantir a expansão da vida social e moral, em lugar de visar satisfações puramente egoistas.

Sendo assim, é intuitivo que só a apreciação das condições de harmonia cerebral é que permitirá instituir dignamente a actividade industrial, exposta de outra sorte a consumir-se em esforços empiricos, antes prejudiciaes do que uteis. Encarado por esta fórmula, o problema humano constitue o que se chama scientificamente o *problema religioso*.

A *questão economica* é consequentemente insolúvel, se não fôr tratada como equivalendo simplesmente ao *aspecto pratico* de tal problema. A sua solução não depende, pois, de medidas directamente materiaes; exige préviamente a coordenação dos sentimentos que impulsionam a actividade e a synthese das opiniões que a es-

clarecem. Esta synthese, porém, é igualmente inatingivel sem a subordinação do espirito ao coração, que é só quem póde dar á intelligencia o estímulo e o objectivo de que ella carece.

Vê-se por ahi como tudo depende afinal da *união affectiva*, isto é, da coordenação de nossos affectos em torno dos pendores altruistas, principio unico de toda a vida social e moral. Basta o que precede para que as almas bem formadas se convençam de que os violentos palliativos burguezocraticos e dymnasticos no maximo só conseguirão retardar por algum tempo as insurreições operarias, enquanto o positivismo não prevalecer.

As explosões serão mesmo tanto mais vehementes quanto mais tiver durado a fermentação revolucionaria.

Por outro lado as commoções populares apenas accumularão os desastres sociaes e moraes sem alcançar a satisfação das necessidades proletarias. » (1)

Quaes os meios para se obter essa tão decantada harmonia positivista entre *capital e trabalho*, entre *ricos e pobres*? Vamos vêr que todo esse palavreado, toda essa miragem é apenas uma armadilha para provar a necessidade do *novo clero*, que ha de tomar a si o papel de *mediador plas-*

(1) T. Mendes, *Benjamin Constant — Esboço Biographico*, pag. 182.

tico entre ricos e pobres, entre patricios e proletarios. E toda a novidade da solução consiste n'um jogo de palavras : a *propriedade* fica se chamando *concentração e apropriação individual* e o *salario* passa a ser *meio fornecido gratuitamente* (este *gratuitamente* vale um poema!) *pela humanidade para desempenho do dever...*

Não se pense que estamos a brincar com as palavras ; é que justamente n'estes e n'outros jogos verbaes consistem, ás mais das vezes, as soluções positivistas.

Aqui estão as palavras authenticas da seita na boca do P. Mendes : « No meio de toda essa tormenta, cuja magnitude melhor (*oh! que duvida!*) do que ninguem os discipulos de Augusto Comte apreciam, os verdadeiros apóstolos da humanidade (*são elles...*) saberão trabalhar com firmeza pela regeneração social. Demonstrando a inefficacia dos meios violentos a que recorrem os *burguezocratas* (*olhem a mania...*) e os *socialistas* para satisfazerem as suas aspirações antagonicas, o positivismo (*cá vem o tomalarguras!*) provará tambem que a solução scientifica (*este scientifica é muito engraçado...*) do problema economico *consiste em manter a apropriação individual, instituindo-a sociocraticamente.*

Para isso torna-se necessario o *advento social de uma doutrina universalmente aceita* (*olhem a*

velha historia...) que *determine* para os ricos e os pobres, sem arbitrio de especie alguma, o conjunto dos *deveres* (*é o crê ou morre !*) *pessoaes, domesticos, civicos e planetarios em relação ao Passado, ao Futuro e ao Presente.* (Misericordia ! tudo ficará marcado, até a hora das *excreções !...*)

Todos os que sinceramente aneiam pelo termo da anarchia moderna (*já tardava...*) acabarão, pois, por fazer convergir os seus esforços para conseguir semelhante advento. (*Pois não !*) Ora, só a paz material, por um lado, e, por outro lado, a plena liberdade espiritual (*liberdade para elles e para seus fins*) podem *facilitar* a victoria dessa fé regeneradora, destruindo os obstaculos que se oppõem á *formação de uma classe theorica, respeitada egualmente pelos ricos e pelos pobres*, em virtude de sua dedicação social e de seu saber. *Sem a constituição de tal classe, quem propagará o dogma redemptor ?* (E esta ? o diabo que o propague, se acredita em tal redemptoriedade...)

Um sacerdocio scientifico e esthetico (*faço ideia da esthetica !*) ao mesmo tempo poderá só diffundir a doutrina positiva por todas as camadas sociaes, levando por toda a parte a convicção de que a felicidade humana depende unicamente da moralisação de nossas forças quaesquer. (?)

Respeitando o poder e a riqueza nas mãos de

quem os possuir, (outra cousa não querem todos os despotas) elle fará com que o proletariado concentre a sua attenção no modo por que o capital é empregado, sem perder-se em discussões inuteis sobre a origem da propriedade actual. Moralizando o trabalhador pelo seu exemplo e cultivando-lhe a intelligencia com pleno desinteresse; *amando a pobreza* (esta cantiga já é bem conhecida!) e *confiando exclusivamente na força moral da virtude e no prestigio intellectual da sciencia e da poesia* (são mesmo grandes cousas a sciencia, a virtude e a poesia dos positivistas...) elle acabará por inspirar ás massas a confiança na efficacia dos instinctos altruistas. Contemplando a disciplina voluntaria da mais insubordinada de nossas forças — o espirito —, graças ao ascendente do amor social, *os proletarios e os patrões* não hesitarão em reconhecer que o mesmo sentimento póde regulamentar a actividade, por sua natureza mais accessivel ao coração. Apoiado na mulher, esse *novo sacerdocio* conseguirá pela graciosa intervenção de uma mãe, de uma esposa, de uma filha, de uma irmã, o que hoje não se obtem com os meios violentos.

Os operarios, saboreando as doçuras do lar, sentindo a sua influencia no concerto civico e compenetrados de sua participação na harmonia planetaria, *saberão respeitar as instituições fundamentaes da humanidade.* (Aqui vae a imposição.)

Os ricos serão então obedecidos (!!) sem inveja e venerados (!!) como os depositarios de um capital que não pôde ser conservado e desenvolvido para o bem commum sem a concentração e a appropriação pessoal. E os pobres terão no salario não a paga de um serviço, porém os meios gratuitamente (!!) fornecidos a cada um pela humanidade, para o desempenho de deveres que são a fonte perenne da felicidade. » (1)

Difficil é encontrar um aranzel tão fatuo e tão occamente retumbante.

Reduzida á sua mais simples expressão, a solução positivista do problema do proletariado, a que emphaticamente chama-se a sua *incorporação na sociedade moderna*, reduz-se a ser o dito proletariado levado ao rêgo, isto é, á *obcdiencia* e á *veneração aos ricos*, pelo clero da nova seita, *ad instar* do que, quasi sempre embalde, procurou fazer a clerezia catholica da idade média.

D'ahi o desespero em que se acha o *clotildismo* para crêar o alludido clero, custe o que custar. Querem espalhar a *nova milicia religiosa* pelo mundo em fóra para preparar o amanhã das almas.

E quanto mais inculto fôr o terreno, tanto melhor, mais depressa brotará a semente clotildeana.

(1) *Idem, ibid.* pag. 184.

Por isso é que se ataca todo o ensino leigo, todo o ensino do Estado, com o fim de deixar ao padre positivoiro desimpedido o caminho.

Pretendem reduzir a humanidade a tres grupos: o *patriciado*, isto é, os ricos de todas as categorias, o *proletariado*, isto é, os pobres bestificados na *obediencia e veneração* d'aquelles, e entre as duas classes, como mediador plastico, o *clero*, o impagavel clero, que dá pelo nome de sacerdocio *scientifico e esthetico*.

A julgar pelos *specimens* que já temos no Brasil, bem insignificante é — a *sciencia* de tal padraria e de todo impagavel a sua *esthetica*.

Esta ultima é a *systematica* da fealdade, a consagração do mau gosto !

Quaes são, entretanto, os meios do novo clero para eliminar as injustiças sociaes, a exploração dos braços pobres, a hyper-accumulação da riqueza em certas mãos, os abusos do capital, a insignificancia dos salarios, a falta de trabalho, a miseria, em summa, do proletariado ?

Preceitos moraes, que subordinam o *espirito* ao *coração*, plantando n'este o *altruismo*, que da parte do rico se chama *protecção*, da parte do pobre se denomina *obediencia e veneração*... E' muito bom de dizer e o christianismo durante quasi mil e novecentos annos não tem dito outra cousa.

Todos os incentivos de um ensino moral eleva-

dissimo, todas as attracções das eminentes virtudes de um sacerdocio em sua maioria exemplar, têm sido inefficazes para solver a crise social do proletariado.

Os conselhos christãos, pelo orgão de catholicos e pelo orgão de protestantes, identificados quasi n'este ponto, a despeito de seu alto intuito moral e religioso, não têm passado de uma bella cantiga, boa para ser ouvida, impotente para ser praticada.

E o christianismo em sua dupla divisão capital já o tem comprehendido, tanto que, além dos preceitos moraes, procura hoje pôr em execução certos projectos mais praticos. Em todo caso, o que deve ficar bem esclarecido é que a solução do claudismo comtesco nada tem de original.

E' uma cópia de socialismo christão e mais nada.

Eis aqui umas palavras bem caracteristicas de Lujo Brentano em seu excellente livro — *A Questão Operaria* : « As opiniões dos *Catholicos da Allemanha* a respeito da questão operaria acham-se bem determinadas no livro do bispo Ketteler — *A Questão Operaria e o Christianismo*. Segundo esta obra, o christianismo contribuiu essencialmente para o desenvolvimento da questão operaria, porque elle fez conhecer ao trabalhador a origem commum dos homens, e, pois, a sua egualdade primitiva, a sua egualdade moral enquanto isento de culpa, sua egualdade no

dever de desenvolver suas faculdades, sua egualdade pelo destino a um fim supremo. Segundo este ponto de vista, o christianismo quebrou o espirito da *antiga escravidão no passado e conduz á solução da questão operaria no presente e no futuro.* Para chegar a esta solução, o christianismo e a Igreja não exerceram immediatamente sua acção nas relações sociaes *por meios exteriores ; porém antes e acima de tudo pelo espirito com que animaram os homens. O christianismo fornece antes de tudo aos operarios os meios de ser felizes até cercados de privações, pelos sentimentos que lhes inspira, e, além d'isto, porque impõe ao homem o dever de amar fraternalmente ao proximo. Este dever é importante para a solução da questão operaria, porque determina a interpretação christã da propriedade, bem como a conducta dos patrões e dos trabalhadores, uns para com os outros.* No que concerne á propriedade, segundo a opinião unanime dos theologos catholicos, o direito pessoal de propriedade não é tão extenso que se possa fazel-o valer para com o proximo que se acha em extrema necessidade. Sob ponto de vista algum a religião concede ao homem um direito absoluto, illimitado e, portanto, *não o concede tambem ao proprietario.*

E' verdade que a religião admite o direito pessoal de propriedade, porém, a seu ver, só Deus

é o proprietário absoluto, ao passo que o homem não é mais do que *um proprietário restricto, administrador em nome da lei divina*. Além d'isto, pois que Deus deu aos homens um direito sobre a natureza para proverem a sua existencia, todo direito de propriedade individual sobre a natureza fica sujeito a este direito superior. Por tal motivo, quem quer que se ache em necessidade extrema pôde reivindicar este direito, desde que lhe não reste outro recurso. O Estado pôde cobrar um imposto sobre a propriedade para assegurar a subsistencia d'aquelles que não possuem os meios para conseguirem os indispensaveis recursos para tal fim.

Mas, o proprietário *não deve ser materialmente constrangido* a ceder sua propriedade a seu semelhante afim de melhorar sua sorte.

A theologia não admite que além d'esse limite seja-se *constrangido por lei a alliviar* a miseria; só o *dever moral, o dever do amor para com o proximo, pôde conduzir á pratica da caridade*.

Aquelle que o não exerce, quando pôde, é, segundo a doutrina christã, semelhante ao ladrão, e a sua recompensa ou o seu castigo serão medidos segundo o cumprimento d'esse dever.

Se o Estado pôde tomar ao proprietário, por meio do imposto, o que fôr preciso para garantir das necessidades da vida aquelles que se acham sem meios de subsistencia, não deve passar d'ahi,

ou não deve tomar mais; porque *impediria os homens de cumprirem livremente seus deveres, privaria o proprietario da faculdade de dar uma parte de sua fortuna para exercer a caridade christã, tiraria ás boas obras o merito.*

O facto de dar, *sob a fórma de imposto obrigatorio*, sommas para auxiliar as *classes operari* tira a esta subvenção dos *proprietarios* uma parte de seu character *moral*. E assim as subvenções do Estado, votadas pelas maiorias parlamentares, estão em contradicção com a doutrina da Igreja.

Os proprietarios deverão pura e simplesmente ficar adstrictos a dar o seu superfluo para o melhoramento das classes operarias *em nome do amor do proximo*. e as sommas, espontaneamente offerecidas, poderão continuar a servir, como no passado, á fundação de estabelecimentos para os operarios invalidos...» (1)

As mesmas ideias são propugnadas pelo partido operario protestante, sob a direcção do pastor Stöcker, como se póde vêr no livro citado.

Não passa, portanto, de simples parodia de velhas ideias christãs a decantada incorporação positivista do proletariado.

E' só dizer *sociocracia*, onde a Igreja dizia *theocracia*, e *humanidade*, onde ella fallava

(1) Lujó Brentano, *La Question Ouvrière*, trad. de Léon Cauhert, Paris, 1885, pag. 117 e seguintes.

em Deus, e um systema repete inteiramente o outro.

Em ambos a propriedade individual é mantida em sua integridade, não como um resultado do esforço e um direito fundado no trabalho, porém como uma especie de *concentração* ou *administração pessoal*, porque n'um systema o completo proprietario é *Deus* e no outro é a *humanidade*.

Esta offerece *gratuitamente* os seus recursos no *planeta* ; aquelle *gratuitamente* os seus dons na *natureza*.

E quanto aos conflicts que possam surgir entre *ricos e pobres*, ambas as religiões recorrem aos ensinamentos *moraes* fornecidos pelo clero...

Não seremos nós quem ha de contestar o valor da moral nos negocios humanos ; porém é preciso querer fechar de todo os olhos para não vêr que só por si a moral é impotente para solver os problemas *economicos*.

Excellente, magnifica mesmo, para disciplinar os sentimentos e dirigil-os na orbita d'aquillo que é puramente moral, a ethica por si só é fraca para a solução das questões politicas e sociaes das relações do trabalho com o capital.

E' impotente para apagar as injustiças humanas e *historicas* e por isso tem necessidade de praticamente consagrar essas *injustiças*, prégando apenas a paciencia, a veneração, o respeito dos pobres para com os representantes d'ellas,

Tal a razão pela qual o catholicismo nunca pôde cohibir os excessos dos patrões, dos chefes dos *corps de métiers* da edade média e nem as arbitrariedades de capitalismo moderno.

O clotildismo positivista, julgando pisar terreno desconhecido, repete apenas umas velharias improficuas; nada poderá conseguir.

A velha cantiga está desacreditada.

Passemos adiante.

VIII

Spencer versus Comte

Mas, como é que esta nefasta e compressoradora doutrina positivista, cheia de erros, em lucta aberta com a sciencia progressiva, tem illudido a varios espiritos, especialmente no Brasil?

Além da razão geral de existirem sempre sectarios, almas ingenuas, despidas de senso critico, e promptas sempre a aceitar quaesquer propagandas, que se lhes façam, accresce que o positivismo é um systema geitosamente architectado e habilmente disposto para prender e embair com a maior boa fé d'este mundo.

Primeiramente, elle é um systema facil, de assimilação prompta pela semi-cultura dos espiri-

tos preguiçosos, e religiosamente exige apenas a fé...

Aprendido o *abc* da celebrada *lei dos tres estados* e o *b-a-ba* da decantada *classificação das sciencias*, passa o *crente* a esconjurar *theologos* e *metaphysicos*; a encher a boca de *sociologia*, *dictadura scientifica*, *incorporação do proletariado*, *religião da humanidade*, *ordem e progresso*, *construir sem Deus nem rei*, *occidentalidade*, *viver ás claras*, *pedantocracia*, só se destróe o que se substitue... estas e outras chapas azinhavradas e gastas, cobre velho, cunhado por essa philosophia de almas penadas, para encher as algibeiras dos credulos que a aceitam.

Além disto, o positivismo parece ter uma solução para todos e quaesquer problemas que se possam deparar aos homens de hoje, o que é essencialmente appetitoso para os que esperam sempre encontrar o bocado feito, e estes constituem certamente o maior numero.

Se se trata de *sciencia*, o positivismo declara incontinenti: aprecia-a muito, e tanto que a minha doutrina repousa sobre as *sete sciencias particulares*. Fica-lhe depois livre o campo para podar a sciencia como entender. Se falla-se em *philosophia*, acode elle: é a minha paixão, de testo o *especialismo anarchico*, quero as vistas de conjuncto, a *synthese* geral e ultima. Fica-lhe depois desassombrado o animo para arranjar a sua

synthese subjectiva, como bem lhe parecer. Se vem a pello o *materialismo* ou o *espiritualismo*, acode o systema matreiro: são duas concepções metaphysicas, nada conhecemos das *essencias*, como nada sabemos de *causas primeiras e finaes*.

Fica-lhe livre o caminho para bambaleiar á direita e á esquerda até perder-se na doce sobrevivencia do feiticismo do *Grand-Milieu*, do *Grand-Fetiché* e quejandas anomalias.

Se a *religião* é o assumpto, atalha esse perpetuo toma-larguras do pensamento: possuímos tambem a nossa e é a definitiva, a *demonstrada*, a do *Grand-Être — l'Humanité*.

Se está em questão a *politica*, retrucam radiantes os famosos sectarios: temos na algibeira a verdadeira, a unica, a *politica scientifica*.

Fica-lhes alli a phantasia livre para chegar até á *Virgem Mãe* e aqui até ao *Dictador Central*!

Se do *proletariado* é que nos occupamos, bradam logo os portentosos sabichões: não lhes dêisto cuidado; essa é a gente que *nós vamos incorporar na sociedade...* Como se os dignos proletarios estivessem fóra da sociedade, em alguma prisão, ou habitando, em estado de puros espiritos, algum reino encantado, e como, sobretudo, se a tal incorporação solvesse qualquer das suas difficuldades e prestasse para alguma cousa.

E' sempre assim, o dominio das phrases *pedanticamente* feitas, arranjadas como se fossem

soluções reaes de nossos problemas, no intuito de *apaziguar-nos*, illudindo-nos.

Afinal o positivismo reduziu-se a uma synthese *subjectiva*, que se oppõe radicalmente á portentosa synthese *objectiva* do evolucionismo naturalista.

Reduziu-se o comtismo clotildeano ou clotilismo comtesco a uma religião extravagante, tão desageitada quanto pretenciosa.

As duas intuições estam em lucta ; e, antes de passar adiante, será conveniente mostral-as em rapido confronto, destacar uma em face da outra.

O debate é este: um prolongamento do velho ideal semitico de uma religião universal, virando ás avessas o vasto manto do catholicismo, cujo plagrario infeliz é, como vimos, em varios pontos gravissimos, tenta ainda dar batalha á nobre intuição aryana, ao individualismo espiritual, de que os gregos foram eximios representantes.

Vejamos, diante uma da outra, as duas doutrinas nas crêações fundamentaes e irreductiveis da humanidade : *religião*, *arte*, *sciencia* (comprehendendo *philosophia*), *politica* (incluindo *direito e moral*) e *industria*.

Funda-se o evolucionismo spenceriano nas quatro ideias capitaes de todo o desenvolvimento philosophico e scientifico moderno : a *critica do conhecimento*, iniciada por Hume, desenvolvida por Kant e levada ás suas ultimas consequencias

por Hamilton e Mansel ; o *principio fundamental da evolução, do werden perpetuo*, que lhe passou do proprio Kant, de Göthe, de Hegel ; a applicação pratica desse *principio á biologia pelo experimentalismo transformistico*, de von Baer, Darwin, Wallace ; finalmente, a *concepção monistica do universo*, preparada pelas descobertas de Grove, Meyer, Youle, Helmholtz e trinta outros, aceita hoje geralmente por naturalistas, como Häckel e por philosophos, como Noiré.

Ora, esse edificio philosophico, que propositalmente incarnamos em Herbert Spencer, como apto a dar delle uma ideia facilmente assimilavel pela mocidade brasileira, que deve fazer das obras d'aquelle pensador leitura assidua, representa tudo quanto póde haver de mais antithetico á mortificação comtesca.

Alli a ideia fundamental é uma *evolução constante*, firmada na differenciação progressiva, no *conceito da lucta*, fatal no mundo physico, estimuladora no mundo moral.

Aqui falla-se-nos de uma *evolução já feita em tres estados*, já acabada, mirando o estabelecimento de uma *autoridade central*, que produza a paz dos espiritos, em nome do immobilismo de uma doutrina universalista !

Alli a *religião* não muda de sentido ; não se inverte, no intuito illusorio de alastrar mais e mais a esphera do sentimento ; continúa a ser

aquelle affecto especial, aquella emoção *sui generis* do homem diante do ainda indeterminado e inexplicado do universo. Vae, pois, se reduzindo, se apurando, tornando-se um estado puramente interno, subjectivo, modelado, por assim dizer, pelo grau de cultura do individuo.

Aqui a religião da falsa noção, espalhada a principio, de ser uma tentativa de explicação do universo, passou a encerrar-se no conceito de um novo e extravagante *Ser Supremo* e na série de praticas de um novo culto, que se lhe pretende render.

Essa nova parodia da *apotheose*, essa resurreição alargada da *mania anthropocentrica* é um desafio ao simples bom senso.

Pois certa especie de habitantes de um pequeno planeta, insignificante ponto minuscuro, perdido entre as myriadas de mundos, nas infinitudes do espaço, tomados em seu conjuncto, constituem lá o Ser Supremo ?

Ha alguém, não tendo perdido o senso do ridiculo, a faculdade de rir, que acredite nisto ?

E os habitantes possiveis de outros mundos, que serão ? E o desaparecimento infallivel do terricola, pelo resfriamento progressivo do *Grand Fetiche* ? !

Ora !... Isto não é sério.

Para affeição os cerebros, para os ir preparando afim de engulirem essas e outras patranhas, é

que a religião da Humanidade anda desesperada com a *sciencia* moderna, nas suas mais ousadas conquistas. E' por isso que se condemna a *astronomia* irreverente, que tenta devassar os espaços além do nosso systema solar ; é por isso, que na *physica*, a revolucionaria *analyse spectral*, demonstrando irrefragavelmente a unidade e a equipolencia das forças *physicas*, é posta de lado como perigosa ; é por isso que a invasão *monistica*, na propria *chimica* pelo genio de um Berthelot, é excommungada, como diabolica; é por isso que, na *biologia*, o *transformismo* de Darwin é especialmente condemnado, como o mais poderoso destruidor de certas pretensões do *Grand-Être*; é por isso que é insubordinada a *anatomia*, que *vae além dos tecidos* ; é por isso que é tratada como adversaria a *physiologia experimental*; é por isso que a *pre-historia*, a *ethnographia*, a *psychologia das nações* são desengraçadamente appelladas de *gongorismo scientifico* ! Veja bem a mocidade como são extravagantes as disparatadas erronias do positivismo e como é apoucada a intuição geral desse *catholicismo sem o elemento christão*, segundo a bella phrase do grande Huxley, em face da entusiastica e progressiva doutrina do evolucionismo spencerista. Este presuppõe e firma-se em todas essas immorredouras descobertas, que são a gloria do nosso seculo. Aquelle, parto extravagante de uma ac-

beça, que deixou de ler em 1822, pôe-se ahí pará um canto, amuado, indisposto contra tudo e contra todos, manejando antigualhas, tomadas umas a De Maistre, outras a Saint Simon, avançando, quando melhor inspirado, apenas até Blainville, Bichat, ou Gall... *C'est tout dire.*

Na *arte* somos por todas as ousadias do genio. Ou seja ella uma *impressão realista*, determinada por certas indoles, certos temperamentos; ou seja uma *selecção de assumptos*, apta a determinar uma *ideialisação da realidade*; ou vá ainda adiante e procure constituir um *mundo á parte*, um mundo onde, propositalmente, repetindo o dito de Schopenhauer, procuremos libertar-nos da *realidade* de todos os systemas existentes o mais comprehensivo, o mais largo para a sua explicação é justamente esse que defendemos, que jámais cahiria no desatino de, em materia de litteratura, arranjar uma *bibliotheca amputada*, a lista jesuítica dos livros que se devem ler... A *monita* dos nobres Ignacianos (os positivistas chamam docemente aos jesuitas *os nobres Ignacianos*) não poderia encontrar melhor applicação no mundo civil em nossos dias.

Na *politica*, quando a evolução se faz clara e fatalmente no sentido da *democracia*, elles ex-conjuram essa tendencia, a começar pelo proprio nome.

A inclinação geral para passarem á sociedade e

ão individuo muitas daquellas funcções que os governos, por uma indifferenciação da marcha progressiva, ainda mantêm em si, elles não comprehendem sem alterar e corromper.

D'ahi essa aspiração de uma *dictadura*, que possa escolher o seu *successor* ; que nas suas mãos tenha o *legislativo* e o *executivo*, que *possa fazer e baptisar*, segundo a phrase popular.

Ora, nós aspiramos a uma organização politica, onde o governo tenha o minimo de poder e seja apenas uma garantia de policiamento geral. Em um regimen de praticas pacificas, de conquistas industriaes, onde o voto de todas as classes póde-se fazer valer, a *dupla dictadura da lei e da acção* — é simplesmente um anachronismo, que nem *sacerdocios*, nem *Grand-Prêtre*, nem *patriciatos*, nem *proletariatos* podem disfarçar para illudir.

Agora perguntamos : a qual das duas intuições deve levar o culto de seus talentos a mocidade brasileira ?

Felizmente, notamos que em todos os circulos de estudiosos, em todos os nucleos academicos e escolares, excepção feita, ao que parece, dos cursos militares, a tendencia geral é a de antipathia para com aquelles ferros velhos de captiveiro espiritual, amontoados pela positiveirice.

O proprio exercito ha de, talvez não muito longe, comprehender que a attracção das intel.

ligencias está hoje n'outros alvos e n'outras tendencias.

E' preciso libertar a vida espiritual da nação desse terrivel pesadêlo e das manobras dessa organização da *pedantocracia*, segundo a palavra de Stuart Mill, que elles conscientemente adoptáram, certamente por verem que lhes assenta ás mil maravilhas...

Reacção! Reacção!

II

A classificação das sciencias

I

A série hierarchica e a refutação de Spencer

Entre os *Ensaio*s do illustre autor dos *Primeiros Principios* existe um que não foi traduzido para o francez, não figura nos tres volumes da versão de Burdeau e é, por isso, quasi inteiramente desconhecido no Brasil.

Referimo-nos a *The Genesis of Science*, titulo expressivo, que bem se póde verter em portuguez por *Origem e formação da sciencia*.

Não é facil atinar com os motivos da exclusão feita pelo traductor francez, quando é verdade irrefutavel ser esse um dos mais consideraveis, dos mais serios, dos mais profundos dos pequenos escriptos do philosopho inglez.

E' um opusculo de leitura indispensavel para

quem quizer conhecer com alguma amplitude a doutrina do evolucionismo spenceriano.

E semelhante valor não escapou á perspicácia de Huxley e do proprio Littré, aquelle criticando e este defendendo a classificação hierarchica do positivismo.

Nutrido de factos e ideias, representa o modo especial de encarar a sciencia da parte de uma das primeiras mentalidades de nosso tempo.

O systema de *philosophia synthetica*, esse ingente esforço de *unificação do pensamento*, encerra a doutrina e a interpretação do universo tomado em generalidade; o pequeno escripto, a que nos vamos referindo, é o que se póde chamar uma doutrina da doutrina, um modo de ver e explicar do philosopho sobre a sciencia mesma. Tres ou quatro são as theses principaes desse *Genesis* das ideias: *a)* identidade fundamental do saber commum e do saber scientifico, apenas distanciados por uma questão de gradação; *b)* necessidade de uma *embryologia das sciencias*, afim de se determinar a sua origem, seu ponto de partida, suas transformações, sua evolução em summa; *c)* intercommunição e interdependencia de alto a baixo na evolução de todas ellas; *d)* artificialidade das classificações das sciencias em ordem sérial.

E' para demonstrar esta ultima these que o grande pensador passa em revista as classificações de Oken, Hegel e Comte.

E' no debate contra o philosopho francez que pretendemos exercer a nossa critica. E porque nosso fim não é só combater o positivismo, senão, antes e acima de tudo, fazer propaganda de uma philosophia mais seria, mais vasta e mais tonificadora para nosso povo, não nos limitamos a resumir o pensamento de Spencer ; fazemos a traducção litteral do trecho relativo a Comte. Eil-o aqui :

« No segundo capitulo do *Curso de Philosophia Positiva*, diz o autor que o seu problema é o da escolha de uma ordem verdadeiramente racional de classificação entre um grande numero de systemas possiveis ; que esta ordem é determinada pelo grau de *simplicidade*, ou, o que vem a ser a mesma cousa, de *generalidade dos phenomenos*. Deduz d'ahi a seguinte série : *mathematica*, *astronomia*, *physica*, *chimica*, *physiologia* e *physica social*.

¶ Affirma ser esta a *verdadeira filiação das sciencias*.

Assegura, um pouco mais adiante, que o principio de progressão de um maior a um inenor grau de *generalidade*, que dá ordem ao *complexo das sciencias*, dispõe tambem as *partes componentes* de cada uma dellas.

Declara, finalmente, que a gradação assim estabelecida *á priori*, entre as sciencias e as divisões de cada sciencia, está de conformidade essencial

com a ordem que espontaneamente se desenvolveu entre os ramos da philosophia natural, ou, por outros termos, corresponde á *ordem do seu desenvolvimento historico*.

Comparemos taes assertos com os factos; e, para que haja a mais completa probidade, não façamos escolha, tomemos antes, para base de nossa analyse, a secção seguinte, que trata da primeira sciencia, a *mathematica*, e, ainda mais, façamos uso exactamente dos proprios factos e das proprias allegações, adduzidos por Comte. Encerrando-nos na *mathematica*, nossas comparações terão naturalmente de ser entre as diversas partes d'ella. Comte affirma deverem as subdivisões de cada sciencia ser classificadas na ordem de sua *generalidade decrescente* e estar tal ordem de accôrdo com o *desenvolvimento historico*, como vimos. Deve, por isso, nossa inquirição consistir em verificar se a historia da *mathematica* confirma semelhante asserto. Levando mais longe o seu principio, o autor divide a *mathematica* em *mathematica abstracta* ou *calculo*, tomando esta expressão no seu mais lato sentido, e *mathematica concreta*, que se compõe da *geometria geral* e da *mecanica racional*. O objecto da primeira é o *numero*, o objecto da outra vem a ser o *espaço*, o *tempo*, o *movimento*, a *força*. Uma possui o mais elevado grau de *generalidade possivel*, porque tudo quanto existe *admitte a enumeração*. A

outra é menos geral, porque existe uma immensidade de phenomenos que não pertencem nem á *geometria geral*, nem á *mecanica racional*.

E tal é o motivo pelo qual, de accôrdo com a lei citada, a evolução do *calculo* deve ter precedido a evolução das sciencias concretas subordinadas. Desastradamente, porém, para elle, a primeira nota de Comte neste topico é que, de um *ponto de vista historico*, a *analyse mathematica* parece ter-se originado da *contemplanção dos factos geometricos e mecanicos*! Verdade é que o autor não deixa de continuar a dizer que a referida *analyse* não é por isso menos independente dos taes factos *geometricos e mecanicos*, *sob o ponto de vista logico*; porquanto as ideias *analyticas* são, acima de quaesquer outras, universaes, abstractas e simples e servem necessariamente de base ás concepções *geometricas*.

Não nos aproveitaremos deste ultimo asserto para accusar Comte de ensinar, á maneira de Hegel, que póde haver um pensamento sem as cousas em que se pensa. Contentamo-nos em comparar as duas affirmações de que a *analyse originou-se da contemplanção dos factos geometricos e macanicos* e de que as *concepções geometricas e mecanicas fundam-se nas concepções analyticas*! Interpretadas ao pé da lettra as duas affirmações se anniquillam. Interpretadas, porém, livremente ~~implicação~~ *indicam* justamente o que nós pensamos, isto é, a

origem simultanea de umas e outras. Ou o trecho é um contrasenso ou é a declaração implicita de serem a mathematica abstracta e a concreta contemporaneas. Desde o primeiro passo, portanto, está-se a ver que a pretendida conformidade entre *a ordem de generalidade e da evolução é insustentavel*. Não poderá, porém, ser que, comquanto as mathematicas abstractas e concretas hajam se originado ao mesmo tempo, tenham mais tarde aquellas se desenvolvido mais rapido do que as outras e lhês tenham tomado constantemente a dianteira? Não. E de novo appellamos para o proprio Comte. Felizmente para o seu argumento, elle nada disse quanto aos graus primitivos das divisões concretas e abstractas depois de sua separação de uma raiz commum, porque então o apparecimento da *algebra, muito tempo depois de haver a geometria grega attingido a um alto grau de desenvolvimento*, teria sido para elle um facto rebelde a justificar. Deixando isto de lado e limitandonos á sua propria exposição, encontramos ao abrir o capitulo seguinte a supposição de ser o desenvolvimento historico da parte abstracta da mathematica, desde Descartes, em grande parte determinado pelo desenvolvimento da parte concreta. Um pouco mais adiante lemos, a respeito das funcções algebraicas, que a mór parte dellas foram *concretas em sua origem*, não exceptuando até aquellas mais puramente *abstractas*, que os anti-

gossó com o auxilio das definições geometricas é que descobriram as propriedades das funcções da algebra elementar, ás quaes só se deu um valor numerico muito tempo depois, tornando abstracto para nós o que era concreto para os geometras antigos. Como se poderão concordar estas afirmações com a doutrina especial de Comte? Tendo dividido o calculo em algebrico e arithmetico, elle admite, como era aliás obrigado, que o calculo *algebrico* é mais geral do que o *arithmetico* ; entretanto, não poderá dizer que a algebra precedeu á arithmetica com relação ao tempo. Tendo ainda dividido o *calculo das funcções* em calculo das funcções directas (algebra *commum*) e calculo das funcções indirectas (analyse transcendente) é forçado a fallar deste *ultimo* como possuidor de uma *maior generalidade* do que o primeiro ; e, entretanto, é muito mais moderno.

Mais ou menos indirectamente, o proprio Comte confessa esta incongruencia, porque diz que pareceria que a analyse transcendente devia ser estudada antes da analyse ordinaria, porque ella gera as equações que a outra deve resolver ; mas, posto que a transcendente seja logicamente independente da ordinaria, é preferivel seguir o methodo *commum* de estudo, principiando pela ultima. Em todos estes casos, portanto, bem como no topico em que mostra o anhelos de que

com o tempo os mathematicos *venham a crêar processos de uma mais larga generalidade*, Comte faz supposições diametralmente oppostas á lei por elle proprio formulada. Nos capitulos seguintes, tratando da parte concreta da mathematica, se nos deparam identicas contradicções. E' elle mesmo quem chama á geometria dos antigos *especial* e á moderna *geral*. Admitte que, enquanto os antigos estudavam a geometria em relação aos *corpos observados* ou *especialmente*, os modernos a estudam em relação aos phenomenos que se *têm em vista considerar*, ou *geralmente*.

Admitte que, enquanto os antigos tiravam tudo o que podiam de uma linha ou de uma superficie, antes de passar ádiante, os modernos, a datar de Descartes, se occupam com as questões que têm relação com uma figura qualquer. Taes factos são exactamente o inverso do que deveriam ser, segundo a sua theoria da classificação scientifica. A mesma incongruencia tem logar na mecanica.

Antes de a dividir em *statica* e *dynamica*, Comte trata das tres leis do movimento, e é a isto forçado; porquanto a *statica* que é das duas a mais geral, posto que não abranja o movimento, é impossivel como sciencia, sem que as leis do movimento sejam determinadas. E, todavia, estas leis do movimento fazem parte da *dynamica*, a *mais especial*

das divisões. Faz depois notar que a datar de Archimedes, descobridor da lei do equilibrio da alavanca, a statica não fez progresso algum, até que o desenvolvimento da dynamica permittisse ver as condições do equilibrio pelas leis da composição das forças. E accrescenta ser em nosso tempo o *methodo universalmente empregado*, methodo que não parece ser o mais racional, por ser a dynamica mais complicada do que a statica e dever pertencer ao mais simples a precedencia. Seria mais philosophico referir a dynamica á statica, como se tem praticado depois. Muitas descobertas são em seguida indicadas no intuito de mostrar quanto o desenvolvimento da statica ha sido levado a effeito considerando *dynamicamente* os seus problemas, e, n'este ponto, Comte observa que, antes de ter podido ser a hydrostatica comprehendida na statica, era preciso que a theoria abstracta do equilibrio fosse generalisada, de modo a poder ser applicada directamente aos fluidos e aos solidos.

Teve isto logar quando Lagrange determinou como base do edificio da mecanica racional o simples *principio da velocidade virtual*.

N'esta exposição existem dois factos directamente em desharmonia com a doutrina de Comte : primeiramente, o não ter a sciencia mais simples, a *statica*, attingido ao seu desenvolvimento actual

senão com o auxilio do principio das *velocidades virtuaes*, que pertence á sciencia mais complexa, a *dynamica* ; em segundo logar, só ter sido este simples principio, que serve de esteio á mecanica racional, fórmula geral que encerrará todas as relações das forças staticas, hydrostaticas e dynamicas, descoberto hontem, por assim dizer, no tempo de Lagrange.

D'est'arte, não é verdade que a successão historica das diversas divisões da mathematica tenha correspondido á ordem da *generalidade decrescente*. Não é verdade que as mathematicas abstractas se tivessem desenvolvido antes das mathematicas concretas e independentemente d'ellas.

Não é verdade que nas sub-divisões das mathematicas abstractas, o que é mais geral tivesse vindo antes do que é mais especial. Não é verdade que as mathematicas concretas em qualquer de suas secções tenham começado com o mais abstracto e progredido para o menos abstracto. E' conveniente notar, entre parenthesis, que, defendendo sua pretença lei de progressão do geral ao especial, Comte faz alguns commentarios sobre os dois significados da palavra *geral* e a possibilidade de uma confusão n'esse ponto. Sem discutir agora se a distincção proposta póde ser sustentada em outros casos, é certo que ella tem applicação aqui.

Em muitas das circumstancias mencionadas, os

esforços empregados pelo proprio Comte, afim de disfarçar ou de explicar a *procedencia do especial sobre o geral*, indicam positivamente que a generalidade em discussão é exactamente da especie indicada por sua fórmula. E basta uma breve consideração para mostrar que, ainda que elle o tivesse tentado, não teria podido distinguir a *generalidade*, que, como já está provado, *chega muitas vezes no fim*, da *generalidade*, que, supõe elle, vem sempre *em primeiro logar*. Porque, qual é a natureza do processo mental pelo qual os objectos, as dimensões, os pesos, os tempos e todas as cousas mais são susceptiveis de ter suas relações *expressas em numero*? E' a formação de certos conceitos abstractos da unidade, da qualidade, da pluralidade, que são applicaveis a todas as cousas semelhantes. E' a invenção de *symbolos geraes* que servem para exprimir as relações numericas dos entes, quaesquer que sejam seus caracteres especiaes. E qual é a natureza do processo mental pelo qual os numeros são tidos como capazes de ter suas relações expressadas *algebricamente*? E' precisamente a mesma cousa. E' a formação de certos conceitos abstractos das funções numericas que são as mesmas, quaesquer que sejam as grandezas dos numeros. E' a invenção de *symbolos geraes* que servem para exprimir as relações entre os numeros, como os numeros exprimem as relações entre as cousas. A ana-

lyse transcendente está, pois, para a algebra na mesma relação em que a algebra está para a arithmetica. E, para indicar de um modo breve os respectivos poderes, a arithmetica pôde exprimir em uma fórmula o valor de uma *tangente particular a uma curva particular*; a algebra pôde exprimir em uma fórmula os valores de *todas as tangentes a uma curva particular*; a analyse transcendente pôde exprimir em uma fórmula os valores de *todas as tangentes a todas as curvas*. Exactamente como a arithmetica procede a respeito das propriedades communs das linhas, das superficies, dos volumes, das forças e das séries; tal procede igualmente a algebra a respeito das propriedades dos numeros apresentados pela arithmetica; tal igualmente a analyse transcendente procede a respeito das propriedades communs das equações expostas pela algebra. Logo, a *generalidade* dos mais altos ramos do *calculo*, quando comparados com os inferiores, é da *mesma natureza* da dos ramos inferiores, quando comparados á geometria e á mecanica. E um exame mostraria a existencia da mesma relação em todos os outros casos citados.

Tendo provado que a lei de progressão, allegada por Comte, não se mantem entre as differentes partes de uma mesma sciencia, vejamos agora como ella se porta com os factos, quando é applicada ás sciencias distinctas. A *astronomia*, escreve

Comte, no 2º volume do *Curso de Philosophia*, era uma sciencia positiva em seu aspecto geometrico desde os primeiros tempos da escola de Alexandria, ao passo que a *physica* não possuia nenhum character dessa natureza, até que Galileu houvesse realizado sua grande descoberta sobre aquéda dos corpos pesados. N'este ponto nossa observação é simplesmente que isto não passa de uma ideia falsa, oriunda de um abuso extravagante de palavras.

Procurando excluir da *physica terrestre* as leis de grandeza, de movimento e de posição por elle incluidas na *physica celeste*, Comte faz crêr que uma não deve nada á outra. Não só é cousa de todo erronea, como radicalmente incompativel com o seu proprio systema. Sua asserção é clara e é esta : quanto á *physica inorganica*, vemos desde logo, conformando-nos sempre á ordem de generalidade e de dependencia dos phenomenos, que devè ella ser separada em duas secções distinctas, segundo considera os phenomenos geraes do universo, ou em particular aquelles que apresentam os corpos terrestres. D'ahi a *physica celeste* ou *astronomia*, quer *geometrica* quer *mecanica*, e a *physica terrestre*. Eis aqui, pois, a *physica inorganica* claramente dividida em *physica celeste* e *physica terrestre*, a saber, os phenomenos apresentados pelo universo e os phenomenos apresentados pelos corpos terrestres. Se, porém, os corpos

celestes e os corpos terrestres apresentarem, como aliás é o facto, muitos phenomenos principaes communs, qual a razão por que a generalisação de taes phenomenos deverá ser considerada pertencente de preferencia a uma classe do que á outra? Se a *physica inorganica* comprehende a *geometria* (por Comte assim classificada quando incluye a *astronomia geometrica* na *physica celeste*) e se a sub-divisão, *physica terrestre*, trata de cousas que têm propriedades *geometricas*, como podem as leis das relações *geometricas* ser excluidas da *physica terrestre*?

E' evidente que, se a *physica celeste* comprehende a *geometria* dos corpos nos ceus, a *physica terrestre* comprehende igualmente a *geometria* dos objectos na terra. E, se a *physica terrestre* comprehende a *geometria terrestre*, ao passo que a *physica celeste* comprehende a *geometria celeste*, a consequencia a tirar é que a parte *geometrica* da *physica terrestre* deve preceder á parte *geometrica* da *physica celeste*, visto como a *geometria* adquiriu suas *primeiras ideias dos objectos que nos cercam*. Antes que os homens houvessem aprendido as relações *geometricas* dos corpos sobre a terra, era-lhes impossivel o comprehenderem as relações *geometricas* dos corpos nos ceus. O mesmo se póde repetir com relação á *mecanica celeste*, que tem um laço de parentesco com a *mecanica terrestre*.

A verdadeira concepção da força, que serve de base á toda a astronomia mecânica, é tirada de nossas experiencias terrestres ; e as leis principaes da acção mecânica, como se acham expostas nas balanças, nas alavancas, nos projectis, etc., deveriam ter-se fixado antes que a dynamica do systema solar pudesse vir fundar-se n'ellas. Quaes foram as leis de que se serviu Newton para elaborar sua grande descoberta ?

A lei da quèda dos corpos divulgada por Galileu, a da composição das forças igualmente descoberta pelo grande italiano, a da força centrifuga achada por Huyghens, todas, sem excepção, são generalisações da physica terrestre. E, todavia, em presença de factos d'estes, Comte colloca a astronomia antes da physica na ordem da evolução !

Elle não compara, e isto é bem característico, as partes *geometricas* das duas entre si, nem as partes *mecanicas* de ambas entre si ; porque essa operação não conviria, por fórma alguma, á sua hypothese. Compara, porém, a parte *geometrica* de uma com a parte *mecanica* da outra, e dá, com este manejo, um vislumbre de verdade á sua theoria. E' levado por uma illusão verbal. Se tivesse prendido a attenção aos factos e desprezado as palavras, teria visto que antes de haver a humanidade coordenado scientificamente uma classe qualquer de phenomenos manifestados nos ceus,

tinha primeiro coordenado uma classe paralela de phenomenos manifestados na terra.

Se fosse preciso, poderíamos encher vinte paginas com as incongruencias do systema de Comte.

Sua lei da evolução das sciencias é tão insustentavel, que, para seguir o seu exemplo, deixando de lado, arbitrariamente, grande porção de factos, seria possivel, com muita plausibilidade, apresentar exactamente a hypothese opposta á sua.

Ao passo que elle affirma ser a ordem racional das sciencias, bem como a ordem de seu desenvolvimento historico, determinada pelo grau de *simplicidade* ou de *generalidade* dos phenomenos, se poderia, ao envez, garantir que, principiando pelo complexo e especial, a humanidade tem progredido passo a passo para uma sciencia de maior simplicidade e de maior generalidade. Tanto mais evidente é isto, quanto a *Historia das Sciencias Inductivas* (de Whewell) está cheia de casos irrefragaveis, garantidores do facto de se apresentarem muitas vezes ao espirito dos homens os principios complexos e difficultosos antes dos mais simples e elementares. Na propria obra de Comte se podem escolher numerosos factos, supposições e argumentos, aptos a demonstrarem a nossa these.

Citámos já as suas palavras confessadoras do progredimento da mathematica de um menor para um mais alto grau de generalidade e tambem

aquellas em que elle se mostra á espera de uma generalidade ainda superior. No intuito de estabelecer a hypothese que lhe é adversa, tomemos um exemplo. Do caso *particular* das balanças, lei de equilibrio familiar ás mais remotas nações antigas, Archimedes chegou ao caso mais *geral* da alavanca desigual com pesos desiguaes, lei de equilibrio que implica a das balanças.

Com o auxilio da lei de Galileu sobre a composição das forças, D'Alembert estabeleceu, pela primeira vez, as equações do equilibrio de um systema qualquer de forças applicado aos diversos pontos de um corpo solido, equações que encerram todos os casos das alavancas e uma infinidade de outros. E' claro que isto vem a ser o progresso para uma mais elevada generalidade, para uma sciencia mais independente das circumstancias especiaes, para o estudo dos phenomenos *mais libertados dos incidentes dos casos particulares*, definição dos *phenomenos mais simples* de Comte. E não se segue do facto, admittido por toda a gente, de ser o progresso mental do concreto para o abstracto, do particular para o geral, que as leis universaes, e por isso mais simples, devam ser descobertas em ultimo logar?

O movimento do systema solar em obediencia a uma lei da força, que varia em proporção inversa do quadrado da distancia, não será uma concepção mais simples do que todas as que a

precederam ? Se conseguissemos reduzir todas as ordens de phenomenos a uma só lei, *exempli gratia*, á lei da acção atomica, como já tem sido suggerido, semelhante lei não deveria corresponder exactamente a essa tentativa de um principio independente de todos os outros, e, portanto, o mais simples possivel ? E uma lei assim não generalisaria os phenomenos de *gravidade*, de *cohesão*, de *affinidade atomica* e de *repulsão electrica*, tão perfeitamente quanto as leis do numero generalisam os phenomenos quantitativos de *espaço*, de *tempo* e de *força* ?

A possibilidade de adduzir tantos factos em apoio de uma hypothese propositalmente opposta á de Comte prova que a generalisação deste não passa de uma semi-verdade. O certo é que nenhuma das duas proposições é correcta por si mesma e a realidade só é exactamente representada reunindo-se as duas em um todo. O progresso da sciencia é *duplo* : é ao mesmo tempo do *especial* ao *geral* e do *geral* ao *especial* ; é ao mesmo tempo *analytico* e *synthetico*. O proprio autor que refutamos, reconhece ter sido o progresso da sciencia devido á divisão do trabalho ; porém apresenta falsamente o modo como essa divisão do trabalho tem operado. No seu modo de a descrever, não passou esta acção de um simples arranjo de phenomenos em *classes* e do estudo de cada *classe* em si mesma. Não reconhece nem

proclama o effeito e a acção constantes do progresso de *cada classe sobre todas as outras*, mas pura e simplesmente sobre a classe que lhe succede na escala hierarchica. E se admite influencias collateraes e intercommunicações, é tão a contra-gosto, as faz tão depressa desaparecer, esquece tão de prompto as concessões, que gera a impressão de que, só com excepções de pouca monta, as sciencias se auxiliam mutuamente, e isto mesmo só na sua supposta ordem de successão... A realidade, entretanto, é que a divisão do trabalho na *sciencia*, como a divisão do trabalho na *sociedade*, como a *divisão physiologica do trabalho* no organismo individual, não tem sido sómente uma particularisação de funcções, mas um auxiliar continuo de cada divisão por todas as outras e de todas as outras por cada uma. Cada turma determinada de observadores segrega, por assim dizer, sua ordem particular de verdades da massa geral do material accumulado pela observação; e todas as outras turmas de observadores se vão auxiliando d'estas verdades, logo que as acham indicadas, pondo-as ao seu serviço, na elaboração da ordem especial de pesquisas em que cada uma das turmas se acha empenhada. Foi assim em muitos dos casos que nós citámos como **des**accôrdes com a doutrina de Comte. Foi assim com applicação da descoberta capital de Huyghens á observação astronomica de Galileu.

Foi assim com a applicação do isochronismo do pendulo ao fabrico de instrumentos para medir os intervallos astronomicos.

Foi assim quando a descoberta de que a refração e a dispersão da luz não seguem a mesma lei de variação, affectou a astronomia e a physiologia, dando-nos os telescopios achromaticos e os microscopios.

Foi assim quando a descoberta de Bradley sobre a aberração da luz permittiu ser dado o primeiro passo para a certeza dos movimentos das estrellas.

Foi assim quando a experiencia de Cavendish sobre a balança de torsão determinou a gravidade especifica da terra, e d'est'arte forneceu um elemento para se calcularem as gravidades especificas do sol e dos planetas.

Foi assim quando as tabellas da refração atmospherica permittiram aos observadores determinarem as posições reaes dos corpos celestes em vez de suas posições apparentes.

Foi assim quando a descoberta das differentes expansibilidades dos metaes pelo calor nos deu os meios de corrigir nossas medidas chronometricas dos periodos astronomicos.

Foi assim quando as linhas do spectro prismatico foram empregadas para distinguir os corpos celestes, que são da mesma natureza do sol, d'aquelles que o não são.

Foi assim quando recentemente foi inventado um instrumento electro-telegraphico, para chegar-se a um registro mais exacto das passagens pelo meridiano.

Foi assim quando a differença das oscillações do pêndulo no equador e mais perto dos pólos forneceu elementos para ser calculado o achatamento da terra e explicar as causas da precessão dos equinoxios.

Foi assim... mas é inutil continuar.

Acham-se ahi mencionados dez casos em que só a sciencia astronomica deveu seus progressos ás sciencias, que lhe são posteriores na série de Comte. E não só os progressos secundarios como as maiores revoluções lhe foram adquiridos por esse modo. Se não fossem as exactas observações de Tycho Brahe, não teria Kepler descoberto as suas celebres leis, e foi depois de certos progressos na physica e na chimica que se tornaram possiveis os instrumentos aperfeiçoados com que aquellas observações se fizeram. A theoria heliocentrica em nosso systema planetario teve de esperar a invenção do telescopio para ser definitivamente firmada. Não é tudo ; a grande descoberta por excellencia, *a lei da gravitação*, dependeu, para ser rigorosamente provada, de uma operação de physica, que um grau da superficie da terra fosse medido ! E dependeu tanto d'isso que Newton tinha positivamente *abandonado sua hypothese*,

porque o comprimento de um grau, como era então determinado, lhe trazia resultados errados. Foi sómente depois da publicação da medida mais exacta, feita por Picart, que Newton voltou a seus calculos e provou sua grande generalisação.

Esta constante intercommunicação reciproca, que, por brevidade, explicamos no caso de uma sciencia só, tem tido logar em todas as outras, de alto a baixo, sem a minima excepção. Na longa evolução de todas ellas tem havido um continuo *consensus das sciencias*, que manifesta uma relação geral com o *consensus das facultades* em cada phase do desenvolvimento espiritual, não passando um do registro *objectivo* do estado *subjectivo* do outro. » (I)

Até aqui a traducção do trecho principal da grande passagem referente á classificação hierarchica de Comte. As comparações e os commentarios irão nas paginas seguintes.

II

A critica de Spencer e a resposta de Littré

Quem quer que haja lido attentamente o trecho de Spencer sobre a classificação *sérial* das scien-

(1) H. Spencer, *Essays*, 1º vol. pag. 150 edição de New York, 1874.

cias, por nós traduzido e publicado n'este logar, se é pessoa mais ou menos entendida em taes assumptos, deve ter notado a perfeita lucidez da argumentação do grande philosopho britannico. Alguns commentarios lhe devem agora ser postos á margem, no intuito de esclarecel-o ainda mais, se é possível, apreciando as respostas da escola adversa. Antes de fazel-o, porém, queremos aproveitar o ensejo que ora nos occorre de expôr ás vistas do publico uma amostra da afoiteza pretenciosa e parva dos *padres da humanidade* cá da terra....

Escreve um d'elles, no livro extravagante sobre Benjamin Constant: — «Litré, senhor de um posto eminente no academicismo official, atacava a obra e a *vida (?) do mestre*, apresentando a phase religiosa que seguiu-se á sua construcção philosophica, como o resultado de um ingrato desvio mystico.

Em tão *nefanda operação (!)* era secundado por Stuart Mill, *um dos lettrados (?) inglezes* mais conhecidos entre nós pelos seus escriptos politicos e um dos primeiros adeptos da nova philosophia. A esta dupla influencia contra Augusto Comte cumpre juntar as *criticas pretenciosas de Herbert Spencer, cuja superficialidade (!!)* mascarada com *vislumbres scientificos* torna-o tão caro aos que pretendem prolongar indefinidamente a anarchia moderna.»

Não parece um pedaço de pastoral de bispo

da idade média em que se condemna alguma heresia ?

E eis como um exquisitoide, uma completa nulidade espiritual, no tom de agourento mocho ecclesiastico, em sua pasmosa incompetencia, julga tão desembaraçadamente tres figuras de primeira ordem da moderna sciencia européa ! O grande crime de Littré e Mill, alcunhados no periodo seguinte de *sophystas e calumniadores*, homens, aliás, a quem o chefe do positivismo deveu os mais assignalados serviços, é não terem querido se deixar affectar do cretinismo religioso, em que *Clotilde de Vaux*, typo vulgar a mais não poder, é *anjo tutellar* e modelo da *Virgem Mãe* !... Bem mal fizeram elles em encurtar o seu talento, quando, em vez de acompanharem a marcha ascendente da sciencia contemporanea, se deixaram prender nas malhas da philosophia esteril de um homem, a quem, a todo o transe, os Mendes de lá e de cá forcejam por transformar em um propheta, conseguindo apenas reduzi-lo ás proporções de um papa dos malucos, *Narrenpapst*, como dizem os allemães.

Quanto a Spencer, teve sempre o supremo bom senso de evitar a *idiotificação systematica*, e por isso exactamente é querido de todos os amigos da verdadeira cultura, ao lado dos primeiros espiritos de nosso tempo. Tudo quanto ha de verdadeiramente illustre na philosophia e na sciencia em

nosso seculo é adversario declarado d'essa doutrina mofenta, talhada para a mediania submissa e rasteira, que ainda não produziu um só homem superior. Aqui mesmo no Brasil, o que ha de mais distincto nos dominios da intelligencia, em todos os ramos da actividade pensante, anda afastado d'essa malaria espiritual. O *mendismo*, fórmula do positivismo brasileiro, é uma lazeira que ha-de passar.

Voltemos, porém, ao philosopho inglez. Tinha elle pouco mais de trinta annos quando, em 1854, ainda em vida do papa de Pariz, publicou o *Genesis da Sciencia*, fazendo de passagem aquellas esmagadoras referencias á inanidade positivista. E é para notar que d'esta doutrina o unico ponto supportavel é exactamente o da classificação das sciencias. Ahi mesmo, todavia, a critica de Spencer é perfeitamente fundada.

O nosso philosopho, o verdadeiro Mestre, em sua intuição ampla, sem monomanias papaes, lança um olhar profundo sobre a evolução normal das sciencias. A unidade do pensamento, o *consensus* de toda a sua evolução, a interdependencia das faculdades e da producção das ideias, como leis fundamentaes, demonstram-lhe ser um artificio systematico a caprichosa disposição das sciencias em uma *série linear*.

«Não existe uma só sciencia, escreve elle, quasi ao terminar o seu opusculo, que se desen-

volva de um modo isolado; uma só que seja independente das outras, quer historica, quer logicamente.

Todas se têm, em grau mais ou menos profundo, entrelaçado e auxiliado mutuamente.

E' bastante contemplar o character mixto dos phenomenos que nos cercam, abrindo mão das hypotheses, para vermos que as noções de divisão e successão nas varias especies de conhecimentos não possuem nenhuma realidade positiva, não passando de convenções, de ficções scientificas, admissiveis, se as encararmos apenas como auxiliares do estudo, inaceitaveis, se as considerarmos como realidades da natureza.

Meditae criteriosamente, e vereis que factos algum, qualquer que elle seja, se apresenta aos nossos sentidos fóra de mescla e combinação com outros factos; nenhum d'elles que não seja disfarçado a ponto de que deva ser comprehendido isoladamente antes de qualquer outro. Se se disser, como Comte, que a *gravitação deve ser considerada antes das outras forças*, porque todas as cousas lhe estam sujeitas, poder-se-ha tambem dizer, com equal veracidade, que *o calor deverá ser tratado em primeiro logar, visto como as forças thermaes acham-se em acção por toda a parte*; que a capacidade de uma porção de materia a manifestar phenomenos apreciaveis de gravitação depende de seu estado de aggregação,

determinado pela temperatura ; que pelo auxilio unico da thermologia, podemos explicar as excepções apparentes á tendencia gravitadora apresentadas pelo vapor e pelo fumo e estabelecer-lhe assim a universalidade, e que, em ultima analyse, a propria existencia do systema solar sob uma fórma solida é exactamente tanto uma questão de calor quanto de gravitação. Todos os phenomenos apprehendidos pela vista, orgão unico que fornece o conhecimento dos dados da sciencia exacta, acham-se emmaranhados em phenomenos opticos e não se deixam resolver sem que sejam conhecidos os principios da optica. A combustão de uma candeia não póde ser explicada sem o emprego da chimica, da mecanica, da thermologia. A direcção dos ventos é determinada por influencias em parte solares, em parte lunares, em parte hygrometricas, e envolve considerações sobre o equilibrio dos fluidos e sobre a geographia phisicas. A direcção, inclinação e variações da agulha magnetica são factos meio terrestres, meio celestes, occasionados por forças da terra que possuem cyclos de alternativas correspondentes a periodos astronomicos. A correnteza do Gulf-Stream e a migração annual das montanhas de gêlo para o equador, dependendo, como se sabe, da oscillação, entre as secções no Oceano, da força centripeta e da força centrifuga, suppõem para sua explicação a rotação e a fórma espheroidal da terra, as leis

da hydrostatica, as densidades relativas da agua fria e da quente e as doutrinas da evaporação. E' inquestionavelmente certo, como diz Comte, que a nossa posição no systema solar, bem como os movimentos, fórma, tamanho e equilibrio da massa de nosso globo entre os planetas, devem ser conhecidos antes que possamos comprehender muitos phenomenos que se passam em sua superficie; porém, infelizmente para a sua hypothese, é certo, por outro lado, que devemos comprehender uma grande porção dos phenomenos que se passam n'essa superficie antes que possamos conhecer nossa posição e o mais que se lhe prende no systema solar. E não vem a ser só, como já mostrámos, que os principios geometricos e mecanicos pelos quaes se explicam as apparencias celestes, tenham sido antes de tudo um resultado de generalisações feitas segundo as experiencias terrestres; porém sim que obter elementos certos para induzir generalisações presuppõe um grande adiantamento da physica terrestre.

A simples observação de uma estrella tem hoje de sujeitar-se a uma minuciosa analyse pelo auxilio mutuo de varias sciencias: corrigimo-la não só para a mutação do eixo da terra e para a precessão dos equinoxios, como para a aberração e a refração. A formação das tabellas, pelas quaes a refração é calculada, suppõe o conhecimento da lei de densidade decrescente nas camadas su-

periores da atmospherã, da lei da temperatura decrescente com sua influencia sobre a densidade, e das leis hygrometricas na parte em que affectam esta ultima.

D'est'arte, no intuito de alcançar subsidios para um progresso ulterior, a astronomia exige não só o auxilio indirecto das sciencias que determinaram a execução de seus instrumentos aperfeiçoados, porém ainda o auxilio directo da optica, da barologia, da thermologia e da hygrometria, levadas a seu ultimo apuro. E, se nos lembrarmos de que estas delicadas observações são, em varios casos, registradas pela electricidade e são, além d'isso corrigidas pela *equação pessoal*, que é o tempo decorrido entre *vêr* e *registrar*, tempo que varia com os differentes observadores, á enumeração acima deveremos juntar a electricidade e a psychologia. Se, pois uma cousa, tão simples na apparencia, como a determinação da posição de uma estrella, é por tal modo complicada por tantos phenomenos, é claro que a noção da independencia das sciencias ou de algumas dentre ellas é indefensavel. Por mais independentes que possam ser objectivamente, não o são subjectivamente, não pódem ter independencia effectiva diante de nossa consciencia e é a unica especie de independencia de que nos occupavamos. Antes de deixar estes exemplos, especialmente o ultimo, não descuidemo-nos de notar com quanta evi-

dencia elles mostram o intimo concurso, cada vez mais activo das sciencias, que caracteriza o seu progresso. Além de acharmos que, em nossos dias, uma descoberta em uma sciencia causa um progresso nas outras; além de julgarmos que muitas das questões de que a moderna sciencia faz seu objecto são mescladas a ponto de exigir para sua solução a cooperação de diversas sciencias, pensamos, no ultimo caso, que para fazer uma boa observação, na mór parte das sciencias naturaes, é mister que meia duzia de outras sciencias nos traga seus esforços combinados.»

O evolucionismo spencerista, como se vê, não se limita a notar as incongruencias e contradicções da classificação *sérial* dos positivistas; vae mais longe e affirma, como principio fundamental, a impossibilidade das classificações d'aquella natureza.

Em outro opusculo, consagrado especialmente a este assumpto, o philosopho estabelece a distribuição *grupativa* que as sciencias podem receber. Não é de nosso plano n'este ponto entrar n'essa apreciação.

Devemos limitar-nos a cotejar a critica de Spencer á classificação hierarchica e a resposta que, dez annos mais tarde, lhe foi dada por Emilio Littré.

A refutação do celebre escriptor francez achase no capitulo VI da 2ª parte de seu conhecido

livro—*Auguste Comte et la Philosophie Positive*. Difficilmente se encontrará em discussões d'este genero uma argumentação tão geitosa, tão habil, porém tão pouco attingidora do alvo.

A critica de Spencer, simples a mais não ser, despretenciosa e certa em sua singelleza, desmantelou o velho discipulo de Comte. Affectando achar-se senhor da verdade, fez no fundo concessões capitaes e desorganizadoras de seu proprio systema. Começa confessando indirectamente o desbarato inicial que lhe causou a affirmativa categorica de Spencer: «J'avoue que quand je lus pour la première fois cette assertion, *elle me surprit beaucoup...*» Entretanto, o philosopho francez tenta *repellir dogmaticamente*, segundo sua propria expressão, aquillo que, em suas convicções positivistas, já tinha *repellido instinctivamente*. Vamos, porém, vêr que tanto o *instincto*, como o *dogmatismo* enganaram o celebrado traductor de Hypocrates.

Procurando ser o mais claro possivel, divide a argumentação de seu collega do outro lado da Mancha em tres pontos capitaes, por este modo : «Em *primeiro logar* Spencer contesta que o principio do desenvolvimento das sciencias seja o *principio da generalidade decrescente*, o qual, segundo Comte, determina o advento successivo de cada sciencia, mostrando que se poderiam citar tantos exemplos do *principio da*

generalidade crescente, quantos Comte citou do seu.

Em *segundo logar* faz notar que collocar a *gravitação* antes de outras forças da materia é arbitrario, porque, por exemplo, a *força thermal* é tão geral quanto a força gravitativa. Em *terceiro logar* sustenta que a série das sciencias é uma pura hypothese contestada historicamente por seu desenvolvimento. »

Taes affirmativas, accrescenta Littré, são claras, porque—*M. Spencer est un esprit net et précis*, juizo que deve bastante desconcertar todos os Mendes havidos e por haver.

Parece-nos, todavia, que n'aquelle topico o escriptor positivista não resumiu com inteira precisão a argumentação de seu adversario; porquanto, além de outras theses de valor para o assumpto, ha no *Genesis da Sciencia* a ideia fundamental da impossibilidade de qualquer filiação *sérial* dos conhecimentos, attendendo-se ao seu modo de formação ou sua embryologia, á sua natureza intrinseca e á sua interdependencia. Esta ultima these, Littré aceita-a categoricamente, um pouco mais adiante, em sua resposta, o que eleva de facto a *quatro*, a seu vêr, as affirmativas capitaes de Spencer. Ora, d'estas quatro, *duas* são plenamente perfilhadas pelo discipulo de Comte: a *interdependencia* ou *intercommunição* constante das sciencias e o *infundado da*

precedencia da gravitação, que collocou mal a astronomia na classificação hierarchica positivista.

Eis aqui as palavras em que Littré faz a primeira d'essas duas concessões : « A evolução das sciencias é o progresso pelo qual o conhecimento humano se eleva a verdades cada vez mais geraes e abstractas.

Esta evolução presuppõe passo a passo o concurso de todas as sciencias e de todas as artes, tal é o dominio d'aquillo que Herbert Spencer chama a interdependencia. O quadro que d'esta traçou, é *excellente* ; a *interdependencia é incontestavel* ; e sem ella o humano conhecimento não avançaria progressivamente. » N'estas palavras não está uma concessão de secundario valor e de some-nos importancia, está uma concessão capital ; porquanto a *connexão*, o *consensus*, a *interdependencia* das sciencias, no sentido spenceriano, implica a impossibilidade de classificar-as em uma *série*, em uma *linha* successiva, por falta de base para o fazer. Quando muito as sciencias podem se distribuir em *agrupamentos*, segundo o modo especial por que encaram o seu objecto.

! E estes grupos o proprio Spencer, com inequalavel lucidez, os reduziu a tres : sciencias *abstractas*, que são aquellas que tratam das *fórmulas e das relações* das cousas, independentemente da ideia de *força* ; sciencias *abstracto-concretas*, que são aquellas que tratam dos *elementos* ou *pro-*

priedades das cousas, onde já entra o conceito da *força* sob o ponto de vista da *qualidade*; *sciencias concretas*, que são aquellas que tratam dos *productos, aggregados* ou *individuos* reaes, onde a *força* é considerada sob o aspecto da *quantidade* e da *particularisação*. Essa doutrina é desenvolvida no opusculo especial sobre a *Classificação das Sciencias*, que é o verdadeiro complemento d'aquelle ensaio fundamental, *The Genesis of science*, que provocou a resposta de Littré.

Mas não foi só a *interconnexão* que este sabio concedeu ao seu adversario. Nós tínhamos dito que elle havia concordado com a critica feita ao logar assignalado á *astronomia* na *série* comteana.

E como este confronto queremos que seja da maior clareza, aqui vão as palavras do collaborador de Robin : « Procurei em vão, diz elle, á pag. 281 da 3ª edição de seu livro, procurei em vão, nos capitulos consagrados por Comte á astronomia, alguma resposta implicita que pudesse citar e fazer valer ; procurei depois, ainda em vão, em meu espirito desfazer a difficuldade. Não sei se algum outro discipulo será mais feliz. Quanto a mim é, criticando por minha conta e sob outro ponto de vista, o logar e a filiação por Comte designados á astronomia, que pude afastar o ataque de Herbert Spencer e salvar o fundo por *sacrificios indispensaveis*, porém *accessorios*. » *Accessorios*, chama-os Littré ; mas quem não vê ahi o

fanatismo doutrinario, que procura disfarçar a gravidade da situação? A verdade é que a astronomia, dentro mesmo dos pretendidos principios directores da classificação positivista, *geometrica ou mechanicamente considerada*, não tem titulo algum para preceder essa parte da mecanica molar e molecular que tem o nome de *physica*. Este é o facto, que não póde ser mascarado pelas pretenciosidades e arrogancias do dogmatismo enfermiço. Apezar das precauções de Littré, a realidade se lhe impoz e elle voltou ao assumpto á pag. 286, para fazer esta confissão estrepitosa, ainda que embrulhadamente exposta: « *A cousa é incontestavel* e, no ponto de vista da *generalidade*, nenhum privilegio deve ser concedido á *gravidade sobre o calor*. Não ha materia que não seja pesada; não existe, porém, nenhuma que não tenha calorico: a paridade é completa. Será preciso renunciar á ordem seguida por Comte, quanto á gravitação?

E' certo que a razão n'este ponto dada por elle é insufficiente. E' mister, pois, examinar de novo a posição consignada á astronomia. Ella tem por objecto, segundo as proprias palavras de Comte, descobrir as leis dos phenomenos geometricos e dos phenomenos mecanicos, que nos apresentam os corpos celestes. Mas Spencer mostrou que *geometricamente a astronomia não precede á physica* e fez ver também que não a precede *mechani-*

caimente ; porquanto as leis de Galileu estavam descobertas antes que o houvessem sido as de Newton. D'este lado, portanto, a astronomia não possui titulos para ficar antes da physica. Por outro lado tambem, manifesta-se a difficuldade inherente a esta posição d'aquella sciencia. E ha já bastante tempo que semelhante *difficuldade excitou em meu espirito bem grandes inquietações* e tive medo de vêr abalada a solidez de uma *série* que me dava tantos serviços ; porém ha bastante tempo tambem *percebi a solução.* »

Quem lê este pedaço do celebre sabio e toma nota de sua confissão de plena concordancia e vae ao final do periodo em que o velho philosopho chega a indicar *suas apprehensões sobre a solidez da série hierarchica* e declara-se, por ultimo, acalmado por haver achado uma *solução*, não póde deixar de suppôr que elle vae renegar as concessões feitas e restabelecer a astronomia no seu posto, na classificação positivista... Completa illusão !

A tal *solução* é uma d'aquellas infelizmente tão vulgares no seu systema, que nada resolvem. A decantada solução, a pobrezinha, teve o trabalho de nascer para deixar as cousas no mesmo pé em que ficaram na cabeça de Littré, depois da critica de Spencer, isto é, a astronomia teve sempre de sahir fóra de seu lugar, modificando assim a distribuição comtesca ! E' o proprio Littré quem o

diz, ao terminar esta parte de sua resposta : « *la série des sciences est modifiée, non détruite, et elle garde, ce qui en est l'office essentiel, tout son efficacité logique.* »

A decepção não pôde ser maior, e é o caso de dizer que para chegar a este resultado não valeram a pena os tratos que o philosopho francez deu ao juizo para descobrir sua famosa solução...

Mas, afinal, que solução é essa, tão pomposamente annunciada e tão inefficaz na applicação? E' uma d'essas voltas e revira-voltas que os positivistas sabem dar ás *palavras* nas occasiões de aperto. O termo, posto neste caso em tortura, é o qualificativo *geral*. Lido, porém, com attenção o trecho, onde se acha a preconisada solução, vê-se que elle aggrava ainda mais o erro de Comte, porque declara haver este classificado *cousas heterogeneas e perturbado sua propria sériação*. Eis aqui, nada mais claro : « Dizer que a astronomia é mais *geral* do que a *physica*, porque aquella se occupa dos corpos celestes e esta dos corpos terrestres, é tomar a palavra *geral* em dois sentidos diversos : no primeiro caso, *geral* significa o conjuncto dos corpos materiaes (e quaes são os não *materiaes* ?) que occupam o espaço ; no segundo caso, *geral* significa o conjuncto das propriedades pertencentes á materia, quer celeste, quer terrestre. E', pois, classificar *cousas* que não são da mesma natureza e, consequentemente,

perturbar a ordem da classificação. A astronomia mecânica é unicamente, como se sabe, um estudo de *gravitação*; e como a gravitação é inherente a toda a materia *celeste ou terrestre*, é tratando d'esta força que se deve tratar da *astronomia*. Assim se acham resolvidas todas as difficuldades; *a série das sciencias é modificada*, etc. » Eis ahí a *solução* tão almejada, que nada resolve! E para mostrar que não resolve, basta fazer uma ligeira pergunta: qual é a sciencia que trata das qualidades da materia, em cujo numero se acha a gravitação? A *physica*. Logo, a astronomia fica ainda e sempre subordinada a esta sciencia e a pretendida solução de Littré não passa de um disparate. Não é tudo: o illustre autor do *Diccionario da lingua franceza* parece insinuar que a critica de Spencer sobre a collocação da astronomia na série hierárchica de Comte firma-se na consideração de não haver *motivo para tratar da força gravitativa antes da força thermal*.

Isto, porém, não é de todo exacto. Os argumentos de Spencer n'este ponto, argumentos que se acham na parte de seu opusculo, por nós traduzida e publicada nas paginas precedentes, são outros e bem diversos. A consideração sobre a *força thermal* é feita incidentalmente em outra passagem do *Genesis*, que não trata especialmente de Comte.

E' uma notação verdadeira, porém secundaria e

feita accidentalmente, que não devia ser pelo escriptor positivista elevada á categoria de argumento principal.

Para rechaçar a astronomia do logar indebito que lhe foi dado, Spencer não precisou de tocar neste ponto. Resta-nos apreciar a resposta de Littré nos dois casos referentes ao principio da *generalidade decrescente* e ao *desenvolvimento historico das sciencias*. São os dois topicos que elle expressamente declara não aceitar e que ingenuamente suppõe haver confutado...

III

Ainda a critica de Spencer e a resposta de Littré

Toca-se agora no ponto central do debate : a *generalidade decrescente* e o *desenvolvimento historico das sciencias na ordem hierarchica*.

O positivismo affirmou levianamente uma e outra cousa e Herbert Spencer contestou ambas. Sahiu-lhe, como já foi dito, á frente Emilio Littré em defesa da doutrina atacada.

Reduziu os oito ou dez pontos fundamentaes da argumentação de seu adversario explicitamente a *tres* e implicitamente a *quatro* theses.

Com as duas primeiras, como já vimos, con-

cordou ; com as duas outras, que são as que acima ficaram citadas, declarou peremptoriamente não estar de accôrdo.

Tentou refutal-as e morreu na doce convicção de havel-o conseguido. Vamos mostrar que falleceu illudido.

Comecemos pelo principio da *generalidade decrescente*. Constitue, como é sabido, a pedra angular da classificação das sciencias, segundo a philosophia positivista.

Tem dois aspectos, por assim dizer, na sua fórmula completa : a *generalidade decrescente*, por um lado, e a *complexidade crescente*, por outro, o que importa dizer que as sciencias, que tratam de assumptos *mais geraes*, devem occupar o primeiro logar na série hierarchica e devem ser seguidas d'aquellas que se encarregam da explicação de phenomenos cada vez *menos geraes*, notando-se, além d'isso, que os phenomenos *mais geraes* são tambem os *mais simples*, os *menos complicados*, e os *menos geraes* vão, em linha progressiva, se tornando cada vez *mais complexos*, *mais difficultosos*.

Isto é, com aquelle dogmatismo inegualavel dos positivistas, exhibido no tom da verdade das verdades, como se fôra a cousa mais evidente d'este mundo. ∴

É a affirmação não se limita a indicar que assim se manifestam as cousas na passagem de uma

sciencia para outra, senão também na disposição das partes de uma mesma sciencia.

Entretanto, Spencer, quasi accidentalmente e por acaso, em um estudo consagrado á evolução das sciencias, mostra a inexactidão do pretendido principio fundamental da classificação sérial proposta pelo chefe do positivismo.

Toma primeiramente uma sciencia, a mathematica, que rompe a marcha da classificação comtesca e mostra que as diversas sciencias em que aquella se divide não se classificam segundo o principio da *generalidade decrescente*, porquanto a *mathematica abstracta* ou *calculo* acha-se por toda a gente, e pelo proprio Comte, dividida em *arithmetica*, *algebra* e *analyse transcendente*.

Ora, n'esta classificação, o principio fundamental positivista está inteiramente postergado, pois que, em vez de se partir do *mais geral* para o *mais particular*, como proclama o pretendido axioma, faz-se exactamente o contrario : parte-se do *mais particular para o mais geral*. A decantada *generalidade é crescente e não decrescente*... Não se verifica a primeira parte do principio. E porque não se verifica ?

Aqui Spencer não foi bastante insistente, como deveria ter sido para rechaçar de todo o adversario.

Não se verifica a primeira parte do principio, exactamente porque não se verifica também a

segunda parte, isto é, a famosa *complexidade crescente*.

O systema ensina que quanto *mais geral, mais facil, menos complexo*.

Ora, alli na distribuição das partes da mathematica dá-se irreverentemente o inverso: quanto *mais geral, mais difficil, mais complicado* ! D'ahi a necessidade de deixar o *generalissimo* e *difficillimo* calculo transcendente para depois da algebra e esta para depois da arithmetica...

Como é ingrata e indisciplinada e anarchica a mathematica !

Não se dobrar aos sonhos caprichosos do *Fundador* !...

O philosopho inglez passa em seguida a apreciar a applicação do principio á *mecanica* e depois á *astronomia* e á *physica*.

E' inutil repetir aqui o que foi traduzido e citado nas paginas anteriores.

Como, porém, respondeu a isto Emilio Littré ?

Como defendeu elle o principio da *generalidade decrescente* ?

De um modo inteiramente illusorio.

Toda a sua argumentação se reduz a dizer que existem duas especies de *generalidades*, uma *objectiva* e outra *subjectiva*, tratando Comte d'aquella e Spencer d'esta ultima.

O leitor vae ter diante de si o trecho littréistico,

onde se acha esta singular descoberta, que não tem a minima applicação ao caso.

Fiel ao seu systema de dizer que elle proprio já havia encontrado as difficuldades que tenta afastar, não se esquece de lembrar ter, desde 1859, lançado as bases da *distincção*, que vae agora lhe servir.

Infelizmente pouco adianta essa declaração pessoal de antecedencia precacionista; porque, apesar de seus esforços, o philosopho andou um pouco morosamente. O opusculo de Spencer é de 1854, e só cinco annos mais tarde é que o velho francez lançou, como diz, os primeiros germens da descoberta agora invocada.

Ouçamol-o :

« Já em 1859, nas *Palavras de philosophia positiva*, havia eu lançado as bases de uma distincção, que deve ser feita e que indica a solução da difficuldade suscitada quanto ao principio da generalidade decrescente, isto é, a distincção entre a generalidade *objectiva* e a *generalidade subjectiva*. Existem n'esse complexo de substancias e de phenomenos que se chama a natureza, no conjuncto das propriedades da materia constituidora de todas as cousas, corpos inorganicos e corpos organisados, tres degraus de generalidade descendente claramente determinados.

Primeiro surge o grupo das propriedades, sem

às quaes nenhuma substancia apparece, a saber : a gravidade, o calor, a electricidade, o magnetismo, a luz, a elasticidade e a sonoridade. Toda a substancia, por mais isolada que a consideremos, é pesada, quente, electrica, luminosa, elastica. Este grupo pôde-se chamar o grupo da unidade ou da materia, considerada n'aquelles caracteres que, para se manifestar, não precisam de nenhuma combinação binaria, ternaria, quaternaria, etc. Tem tambem por signal caracteristico o pertencer tanto á massa quanto ás suas particulas integrantes. O segundo grupo é o das propriedades chamadas de afinidade ou chemicas ; ahi já não basta ter um fragmento qualquer de qualquer substancia, ao qual o isolamento, a independencia nada tiram de seu estado gravitativo, thermal, electrico, luminoso, elastico ; para a intervenção do chimismo são necessarias duas substancias diversas e não só diversas, como dotadas de afinidade uma para a outra, o que limita e restringe ainda mais este dominio. Este é o grupo da binaridade, e deve-se notar que a acção chimica, estranha á massa, passa para as moleculas. O terceiro grupo, finalmente, é o das propriedades vitaes ; não só a vida não pertence a qualquer substancia isolada, não só não pertence a qualquer substancia composta binariamente, porém, ainda limitada a um pequeno numero de elementos unicos susceptiveis de formar tramas organicas,

exige o concurso de composições ternarias ou quaternarias.

Ahi estam tres degraus de generalidade *objectiva decrescente* e de complicação *objectiva crescente*.

❖ Não foi manifestamente contra isto que Herbert Spencer argumentou, porque nem sequer fallou d'essas cousas; o que elle assignalou foi haver sido, na mathematica, em desaccôrdo com o principio de Comte, a generalidade *crescente* e não *decrescente*. D'esta generalidade *crescente* juntarei ao seu um exemplo tirado de outra ordem de conhecimentos e que mostrará claramente a confusão. A biologia passou da consideração dos *orgãos* á dos *tecidos*, mais *geraes* do que os *orgãos*, e da consideração dos *tecidos* á dos *elementos anatomicos*, mais *geraes* do que os *tecidos*.

Esta generalidade *crescente*, porém, é *subjectiva* e não *objectiva*, abstracta e não concreta.

Noto; pois, que existem duas especies de generalidade, uma *objectiva* e nas *cousas* e outra *subjectiva* e no *espirito*. E', portanto, natural que, em face da generalidade *objectiva* de Comte, haja este assignalado collateralmente, por toda a parte, uma generalidade *subjectiva*; e, porém, se Comte confundiu a generalidade *subjectiva* na *objectiva*, H. Spencer fez o contrario, confundindo esta n'aquella.

Mostrei, linhas acima, haver a biologia procedido, *subjectivamente*, a uma *generalidade crescente*. Vou agora mostrar que *objectivamente* ella procede a uma generalidade *decrescente*.

O corpo vivo foi primeiro estudado em conjuncto ; d'este conjuncto se passou ao exame dos orgãos, que vieram a figurar, por seu turno, como verdadeiros todos ; estes todos particulares foram decompostos em tecidos ainda mais particulares, e, por uma nova particularisação, chegou-se até aos elementos.

A contradicção é só apparente. Em um caso trata-se de uma cousa e no outro de cousa diversa. No primeiro, trata-se do processo do espirito humano que adquire noções cada vez mais geraes ; no segundo, trata-se de um todo que se decompõe em partes cada vez menores. Considerando o corpo vivo em globo, depois seus tecidos, depois seus elementos, o que *forma outras tantas doutrinas, cada vez mais geraes*, se dirá, com H. Spencer, que na biologia a *generalidade foi crescendo*.

Considerando, por outro lado, o corpo vivo em globo, depois seus tecidos, depois seus elementos, o que *forma outras tantas divisões cada vez mais particulares*, se dirá, com Comte, que na biologia a *generalidade foi decrescendo*.

D'est'arte, no exemplo da mathematica, escolhido por Spencer, a generalidade objectiva é *decre-*

cente, isto é, o *numero*, considerado em globo e sendo, n'este ponto de vista, o que ha de mais geral, se decompoz, pelo progresso da sciencia, em *quantidade algebrica*, depois em *quantidade infinitesimal*, o que não impede que, em um ponto de vista diverso, a generalidade seja *crescente*.

O *elemento anatomico* me parece o caso mais apropriado para dar uma ideia precisa das duas ordens de generalidade.

No ponto de vista *objectivo*, é o ultimo termo a que tenha a dissecção attingido, e, portanto, o mais particular.

No ponto de vista *subjectivo*, é o primeiro termo da synthese, aquelle com o qual recomposmos o corpo inteiro. »

Eis ahi, um dos mais completos documentos da paralogistica positivista. Reclamamos a attenção para o trecho citado em sua totalidade e em cada uma de suas partes.

Evidentemente divide-se em tres topicos caracteristicos.

O primeiro são aquelles periodos iniciaes em que o discipulo de Comte faz referencia aos *tres degraus de generalidade* na materia, a que diz haver alludido desde 1859.

Taes degraus, que se podem chamar o *physicismo*, o *chimismo* e o *biologismo*, constituem uma banalissima e velhissima consideração, que não vinha absolutamente ao caso. Nem Spencer

se reportou a tal cousa, conforme o proprio Littré declara.

O segundo topico é constituido pelos periodos em que o celebre escriptor faz a sua curiosa distincção entre a generalidade *objectiva* e a *subjectiva*, tomando exemplos da *biologia* e da *matematica*.

O terceiro, finalmente, são aquelles ultimos periodos em que elle, parecendo ter consciencia do disparatado do exemplo tomado á mathematica, volta a dizer que o *caso da biologia* é que lhe parece mais apto para esclarecer o assumpto...

Analysemos, entretanto, um e outro exemplo.

Littré não contesta a verdade da affirmacção de Spencer sobre a generalidade *crescente* na classificacção da arithmetica, da algebra e do calculo transcendental.

Não o contesta e nem o podia.

O que faz é lançar mão da distincção paralogistica de generalidade *subjectiva e objectiva*.

Contra semelhante distincção, aqui arbitraria, militam vinte razões, cada qual mais poderosa.

Primeiramente é, em principio, inadmissivel a possibilidade de as nossas concepções, que outra cousa não fazem mais do que traduzir a realidade dos phenomenos, estarem em diametral opposição a elles, de fôrma que olhadas de dentro,

por assim dizer, mostrem uma generalidade *crescente* e olhadas de fóra, mostrem a generalidade *inversa*.

A equação deve ser perfeita e completa.

As nossas ideias mathematicas não são mais do que a systematisação das relações das cousas, sob o ponto de vista do numero ou da fórmula. Não podem contradictar a realidade objectiva.

Em segundo logar, é um erro grosseiro considerar o *numero* como um *todo*, que se subdividiu em *quantidade algebraica* e *quantidade infinitesimal*, formando uma gradação decrescente.

A realidade é que temos ahí tres modos diversos de considerar o mesmo phenomeno logico, sob um ponto de vista cada vez mais largo e mais geral.

Em terceiro logar, a equiparação da mathematica á biologia, ainda quando as allegações artificialmente tomadas a esta sciencia fossem verdadeiras, não era procedente; porquanto, no caso da mathematica, ha realmente a passagem de uma sciencia para uma segunda e para uma terceira, todas entre si distinctas em poder e em generalisação; ao passo que, no caso da biologia, não se sahe dos diversos capitulos de uma mesma sciencia.

Pelo tom expresso e claro do autor, vê-se que elle se refere á parte statica e descriptiva da sciencia biologica, a anatomia.

Pois bem, quando se passa da consideração do corpo, como um todo, para os órgãos, d'estes para os tecidos, d'estes para os elementos, não se sahe fóra da mesma sciencia anatomica, e aqui, portanto, não póde ter applicação o principio de uma classificação das sciencias, qualquer que elle seja, o de Comte ou o de qualquer outro philosopho.

Em quarto logar, cahe-se no disparate de uma cousa ser e deixar de ser ao mesmo tempo, posto que considerada do *mesmo modo e na mesma ordem*.

O leitor comprehenda bem. Se Littré tivesse dito que a passagem do corpo aos órgãos, d'estes aos tecidos, d'estes aos elementos, era um caso de certa especie de generalidade e que a operação inversa, isto é, a passagem dos elementos para os tecidos, d'estes para os órgãos e d'estes para o corpo, constituia um caso de generalidade da especie opposta, poder-se-hia admittir.

Mas não é esta a affirmacão do philosopho.

Elle na mesma marcha, na mesma linha de successão, admite ao mesmo tempo as duas especies de generalidade, *crescente* e *decrecente*.

Como essa magica se executa é o que se não póde bem apprehender ; assim como é um verdadeiro enygma o saber por que motivo *subjectivo* é aqui synonymo de *crescente* e *objectivo* synonymo de *decrecente*...

O illustre autor do *Diccionario* faz um verdadeiro *galimatias*. Quando a cousa *fôrma doutrinas*, estamos no *subjectivismo* e na generalidade *crecente*; quando *fôrma divisões*, estamos no *objectivismo* e na generalidade *decrecente*.

Veja-se : « considerando o corpo vivo em globo, depois seus tecidos, depois seus elementos, o *que fôrma outras tantas doutrinas*, cada vez mais geraes, se dirá, com Spencer, que na biologia a *generalidade foi crescendo*. Considerando, por outro lado, o corpo vivo em globo, depois seus tecidos, depois seus elementos, o *que fôrma outras tantas divisões*, cada vez mais particulares, se dirá, com Comte, que na biologia a *generalidade foi decrescendo*».

E' um verdadeiro embroglio para esconder a verdade.

Herbert Spencer assim mesmo o comprehendu.

Elle teve occasião de replicar a Littré e fê-lo em uma rapida nota da *Classificação das Sciencias*.

Pelo que toca a este ponto da *generalidade*, disse o seguinte : « E'-me impossivel pôr-me de accôrdo com Littré quando elle considera os factos *mais geraes da structura anatomica*, como geraes *subjectivamente* e não *objectivamente*.

Os phenomenos organicos apresentados por um *tecido* qualquer, *exempli gratia*, a *membrana mucosa*, são mais *geraes* do que os phenomenos

apresentados por tal ou qual *orgão* formado pela dita membrana mucosa, simplesmente no sentido de que os phenomenos particulares á membrana se renovam em um maior numero de casos do que os phenomenos particulares de tal ou qual *orgão* que a *membrana* contribue para formar.

E, semelhantemente, os factos relativos aos *elementos anatomicos* dos tecidos são mais geraes do que os factos relativos a um *tecido particular*, no sentido de que são factos apresentados em um maior numero de casos pelos corpos organizados.

São *objectivamente* mais *geraes*, e se se póde dizer que o são *subjectivamente*, é simplesmente no sentido de que a concepção corresponde exactamente aos phenomenos. »

Litré perdeu innegavelmente o seu tempo e o seu esforço. A realidade dos factos foi superior ás habilidades do seu talento e á dextreza de seu grande saber.

A argumentação do admiravel pensador britannico está de pé.

Resta-nos apenas apreciar a resposta de seu adversario na parte referente ao *desenvolvimento historico* das sciencias.

IV

De novo a critica de Spencer e a resposta de Littré

Falta apenas uma parte da resposta de Emilio Littré a apreciar : é aquella que se refere ao *desenvolvimento historico das sciencias como confirmador da série hierarchica dos positivistas*.

Contra semelhante pretensão comtesca Spencer limitou-se a indicar exemplos em contrario, tomados á historia da mathematica, da astronomia e da physica.

E' pena que não tivesse proseguido e mostrado exemplos tirados do desenvolvimento historico das sciencias, que succedem áquellas na *série alludida*.

Teria elucidado de uma vez o assumpto diante dos espiritos imparciaes, que são todos aquelles que não se acham corrompidos ou amordaçados por quaesquer orthodoxias caricatas. A razão d'essa sobriedade da critica do maior philosopho contemporaneo está em que elle no *Genesis da sciencia*, estudando as condições da evolução do saber humano, não se propunha directamente a fazer uma analyse da classificação de Comte ; só accidentalmente, como já tivemos ensejo de notar, é que se referiu á famosa hierarchia,

Limitou-se, pois, a poucos exemplos, e, para seu fim, era quanto bastava.

E' assim que indicou alguns casos de avanços e conquistas da mathematica, determinados por questões da astronomia e da physica.

E' assim que egual asserto irrespondivel avançou sobre a acção d'esta ultima sciencia no desenvolvimento da astronomia.

A taes exemplos, que não é preciso repetir agora, poderia o laureado mestre juntar outros, muitos outros, pertencentes á chimica, á biologia e á sciencia social.

Não foi só a physica que, inversamente ás afirmações de Comte, determinou, dirigiu e ampliou os progressos da astronomia.

Um caso de egual *irreverencia* da historia das sciencias contra as arrogancias dos *mendeocratas* está no facto de ter sido a maior e a mais radical alteração por que ha passado a physica, a *theoria monistica* da transformação e equipolencia das forças, conhecida sob o nome de *thermo-dynamica*, determinada justamente pelos progressos da chimica ! Foi nos laboratorios de chimica organica, especialmente, que se deram as revelações do spectroscopio, que terminaram de uma vez a doutrina da conservação da energia e a theoria mecanica do calor, que deram feição nova á physica moderna. -

Que diz a isto a gente da *capella da huma-*

vidade ? Que inspiração lhes dará a sainte patronne, M.^{me} Clotilde, née Marie ?

E' cousa que ainda não pude lobrigar nas diversas orações tiradas de sua correspondencia amorosa e que estão para lêr-se no nunca assás admirado testamento do Fundador...

Não é tudo : a *biologia* tambem teve a ousadia de mudar de rumo, constituindo-se definitivamente, quando adoptou o methodo de uma sciencia posterior na série hierarchica.

Foi exactamente o emprego na botanica e na zoologia do methodo de filiação, do methodo historico e comparativo, que trouxe o progresso n'essa ordem de estudos.

A anatomia comparada, a morphologia comparada, que tantas descobertas têm determinado na biologia geral, especialmente nas mãos de um Darwin, de um Huxley, de um Haeckel, são sciencias constituidas, ou, se quizerem, renovadas pelo emprego de um methodo instaurado na sciencia social, nas ultimas decadas do seculo passado, por Wolf, Lessing, Winkelmann e Herder.

A *mythologia comparada*, a *linguistica comparada*, as *religiões comparadas*, outras tantas criações que se iniciaram, com estupendo resultado, desde a revelação do sanscrito na Europa, n'aquelle tempo, dando o primeiro passo para a nova intuição da evolução da humanidade, toma-

da em seu conjunto, vieram influenciar as concepções da biologia.

I'orneceram-lhe um novo instrumento, que abriu-lhe larga porta para o lado de perspectivas novas. Como ás considerações d'este genero respondeu Littré?

Por um modo irrisorio. Assim como no ponto referente ao principio da generalidade decrescente, o velho *savant* sahiu-se com a esdruxula distincção entre generalidade objectiva e subjectiva, agora desencavou de suas lucubrações a differença entre *evolução e formação da sciencia*.

Causa ás vezes pena o trabalho, que se impoz o *sevère caractère de philosophe*, M. Littré, como o chamava Renan, causa ás vezes pena o trabalho que elle se impoz de defender de criticas justissimas as crêações do homem, a quem chamava o seu mestre. Causa pena a quem sabe o modo descortez e grosseirissimo por que elle é tratado pela mendeocracia universal.

Sophysta, calumniador, campeão da indigna viuva, mediocre lexicographo, nullidade philosophica, sycophanta são os trocos miudos da linguagem mendeocratica; porque ha trocos graúdos, que não podem aqui ser exhibidos. São os das conversas e das confissões dos da seita.

Mas vejamos a curiosa distincção entre a *evolução e a constituição da sciencia*.

« Comte, escreve Littré á pag. 293 do livro citado, disse ser o desenvolvimento historico ou a evolução de cada sciencia conforme ao principio sérial por elle estabelecido. Herbert Spencer, por seu turno, mostra não ser *historicamente* a *evolução* conforme ao *principio sérial*, e por isso rejeita o principio.

Mantenho, por minha vez, o principio sérial e aceito a interdependencia do philosopho britannico.

Deve, portanto, existir em tudo isto uma confusão que importa elucidar.

A confusão está em se não distinguir a *evolução* e a *constituição*.

A proposição de Comte de ser o desenvolvimento historico conforme a ideia hierarchica, é verdadeira quanto á *constituição*. A proposição de Spencer de ser sempre conforme o desenvolvimento historico á interdependencia é verdadeira quanto á *evolução*. E que vem a ser a *constituição* em face da *evolução* ?

Uma sciencia está *constituída* quando satisfaz a duas condições : reconhecer alguma das propriedades fundamentaes da materia e estabelecer sobre tal propriedade uma doutrina *abstracta* susceptivel de *evolução*. Não fallarei da mathematica senão por simples menção ; n'ella a simplicidade é tão grande, que a *constituição* e a *evolução* confundem-se perfeitamente. Quanto ás

outras, as duas phases, *constituição e evolução*, são distinctas. A physica se *constituiu* quando reconheceu o peso, o calorico, a electricidade como propriedades irreductiveis e começou sobre cada uma d'estas qualidades a theoria abstracta, que ellas comportam. A chimica se *constituiu* quando perceberam-se a affinidade e as suas leis.

A biologia se *constituiu* quando uma vitalidade essencial aos tecidos foi estabelecida.

A sociologia, finalmente, se *constituiu* quando foi descoberta a lei pela qual o corpo social transmite de idade em idade a accumulção hereditaria.

Ainda aqui o exemplo da biologia fornecerá especial apoio.

Desde o tempo a que remontam os mais antigos documentos scientificos se nos depara a biologia como materia estudada.

Democrito e Hippocrates a cultivam ; Aristoteles consagra-lhe importantes trabalhos ; todos os medicos, directa ou indirectamente, chegam com as suas contribuições ; descobertas consideraveis apparecem, bastando lembrar a circulação do sangue ; e, todavia, não hesito em dizer que, a despeito de tudo, a biologia não estava ainda constituida. Qualquer que tivesse sido o character dos factos que lhe vinham lançar luz, não sahia d'elles noção alguma que separasse, dogmaticamente, a biologia das sciencias inferiores. Emprego esta

palavra no sentido em que d'ella usava Comte, e tenho o direito de o fazer. A biologia jazia como um appendice, um prolongamento da physica e da chimica ; e, quando pretendiam constituir-lhe a theoria, jámais deixavam de grupar-lhe os factos em torno de algum principio tirado, conforme a corrente do tempo, de qualquer dos dominios já constituídos. Os espiritos que protestavam contra taes explicações physicas ou chemicas nada tiveram a lhes substituir. E' que faltava á biologia uma consistencia dogmatica que só poderia apparecer quando se soubesse definitivamente se a cellula, se a fibra muscular, se a fibra nervosa possuiam propriedades peculiares ou apenas apresentavam modificações de alguma das forças pertencentes á materia inorganica.

Isto leva-me naturalmente ao ponto de vista de onde se nota a condição successiva das *constituições* das sciencias e que chamarei o ponto de vista dos residuos.

Cada sciencia superior se constitue por um residuo, deixado pelas sciencias inferiores e que ellas não podem explicar.

Quando a physica tem esgotado as propriedades da materia que lhe tocam, restam as propriedades da affinidade molecular ; ninguem, porém, antes de tal operação, pôde dizer se a affinidade molecular não depende de alguma propriedade physica desconhecida ou mal estudada ; após o exame

completo da physica, a duvida desapareceu e a chimica surgiu. O mesmo se dá com a biologia ; a chimica acaba de se constituir e apparecem então, em sua inexplicabilidade, os phenomenos vitaes ; são o residuo da chimica, bem como a chimica era o residuo da physica ; a biologia se constitue e liga-se á cadêa scientifica que existia.

Diante de taes factos, resta-me apenas recordar o que disse da generalidade *objectivamente decrescente*, cujos diversos degraus a natureza nos offerece na passagem dos phenomenos physicos aos chimicos, depois aos vitaes. Este recurso basta para mostrar que a taes degraus correspondem as *constituições* successivas das sciencias. »

Eis ahi longamente reproduzida a resposta do venerando Littré, no ponto precipuo do desenvolvimento historico da sciencia, em accôrdo ou não, com a série hierarchica dos positivistas.

O escriptor francez não contesta os factos allegados por Herbert Spencer, e isto seria o principal a fazer.

Se os factos são exactos, são verdadeiros, para que continuar a affirmar a conformidade da *historia* com a *série* ?

Era mais logico o abandono de semelhante aserto, que assume feições de capricho ou de dogmatico emperramento.

O accôrdo com o adversario não traria dezar, tanto mais quanto a ponderação historica não é a

base fundamental da propria classificação sérial do comtismo.

Litré preferiu enveredar por uma série de considerações paralogisticas e falhas de merito para o ponto em debate.

N'esta parte de sua argumentação noto-lhe os seguintes defeitos.

Em primeiro lugar, é uma cousa arbitraria a tal distincção entre *constituição* e *evolução* de uma sciencia.

Até aqui toda a gente sabia que a evolução de um phenomeno qualquer não era outra cousa mais do que o desenvolvimento, o desdobramento harmonico de uma série de factos que se constituiam no tempo e no espaço.

Se o phenomeno, physico, moral ou social, era de indole passageira, o rythmo evolutivo marcava claramente os antecedentes da cousa, o inicio d'ella, seu apogeu, seu decrescimento, sua desappareição.

Se o phenomeno era de indole permanente, ou supposta assim indefinidamente, nem por isso a evolução deixava de assignalar phases diversas no seu desenvolvimento, ou se tratasse de uma cousa tão geral, como o systema planetario, por exemplo, ou mais particular, como a formação, a expansão de uma nacionalidade. Todas as cousas existentes estão sujeitas a essa mesma norma. As sciencias, as artes, as politicas, as

religiões, as indústrias, todas as crêações humanas obedecem ao mesmo principio.

A evolução de uma sciencia não é, pois, mais do que a historia de sua propria constituição; não é mais do que o conjuncto successivo dos esforços empregados no tempo e no espaço para sua organização e para o seu progredimento constante.

A *evolução* é, por assim dizer, a historia da *constituição* da sciencia. Como, pois, separar uma da outra? Para que dar dois sentidos a um mesmo conjuncto de factos e circumstancias?

Em segundo logar, este desvio torna-se um completo erro, se se fizer, como Littré, a evolução uma cousa *posterior* á decantada e maravilhosa constituição: « Uma sciencia se *constitue* quando estabelece sobre uma propriedade da materia uma doutrina abstracta, susceptivel de *evolução*. »

Isto de uma cousa se *constituir* sem mais *tirte nem guarte*, para depois, e só depois, *evoluir* é... simplesmente enigmatico.

Em terceiro logar, a defesa n'este ponto, de Littré, é uma verdadeira petição de principio. Sua argumentação, além da distincção esdruxula, cuja improcedencia acaba de se mostrar, distincção em que botou nas mãos de Comte a *constituição* e nas de Spencer a *evolução* da sciencia, consiste em appellar para os celebres degraus da genera-

lidade decrescente, que ficaram discutidos quando se tratou d'esta parte da questão.

São os taes *degraus objectivos* que elle poz na cabeça de Comte em opposição aos *degraus subjectivos* que poz na de seu adversario.

Ora, a legitimidade de tal gradação decrescente é exactamente o que está em questão ; se contra ella foram citados varios factos, se contra ella se argumentou, se ella tambem precisa de defesa, como é que póde ser invocada em apoio da questão historica ?

Não é tudo ; ha um quarto vicio que corrompe todo o trecho citado de Littré, e constitue, na opinião dos competentes, o defeito capital da classificação e do conceito geral das sciencias no positivismo.

Referimo-nos á *irreductibilidade* dos phenomenos constitutivos das diversas sciencias.

Ora, o progresso humano no terreno do saber, quer nas chamadas sciencias particulares, quer na philosophia, é todo feito em um sentido diametralmente opposto. O *monismo* é a palavra do dia e elle tende a apagar a irreductibilidade dos taes residuos dos positivistas.

O character artificial da classificação ficará cada vez mais patente aos olhos de todo o mundo, restando apenas nas trévas, obcecada pela orthodoxia mendeocratica, a gente que reza a *M.^{me} Clotilde de Vaux, née Marie...*

Até aqui a apreciação da critica do autor do *Systema de Philosophia Synthetica* e da resposta do celebre traductor de Hyppocrates.

A classificação das sciencias é inquestionavelmente o *chef d'œuvre* do positivismo. Ainda assim é cheia de defeitos. Alguns d'elles estão bem claramente indicados no *Genesis da sciencia*.

Alli, porém, não se acham reunidos todas as lacunas e desacertos da série hierarchica. Indicar ainda alguns d'esses vicios será o objecto das paginas que se vão seguir.

v

Outros vicios da classificação de Comte

Seria uma ingenuidade pensar ter a classificação das sciencias de Comte sómente os vicios e defeitos magistralmente indicados por H. Spencer, que acabamos de vêr. Outros e bem graves estão a afeial-a e devemos indicar alguns d'elles.

Este trabalho será feito a traços largos, com indicação apenas das theses capitaes. E' quanto basta para os espiritos comprehensivos e integros. A classificação comtesca, dada pelos fanaticos incompetentes como uma maravilha, nada tem de original.

Olhando-se bem para ella vê-se que não passa do desdobramento da velha classificação das sciencias, conhecida na Europa desde os ultimos tempos da idade média e especialmente desde o Renascimento. A taboa das sciencias era assim disposta: *sciencias exactas*, *sciencias phisicas*, *sciencias naturaes*, *sciencias moraes*. Eram distribuidas n'este numero e n'esta mesma ordem, que é exactissima.

Que fez Augusto Comte? Nada mais do que tomar o velho dado tradicional e ter o trabalho de conservar justamente a classica divisão na mesma ordem hierarchica, dividindo apenas o primeiro termo — *sciencias exactas* — em *mathematica* e *astronomia*, como aliás já era por todos praticado, e dividir o segundo termo — *sciencias phisicas* — em *physica* e *chimica*, o que, aliás, já era tambem por toda a gente feito desde o ultimo quartel do seculo passado, e onde se dizia, no ultimo termo, *sciencias moraes* ou *sociaes* substituir a antiga denominação pelo neologismo — *sociologia*, consagrando ás chamadas *sciencias naturaes*, que são o penultimo termo da velha classificação, o nome de *biologia*, desde muitos annos já corrente na linguagem scientifica. O trabalho de Comte foi, pois, apenas desdobrar os *quatro* grupos de sciencias nas *seis* que lhes eram inherentes, e mais nada.

Mais tarde elle juntou-lhes uma setima, a *moral*,

contida no ultimo termo, o que vem confirmar o que avançamos.

E a prova radical e irrefragavel de que o philosopho não tinha feito mais do que, consciente ou inconscientemente, glozar a antiga sériação que abrangia o duplo dominio do inorganico e do organico, está em que mais tarde, na sua ultima obra, a *Synthese Subjectiva*, elle reduziu as sete sciencias de sua antiga hierarchia á série tripartita de *Logica (Mathematica)*, *Physica* e *Moral*, obedecendo sempre á velha intuição.

Mas, dirá o fanatismo incompetente dos padres Miguel Lemos e Teixeira Mendes, na classificação do *Fundador* o que é fundamental não é tanto a distribuição gradativa das sciencias, como o principio da *complexidade crescente*, que a rege.

Mas este nunca pertenceu a Comte, elle o plagiou de Saint-Simon, por mais que n'este ponto cabriolem furiosos, no seu cêgo despeito os bonzos da nova religião.

Em passagem adequada d'este livro será vingada a memoria do generoso socialista francez dos sophysmas inconsistentes de Littré e das injurias e calumnias parvas de Robinet.

Por emquanto baste-nos allegar que no ponto capital e serio das relações de Comte com o homem que depois elle ingratamente amesquinhou, seguimos a opinião, estribada nos documentos anteriores a 1818, de Booth, em seu livro — *Saint-*

Simon e o Saint-Simonisme, e de Flint na sua *Philosophia da Historia em França*. Nos mais antigos escriptos do calumniado pensador encontra-se a ideia da classificação das sciencias na ordem em que o chefe positivista as collocou e tambem o principio da *complexidade crescente*; e isto vale tudo...

Em 1807, em sua *Lettre d'un habitant de Genève* já elle escrevia :

« A época mais memoravel que apresenta a historia dos progressos do espirito humano é aquella na qual os *astronomos* expelliram de seu gremio os *astrologos*. Os *phenomenos chimicos*, sendo *mais complicados* que os *phenomenos astronomicos*, o homem só se occupou com elles muito tempo depois.

No estudo da chimica elle calhiu nos erros que tinha commettido no estudo da astronomia ; mas, por fim, os chimicos se desembaraçaram dos alchimistas. A *physiologia* acha-se ainda na má posição por que hão passado as sciencias astronomicas e chimicas ; é preciso que os *physiologistas* expulsem de seu gremio os *philosophos*, os *moralistas* e os *metaphysicos*, como os *astronomos* expelliram os *astrologos* e os chimicos os alchimistas. »

Se n'este trecho não se acham consignadas a *ordem hierarchica da classificação* e tambem a *ordem natural da formação das sciencias*, e egual-

mente indicado o *principio da complicação crescente*, então as palavras perderam o sentido e os positivistas têm o direito de phantasiar á vontade.

Mas não é tudo ; na *Mémoire sur la Science de l'Homme*, que é de 1813, escreve Saint-Simon, communicando aos seus discipulos as bellas ideias de Burdin : « Todas as sciencias começaram por ser *conjecturaes* ; a grande ordem das cousas chamou-as, porém, a tornarem-se *positivas*. (Olhem esta palavra !) A *astronomia* começou por ser a astrologia ; a *chimica* por ser a alchimia. A *physiologia*, que durante muito tempo fluctuou em pleno charlatanismo, basêa-se hoje em factos observados e discutidos. A *psychologia* começa a esteiar-se na *physiologia* e a desenvencilhar-se dos preconceitos religiosos em que se apoiava...

A *astronomia*, sendo a sciencia que encara os factos sob as *relações mais simples e menos numerosas* (Sic), é a primeira que deve ter adquirido o *character positivo* (Sic). A *chimica* deve ter caminhado *depois da astronomia e antes da physiologia*, porque ella considera a acção da materia sob *relações mais complicadas do que a primeira e menos complexas do que a physiologia...* » Mais claro e mais terminante do que isto, nem a luz solar e nem a demonstração do quadrado da hypotherusa.

Se ha um ponto liquido em crítica historica é

este : o principio que se chamou da *complexidade crescente* na classificação das sciencias da philosophia positivista é tirado de Saint-Simon, que em parte o aprendeu do Dr. Burdin.

Na discussão da celebrada *lei dos tres estados* este assumpto será mais aprofundado. Vamos adiante. Um ponto que anda por ahi muito afastado de seu verdadeiro sentido é, na classificação das sciencias e em geral nas considerações sobre a philosophia das sciencias, a questão do *methodo* no positivismo. Não é raro ouvir espiritos superficiaes ou mesmo completamente ignorantes dizerem : «na religião, na politica e em certas questões philosophicas não acompanhamos as doutrinas de Cômte ; mas, o que diz respeito ao methodo, elle elucidou de uma vez...»

Palavras estas que são o testemunho da inopia de quem as pronuncia.

A verdade é que o philosopho francez é vacillante na questão do methodo, a respeito do qual ha verdadeiros desatinos no seu *Curso* e na sua *Synthese*.

Alguns d'estes disparates foram com invejavel lucidez assignalados por Huxley, que tanto tem de sabio naturalista, quanto de pensador philosopho.

Limitar-nos-hemos a alguns casos mais significativos, citando o grande inglez, porque, além do dever debater o positivismo, queremos ter o

prazer de dar ao leitor optimos ensejos de verificar por si a differença que vae entre um dogmatismo caduco e a philosophia entusiasta do evolucionismo de um Spencer e de um Huxley. Acompanhemos o admirável contendor.

Comte ainda admittia a noção herdada da velha methaphysica, que repetia n'este ponto inconscientemente, da pluralidade dos methodos, tendo cada sciencia o seu especial ou mais adequado.

D'ahi a recommendação de se não applicar o methodo de uma sciencia inferior a uma sciencia superior, ainda que todos os methodos tenham, por assim dizer, sua applicação normal na mathematica. E' em logica mais ou menos o mesmo que a pluralidade das especies em biologia. O evolucionismo não aceita estes fossos de difficil accesso, ou mesmo invadíveis. Huxley responde, depois de fazer um paralelo entre as diversas ordens de sciencias, em seu magnifico discurso — *Valor das Sciencias Naturaes no tocante á Educação* : « Quaesquer que sejam as formas simples ou complexas que possa revestir o ser vivo, elle se distingue do que não vive por estes tres phenomenos : a producção, o crescimento, a reproducção. Se é assim, é claro que, passando das sciencias physico-chimicas ás sciencias physiologicas, o estudante aborda uma ordem de factos inteiramente novos, e nós temos agora de investigar até que ponto estes factos novos

implicam novos methodos ou precisam de uma modificação dos que elle já conhece.

Ora, tem-se muito fallado das particularidades dos methodos da sciencia em geral e dos methodos diversos seguidos nas differentes sciencias.

As mathematicas, affirma-se, têm um methodo especial ; em physica é necessario outro, é mister outro em biologia, e assim por diante.

Pelo que me toca, declaro nada comprehender n'este modo de dizer.

Tanto quanto posso dar-me conta das cousas, a sciencia não é, como alguns parecem suppôr, uma modificação da feiticeria adaptada ao paladar do seculo XIX e seus progressos não resultam especialmente da decadencia da inquisição. A sciencia, a meu vêr, não é mais do que o senso commum adextrado e organizado ; differe d'elle como um veterano póde differir de um joven recruta ; seus methodos só differem dos do senso commum como os golpes de ponta e de talho do velho soldado se differençam dos golpes de clava dados desgeitosamente por um selvagem.

Em ambos os casos o poder primitivo é o mesmo, e o selvagem, que não foi preparado para o serviço das armas, tem talvez o braço mais vigoroso. O homem da espada tem como vantagens reaes uma arma ponteaguda, bem afiada; seu olhar exercitado conhece rapido o ponto fraco do adversario e sua mão é ligeira para feril-o n'este logar.

Mas, afinal, o exercicio da espada não é mais do que o desenvolvimento, o aperfeiçoamento das pancadas dadas a tôrto e a direito pelo homem do pau.

Assim, pois, os grandes resultados da sciencia não provêm de faculdades occultas ; os processos intellectuaes que nos hão adquirido estes consideraveis resultados, não differem d'aquelles que todos empregamos nos afazeres mais humildes, mais insignificantes da vida. O agente de policia descobre um patife pelo rasto de seus passos, pelos mesmos processos intellectuaes que habilitaram Cuvier a restaurar animaes desaparecidos, pelos fragmentos de ossos achados em Montmartre. E quando, com o auxilio de um processo de inducção e deducção, uma senhora, que vê em seu vestido uma mancha de particular especie, chega á conclusão que alguém derramou alli um tinteiro, seu raciocinio não differe, no genero, d'aquelles que fizeram descobrir planetas a Adams e a Leverrier.

O homem de sciencia não faz mais do que empregar com uma exactidão escrupulosa os methodos de que todos nós nos servimos habitualmente e a cada momento de um modo negligente; e o homem de negocio, como aquelle d'entre nós que tenha mais empallidecido sobre os livros, deve empregar os methodos scientificos, será homem de sciencia com o mesmo titulo por que

nós mesmos o somos, por mais admirado que elle se possa mostrar de se vêr philosopho, como ficava M. Jourdain quando lhe diziam que elle tinha toda a sua vida fallado em prosa. Entretanto, se não ha differença real entre os methodos scientificos e os da vida ordinaria, parece bem improvavel á primeira vista que existam differenças entre os methodos das diversas sciencias ; e, todavia, a cada instante aceita-se, parece, como cousa bem fundada que, pelo que toca ao methodo, existe uma separação decidida entre a physiologia, por exemplo, e as outras sciencias.

A biologia, dizem em primeiro logar, afasta-se das sciencias physico-chimicas e mathematicas em não ser uma sciencia exacta, e existem physiologistas que repetem esta imputação.

Ora, quando se falla em falta de exactidão, a cousa póde se referir, quer aos *methodos*, quer aos *resultados* da sciencia physiologica.

Não se póde dizer que os *methodos*, tenham falta de exactidão, porque os methodos são identicos em todas as sciencias e o que é verdade do methodo physico ou mathematico o é tambem do methodo physiologico.

Serão então os *resultados* da sciencia biologica que são falhos de exactidão ? Não absolutamente, supponho eu. Se digo que a respiração executa-se por intermedio dos pulmões, que a digestão se effectua no estomago, que o olho é o

orgão da visão, que as maxillas d'um vertebrado não se abrem nunca lateralmente, porém sempre de cima para baixo, ao passo que as de um anellado não se abrem nunca de cima para baixo e sempre lateralmente, enuncio proposições tão exactas quanto todas as da geometria.

Como, portanto, veiu a produzir-se esta ideia da inexactidão da sciencia biologica? A meu vêr, provém de duas cousas: primeiro, do facto das nossas predições, em relação ao que se ha de passar em circumstancias dadas, serem apenas approximativas, a maior parte das vezes, em razão da complexidade d'esta sciencia e da multidão das condições que intervêm em nossas experiencias; segundo, do facto de, estando as sciencias physiologicas ainda relativamente na infancia, a mór parte de suas leis não estarem ainda completamente elucidadas.

E' preciso, porém, distinguir entre aquillo que faz a essencia de uma sciencia e os accidentes que a cercam; e, em essencia, os methodos e resultados da physiologia são tão exactos quanto os da physica e os da mathematica...

O objecto das sciencias differe de umas para as outras; mas os seus processos são sempre os mesmos e são estes: 1.ª A *observação* dos factos, e sob esta indicação vae comprehendida a observação artificial, a que se dá o nome de *experimentação*. 2.ª O processo que consiste em reunir os

factos similares em feixes rotulados e aptos a servir, processo que se intitula *comparação* e *classificação*. Chamam-se *proposições geraes* os resultados de tal processo, os feixes rotulados, que têm também o nome de *inducção*. 3.º A *deducção*, que nos reconduz das proposições geraes aos factos e nos ensina, por assim dizer, a prevêr, segundo o rotulo, o que se acha no feixe. 4.º A *verificação*, processo por meio do qual asseguramo-nos de que a previsão está conforme ao facto previsto.

Não existe sciencia que saia fóra d'este caminho.» (1)

E' impossivel acompanhar o grande admirador de Hume em toda a sua argumentação; basta segui-lo em tres ou quatro pancadas certas dadas no mais *incerravel* dos homens. Este havia dito: «A classificação das sciencias apresenta a propriedade muito notavel de marcar exactamente a perfeição relativa das differentes sciencias, a qual consiste essencialmente no grau de precisão dos conhecimentos e em sua coordenação mais ou menos intima.» (2)

N'este ponto se manifesta uma das grandes differenças que existem entre o relativismo do evolucionismo critico e o dogmatismo da philosophia positivista.

(1) Pag. 109 e seguintes.

(2) *Cours*, I, pag. 78.

Para aquelle, o que é sciencia, é sciencia, isto é, tudo aquillo que, pelo raciocinio inductivo e deductivo, pelos processos da observação, comparação e verificação, entrou no quadro da sciencia, qualquer que seja o seu dominio, entrou definitivamente e é tão valido como qualquer outro assumpto, que já lá tenha entrado legitimamente pelos mesmos processos.

O que, por outro lado, é *incognoscivel*, o que não pôde entrar no quadro da sciencia, é sempre incognoscivel ou indeterminado.

Esta posição é muito mais logica do que a do positivismo, que não admite o incognoscivel e entra depois a encher a torto e a direito a sciencia de cousas incertas, inverificaveis, e o pensamento de crêações utopicas, como essas phantasias do subjectivismo, a que chama o *Grand Milieu*, o *Grand Fétiche*, o *Grand Être*, a *Vièrge-Mère*, com as faculdades que lhes são attribuidas.

Por isso o naturalista philosopho responde com razão :

«E'-me impossivel comprehender a distincção que Comte procura estabelecer n'aquella passagem, a despeito das amplificações por elle dadas um pouco além.

Cada sciencia deve se compôr de conhecimentos precisos e estes conhecimentos se devem coordenarem em proposições geraes, sem o que não constituiriam uma sciencia.

Quando Comte diz-nos, para explicar as afirmações citadas, que *os phenomenos organicos comportam apenas um estudo ao mesmo tempo menos exacto e menos systematico que os phenomenos dos corpos brutos*, não chego bem a dar-me conta do que isto significa. Quando affirmo que pela excitação d'um nervo motor o musculo a que elle se dirige torna-se a um tempo mais curto e mais grosso sem mudar de volume, tal affirmação não me parece só tão verdadeira, porém tão precisa ou exacta quanto a do physico que nos ensina que, aquecendo uma barra de ferro, torna-se ella ao mesmo tempo mais comprida e mais grossa, tomando um volume maior, e, no tocante á precisão, não vejo differença entre a enunciação d'esta lei morphologica : os animaes que amamentam seus filhos têm dois condylos occipitales, e esta lei physica : a agua submettida ao electrolyso se decompõe em oxygeno e hydrogeno, cujo peso total é igual ao peso da agua decomposta.

Quanto a dizer que as investigações anatomicas e physiologicas são menos systematicas que as do physico e do chimico, não passa isto de um asserto verdadeiramente inconcebivel.

Os methodos das sciencias physicas são sempre os mesmos em principio, e o physiologo, cujas pesquisas não fossem systematicas, encalharia em seu estudo ainda mais depressa do que

aquelles que se occupam de assumptos mais simples.» (1)

Temos outras dissonancias da terrivel seita em materia de methodo. Disse o pontifice inerravel, tratando da *comparação* :

« E' só no estudo, quer statico, quer dynamico dos corpos vivos, que a *arte comparativa propriamente dita* pôde tomar todo o desenvolvimento philosophico que a caracteriza, de modo a não poder ser convenientemente transportada a nenhum outro assumpto senão depois de ter sido exclusivamente tirada d'esta fonte primitiva.» (2)

Responde o grande mestre inglez, famoso anatomista e physiologo: « Tem-se dito que o methodo biologico é *especialmente comparativo*, e muita gente aceita favoravelmente este modo de vêr.

Não quereria dar a entender que, assim raciocinando sobre a classificação scientifica, certos philosophos especulativos foram levados a erro pelo nome accidental de um dos ramos mais importantes da biologia, a anatomia *comparada*; porém perguntarei : a *comparação* e o genero de *classificação* que d'ella resulta não são a essencia mesma de todas as sciencias, quaesquer que ellas sejam ?

(1) Pag. 238.

(2) *Cours*, III, pag. 239.

Como se poderá descobrir uma relação de causa a effeito, se não fôr comparando entre si uma série de casos nos quaes a causa e o effeito se apresentam reunidos ou isolados? É tão pouco verdade que a comparação seja exclusiva ás sciencias biologicas, que ella constitue a essencia mesma de qualquer sciencia.» (1) E' escusado glozar este erro, porque temos cousa peor e não devemos nos estender demais. Tratando da *experimentação*, escreveu a infallibilidade positivista : « No estudo dos *corpos-vivos* a natureza dos phenomenos me parece oppôr directamente obstaculos quasi insuperaveis a toda larga e fecunda *aplicação de tal processo*; ou, pelo menos, é por meios de outra ordem que deve sobretudo ser procurado o aperfeiçoamento essencial da sciencia logica.» (2)

Eis a resposta verdadeiramente esmagadora ; leiam os desabusados e os fanaticos tambem : « Um d'estes philosophos especulativos diz-nos que as sciencias biologicas têm de particular serem sciencias de *observação e não sciencias experimentaes*. D'entre todas as extravagantes *asserções* a que a especulação, sem conhecimento pratico do assumpto de que se occupa, póde arrastar um homem de merito, essa, creio, é

(1) Pag. 111.

(2) *Cours*, III, pag. 223.

por certo a mais extravagante. Pois que ! a physiologia não será uma sciencia experimental ?

Mas não existe uma só funcção dos órgãos do corpo que não tenha sido determinada pura e simplesmente pela experimentação. Não foi pela experimentação que Harvey determinou a natureza da circulação ? Não foi pela experimentação que sir Charles Bell determinou as funcções das raizes dos nervos espinhaes ?

Temos, porventura, outro meio para conhecer a funcção de um nervo qualquer, e até como podemos saber que nossos olhos são nosso apparelho de visão sem fazer a experiencia de os fechar, que o ouvido é nosso apparelho de audição sem que o tapemos e reconheçamos que deixamos de ouvir ?

Seria, em verdade, mais exacto dizer que, d'entre todas as sciencias, a physiologia é a sciencia experimental por excellencia, aquella em que ha menos a aprender por meio da observação pura, e aquella na qual ao experimentador se depara mais vasto campo a desenvolver todas as faculdades que o caracterisam.

Se me pedissem um modelo da applicação da logica da experiencia, não poderia indicar melhor do que a obra de Claude Bernard *sobre a funcção do figado considerado como órgão producteur de assucar no homem e nos animaes.* » (1)

(1) Pag. 112.

Tudo isto é bem dito e assenta em cheio, desbaratando as pretenciosas e desponderadas beatices dos crentes da positiveirice, que só maravilhas descobrem em tudo quanto sahiu da penna do adorado mestre.

Avistemo-nos agora com um ponto muito interessante, do maior valor, não só na questão geral da classificação das sciencias, como especialmente na concepção mesma da natureza intrinseca dos nossos conhecimentos. Queremos fallar do conceito do *abstracto* e do *concreto* nos diversos ramos scientificos.

Comte embrulha e confunde as cousas a ponto de ensinar que toda e qualquer sciencia é, ao mesmo tempo, *abstracta e concreta*, identificando *abstracto* com *geral*, como notou excellentemente Spencer, e a ponto de proclamar a heresia de *fundar-se o conhecimento concreto no abstracto*, quando o contrario é exactamente a verdade, como notou sensatamente Huxley.

Apreciemos este curioso debate :

Disse o francez :

«Devem-se distinguir, em relação a todas as ordens de phenomenos, dois generos de sciencias naturaes : umas *abstractas*, geraes, têm por objecto a descoberta das leis que regem as diversas classes de phenomenos, *considerando todos os casos que se podem conceber* outras *concretas*, particulares, descriptivas, e que são ás vezes

designadas pelo nome de *sciencias naturaes propriamente ditas*, consistem na applicação d'estas leis á historia effectiva dos differentes seres existentes... A distincção precedente não póde apresentar *nenhuma obscuridade aos espiritos que têm algum conhecimento especial das differentes sciencias positivas*, porque é quasi equivalente á que ordinariamente se enuncia em quasi todos os tratados scientificos, comparando a *physica dogmatica* á historia natural propriamente dita. Alguns exemplos bastarão, aliás, para tornar sensível esta divisão, *cuja importancia não é ainda convenientemente apreciada*. (Cá está a basofia). Poder-se-ha, antes de mais nada, perceber-a mui nitidamente, comparando de um lado a *physiologia geral* e de outro a *zoologia* e a *botanica* propriamente ditas.

São evidentemente, com effeito, dois trabalhos de um character muito diverso estudar, em geral, as leis da vida ou determinar o modo de existencia de cada corpo vivo, em particular. *Este segundo estudo, além de tudo, é necessariamente fundado no primeiro.*» (1)

A este palavreado arrogante de quem pensa que fez descoberta nunca vista e inatacavel, con-

(1) *Cours*, I, pag. 56 e 57. Advertimos que citamos directamente do livro de Comte, rectificando as citações de Huxley.

testa Huxley sem bulha e sem esforço com estas linhas que se sentem partir do mais imperturbavel bom senso :

« Comte nos deixa vêr na passagem ultima que sublinhei quanto ha de falso e de insufficiente nos seus conhecimentos relativos ás sciencias physicas, puramente derivados da leitura dos livros e não do estudo da natureza. *O estudo especial dos seres vivos é necessariamente fundado no estudo geral das leis da vida !...* O pouco que d'isto sei leva-me a pènsar que se Comte tivesse o menor conhecimento pratico das sciencias biologicas, teria invertido a phrase, depois de ter verificado que não podemos conhecer as leis geraes da vida, senão fundando-as no estudo dos seres vivos individuaes.

O exemplo de que elle se serve para explicar a distincção é por certo mal escolhido; porém as expressões empregadas para definir o que entende por sciencias abstractas não são menos criticaveis...

Póde-se dizer que a astronomia, a physica, a chimica, a biologia consideram *todos os casos que se podem conceber* no dominio de cada uma d'estas sciencias? Occupa-se, acaso, o astrónomo d'outro systema do universo a não ser aquelle que se desvenda a nossos olhos? Raciocina, porventura, sobre os movimentos possiveis dos corpos que se attrahiriam em razão inversa, por exemplo, do cubo de suas distancias ?

A biologia, abstracta ou concreta, trata de outras fórmulas da vida, a não serem aquellas que existem actualmente ou que existiram outr'ora?

E se as sciencias abstractas abraçam todos os casos concebiveis da operação das leis que lhes pertencem, não abraçam necessariamente e *ipso facto* o objecto das sciencias concretas que deve ser concebivel, pois que existe?

A distincção de Comte desmorona-se por falta de base. » (1)

Magnifico. Porém não basta esta refutação generica de Huxley, que reclama criteriosamente contra a precedencia dada pelo positivismo na passagem citada ao abstracto sobre o concreto; é preciso ir adiante e mostrar onde se vão prender as raizes d'esse formidavel erro, que só por si perverte toda a concepção positivista das sciencias.

Estetrabalho tinha-o já tomado a si H. Spencer.

« Comte, escreve proficientemente o grande philosopho britannico, divide a sciencia em *abstracta* e *concreta*; mas as divisões que estabelece com taes palavras são inteiramente diversas do sentido que se lhes deve dar. Em vez de encarar certas sciencias como inteiramente abstractas e outras como inteiramente concretas, encara *cada sciencia como sendo em parte abstracta e em parte concreta.*

(1) Pag. 223.

Existe, a seu vêr, uma mathematica abstracta e uma mathematica concreta, uma biologia abstracta e uma biologia concreta.

Para apoiar esta distincção com exemplos, cita a physiologia *geral* como sciencia *abstracta* e a zoologia e a botanica como sciencias *concretas*.

E' evidente que os termos *abstracto* e *geral* são empregados ahi como synonymos. Elles têm, todavia, significados differentes que importa distinguir. A palavra *abstracto* applica-se a um factó que é destacado da somma das circumstancias de um phenomeno particular; a palavra *geral* applica-se a um factó que resume ou representa muitos factos analogos. De um lado, consideram-se os caracteres proprios de um phenomeno, independentemente dos outros phenomenos com os quaes póde-se achar inisturado; de outro lado, só se considera a repetição ou a frequencia do phenomeno, sem a preocupação de saber se elle acha-se ou não misturado com outros phenomenos. As relações ideiaes dos numeros são ao mesmo tempo abstractas e geraes; mas, fóra d'ahi, uma verdade *abstracta* não póde nunca ser um *objecto de percepção*; ao passo que uma verdade *geral* é um *objecto de percepção em todos os casos possiveis*. Alguns exemplos tornarão mais clara esta distincção.

É uma verdade abstracta que o angulo inscripto

em um semi-circulo é um angulo recto, abstracta no sentido que ella é affirmada não de semi-circulos e angulos reaes, que são sempre imperfeitos, porém de semi-circulos e angulos concebidos por abstracção sobre o modelo dos semi-circulos e dos angulos concretos. Esta verdade *abstracta*, porém, não é uma verdade geral, quer no sentido de que ella se manifeste communmente em a natureza, quer no sentido de que ella consista em uma relação no espaço que comprehenda muitas relações secundarias da mesma especie, porque ella consiste em uma relação no espaço inteiramente particular.

Outro exemplo: que o movimento de um corpo o força a mover-se em linha recta com uma ligeireza uniforme, é uma verdade abstracto-concreta: uma verdade *abstracta*, porque ella é separada de certos factos, cujo todo constitue um phenomeno concreto; porém esta verdade não é de modo algum uma verdade geral, e tanto o não é, que nenhum facto na natureza nos fornece d'ella um exemplo. Reciprocamente, tudo que nos cerca fornece-nos milhares de verdades geraes que não são abstractas. E' uma verdade geral que os planetas gyram em torno do sol de óeste para léste, verdade da qual temos uma centena de exemplos debaixo dos olhos, até no que concerne aos asteroides; esta verdade, porém, *não é abstracta*, porque em todos os casos ella se realiza

para nós em um phenomeno concreto. Todos os vertebrados têm um duplo systema nervoso, todos os passaros e mammiferos possuem um sangue quente : são outras tantas verdades *geraes*, mas concretas, isto é, cada vertebrado nos offerece individualmente a manifestação completa e absoluta d'esta dualidade do systema nervoso, cada passaro nos offerece um typo perfeito de sua especie no ponto precipuo em que é ella considerada como raça de sangue quente.

O que se chama e se deve chamar verdade *geral* é simplesmente uma proposição que *resume* certos factos actualmente observados por nós, e não a expressão de uma verdade *tirada* de nossas observações actuaes, mas que se não realiza em nenhum dos factos observados. Em outros termos, uma verdade *geral resume* um certo numero de verdades particulares, ao passo que uma verdade *abstracta não resume* verdades particulares, porém formúla uma verdade que é implicada n'um certo numero de phenomenos, que, entretanto, não se mostra actualmente realizada em nenhum d'elles. » (1)

São considerações irrespondiveis, porque asentam em cheio na verdade. E nem se pense que seja de pequeno ou nullo alcance essa confusão

(1) Spencer *Classification des Sciences*, 4^{me} édition, tr. Rethoré, pag. 6 e seguintes.

positivista de *abstracto* com *geral* applicada ás sciencias.

Origina-se d'ella um triplice desacerto.

Primeiramente, d'ahi é que vem essa presumpção fatua de considerar as sciencias, as chamadas sete sciencias particulares, como cyclos feitos, já percorridos, já acabados, onde de um certo numero de ideias abstractas, por via deductiva, desenrola-se todo o edificio scientifico. Chegamos assim a encontrar uma especie de nova *ideologia*, uma nova *ontologia ideologica*, onde, como na outra que o experimentalismo de nosso seculo matou, é só ter o trabalho de assentar as milagrosas verdades geradoras e vêr formar-se por encanto o palacio phantastico da sciencia geral, com os seus sete andares, escoreitos, limpos, illuminados.

Depois, é d'alli que tambem decorre esse horror positiveiristico pelo *experimentalismo*, pelos esforços da observação e do methodo em geral no intuito de fazer avançar as sciencias.

Para que, se a tal *série abstracta* já está feita ?

Para que, se é só assestar a bateria e vêr o macrocosmo levantar-se ?

A intuição evolucionista, que nada admite como absolutamente acabado, é, ao contrario, um estímulo constante para a investigação ousada e infatigavel.

Não tem medo do *especialismo*, não acredita

em *esforços despersivos*... Só têm medo d'estes phantasmas as philosophias caducas, que não têm largueza, que não têm vôo bastante extenso, que possa unificar todas as divergencias apparentes e fazer a *synthese* de todas as theses, que aos mediocres parecem contradictorias.

Finalmente, d'allí é que dimana essa esterilisação pedagogica de cadeiras de *physica*, *chimica* e *biologia abstractas*, verdadeiro ensino truncado, falho, sem laboratorio, sem analyse, sem experimentação, sem contra-prova, sem valor, sem vida, que são a desgraça da instrucção nos paizes retrogrados que, como o Brasil, cahem na patética de prestar ouvidos á ladainha positivista...

VI

A questão da Psychologia e da Logica

Iriamos muito longe, se fossemos a esmerilhar as lacunas, todas as lacunas da decantada classificação, que, aliás, é o *chef-d'œuvre* do positivismo.

Indispensavel, porém, é dizer alguma coisa sobre as disparatadas ideias de Comte no tocante á psychologia e á logica em o concerto das sciencias.

O philosopho não admittia estas duas disciplinas intellectuaes.

Pelo que se refere á psychologia, imbuido das ideias de Gall e Broussais, considerava-a, sob o ponto de vista statico, como simples appendice da biologia e, dynamicamente, como um appendice da historia ; em ambos os casos impossivel, como sciencia independente.

As razões que apresentava para assim pensar é que não eram das mais valorosas ; a desprezada sciencia vingou-se dos esconjuros do systematico inquisidor intellectual, avançando sempre e chegando hoje a constituir uma das mais pujantes, das mais vigorosas que se conhecem.

As singularidades do philosopho francez n'este ponto já têm sido objecto de reparo. Se a questão do supposto *principio da generalidade decrescente e da complexidade crescente* na série hierarchica—foi o objecto principal apreciado por Spencer ; se os equivocos especiaes sobre a applicação do methodo ás sciencias constituiram a materia predilecta das observações de Huxley, a questão da psychologia foi nomeadamente apreciada por Stuart Mill no seu *Systema de Logica* e no opusculo *Augusto Comte e o Positivismo*.

Emilio Littré no livro *Auguste Comte et la Philosophie Positive* e Th. Ribot, na *Psychologie Anglaise Contemporaine* fazem considerações a respeito, porém soffrivelmente superficiaes.

O debate deve ser lido no original, ponderado nas suas fontes e directamente aquilatado.

Ouçamos, antes de tudo, o philosopho francez. Não é para elle ponto secundario em seu systema o modo especial por que considera a psychologia e implicitamente a logica.

Ao contrario, é um dos quatro grandes resultados directos da philosophia positiva annunciados por elle desde a primeira lição de seu *Curso*. Eis aqui :

« Se considerarmos as funcções intellectuaes sob o ponto de vista statico, seu estudo só pôde consistir na determinação das condições organicas de que dependem e forma assim uma parte essencial da anatomia e da physiologia. Considerando-o sob o ponto de vista dynamico, tudo se reduz a estudar o caminho effectivo do espirito humano em exercicio, pelo exame dos processos realmente empregados para obter os diversos conhecimentos por elle já adquiridos.

Em uma palavra, encarando todas as theorias scientificas como outros tantos grandes factos logicos, é sómente pela observação aprofundada d'estes factos que podemos elevar-nos ao conhecimento das leis logicas. Taes são evidentemente os dois caminhos unicos geraes, complementares um do outro, pelos quaes se possa chegar a algumas noções racionaes verdadeiras sobre os phenomenos intellectuaes.

Vê-se que *não existe, sob aspecto algum, logar para essa psychologia illusoria, ultima transfor-*

mação da theologia, que se tenta agora em vão reanimar e que, *sem preoccupar-se com o estudo physiologico de nossos orgãos intellectuaes*, nem da observação dos processos racionaes que dirigem effectivamente nossas diversas investigações scientificas, pretende chegar ao descobrimento das leis fundamentaes do espirito humano, contemplando-o em si mesmo, isto é, fazendo completa abstracção das causas e dos effectos.

A preponderancia da philosophia positiva (quiz dizer experimental) tem-se tornado tal, a datar de Bacon, tem ella tomado tão notavel ascendente sobre os proprios espiritos mais alheios a seu enorme desenvolvimento, que os metaphysicos, dados ao estudo de nossa intelligencia, só têm podido crêr demorar a decadencia de sua pretensa sciencia, recorrendo ao expediente de apresentar suas doutrinas como sendo tambem *fundadas na observação dos factos*.

N'este intuito imaginaram, recentemente, distinguir, por uma subtileza muito singular, duas sortes de observações de igual importancia, uma *exterior*, outra *interior*, a segunda das quaes é destinada ao estudo dos phenomenos intellectuaes.

Sem entrar agora na questão especial d'este sophisma fundamental, devo limitar-me a indicar a consideração principal que prova claramente ser *pura illusão* esta pretendida contemplação directa do espirito por si mesmo.

E', de facto, bem sensível que, por uma necessidade invencível, o espirito humano póde observar directamente todos os phenomenos, menos os seus proprios.

Porquanto, por quem seria feita a observação?

Concebe-se, quanto aos phenomenos moraes, que o homem possa observar-se a si mesmo sob a relação das paixões que o animam, pelo motivo anatomico de serem distinctos os órgãos que lhes servem de base dos destinados ás funcções observadoras.

Ainda mesmo que cada um tenha tido ensejo de fazer em si proprio taes notações, ellas não poderiam evidentemente ter nunca uma grande importancia scientifica, e o melhor meio de conhecer as paixões será sempre observal-as fóra; porque todo o estado de paixão muito pronunciado, precisamente aquelle que seria mais essencial examinar, é necessariamente incompativel com o estado de observação. Quanto, porém, a observar do mesmo modo os phenomenos intellectuaes emquanto se *executam*, ha para isto impossibilidade manifesta. O individuo pensante não se poderia dividir em dois, um dos quaes raciocinasse emquanto o outro espreitasse o raciocinio. Sendo, n'este caso, identico o órgão observado e o órgão observador, *como poderia ter logar a observação?*

O pretendido methodo psychologico é, pois, radicalmente nullo em seu principio.

E consideremos a que processos profundamente contradictorios elle conduz, immediatamente ! De um lado, vos recommendam que vos isoleis, quanto possivel, de toda a sensação exterior e que especialmente eviteis todo trabalho intellectual ; porque se vos occupardes do calculo mais simples, que será feito da *observação interior* ? De outro lado, depois de ter emfim, á força de precauções, attingido este perfeito estado de somno intellectual, deveis occupar-vos em contemplar as operações que se hão de executar em vosso espirito, quando n'elle não se passar mais nada.

Nossos descendentes verão por certo representadas em scena semelhantes pretensões. » (1)

São palavras que estam para lêr-se logo nas primeiras paginas do *Cours*.

O philosopho volta repetidas vezes sobre o assumpto, em differentes passagens dos seus enormes seis volumes ; porém, no fundo, não faz mais do que glozar as theses principaes n'aquellas citadas linhas consignadas. Bem fracas são ellas em verdade, e o melhor modo de as refutar seria reduzil-as ás suas affirmações categoricas e comparal-as com a realidade dos factos, com o estado actual da sciencia.

Fal-o-hemos opportunamente; mas, antes d'isto, apreciemos a resposta de J. Stuart Mill.

(1) *Cours de Philosophie Positive*, I, 30, 32.

•«Evitaremos, escreve o iniciador do moderno movimento philosophico em Inglaterra, evitaremos toda a especulação sobre a natureza intrinseca do *espírito* e entenderemos por leis do espírito as leis dos *phenomenos mentaes*, dos *differentes sentimentos* ou *estados de consciencia* dos seres sensientes. Consistem elles, conforme a classificação que temos seguido constantemente, em pensamentos, emoções, volições e sensações, sendo estes ultimos phenomenos estados do espírito tanto quanto os tres primeiros. E' certo que no uso corrente falla-se das sensações como estados do corpo e não do espírito. E' este, porém, um exemplo mais da confusão ordinaria de dar o mesmo nome a um phenomeno e á causa proxima ou ás condições d'esse phenomeno. O antecedente immediato da sensação é um estado do corpo, mas a sensação mesma é um estado do espírito. Se a palavra espírito significa alguma cousa, significa exactamente aquillo que sente.

Qualquer que seja a opinião que se adopte sobre a identidade ou a diversidade fundamental da materia e do espírito, a distincção dos factos mentaes e dos factos physicos, do mundo interno e do mundo externo, subsistirá sempre como base d'uma classificação e n esta classificação as sensações devem, como os outros sentimentos, ser notadas entre os phenomenos mentaes.

O mecanismo de sua producção no corpo mesmo

e n'aquillo a que se dá o nome de natureza exterior é tudo quanto se póde com justiça collocar entre os factos *physicos*.

Os *phenomenos* do espirito são, portanto, os diversos sentimentos de nossa natureza e comprehendem tanto os chamados *impropriamente physicos*, como os chamados *particularmente mentaes*, e por leis do espirito entendo as leis segundo as quaes estes sentimentos geram uns aos outros.

Todos os estados do espirito têm por causa immediata outros estados do espirito ou estados do corpo. Quando um estado do espirito é produzido por outro estado do espirito, chamo á lei em jogo n'este caso uma lei do espirito. Quando um estado do espirito é produzido directamente por um estado do corpo, a lei é uma lei do corpo e entra no dominio das *sciencias physicas*.

Quanto a estes estados do espirito chamados *sensações*, toda a gente está de accôrdo em reconhecer que elles têm por antecedentes immediatos estados do corpo. Toda sensação tem por causa proxima alguma *affecção* da parte de nosso organismo que tem o nome de *systema nervoso*, quer esta *affecção* resulte da acção de um objecto exterior, quer de uma condição *pathologica* do proprio *apparelho nervoso*.

As leis d'esta parte de nossa natureza (variedades de nossas *sensações* e condições *physicas*

proximas de que ellas dependem) são evidentemente do dominio da physiologia. E os outros estados mentaes dependem tambem egualmente de condições phisicas ?

E' esta uma das *vexatae quæstiones* da sciencia da natureza humana.

Agita-se ainda a questão de saber se nossos pensamentos, nossas emoções e nossas volições são produzidos pelo intermedio d'um mecanismo material ; se temos órgãos de pensamento e de emoção no mesmo sentido em que temos órgãos de sensação.

Physiologistas eminentes respondem pela affirmativa.

Pretendem que um pensamento, por exemplo, é, como uma sensação, o resultado d'uma acção nervosa ; que todo estado de consciencia tem por antecedente invariavel e suppõe necessariamente algum estado particular do systema nervoso, e especialmente de sua parte central, o cerebro. Segundo esta theoria, um estado do espirito nunca é na realidade produzido por outro ; todos são produzidos por estados do corpo. Quando um pensamento parece despertar outro por associação, não é na realidade um pensamento que chama outro ; a associação não existe entre os dois pensamentos, porém entre os dois estados do cerebro ou dos nervos, que precediam os pensamentos ; um d'estes estados determina o outro, sendo cada

um d'elles acompanhado no instante de sua producção do estado de consciencia particular, consequencia inherente ao facto. Segundo esta theoria, as uniformidades de successão entre os estados do espirito seriam simples uniformidades derivadas, resultantes das leis de successão dos estados do corpo que os causam. Não existiriam leis mentaes primitivas; não existiria até nenhuma lei do espirito no sentido em que emprego este termo e a sciencia mental seria um simples ramo, o mais alto, aliás, e o mais profundo da physiologia.

D'est'arte Comte reivindica unicamente para os physiologos o conhecimento scientifico dos phenomenos intellectuaes e moraes; e não só recusa á psychologia, á philosophia mental propriamente dita, todo character scientifico, senão tambem que a colloca, pela natureza chimerica de seu objecto e de suas pretenções, quasi ao lado da astrologia. Mas, depois de se haver dito tudo quanto se póde dizer n'este ponto e intuito, não é menos incontestavel que existem entre os estados do espirito uniformidades de successão e que estas uniformidades podem ser comprovadas pela observação e pela experimentação.

Não foi, além d'isto, provado até hoje, como o foi para as sensações (posto que seja provavel) que cada estado mental tenha por antecedente immediato e por causa proxima uma modificação

nervosa. E, ainda quando tivéssemos d'isto plena certeza, seríamos sempre forçados a reconhecer que ignoramos inteiramente em que consistem estes estados nervosos. Não sabemos e não temos nenhum meio de saber em que um differe do outro e não temos outro modo de estudar suas successões e suas co-existencias, senão observando as successões e as co-existencias dos estados mentaes, dos quaes os suppomos geradores.

As successões dos phenomenos mentaes não podem portanto ser deduzidas das leis physiologicas de nossa organização nervosa; e devemos continuar a procurar por muito tempo ainda, senão para sempre, todo conhecimento real que podemos d'elles ter no estudo directo das successões mentaes mesmas. E já que a ordem dos phenomenos mentaes deve ser estudada n'estes phenomenos e não ser inferida das leis de phenomenos mais geraes, existe uma sciencia do espirito distincta e separada.

Não se devem, sem duvida, perder de vista nem menosprezar as relações d'esta sciencia com a physiologia. Não é mister esquecer que as leis do espirito podem ser leis derivadas das leis da vida animal e que, portanto, ellas podem depender em ultima analyse de condições physicas; e a influencia dos estados physiologicos nas successões mentaes que elles modificam ou contrariam, é um dos assumptos mais impor-

tantes da psychologia. Porém, por outro lado, encaro como um erro tão grande em principio e mais serio ainda na pratica, a mania systematica de afastar os recursos da analyse psychologica e edificar a theoria do espirito sobre os dados unicos que a physiologia pôde actualmente fornecer. Por mais imperfeita que esteja a sciencia do espirito, não hesitarei em affirmar que está muito mais adiantada do que a parte correspondente da physiologia, e abandonar a primeira pela segunda me parece uma infracção ás verdadeiras regras da philosophia inductiva, infracção que deve conduzir, e conduz effectivamente, a conclusões erroneas em muitos ramos importantissimos da sciencia da natureza humana.

A psychologia tem, pois, por objecto as uniformidades de successão, as leis, quer primitivas quer derivadas, segundo as quaes um estado mental succede a outro, é a causa de outro ou, ao menos, a causa da apparição de outro»(1)

O notavel pensador inglez continúa em sua demonstração nas paginas subseqüentes ; porém para nosso fim bastam as palavras transcriptas. Foram ellas publicadas em 1842 na grande obra philosophica de Mill. Annos mais tarde, em opus-

(1) *Système de Logique*, II, pag. 433 e seg. Tr. de Louis Peisse,

culo consagrado ao reformador francez, insistia n'este ponto o seu adversario :

« Comte reivindica para os physiologistas sómente o conhecimento scientifico dos phenomenos intellectuaes e moraes. Regeita de todo, como um processo sem valor, a observação psychologica propriamente dita, a consciencia interna.

Pensa que só podemos adquirir nosso conhecimento do espirito humano observando os outros.

Como podemos observar e interpretar as operações mentaes d'outrem, sem d'antemão conhecer as nossas ?

E' o que elle não nos diz. Considera, porém, como evidente que a observação de nós mesmos por nós mesmos só nos póde dar um pequeno conhecimento de nossos sentimentos e nada quanto á intelligencia ; o desdobramento do espirito sobre si mesmo lhe parece impossivel.

Não é preciso refutar extensamente um sophisma, cuja maior surpresa estaria em elle enganar a alguém.

Podem-se-lhe dar duas respostas : 1.º poder-se-hia enviar Comte á experiencia e aos escriptos dos psychologos, como prova de que o espirito não só póde ter consciencia de mais de uma impressão ao mesmo tempo e perceber até um numero consideravel d'ellas, como tambem prestar-lhes attenção ; 2.º poderia se fazer chegar ao espirito de Comte ser possivel estudar um facto por inter-

medio da memoria, não no instante, já se vê, em que nós o percebemos, porém no momento posterior : é este, de facto, o modo pelo qual adquirimos a melhor parte de nossa sciencia sobre os actos intellectuaes.

Em realidade, sabemos o que se passa em nós mesmos, já por meio da consciencia, já por meio da memoria, por via directa em ambos os casos e não unicamente por seus resultados, como acontece quanto ao que fizemos em estado de somnambulismo. Este simples facto deita por terra o argumento de Comte.

Tudo de que temos conhecimento directamente podemos directamente observar. » (1)

Para os espiritos familiarizados com os trabalhos da escola moderna de psychologia na Inglaterra, na Allemanha, na Belgica e na Italia, seria inutil proseguir na demonstração da erronia de Comte n'este assumpto. Seria mais que sufficiente a resposta de J. Stuart Mill, que reproduzimos com algum desenvolvimento no intuito de despertar no publico intelligente do Brasil a curiosidade pelas producções d'esse e outros verdadeiros pensadores, capazes de oppôr efficaz antidoto ao envenenamento positivista.

Leiam, estudem os nossos moços de talento as

(1) *Auguste Comte et le Positivisme*, pag. 67 e seg. Traducção de Clémenceau.

obras de Dárwin, de Häckel, de Wundt, de Spencer, de Mill, de Huxley, de Bain, e achar-se-hão abroquelados contra a devastação do inquisitorialismo comtesco-clotildista, e achar-se-hão com forças para evitar a atrophia espiritual produzida por essa philosophia modorrenta, paralyzadora, mansenilha cruel do pensamento e do coração, que amofina e cresta quem quer que se lhe deixa apanhar nas enredanças teias.

Quando a sciencia moderna tem uma de suas faces mais fulgurantes exactamente n'essa psychologia naturalista de Weber, Fechner, Holtze, Delbœuf, Spencer, Bain e trinta outros, apparece, n'este final de seculo, o bando de rachiticos, opilados, cambaleantes matoides do comtismo a repetir ainda as parvoeiras da phrenologia de Gall !...

| Só isto é sufficiente para os definir e julgar.

A sciencia andou oitenta annos ; e elles, parados, espantadiços, apontando as boças do *Grand-Être* !...

| Nossos descendentes hão de vêr por certo esta comedia em scena.

| Para bem refutar perante o nosso publico a teimosia de Comte contra a psychologia no seu justo valor, devemos ser mais explicitos do que foi Mill.

Para tanto faz-se mister reduzir o palavreado do philosopho, que ficou atraz citado, a suas theses principaes e rebatel-as directamente.

O longo trecho positivista, que deixamos reproduzido e batido por Mill, reduz-se ás seguintes theses fundamentaes, que vão acompanhadas de suas replicas :

I. « Os psychologos tentam a obra illusoria de constituir a sciencia do espirito humano sem attenção *ao estudo dos orgãos intellectuaes*, e desprezando a *observação dos processos racionaes* que dirigem as investigações scientificas ; pretendem, pois, chegar ao descobrimento das leis do espirito, *contemplando-o em si mesmo, e fazendo abstracção das causas e dos effeitos.* »

Tentadoras affirmativas. Quasi não ha ahi uma phrase que não seja um erro.

Não é verdade que os psychologos tentem uma obra illusoria, quando pretendem que a sua sciencia se deve constituir autonomamente. Autonomia não é separação absoluta. A psychologia se distingue da biologia pelo facto especial da *consciencia*, que não é commum aos phenomenos biologicos; da mesma fórma que a biologia se distingue da chimica pelo facto especial das qualidades vitaes exigidoras de composições que ultrapassam o binarismo, e que não é commum aos phenomenos chimicos; da mesma fórma que a chimica se distingue da physica pelo facto especial da *affinidade*, que não é commum aos phenomenos physicos.

Ninguem contesta as ligações de todas estas

sciencias entre si ; ninguem tambem d'estas mútuas relações chega a concluir que todas se devam reduzir a uma só, desapparecendo umas nas outras.

E' exactamente o caso da psychologia diante da physiologia.

Não é verdade que os psychologos desprezem o estudo dos órgãos physiologicos do pensamento.

Se os positivistas ousam affirmal-o ainda hoje, é que então nada sabem do desenvolvimento d'esta sciencia nas mãos do naturalismo, do experimentalismo de um Lotze, de um Wundt, de um Fechner, de um Weber, de um Delbœuf...

Não é verdade que sejam desprezados os *taes processos racionaes* apresentados pelo desenvolvimento normal do pensamento humano da parte de investigadores, que lançam mão de todos os recursos para esclarecer o assumpto de que se occupam.

Raças selvagens, crianças, mulheres, loucos, criminosos, de um lado, contos, tradições, lendas, linguas, de outro lado, tudo têm sido posto em contribuição, e ainda a pequice positivista tem a audacia de andar ahí a repetir os esconjuros de Comte em 1830... E' coragem.

Não é verdade que os psychologos andem absorvidos em contemplar puramente o *espirito humano em si mesmo*.

A phrase é, além de tudo, equívoca ; porquanto contemplar alguém o espirito humano nos outros ou contempla-o directamente no exemplar que lhe pertence, é sempre e sempre contemplar o espirito humano *en soi même*. O facto, porem, é que na psychologia entra hoje directamente tambem a observação exterior, e é prova de muita ignorancia andar agora a repetir o contrario d'aquillo que toda a gente sabe.

Não é verdade que se faça abstracção das *causas e effectos*, sendo apenas para espantar que nos venha fallar de *causa e effecto* o homem que pretendia banir da sciencia a noção de *causa* e substituil-a pela de *lei*, como se houvesse antinomia entre uma e outra, como se uma lei não fosse exactamente, necessariamente uma synthese explicativa de uma série de *causas* !

2.^a « Por uma singularidade, os psychologos distinguem duas sortes de observações, a *interna* e a *externa*, pertencendo á primeira o estudo dos *phenomenos intellectuaes*, não passando tudo isto de pura illusão, porquanto o espirito humano pode tudo observar directamente, menos os *seus proprios* phenomenos, visto como o individuo pensante não se pode *dividir em dois*, dos quaes um raciocinasse e outro espreitasse o raciocinio.»

Parece incrivel que um homem de cultura escrevesse tantos desacertos e fizesse ponderações tão superficiaes.

Como é banal aquella historia do espirito dividir-se ou não para estudar-se !

Não é verdade que o estudo das operações intellectuaes em psychologia seja feito apenas pela observação interior. A psychologia comparada, como dissemos, lança em larga escala mão da observação exterior.

Não é verdade, como se pode deprehender da linguagem do philosopho, que a observação intima do psychologo se applique apenas aos phenomenos intellectuaes. A trama espiritual é muito mais vasta, e, em todo instante, é tão rica de sensações, sentimentos, ideias que a analyse da consciencia torna-se possivel, sem a tal phantasia da divisão de um *raciocinio* que se parte para se vê *raciocinar*...

Não é verdade, como emphaticamente se afirma, que o espirito humano não possa observar os seus proprios phenomenos.

Pode-o fazer nos outros individuos da especie e pode fazel-o directamente em si mesmo, como a experiencia o tem provado, e a observação individual é o ponto de partida da outra.

3.ª « E' possivel o homem observar-se, mais ou menos regularmente, no tocante aos phenomenos *moraes*, porque os orgãos d'elles são distinctos dos orgãos das funcções observadoras ; o mesmo, porém, não pode se dar, quanto aos phenomenos intellectuaes, porque, n'este caso, o orgão observador é o mesmo orgão observado. »

Isto aqui é evidentemente um écho da phrenologia atrazada e, ao mesmo tempo, pretenciosa.

Não é verdade, por um lado, que a physiologia tenha conseguido marcar no cerebro regiões especificas para os phenomenos moraes, de todo distinctas d'aquellas que são designadas para os phenomenos intellectuaes.

Não é verdade, por outro lado, que, admittida a doutrina das localisações cerebraes, todas as operações intellectuaes tenham um só orgão, de forma que o raciocinio, a memoria, a imaginação, etc. se exerçam por meio d'esse orgão unico. Em logar apropriado, quando houvermos de estudar a philosophia primeira, especialmente a philosophia segunda, e, mais especialmente ainda, a theoria das funcções cerebraes segundo o positivismo, voltaremos a este assumpto.

Para o fim de notar a falha da psychologia entre a biologia e a sociologia na ordem hierarchica é sufficiente o que deixamos dicto.

Passemos á logica. Os argumentos do positivismo contra a existencia da logica como sciencia independente são de uma fraqueza que chega a causar pena. Reduzem-se ao seguinte : primeiramente, é impossivel dar as regras que dirigem o pensamento sem dar um conteúdo a esse mesmo pensamento ; em segundo logar, é propriamente no ensino das sciencias, e especialmente da ma-

thematica, que se devem indicar as regras e preceitos logicos.

Examinemos isto e façamol-o em proposições rapidas, devidamente encandeçadas.

A's razões do positivismo oppomos irrecusavelmente as seguintes :

Para se formularem as regras do pensamento é mister dar um conteúdo ao mesmo pensamento. E' exactamente isto ; ninguem disse jámais o contrario. A descoberta não merece alviças, por ser a velharia mais encanecida de que ha memoria. A questão é outra e bem diversa no caso, e consiste em saber quem é que fornece, que pode fornecer esse almejado conteúdo.

Responde Comte que sómente a sciencia; respondemos nós que esse desideratum é naturalmente alcançado pelo funcionamento espontaneo, simples, normal da intelligencia, mesmo fóra da esphera scientifica, e pelo auxilio da linguagem, que na evolução regular humana implica sempre a ideia.

E', effectivamente, cousa innegavel que o funcionalismo pensante é de tal ordem que só se executa por meio da palavra ; e, sendo verdade tambem incontestavel que cada palavra encerra em si uma noção propria, uma ideia determinada, é evidente que o pensamento exerce-se sempre naturalmente, espontaneamente sobre um conteúdo proprio, fornecido pelo curso ordinario da vida, fóra mesmo das crêações da sciencia.

Já d'ahi se vê que a pretensão de que a sciencia é só quem pode offertar, por assim dizer, a materia prima do pensamento e implicitamente as suas formulas e methods, origina-se do falso presupposto de ser a área da sciencia igual á extensão das ideias existentes. Mas isto é um erro e bem grosseiro. Bem antes que o homem tivesse organizado qualquer sciencia, já elle *pensava* e possuia as ideias fundamentaes da pratica da vida.

E ainda hoje ha uma multidão de ideias extra-scientificas, que se não originaram da sciencia, que não foram por ella descobertas, e que, entretanto, são o patrimonio geral da humanidade, culta ou inculta, e em todas ellas o raciocinio se exerce com a mesma ordem e regularidade que emprega a sciencia. E todo este material pôde servir, e serve effectivamente, de alimento ás noções fundamentaes da logica.

E' por isso que está hoje demonstrado que o conhecimento scientifico não é alguma cousa de mysterioso, ou de privilegiado, não sendo outra cousa mais do que o mesmo conhecimento commum, apenas organizado e mais desenvolvido ; é por isso que tambem está hoje demonstrado que o methodo em sciencia não é tambem alguma cousa de mysterioso, separado, afastado das normas regulares do pensamento commum, não passando em essencia pura e simplesmente dos

mesmos processos espontaneos do raciocinio vulgar.

Dizer que só no estudo de cada sciencia é que se lhe póde marcar o proprio processo methodico — é commeter o velho erro de suppôr que ha muitas especies de methodos, quando a verdade, inilludivel e provada á toda a luz, é que os processos fundamentaes da *observação* (comprehendendo *experiençia*), *comparação* e *verificação* produzem apenas um methodo só, que é o *methodo inductivo*, que é o caminho unico que o homem, culto ou inculto, teve e tem para encontrar a verdade e formular o conhecimento.

O chamado methodo *deductivo* não é um methodo de avanço, de conquista, de descoberta; é apenas a operação inversa da anterior, a marcha descendente da operação primitiva.

O laço existente entre os dois methodos, supostos inconciliaveis pela ideologia antiga, mas de facto duas faces do mesmo processo, o laço entre os dois methodos, a ponto do deductivo ficar subsumido no inductivo, ficou demonstrado por Stuart Mill, e, como lembra Bain, constitue o seu grande feito, e por isto é que elle é o verdadeiro reformador da logica moderna.

Dizer que cada sciencia é que pode fornecer o ensejo para se formular o seu methodo respectivo, além de provir do erroneo presupposto da existencia de muitos methodos, prova de mais, e é

um desdem á experiencia e ao trabalho accumulado.

Prova demais, porque se se exige hoje que o estudante de logica vá por si mesmo descobrir de novo as regras do methodo, deve-se-lhe exigir o mesmo para a formação de todas as mais ideias scientificas. D'est'arte, por exemplo, deve-se forçar o estudante a descobrir por si e de novo as verdades da mathematica, as leis da physica, os principios da chimica, da biologia, etc.

Mas istò é um desatino e é um desrespeito ao trabalho já feito, já produzido pela continuidade historica, é uma cousa inutil e é desconhecer que a logica tem dois aspectos: é a *arte da prova* e a *arte da descoberta*, segundo os admiraveis mestres inglezes que nos temos comprazido em citar.

Na *arte da prova*, que é a parte propria, adequada á exposição das diversas sciencias, supõem-se as alludidas sciencias já feitas, já constituídas, e o tal expediente, o phantasioso expediente dos positivistas, é improficuo e perturbador.

Na *arte da descoberta* de verdades novas é de todo inapplicavel o que pretende o positivismo.

Deve ser por isto que este atrazado, compressor e extravagante systema prohibe novas pesquisas e declara já estar tudo *definitivamente feito*, nas diversas sciencias.

Mas semelhante pretensão é apenas um dos muitos symptomas morbidos de que os verdadeiros

pensadores se hão rido, continuando para diante suas investigações.

Expôr ao mesmo tempo a sciencia e o respectivo methodo é um pessimo systema pedagogico, que obriga o mestre e o discipulo a repetidas e continuas paradas, a incidentes episodicos, inteiramente anarchicos ao verdadeiro systema de ensino.

Tal exigencia é claramente um desdem á capacidade intrinseca da intelligencia humana, que formula espontaneamente as ideias *abstractas* e entre estas as suas proprias fórmas e propriedades permanentes, que lhe são impostas por sua especial indole e constituição, maximé agora, depois de um cabedal immenso normalmente transmittido pela hereditariedade intellectual.

Se o estudante não tem conhecimento da logica, no estudo da mais elementar sciencia, como a mathematica, como poderá elle comprehender, além dos processos, a propria technica scientifica, *theoremata*, *lemma*, *problema*, *axioma*, *conclusão*, *postulado*, *these*, *hypothese*, *analyse*, *synthese*, etc. ?

Cada aspecto determinado, definido, distincto da natureza universal ou humana póde dar logar a uma sciencia particular.

Ora, se a linguagem, a arte, a industria, a religião, o governo, se cada uma d'essas manifestações da actividade pensante ou emocional do

homem tem dado logar cada uma a uma ou mais sciencias, qual a razão porque o problema mesmo do conhecimento, do modo como elle se verifica, espontanea ou reflectidamente, não ha de dar origem a uma sciencia peculiar ?

Não ha sério motivo para esta excepção. E desde as mais remotas éras o homem assim o comprehendeu, fundando a logica, que em nosso seculo, apezar da excommunhão do maximo inquisidor do pensamento moderno, tem sido o objecto de obras admiraveis, nas mãos de um Hamilton, de um Mansel, de um Mill, de um Bain, de um Jevons, e do maior de todos, um Spencer.

Na logica deu-se o mesmo que na psychologia: quanto mais os odientos fanaticos, os extravagantes excommungadores declamam contra as duas sciencias, mais progridem ellas para satisfação dos espiritos esperançosos do futuro, e desespero dos crendeiros, das almas penadas prejudicadas por esse terrivel fanatismo de nova especie.

III

A lei dos tres estados

I

Comte e Saint-Simon

A famosa lei dos tres estados, que Stuart Mill, no tempo de seu rapido entusiasmo por algumas ideias de Comte chamava a *espinha dorsal do positivismo*, tem mais de um defeito, não é uma inducção legitimamente estabelecida; apertada com rigor esborôa-se, desmantela-se, reduz-se a poeira.

Padece evidentemente dos seguintes vicios insanaveis, uns que já lhe têm sido assacados por varios auctores, outros que vamos agora formular:

1.º E' tirada em seus traços geraes de ideias varias, por Saint-Simon espalhadas em seus mais antigos escriptos ;

2.º Na parte referentè ao chamado periodo theologico é uma simples repetição de velhas

ideias largamente espalhadas por mythologos e criticos religiosos no ultimo decennio do seculo passado e nas primeiras decadas do actual ;

3.º Insurge-se contra a lei geral da evolução, constituindo uma verdadeira *contradictio in adjecto*, qual é, por certo, a disparatada ideia de uma evolução já feita, já concluida, uma evolução *parada*, mettida n'um circulo de ferro ;

4.º Ataca completamente a lei do *consensus*, porquanto os famosos tres estados não se deram em todas as fundamentaes crêações da humanidade, nos diversos ramos de sua actividade ;

5.º Insurge-se contra o character geral da differenciação das grandes crêações espirituaes, confundindo o desenvolvimento de umas com o de outras ;

6.º Desnatura propositalmente o conceito de religião, de metaphysica e de sciencia no intuito de illudir por um jogo verbal ;

7.º Caracterisa mal especialmente o pretendido segundo estado ;

8.º Na explicação ultima, apresentada como um desideratum, um ideal do estado positivo, consistente na redução dos phenomenos particulares a um phenomeno geral, comprehensivo de todos, cahe implicitamente n'alguma cousa de analogo ás explicações fundamentaes dos dois anteriores estados, tidos por transitorios ;

9.º Dado de barato que a supposta lei fosse verdadeira n'um ou n'outro ponto, não tem um character de perfeita generalidade ; porquanto não se verifica entre todas as raças, entre todos os povos.

N'esta ordem é que a materia ha de ser discutida, em attenção á clareza, á facilidade da exposição.

E comecemos pelo principio.

A concepção dos tres estados, bem como diversas outras ideias fundamentaes do positivismo, acha-se exposta nos primeiros escriptos de Saint-Simon.

Tocamos n'este ponto no intuito de habilitar o leitor a fazer uma mais clara ideia do systema e habilitar-se a julgar mais seguramente da arrogancia dos seus sectarios e da violenta injustiça com que tratam o velho socialista.

As relações dos dois philosophos e chefes de systemas são um ponto curioso da historia do pensamento em nosso seculo.

Apezar de sua importancia, não têm sido regularmente apreciadas pelos biographos dos dois amigos, tornados mais tarde dois inimigos irreconciliaveis,

Nem mesmo o facto material das dactas tem sido devidamente aquilatado e com certeza indicado.

E' assim que Paul Janet, em seu livrinho *Saint-Simon et le Saint-Simonisme* —, sem ser expli-

cito, dá taes relações implicitamente como dactando de 1817.

No mesmo erro cae o superficial e lacunoso Padre Gruber, em seu livro *Auguste Comte — sa vie et sa doctrine*.

Entretanto, era cousa facil de ser averiguada em Littré, na obra *Auguste Comte et la Philosophie Positive*, e melhor ainda em Robinet, no famoso trabalho — *Œuvre et Vie d'Auguste Comte*.

N'este ultimo livro, além de outras fontes de indagação, acha-se o texto da primeira carta de Comte dirigida a Saint-Simon, quando intabolou com elle relações. Dacta de 1818, *à la fin de la* ^{vingt et une} ~~vingt et une~~ *année* do fundador da philosophia positiva, nascido, como se sabe, aos 19 de janeiro de 1798.

Nosso fim, entrando por nossa vez no debate, não é encommiar nem abater nenhum dos dois rivaes. Movidos pela verdade, fallaremos com os textos na mão e com a maior imparcialidade. Não tomaremos o caminho dos socialistas, quando accusam Augusto Comte de um rebelde plagiario, nem o dos positivistas, quando cobrem o velho auctor do *Novo Christianismo* dos mais grosseiros baldões.

Nosso particular modo de pensar acha-se naturalmente afastado d'esses dois pontos extremos, representados por dois bandos de sectarios in-

tolerantes, fanaticos, que acham prazer em vibrar a injuria como argumento.

E' que muitas vezes elles não possuem melhor arma.

Achamos Saint-Simon, considerado nas linhas mais geraes de sua individualidade espirital, um talento mais espontaneo, mais vivacê, mais original do que o de Comte, que, entretanto, era mais illustrado, mais organisador, mais equilibrado do que o seu, a principio, tão idolatrado e, depois, tão injuriado mestre.

E' fundamentalmente o mesmo modo de julgar os dois celebres francezes que se nos depara no livro de Robert Flint—*A Philosophia da Historia*, na parte relativa á França.

« Saint-Simon, diz elle, possui um poder bem pouco vulgar de intuição e de generalisação historicas, e abunda em vistas engenhosas sobre a marcha e as tendencias do desenvolvimento da humanidade.

Foi um prodigioso semeador de ideias.

Não possuia, porém, as qualidades indispensaveis para as cultivar e colher opportunamente.

Seu espirito era impressionavel, original, fecundo ; mas não era do numero d'aquelles que têm os habitos de pensar rigorosamente scientificos, e raras vezes provou ou desenvolveu de modo satisfactorio quanto lhê veio á cabeça. Sob este particular aspecto era o inverso de Comte,

cujos meritos proprios foram *menos a riqueza e a originalidade das concepções* do que a obstinada diligencia atraz da certeza scientifica, o poder de coordenação e de construcção. Estou de accôrdo com aquelles *que pensam que quasi todas as ideias fundamentaes de Comte sobre a philosophia da historia encontram-se mais ou menos claramente expressas nas obras escriptas e publicadas ou communicadas a amigos por Saint-Simon*, antes de sua ligação com Comte, começada em 1818 e violentamente interrompida em 1824. Parece-me inteiramente inexplicavel que com um conhecimento, por superficial que seja, d'estes dois escriptores, *possa se pretender, como fazem alguns, que Comte nada deveu, ou deveu muito pouco a Saint-Simon.*

Estando bem longe de sustentar que Comte tenha sido um plagiario, e uma mediocridade que chegou a ser feliz, colloco-o a cima de Saint-Simon, *cujos espirito era mais original*, posto que menos poderoso e, comparativamente, mais indisciplinado. » (1)

Para bem apreciar o debate é mistér ir aos originaes, fazendo n'elles larga mèsse ; porque as transcripções dos biographos, no assumpto, são falhas e propositalmente lacunosas.

(1) *La Philosophie de l'Histoire* (France), pag. 146 ; traducção de Ludovic Carrau.

Mas antes e a cima de tudo é preciso remontar um pouco mais alto e apreciar o espirito do tempo em que os dois philosophos travaram relações.

A acção, a influencia de Saint Simon no espirito francez nas tres primeiras decadas d'este seculo é um facto capital na vida intellectual d'aquelle povo illustre.

Depois do immenso fracasso da Revolução, os espiritos desorientados procuraram naturalmente novos centros de apoio, nova orientação para as ideias.

O bando d'aquelles que teimavam na senda da destruição, pela simples mania da destruição, foise reduzindo cada vez mais, diante dos rigores da politica do Consulado e do Imperio. E' gente que só muito mais tarde é que veio a resuscitar no *communismo* exagerado, na *internacional* vermelha, no *nihilismo* russo, etc.

Nos trinta primeiros annos d'este seculo, e mesmo no decennio seguinte até 1840, a philosophia social destruidora apagou-se quasi inteiramente na Europa.

A vida, a força expansiva estava por outra parte e n'outras direcções.

Tres grupos representam então estas diversas tendencias : a *escola reaccionaria*, que, em religião, pretendia voltar á idade-média, e, em politica, ao absolutismo regio dos tempos do Renas-

cimento e periodos subsequentes; a *escola dos doutrinarios e liberaes*, que, procuravam conciliar a razão com a tradição, o passado com o presente, Rousseau com Montesquieu, estabelecendo o regimen representativo e parlamentar; finalmente, a *pleiada dos reformadores da ordem philosophica, social e religiosa*.

Entreos primeiros sobrelevam a todos os nomes de De Maistre, Bonald, Eckstein, Chateaubriand; no numero dos segundos avultam Royer Collard, Benjamin Constant, Guizot, Broglie, Barante; no terceiro grupo destaca-se, entre muitos, a figura de Saint-Simon.

Enthusiasta, andarilho, *causeur*, curioso de ideias, devotado aos seus planos, activo, juntava ao gosto de praticar os grandes homens do tempo o instincto proselitistico, o amor das novidades, o espirito do sectarismo. Orientado pela leitura especialmente de Vicq — d'Azyr, Bichat, Cabanis, Condillac, Condorcet, D'Alembert, a que juntava a seu modo Linneo, Lagrange, Laplace e Lavoisier; suggestionado por conversações de homens, como Burdin, Bourgon, Celsuer, e seguramente Blainville, Saint Hilaire, Cuvier e outras celebridades da época, a que não eram, por certo, estranhos Saint Martin, De Maistre, Bonald e outros typos do genero, o curioso descendente de aristocratas francezes era o mais proprio, o mais adequado a representar o papel de chefe de bando,

de hyerophanta, de renovador, que elle cêdo se attribuiu, formando senaculo.

Os ultimos annos do Imperio e os primeiros da Restauração foram um periodo de poesia, de sonhos, de aspirações indefinidas, de esperanças extraordinarias.

Tudo parecia renovar-se. O romantismo aquecia todas as almas ; as tradições historicas resurgiam; a edade-média apparecia cheia de encantos ; a velha India começava a revelar os seus mysterios ; as mythologias, as antigas religiões, o passado inteiro do pensamento humano, rejuvenesciam á luz nova e penetrante dos recentes estudos da linguistica, da critica historica e da archeologia artistica.

^{Colabrook,}
~~Bolimbroke,~~ Wolf, Winkelmann, Lessing, Herder, Champollion, Niebuhr, Gotterfend tinham posto a erudição ao serviço das ideias de renascimento, e allumiavam os tempos idos como um pharol para o futuro. No meio d'essa ebulição immensa em que, n'Allemanha, Hegel pregava a doutrina do eterno *werden*, do *fieri* perpetuo e a demonstrava no estudo da natureza e do pensamento, do *universo e da arte*, e em França uma mocidade entusiasta atirava-se a todos os commettimentos das ideias e do saber, o velho Saint-Simon foi uma figura de convergencia, de reunião, de estímulo.

Assim se explica o prestigio que exerceu sobre

espiritos progressivos, ousados, meritorios, como Agostinho Thierry, Dunoyer, Carlos Comte, Miguel Chevalier, Lerminier, Enfantin e trinta outros.

N'este numero contou-se a seu tempo Augusto Comte.

E' que o velho aristocrata socialista era um representante das boas tendencias do seculo anterior, symbolisado no que elle possuia de mais harmonico e organizador. O proprio Dr. Robinet, o mais fanatico apologista de A. Comte, e o mais incarnizado detractor de S. Simon que é dado imaginar, é forçado a reconhecê-lo n'estas palavras, que são uma verdadeira confissão :

« ... O verdadeiro seculo XVIII esteve muito longe de limitar seus esforços á destruição da ordem antiga. Possuiu, bem ao contrario, um energico sentimento da reconstrucção que devia seguir, e todos os seus pensadores, como seus homens de Estado mais eminentes, tenderam manifestamente para o regimen pacifico e racional reservado á maturidade de nossa especie.

Todos sentiram que no futuro, a ordem antiga sendo eliminada, a unidade humana será restabelecida por uma fé positiva e definitivamente assegurada pela paz.

Tal é a tendencia geral d'esta memoravel phase, que Hume, Turgot, d'Holbach (!!), Condorcet, tão admiravelmente exprimiram e que nossos

grandes typos constitucionaes e republicanos manifestaram com tanta energia. Póde-se, pois, affirmar que a poderosa escola de Diderot estabeleceu nas ideias, como os homens politicos que lhe correspondem, na Assembléa constituinte e na Convenção nacional, instituiram nos factos, o problema legado pela idade média aos tempos modernos, a saber : o estabelecimento de uma fé demonstravel e a incorporação do proletariado á sociedade, ou a substituição da sciencia á theologia e a da industria á guerra.

Eis a dupla aspiração geral que foi transmitida a Saint-Simon por d'Alembert, seu preceptor, bem como pelo meio social em que elle a principio viveu, e que n'elle desenvolveu este vago instincto de renovação que o agitou toda a vida, sem o elevar jámais a nenhuma realisação. » (1)

Ora bem ; já é muito que o medico fanatico de Paris faça tal concessão a Saint-Simon : a aspiração nobilitante do seculo XVIII, transmittida ao philosopho pelo sabio d'Alembert. A concessão é preciosa ; aceitemol-a e prosigamos.

Quem estuda attentamente a obra de Saint-Simon, se é um espirito recto e amoroso da verdade, ha de reconhecer irrecusavelmente a unidade fundamental de toda ella. Ao travez d'essa

(1) Robinet — *Œuvre et Vie d'Auguste Comte*, 3.^{me} edition, pag. 106.

obra fragmentada e aparentemente tumultuaria, ha de descortinar as seguintes aspirações, os seguintes principios dirigentes : *a necessidade de concatenar, seriar e estabelecer definitivamente as chamadas sciencias particulares, dando-lhes uma base positiva, para d'ellas extrahir a sciencia geral, a philosophia ; a necessidade especial de positivar a physiologia para d'ella desdobrar a sciencia social; a ideia de com este criterio renovar a politica, e, opportunamente, a religião, estabelecendo outro dogma geral, outro clero; finalmente, a prova de que o pensamento humano, passando por um periodo conjectural ou theologico, dividido em phases diversas, iria chegar ao regimen novo scientifico e positivo.*

Taes são os principios capitaes do crêdo saint-simonista e taes os intuitos fundamentaes do crêdo comteano.

Negal-o é investir imprudentemente contra os factos, é desrespeitar a verdade historica, é mentir em attenção a conveniencias inconfessaveis.

Recorramos aos textos. Se não fosse o receio de alongar demasiado esta parte de nosso livro, iriamos provar que de Saint-Simon até as minudencias doutrinarias foram aproveitadas por Comte.

Aqui ficaremos nas theses mais geraes.

A impressão recebida por Comte ao entrar em 1818 em relações com o celebre reformador fran-

cez foi a da admiração e enthusiasmo. Elle mesmo confessa quanto desde logo deveu ao homem que chama o seu *mestre*...

Em 15 de maio de 1818 escrevia Comte a Valat, fallando de suas relações com S. Simon : « Em primeiro logar, *aprendi, por esta ligação de trabalho e de amizade com um dos homens que vêem mais longe em politica philosophica, uma porção de cousas que em vão teria procurado nos livros, e meu espirito fez mais caminho em seis mezes depois de nossa amizade do que poderia fazer em tres annos, se eu tivesse ficado só.* D'est'arte minha occupação formou meu juizo sobre as sciencias politicas, e, por outro lado, engrandeceu minhas ideias a respeito das outras sciencias, de sorte que supponho ter adquirido mais philosophia na cabeça e uma visão mais justa e mais elevada. Em segundo logar, este trabalho *revelou-me a mim mesmo uma capacidade politica, da qual nunca acreditaria ser dotado,* e sempre é util saber com precisão aquillo para que se presta. »

Nada mais claro do que isto e em vão luctam por obscurecer estas lucidas declarações os pobres sophismas do Dr. Robinet.

Na mesma data escrevia de novo o futuro chefe do positivismo ainda a Valat a respeito do *mestre* :

« ... Desejas que te faça conhecer o Sr. de Saint-Simon ?

De muito boa vontade. *E' o homem mais ex-*

cellente que conheço, aquella d'entre todos, cuja conducta, cujos escriptos e sentimentos estão mais de accôrdo, e são mais inabalaveis... Se muitas pessoas não fazem a mesma justiça ás suas ideias, é que seu modo de vêr levanta-se muito acima das ideias ordinarias para que esse modo de vêr possa ser apreciado... Enfim, não findaria mais n'este assumpto, e, como é mistér acabar, contento-me, por hoje, em dizer-te, em summa, que é o homem mais estimavel e mais amavel que tenho conhecido na vida, é de todos aquella com quem acho ser mais agradavel ter relações. Eu lhe votei uma amizade eterna; e, em paga, elle me estima, como se eu fôra seu filho... »

Como depois tudo mudou ! Mas, se alli era elogiada a intelligencia do homem, aqui faz-se a apologia de seus sentimentos, de seu character.

Entretanto, passaram-se os annos, e deu-se o rompimento entre os dois.

A causa occasional foi fornecida pela publicação de um escripto de Comte intitulado — *Plans des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société*, confeccionado em 1822, apparecido então sob o nome de *Contrato Social*, e reimpresso no 3º caderno do *Catechismo dos Industriaes*, em 1824.

A historia do rompimento tem uma versão publica e outra particular. A publica acha-se nos

prefacios postos em 1824 por S. Simon e Comte em frente ao famoso escripto.

E' uma questão de dissidencia de ideias, por haver Comte se occupado mais da face *scientific*a e *philosophica* do assumpto do que de seu lado *social* e *religioso*, que deveria predominar na opinião de seu chefe d'então.

Ouçamos este ultimo em uma declaração publicada no alludido 3.^o n.^o do *Catechismo dos Industriaes*: «Este terceiro caderno é de *nosso discipulo*, Augusto Comte. Tinhamos-lhe confiado, como já o tinhamos annuciado em *nosso primeiro fasciculo*, a missão de expôr as generalidades de *nosso systema*: é o principio de seu trabalho que pomos hoje sob as vistas do leitor. E' um trabalho indubitavelmente muito bom, tomado do ponto de vista em que se collocou o auctor; não attinge, porém, exactamente o alvo que nos tinhamos proposto; não expõe as generalidades de *nosso systema*, isto é, expõe apenas *uma parte d'elle*, e dá o papel preponderante ás generalidades que nos parecem secundarias...

Do que acabamos de dizer resulta que *nosso discipulo só tratou da parte scientific*a de *nosso systema*; porém não expoz sua *parte sentimental e religiosa*. Procuraremos, quanto possivel, remediar este inconveniente no caderno seguinte... etc.»

Em *advertencia* collocada após a *declaração* de S. Simon, escreveu Comte :

« Afim de com toda a clareza indispensavel caracterisar o espirito d'esta obra, *posto que seja, e tenho prazer em declarar-o, discipulo de Saint-Simon*, fui levado a adoptar um titulo geral diferente do dos trabalhos *de meu mestre*. Tal distincção, porém, não influe sobre o *fim identico das duas sortes de escriptos*, que devem ser considerados *como formando um só corpo de doutrina*, tendendo, por dois caminhos diversos, á *fundação do mesmo systema politico*.

Adoptei inteiramente a ideia philosophica, emittida por S. Simon (sic), que a reorganização actual da sociedade deve dar logar a duas ordens de trabalhos espirituaes, de character oppostos, mas de igual importancia; uns, que exigem o emprego da capacidade scientifica, têm por objecto a refusão das doutrinas geraes; outros, que devem pôr em jogo a capacidade litteraria e artistica, consistem no renovamento dos affectos sociaes. *A carreira de S. Simon foi empregada em descobrir as principaes concepções necessarias para possibilitar o cultivo efficaz d'estes dois (sic) ramos da grande operação philosophica reservada ao XIX seculo. Tendo meditado, desde muito tempo, as ideias capitaes de S. Simon, dediquei-me a systematisar, a desenvolver e a aperfeiçoar a parte das vistas d'este philosopho que se refere á direcção scientifica... »*

Bem claros estão ahí os motivos de divergencia confessados por ambos : o mestre queria um trabalho geral, completo, que insistisse amplamente no *lado sentimental e religioso* do assumpto, não deixando de parte a sua *face scientifica* ; o discípulo empreendeu um trabalho parcial em que deu largas ao ultimo aspecto, que, então, era o que mais lhe agradava, ao passo que lhe começavam a chocar as preocupações que se iam tornando demasiado *religiosas* do chefe.

Comte, porém, não ousou, n'aquelle tempo, contestar que a direcção philosophica primitiva, *indispensavel á reorganização da sociedade*, pertencia tambem a Saint-Simon, como um dos aspectos fundamentaes de seu systema.

Comte defendia, portanto o Saint-Simon *antigo* contra o *novo* Saint-Simon, que principiava a mostrar-se demasiadamente cheio de tendencias exclusivamente *religiosas*.

Era pouco mais ou menos a mesma attitude de Littré em 1852 diante do proprio Comte, quando este, já no declinio de sua carreira, mostrava *aquelles symptomas* de que em 1824 accusava o seu velho mestre.

E a cousa tem uma explicação psychologica facillima : quando principiaram as relações dos dois celebres francezes, o chefe socialista era já um sexagenario, cheio ainda de vigor, é certo, mas que já caminhava para certa ordem de preoc-

cupações proprias da velhice. As relações duraram apenas seis annos (1818—1824), e se nos dois ou tres annos primeiros o velho Simon ainda não estava em completo declinio (se de tal nome póde-se chamar a tendencia irresistivel de tirar certas consequencias, mais ou menos, contidas no seu proprio systema) nos ultimos annos tal situação appareceu naturalmente. Comte, então em pleno vigor de mocidade, estava todo entregue ao entusiasmo das *ideias*, não podia bem aquilatar que se dêsse a preferencia ao *sentimento*, ao *coração*, á *religião*. Só mais tarde passou elle por uma evolução semelhante ; porém por esse tempo a intransigente altivez de seu character, o orgulho nativo de seu temperamento, juntos aos entusiasmos do successo, cercado elle, por sua vez, de discipulos e admiradores, não lhe permittiram mais vêr o que devia ao seu antigo mestre. Cobriu-o de baldões. O phenomeno é simples, trivial, mil vezes repetido no curso da historia.

Em 1824, mesmo nas cartas particulares a seus amigos Valat e Eichtal, cartas em que lhes dava os motivos mais reservados de sua ruptura com o mestre, o futuro chefe da religião da humanidade não se atreveu a desconhecer inteiramente de quanto lhe era devedor.

A razão reservada da ruptura, segundo refere Comte, aos 21 de maio de 1824, a Valat, originou-se de pretender S. Simon publicar-lhe o trabalho

sem o seu nome de auctor. Póde bem ser; mas não é menos verdade que desde o 1º numero do *Catechismo dos Industriaes* o proprio S. Simon havia annuciado esse escripto como devendo sahir da penna de Comte...

Ô que é certo é que o moço philosopho estava ancioso por ficar de todo independente.

O facto da assignatura de seu escripto e a *tendencia religiosa* do velho amigo lhe forneceram excellente ensejo. Mas em 1824 ainda elle reconhecia dever muito ao outro: «A obra que te envio contém ainda, escrevia elle na carta alludida, contém ainda alguns signaes de minha ligação com Saint-Simon; porque a ruptura foi depois do começo da impressão. Consistem na palavra *discipulo* e no desenvolvimento d'este termo que se acha no preambulo. São vestigios que desaparecerãõ na proxima edição; porque eram de complacencia. -- *Devo por certo muito intellectualmente a Saint-Simon, quero dizer, que elle contribuiu poderosamente para lançar-me na direcção philosophica que para mim hoje nitidamente crêei, e que seguirei sem hesitação a vida inteira... »*

São confissões categoricas, inilludiveis, que se não podem sophismar, por que se acham de pleno accôrdo com os factos.

Só muito mais tarde, no *Systema de Politica Positiva* e no *Catechismo Positivista*, já de todo

liberto de circumstancias passadas havia mais de vinte annos antes, Comte fallou em publico desdenhosamente de seu velho chefe e amigo, aliás pertencente desde muito ao numero dos mortos ; pois fallecrêa, logo após o rompimento dos dois, em 1825.

A libertação de Comte foi desde então completa. Todavia, no começo de sua carreira independente, em 1832, em resposta a Miguel Chevalier, inserta no *Globo*, ainda o chefe do positivismo não se mostra tão iracundo para com *le père Simon*, como o chamava a principio. « Tive, escreve elle a Chevalier, tive com Saint-Simon durante muitos annos uma ligação muito intima, e bastante anterior ás que possam com elle ter tido quaesquer dos chefes de vossa sociedade. Tal relação havia cessado completamente perto de dois annos antes da morte d'esse philosopho, e, portanto, em época em que não se fallava em saint-simonianos.

Devo, aliás, observar-vos que Saint-Simon não tinha então adoptado ainda a côr theologica e que nosso rompimento deve em parte ser attribuido a começar eu a perceber n'elle uma tendencia religiosa profundamente incompativel com a minha direcção philosophica. »

São palavras que, de um lado, confirmam as declarações de Comte em 1824, e, de outro, demonstram a situação psychologica dos dois por

nós assignalada linhas acima. Simon por volta de 1823 ou 24 começou de descambar para a religiosidade, cousa que então não cheirava bem a Comte em pleno vigor de mocidade e energia de ideias.

Esta situação em face de toda e qualquer tendencia religiosa ainda em 1832 elle a mantinha intratavel, como se póde lêr, além dos primeiros volumes do *Curso de Philosophia Positiva*, na carta alludida :

« Elles (os chefes saint-simonianos) sabem perfeitamente que eu nunca hesitei, em tempo algum, em encarar e proclamar alto e bom som como sendo hoje, entre os povos mais adiantados, a influencia das ideias religiosas, mesmo estritamente suppostas e continuamente reduzidas ao seu minimo desenvolvimento, o principal obstaculo aos grandes progressos da intelligencia humana e aos aperfeiçoamentos geraes da organização social. »

E' um anathema completo, radical, decisivo.

O homem declarava fechado o cyclo da religião em geral. .

A organização social tinha de apoiar-se exclusivamente no dogma novo, que, puramente, simplesmente, era a *sciencia*.

Por isso diz ainda o galhardo oppugnador na famosa carta a Chevalier : « O caminho scientifico pelo qual sempre andei, desde que comecei a

pensar, os trabalhos em que obstinadamente me esforço para levantar as theorias sociaes ao nivel das sciencias physicas, estam evidentemente *em opposição radical e absoluta com qualquer especie de tendencia religiosa ou metaphysica.* »

Desde que homens escrevem sobre a terra nunca foi alguem tão claro e terminante como d'esta vez. Em 1832, como em 1824, como em 1822, Comte era o adversario declarado de *qualquer tendencia religiosa* no mundo moderno.

Em egual situação de espirito esteve algum tempo Saint-Simon.

Em seus escriptos são innumeradas as passagens que o provam.

Quando Comte entrou em relações com elle (1818) taes eram ainda fundamentalmente as condições de seu espirito. Só mais tarde, elle mudou, e, segundo a expressão do proprio Comte, *on commença à apercevoir en lui une tendance religieuse...* E romperam os dois, porque não era chegada ainda a vez do futuro chefe do positivismo engolfar-se tambem na religiosidade.

Entretanto occorre-nos aqui um argumento decisivo : sabe-se que os positivistas fanaticos, Robinet, por exemplo, sustentam, com a maior sem cerimonia, que bem longe de Comte dever qualquer cousa a Saint-Simon, o inverso é que é a verdade, o velho deve tudo ao moço, d'elle tirou o que tem de melhor em ideias. Foi o impulso do

joven pensador que animou o velho hyerophanta, que, depois da ruptura, morreu logo. Isto dizem por um lado ; mas, por outro, não se esquecem de juntar que o bom do velho ia *cada vez mais em decadencia, em completo retorno para o deísmo, etc.*

Como conciliar tão contradictorias asserções? Que forte apoio foi este dado por Comte ao velho mestre que não o privou *de cahir na theologia* ?

Que grandes ideias foram estas descobertas pelo moço positivista em 1822 e plagiadas por Saint-Simon, que não o privaram de retrogradar justamente na medida em que se apropriava as adiantadas opiniões do discipulo?

Como o explicam os positivistas ?

Ahi ha coisa...

É que a verdade é outra e bem diversa. Saint-Simon tarde decidiu-se a organizar em produções serias as suas theorias, aliás pouco originaes, e bebidas em fontes diversas. Não tinha além d'isto, em grau elevado o talento de escrever, a paciencia disciplinadora do espirito, *a vis organisatrix* de uma vasta obra de conjuncto. Era um talento dispersivo, fragmentista; postoque fecundo em vistas, habil em intuições.

Comte, ruminador, tenaz, paciente, capaz de levar doze annos a escrever um livro, convenientemente preparado em varios ramos scientificos, postoque em nenhum d'elles tivesse feito a mais

insignificante descoberta, precisava de quem lhe despertasse o instincto do trabalho espiritual e lhe dêsse a respectiva direcção. Foi o que elle achou no punhado de ideias capitaes que se encontram nos livros de Saint-Simon, escriptos de 1802 a 1816, punhado de ideias que constituia naturalmente o assumpto predilecto de sua conversação com seus amigos e discipulos.

Como quer que seja, porém, podemos deixar de lado quaesquer considerações d'esta ou d'outra ordem.

Supponhamos que Saint-Simon e Comte jámais se viram, nunca se conheceram, nem sabemos nada da biographia dos dois. Temos diante de nós varios escriptos do primeiro, como sejam: *Lèttres d'un habitant de Genève à ses contemporains*; de 1802, *Introduction aux travaux scientifiques du dix-neuvième siècle*, de 1807 e 8, *Memoire sur la science de l'homme*, de 1813, *Travail sur la gravitation universelle*, do mesmo anno, e varios livros do segundo de datas muito posteriores, entre elles o mais antigo de todos — *Plan des travaux scientifiques nécessaires pour réorganiser la société*, que é de 1822.

Devemos applicar-lhes o methodo de confronto, como se costuma a praticar com as obras dos homens, todas as obras que não aspiram o privilegio de biblias inviolaveis e sagradas.

Pois bem ; do confronto imparcial, sisudo,

documentado, resalta uma verdade irrefragavel, completa, absoluta.

Não existe no alludido livro de Comte, e em geral em todos os seus livros, uma ideia fundamental, que não seja tirada dos citados escriptos de Saint-Simon.

Impossivel e interminavel seria fazer aqui geral paralelo de todos os livros e todas as ideias dos dois auctores.

O que mais nos interessa agora é a famosa *lei dos tres estados*, e mais duas ou tres que se lhe prendem de perto, como sejam *a classificação das sciencias*, *o principio da complexidade crescente*, etc. e de todos os livros de Comte o decantado opusculo de 1822.

Que vem de notavel n'elle?—Seu proprio auctor reduziu-lhe a substancia ao seguinte :

« a) *que la politique doit et peut devenir une science positive et physique, traitée à la manière de l'astronomie, de la chimie, etc ;*

b) *que c'est là le seul moyen de terminer l'époque revolutionnaire dans laquelle nous sommes encore, en faisant converger tous les esprits vers une doctrine unique ;*

c) *que, par là, se manifestera un nouveau pouvoir spirituel, capable de remplacer le clergé et de réorganiser l'Europe par l'éducation. » (1)*

(1) Carta citada a Valat em 1824.

Temos, pois, n'este logar a demonstrar que seis das mais importantes, das mais consideraveis, das mais elogiadas ideias do positivismo, a saber :

a) *classificação das sciencias ;*

b) *princípio da complexidade crescente na sua organização ;*

c) *lei dos tres estados ;*

d) *politica tratada pelo processo da physica e da chimica ;*

e) *ideia de acabar a chamada crise revolucionaria moderna por uma nova doutrina geral ;*

f) *novo poder espiritual ou novo clero para occupar-se da educação nova ;* temos a demonstrar que estas seis ideias estão completamente indicadas nos livros de Saint-Simon anteriores a 1816.

Se o não conseguirmos provar, não continuaremos a escrever este livro e quebraremos até a penna para todo sempre.

Procedamos com methodo e com a maxima clareza. Desfiemos o assumpto na ordem indicada.

As duas primeiras ideias (*classificação das sciencias e princípio da complexidade crescente*) não podem ser separadas, uma presuppõe a outra, tanto em Comte como em Saint-Simon.

Ambas estão n'este ultimo. Vejamos :

« Todos os phenomenos de que temos conhecimento têm sido divididos em diversas classes. Eis aqui um modo de os dividir que tem sido

adoptado : phenomenos *astronomicos*, *physicos*, *chimicos*, *physiologicos*. Todo homem que se dedica ás sciencias entrega-se mais de perto a uma d'estas partes do que ás outras.

.....Os *primeiros phenomenos* que o homem observou de um modo seguido foram os phenomenos *astronomicos*; ha uma boa razão para que elle tenha começado por esses, é que elles são os *mais simples*. No principio dos trabalhos *astronomicos*, o homem mesclava os factos que elle observava com os que elle imaginava e n'um *galimatias* elementar, fazia as melhores combinações que podia para satisfazer as exigencias da *predição*; elle foi successivamente se desembaraçando dos factos crêados por sua imaginação, e, depois de repetidos trabalhos, acabou por adoptar um caminho certo para aperfeiçoar esta sciencia. Os *astronomos* só admittiram então os *factos comprovados pela observação*. Escolheram o *systema* que os ligava melhor e desde esse dia não deixaram mais a sciencia dar passos errados. Se um novo *systema* apparece, verificam, antes de aceitar, se elle encadeia melhor os factos do que aquelles que tinham adoptado. Apparece um facto *novo*, procuram saber pela *observação* se tal facto existe.

A época de que fallo, a mais memoravel que apresenta a historia dos progressos do espirito humano, é essa em que os *astronomos* expelleram de seu seio os *astrologos*.

.....Sendo os *phenomenos chimicos* mais *complicados* do que os *phenomenos astronomicos* occupou-se o homem com elles muito tempo depois. No estudo da *chimica*, veio a cahir nos mesmos erros que havia commettido no estudo da astronomia ; ma\$ por fim os chimicos se desembaraçaram dos *alchimistas*.

A *physiologia* acha-se ainda (isto era escripto em 1802 e publicado em 1807) na má posição por que passaram as sciencias astronomicas e chemicas. E' preciso que os physiologistas expulsem de seu gremio os *philosophos*, os *moralistas* e *metaphysicos* (Olhem) como os astronoinos expelliram os astrologos e os chimicos os alchimistas.

Nós somos *corpos organisados* ; é considerando como *phenomenos physiologicos* nossas *relações sociaes*, que concebi o projecto que vos apresento... etc.» (I)

Mas, dir-se-ha, ahi falla-se em *astronomia*, *physica*, *chimica*, *physiologia* e *sciencia social*, porem falta a *mathematica*.

Como prevendo a objecção, o auctor diz em nota : « Ajuntarei que *as mathematicas* contêm os unicos materiaes que se possam empregar na construcção de um *systema geral*, e que se o cal-

(I) *Cœuvres Choisies* de C. H. de Saint-Simon, 1º vol. pags. 23, 24, 25 e 26.

culo é impossivel de applicar aos phenomenos que não se podem reduzir a considerações muito simples, não me parece que se deva por este motivo renunciar á esperança de ligar, por intuições satisfactorias, *as ideias que servem de base ás theorias dos differentes ramos da physica—á ideia do peso universal.*» (1)

Se ainda acham pouco, temos aqui cousa melhor:

« Lembrando as noções geraes sobre a *marcha que o espirito humano tem seguido desde a origem de seu desenvolvimento*, reflectindo de modo particular sobre a direcção que elle segue desde o seculo XV, vê-se :

1º, que sua tendencia, desde esse tempo, é basear todos os seus raciocinios em *factos observados e discutidos* ; que ja elle reorganizou sobre esta base POSITIVA : a *astronomia, a physica, a chimica* ; e que estas sciencias fazem hoje parte da instrucção publica, de que formam a base. Conclue-se d'ahi necessariamente que a *physiologia*, da qual faz parte a *sciencia do homem (psychologia e politica)*, será tratada pelo *methodo empregado nas outras sciencias physicas*, e que ella será admittida na instrucção publica quando se tiver tornando POSITIVA.

2º, vê-se que as *sciencias particulares* são os elementos da *sciencia geral* ; que a *sciencia ge-*

(1) *Œuvres Choisies*, pag. 26, do 1º vol. nota.

ral, isto é, a *philosophia* teve de ser *conjectural*, emquanto as *sciencias particulares* o eram tambem ; que ella teve de ser *meio conjectural* e POSITIVA, quando uma parte das *sciencias particulares* tornou-se POSITIVA, emquanto a outra era ainda *conjectural*, e que ella será inteiramente POSITIVA quando todas as *sciencias particulares* o fôrem tambem, o que acontecerá quando a *physiologia* e a *psychologia* fôrem baseadas em factos observados e discutidos ; porque não existe phenomeno que não seja *astronomico*, *chimico*, *physiologico* ou *psychologico*. Tem-se, pois, conhecimento de um tempo em que a *philosophia* que ha de ser ensinada nas escolas será POSITIVA.» (I)

Instructivo trecho, em verdade ; n'elle estam :

a) a *classificação das sciencias*, segundo a ordem em que *historicamente* se organisaram e constituíram, obedecendo ao principio da *complexidade crescente* ;

b) a divisão da sciencia em *geral*, ou *philosophia*, e *sciencias particulares* ;

c) passagem da sciencia de um estado *conjectural*, chamado por S. Simon, n'outros trechos de seus escriptos, — *theologico*, para um estado *semi-conjectural* e POSITIVO, phase da *metaphysica*, e, finalmente, para um periodo POSITIVO, — o que tudo se reduz á famosa lei dos *tres estados*.

(I) *Œuvres Choisies*, 2º vol. pag. 14.

Tudo isto era despretenciosamente escripto em 1813 e tinha de ser dez annos mais tarde, pelo famoso chefe da philosophia *positiva*, repetido com aquella singular attitude de quem estava a emittir as maiores novidades, já mais siquer sonhadas ou presentidas! — Até o qualificativo da nova philosophia, nem ao menos esse é da invenção do incomparavel fundador!

A palavra POSITIVO para significar o *novo periodo* da sciencia e da philosophia é da lavra de Saint-Simon, e, o que é indubitavel, de Burdin tambem, segundo nol-o refere o primeiro.

Naturalmente agora é o ensejo de citarmos o trecho do auctor da *Memoria sobre a sciencia do homem* em que elle, tão generosa, quão digna e espontaneamente, refere a conversa scientifica que teve em 1798 com o Dr. Burdin. E' um fragmento de ouro, que se deve á franqueza de Saint-Simon; nem sabemos como um homem tão sincero poderia querer em 1823 ou 24 apoderar-se, segundo parolam os positivistas, de ideias de Comte, quando taes ideias elle já as possuia, havia quasi trinta annos, eram tambem, desde então, compartilhadas por amigos seus, e se achavam consignadas nos seus mais antigos escriptos!...

O trecho é decisivo para um duplo fim: a questão da *classificação das sciencias* e a dos *tres estados*.

O sophista — Robinet, com a mais insigne má

fê d'este mundo, não toca na questão da *classificação das sciencias* quando falla das relações de Comte e Saint-Simon ; limita-se ao pleito dos *tres estados*, e, matreiramente, cita o famoso trecho exactamente na passagem que mais propriamente aproveita á questão da *classificação*, de que elle não trata, e deixa de parte os topicos significativos que se referem *aos tres estados*, de que peculiarmente cogita o fanatico de Paris.

Vamos dismantelar-lhe o castellino de cartas, reproduzindo o pedaço de Saint-Simon, referente a Burdin, na sua quasi ^{intgra} ~~intgra~~ nas suas tres partes. Eis aqui a primeira, relativa á *classificação e organização das sciencias*, a unica citada pelo Dr. Robinet :

« Todas as sciencias começaram por ser *conjecturaes*, a grande ordem das cousas chamou-as, porem, a tornarem-se *positivas* (Olhem !)

A *astronomia* começou por ser a astrologia ; a *chimica* por ser a alchimia. A *physiologia*, que durante muito tempo fluctuou em pleno charlatanismo, basêa-se hoje em factos observados e discutidos. A *psychologia* começa a esteiar-se na *physiologia* e a desvencilhar-se dos preconceitos religiosos em que se apoiava.

As sciencias começaram por ser *conjecturaes*, porque na origem dos trabalhos scientificos havia apenas poucas observações feitas, e o

pequeno numero d'aquellas que tinham sido feitas não tinham tido tempo de ser examinadas e não passavam de factos presumidos, conjecturaes. Ellas tornaram-se, ellas devem se tornar *positivas*, porque a experiencia diariamente adquirida pelo espirito humano lhe fez alcançar o conhecimento de factos novos e rectificar a experiencia adquirida mais antigamente a respeito de certos factos que tinham sido observados outr'ora, em tempo em que era impossivel analysal-os.

A *astronomia*, sendo a sciencia que encara os factos sob as *relações mais simples e menos numerosas*, é a primeira que deve ter adquirido o *character positivo*. A *chimica* deve ter caminhado *depois da astronomia e antes da physiologia*, porque ella considera a acção da materia sob *relações mais complicadas do que a primeira e menos complexas do que a physiologia*.

Por estas poucas palavras, creio ter-vos provado que o que aconteceu é o que devia acontecer. Já é muito saber a razão que dirigiu successivamente a ordem das cousas que nos precederam, por que ella fornece o meio de descobrir *o que acontecerá.*» (I)

Até aqui chegou o Dr. Robinet ; não citou o resto, por lhe não cõvir, como iremos em breve mostrar.

(I) Saint-Simon — *Œuvres Choisies*, 2º vol. pag. 21,

Ora, vê bem o leitor sério, honesto, de boa fé, o leitor que não se paga de phrases e arrogancias e deseja apenas a verdade, d'onde quer que ella venha, vê o leitor que nos tres longos pedaços já citados de Saint-Simon está claramente indicada *a ordem de formação e classificação das sciencias, segundo o afamado principio da complexidade crescente*. E' cousa irrefragavel, inilludível, innegavel. Para um homem habil e ruminador, como Comte, era quanto bastava. Dados a ideia capital e os principaes argumentos, attirados elles no seu espirito organisador, facillimo lhe foi arranjar a celebre theoria da classificação das sciencias, como ella está para lêr-se na segunda licção do decantado *Curso de Philosphia Positiva*.

Os *badauds* orthodoxos, porem, que nada lêem fóra dos espantalhos do mestre, que de nada sabem, nem querem saber, que lhes ^{perturbe} ~~portube~~ a doce paz de espirito em que se acham atolados, vão recebendo aquellas patranhas e as vão espalhando ferozmente, como cousas *originaes e infalliveis*... Que bom proveito lhes faça.

Nós pugnaremos pela verdade historica em toda a sua pureza.

Passemos á questão dos *três estados*, objecto principal d'este capitulo e do actual debate.

Nos trechos saint-simonianos citados acha-se çlaramente, terminantemente assignalada essa

supposta lei historica, que os positivistas dão como descoberta por Comte.

Nem era demasiado para admirar que Burdin e Saint-Simon a houvessem proclamado vinte e tantos annos antes de Comte ; porquanto nos escriptos de varios historiadores, economistas, politicos, philosophos e mythologos do seculo passado já mais ou menos claramente estava ella enunciada. Turgot, como o provou Buchez e mais tarde foi repetido, como cousa propria, por Littré, foi um que a descreveu positivamente em seus traços mais geraes, n'estas memoraveis palavras pronunciadas em 1750:

« Antes de conhecer a ligação dos effeitos phisicos entre si, nada houve mais natural do que suppôr que elles *eram produzidos por seres intelligentes, invisiveis e semelhantes a nós*, porquanto com que se haviam elles de parecer ? Tudo que acontecia sem co-participação dos homens teve seu *deus*, ao qual o medo ou a esperanza fez logo render um culto e este culto foi ainda imaginado segundo as deferencias que se podiam ter para com os homens poderosos ; porque os *deuzes* não passavam de homens mais poderosos e mais ou menos perfeitos, conforme eram elles a obra d'um seculo mais ou menos esclarecido no tocante ás verdadeiras perfeições da humanidade. Quando os philosophos reconheceram o absurdo de taes fabulas, sem entretanto, haver

adquirido verdadeiras luzes sobre a historia natural, imaginaram explicar as causas dos phenomenos *por expressões abstractas, como essencias e faculdades*, expressões que, todavia, nada explicavam, e a respeito das quaes se raciocinava como se fossem *seres, novas divindades substituidas ás antigas*.

Seguiram-se estas analogias e multiplicaram-se as faculdades para dar o motivo de cada effeito.

Foi somente mais tarde, observando a acção mecanica que os corpos exercem uns nos outros, que se tiraram d'esta mecanica outras hypotheses, que as mathematicas poderam desenvolver e a experiencia verificar. Eis porque a *physica só deixou de degenerar em perniciosa metaphysica* (Olhem!) depois que um longo progresso nas artes e na chimica multiplicou as combinações dos corpos e que, tornada mais intima a communição entre as sociedades, os conhecimentos geographicos foram mais extensos, os factos mais certos e a pratica mesma das artes posta sob a vista dos philosophos.»

Acha-se n'este curioso trecho innegavelmente a decantada doutrina dos *tres estados*.

O trapalhão— Robinet, chama-o de *un aperçu*, onde está apenas indicado o *caso polytheico* da explicação theista, e nada se encontra a respeito do *estado fetichico e do monotheico*, sendo tambem

confuso o que se refere ao *termo positivo* da progressão. (1)

São lacunas, porem, que não se notam em Saint-Simon e explicitamente em Burdin.

Recorramos aos textos e comecemos por completar aquella celebre palestra scientifica entre os dois amigos e que o Dr. Robinet não quiz concluir.

Começa esta segunda parte por uma caracterisação completa do *estado positivo* sob seus diversos aspectos, *politico, moral, religioso*, alem de *scientifico*, e, finalmente, passa a indicar a *lei* que presidiu ao progresso do espirito humano através das edades.

Eis aqui : «Resta-me apresentar uma ideia para completar a base sobre a qual se ha de estabelecer o que tenho a vos dizer : é que a *astronomia* foi introduzida na instrucção publica, bem como a *chimica*, desde o momento que adquiriram o caracter *positivo*.

D'ahi conclúo, como ideia geral, que *toda sciencia*, que adquirir o caracter *positivo*, será admittida na instrucção publica.

Agora passo a expôr-vos directamente o que penso do estado actual da *physiologia*, do que ella tem de vir a ser, dos effeitos que seus progressos hão de produzir no systema geral das

(1) Robinet *Notice sur l'œuvre et la vie d'Auguste Comte*, pag. 142.

ideias, na organização do *corpo scientifico*, no *systema religioso*, no *systema politico*, no da *moral*, etc.

A *physiologia* não merece ainda (isto era dito em 1798) ser classificada entre as sciencias *positivas*; porem não tem mais do que um passo a dar para levantar-se completamente a cima do grupo das sciencias conjecturaes.

O primeiro homem de genio que apparecer n'esta direcção scientifica ha de basear a theoria geral d'esta sciencia em factos observados; ha apenas quasi que dar liame e conjuncto aos trabalhos de Vicq-d'Azir, de Cabanis, de Bichat e de Condorcet, para organizar a theoria geral da *physiologia*; porque estes quatro auctores trataram quasi todas as questões physiologicas importantes e basearam todos os raciocinios que produziram em observações discutidas. Vou enumerar os principaes effeitos que hão de resultar da organização *positiva* da theoria physiologica, sciencia cujo cimo é a *sciencia do homem* e o conhecimento d'este pequeno mundo.

Apresentar-vol-os-hei methodicamente, isto é, elles se deduzirão uns dos outros, se encadeiarão na ordem de consequencia, em uma palavra, serão conclusões uns dos outros:

1.º O ensino da *physiologia* será introduzido na instrucção publica. Fundo esta conjectura na observação de que cada uma das *sciencias physi-*

cas foi admittida na instrucção publica, desde o momento em que se tornou *positiva*.

2.º A *moral* tornar-se-ha uma *sciencia positiva*. O *physiologista* é o unico sabio em estado de demonstrar que em todos os casos o caminho da virtude é ao mesmo tempo o da felicidade; o moralista que não é *physiologo* é obrigado a mostrar a recompensa da virtude n'outra vida, por falta de poder tratar com a indispensavel precisão as questões de moral.

3.ª A *politica* tornar-se-ha uma *sciencia positiva*. Quando aquelles que cultivam este ramo consideravel dos conhecimentos humanos tiverem aprendido a *physiologia* durante o curso de sua educação, considerarão então os problemas que houverem de resolver como questões de *hygiene*.

4.ª A *philosophia* tornar-se-ha uma *sciencia positiva*. A fraqueza da intelligencia humana obrigou o homem a estabelecer nas sciencias a divisão em *sciencia geral* e *sciencias particulares*. A *sciencia geral* ou *philosophia* tem por factos elementares os factos geraes das sciencias particulares, que são os elementos da *sciencia geral*. Esta *sciencia geral*, que nunca pode ser de natureza diversa da dos seus elementos, foi *conjectural*, emquanto as *sciencias particulares* foram *conjecturaes*, tornou-se *semi-conjectural* e *positiva*, quando uma parte das sciencias tornou-se *positiva* ficando a outra *conjectural*. Tal é o

estado das cousas. Ella tornar-se-ha *positiva* quando a *physiologia* fôr baseada em seu todo em factos observados, porquanto não existe phenomeno que não possa ser observado do ponto de vista da *physica* dos corpos brutos, ou do da *physica dos corpos organisados*, que é a *physiologia*.

5.º O *systema religioso* será aperfeiçoado. Dupuis demonstrou até á evidencia, em seu livro sobre a *Origem dos Cultos*, que todas as religiões conhecidas tinham sido fundadas n'um respectivo *systema scientifico* e que qualquer reorganisação do *systema scientifico* trazia, como consequencia, reorganisação e melhoramento do *systema religioso*.

6.º O *clero* será reorganizado e reconstituído. O *systema religioso* divide-se em duas partes: uma é a porção passiva, outra a activa, ou, melhor, uma é a parte *theorica* e outra a *pratica*. A coordenação dos principios constitue a primeira; a organisação das applicações dos principios fórma a segunda.

Estas duas partes são essencialmente ligadas entre si, dependem uma da outra de modo tal que o melhoramento nos principios accarreta o melhoramento na instrucção do *clero* e uma melhor composição do *clero* produz um aperfeiçoamento no valor intrinseco e na coordenação dos principios.

E', porem, sempre um melhoramento nos

principios que dá, que torna a dar o movimento, que, por um tempo mais ou menos longo, constitue-se depois alternativo e reciproco. *O clero se reorganizará, pois, necessariamente quando o systema das ideias, dos principios religiosos fôr reorganizado.* Mas nós vimos que o systema religioso passivo não era (como Dupuis demonstrou) mais do que a materialisação do systema scientifico. A reorganisação do *clero* não pôde, d'est'arte, ser outra cousa mais do que a *reorganisação do corpo scientifico, visto como o clero deve ser o corpo scientifico.* Não pôde ser util, não pôde ter forças sinão emquanto se compõe dos homens mais sabios, emquanto os principios que lhe são conhecidos ficam ignorados do vulgo..... Os momentos mais felizes para a especie humana hão sido aquelles em que os *poderes espirital e temporal* se têm melhor equilibrado. Este equilibrio é especialmente necessario no caso de uma sociedade politica composta de muitos povos, como a sociedade européa. Porquanto o *clero* é a unica força que possa se oppôr com vantagem á ambição nacional dos povos mais poderosos, cuja tendencia é necessariamente de submetter o continente inteiro.

A guerra actual é evidentemente causada pelo aniquilamento do *clero*. Esta classe, havendo negligenciado o estudo das sciencias phisicas, deixou aos sabios leigos o sceptro da sciencia ; per-

deu a consideração, e, uma vez aviltada, foi despojada.

A guerra durará necessariamente até ao tempo em que o *clero* fôr reorganizado. Sua reorganização ha de ser um dos effeitos que se hão de seguir á admissão da *physiologia* na instrucção publica. Em um tempo dado o *Sacro Collegio* será reorganizado, como o Instituto ha de sel-o.

N'esta época todos os sabios notaveis serão membros do clero, e toda a pessoa que se apresentar á *ordenação* só será feita padre depois de passar por um exame em que prove estar preparado nos conhecimentos adquiridos na *physica* dos corpos brutos e na dos corpos organisados.

Taes, são os factos que hão de decorrer da admissão da *physiologia* na classe das sciencias *positivas.*» (1)

Esta curiosissima passagem constitue o que se póde chamar a segunda parte da conversação de Saint-Simon e Burdin. Vê o leitor como ella nitidamente caracteriza o *estado positivo*, que se deveria seguir ao *conjectural* ou theologico, e ao *semi-conjectural e semi-positivo*, ou metaphysico, qual fôra annuciado na primeira parte da palestra.

Vê-se bem como acha-se ahi indicada a transformação da sciencia, da philosophia, da politica,

(1) *Œuvres Choisis*, 2^o vol., pag. 22 e seguintes.

da moral, da religião e do clero. Quem ignora que tudo isto foi mais tarde repetido litteralmente por Augusto Comte?

Disse o Dr. Robinet que Turgot havia mal caracterisado o periodo positivo. Cremos que não ousará dizer o mesmo do trecho que deixamos citado e que elle cuidadosamente occultou. Disse tambem que o celebre publicista e politico francez não tinha tocado nas phases *fetichica* e *monotheica* do periodo conjectural ou theologico.

Vamos mostrar que semelhante lacuna não existe na preciosa conversa de Saint-Simon e Burdin, cuja terceira e ultima parte passamos a trasladar.

Prosegue a exposição de Burdin, segundo a narrativa de Saint-Simon :

« Vejamos agora as difficuldades que apresenta a organização d'esta sciencia (a physiologia).

São de duas especies : umas puramente scientificas, que desaparecerão quando os factos physiologicos forem coordenados de modo a formar uma unica série ; outras que hão de provir dos obstaculos que os scientists interessados hão de oppôr para que a physiologia não venha a fazer parte da instrucção publica.

Os mathematicos representam o primeiro papel em todos os lyceus e nos estabelecimentos de educação de alguma importancia ; estam á frente do Instituto. A introducção do estudo da physio-

logia na instrucção publica, a reorganisação da corporação scientifica devendo necessariamente diminuir a consideração de que gosam e diminuir sob todas as relações sua existencia social e scientifica, deve-se esperar uma lucta com elles, e é mistér fazer de antemão um plano de combate contra elles. Ha muito sabios de varias classes andam chocados com a supremacia exercida pelos mathematicos, e estam convencidos de ser tal supremacia desfavoravel ao progresso do espirito humano; ha muito desejam vêr sahir o sceptro scientifico d'aquellas mãos e fazem esforços para arrancal-o. Se a tentativa tem sido frustrada, é que ha sido mal dirigida a empreza.

Tres ataques não indispensaveis para desalojar os monopolisadores :

1. *E' necessario analysar a marcha do espirito humano.* Semelhante analyse fará vêr que duas sciencias têm egualmente contribuido para os seus progressos, isto é, a *physica dos corpos brutos e a physica dos corpos organisados.* Fará vêr, que aquelles que chamaremos os *brutistas* (*brutiers*) e os *physilogistas* têm alternadamente occupado o posto da vanguarda scientifica para penetrar na região das descobertas. Fará vêr, emfim, que não tendo os *brutistas*, ha bastante tempo, feito descobertas de importancia, chegou o momento de deixarem o posto da frente, que occupam ha mais de seculo, aos *physiologistas.*

2.º E' preciso examinar como os mathematicos se puzeram no logar dos physicos da primeira especie (*brutiers*) ou antes como estes pretenderam que o posto da vanguarda lhes pertencia, não a titulo de physicos estudando o Universo no grande mundo e elevando-se ao conhecimento d'uma lei unica susceptivel de analyse (a gravitação universal), porém sim pelo facto de, como calculadores, se considerarem *os metaphysicos por excellencia, os philosophos, os homens geraes, em uma palavra, os unicos capazes de cultivar com vantagem a sciencia geral.*

Tal exame fará vêr que se póde de facto considerar a *mathematica como constituindo a unica parte positiva (sic) e util da metaphysica e que se póde conceber a philosophia como se compoendo das quatro partes seguintes.*

a) a sciencia da comparação das ideias, que é a sciencia da formula e construcção dos problemas;

b) a sciencia da mathematica infinitesimal, que é o modo mais transcendente de resolver um problema dado;

c) a sciencia da algebra, que é o meio de precizar as soluções obtidas pelo calculo infinitesimal;

d) a sciencia da arithmetica, que é o meio de fazer applicação da solução dos problemas aos casos particulares.

Tal exame provará que a primeira d'estas séries é a mais importante; demonstrará que os physiologistas estão tanto em estado de cultivar esta sciencia quanto os physicos. Locke não foi n'este genero emulo e igual a Newton? Não lhe foi até superior?

Porquanto se a Newton é que devemos uma notavel descoberta por meio d'esta sciencia, a Locke é que somos devedores da theoria da comparação na sua accepção mais geral. Tal exame, enfim, porá em evidencia que a intelligencia d'aquelles que se dedicam á physica dos corpos brutos contrahe o habito de examinar os factos susceptiveis da applicação da baixa mathematica, que comprehende a infinitesimal, a algebra e a arithmetica, ao passo que os physiologistas contrahem, por suas occupações diarias, habitos que os tornam mais capazes de provocar progressos á mathematica transcendente, que deve ser considerada a sciencia geral das comparações, ou por outro nome, a *logica (sic)*.

3.º E' mistér um ataque directo. Não posso exprimir minhas ideias sem paixão; devo interpellar estes tristes calculadores, encerrados atraz d'uma trincheira de X e Z: Physicos dos corpos brutos, infinitesimistas, algebristas, arithmeticos, que direito vos assiste para occupardes a vanguarda scientifica? A especie humana acha-se empenhada n'uma das *mais violentas crises* porque tem

jámais passado desde sua origem, que esforços fazeis para terminar esta *crise*? Que meios tendes para *restabelecer a ordem* na sociedade humana? A Europa inteira se degolla; que fazeis para acabar esta carnificina?

Nada. Ao contrario, sois vós que aperfeiçoais os meios de destruição; sois vós que lhes dirigis o emprego. Em todos os exercitos estaes á frente da artilheria; sois vós que dirigis os trabalhos para o ataque das praças.

Que fazeis, repito, para restabelecer a paz?
Nada.

Que podeis fazer?

Nada. *O conhecimento do homem é só que pôde levar ao descobrimento dos meios de conciliar os interesses dos povos e vós não estudais esta sciencia.* Deixai a presidencia da officina da sciencia; deixai-nos aquecer os corações gelados por vossa direcção e despertar a attenção *para os que podem trazer a paz geral, com a reorganisação da sociedade.*

.....Este passo exige a colligação das forças intellectuaes do physiologista e do philosopho, a coordenação de seus mutuos esforços e seu trabalho commum consistirá na organisação das quatro séries seguintes:

1.ª Série de comparações entre a structura dos corpos brutos e a dos corpos organisados, d'onde resulta a demonstração que os effeitos produzidos

pelos phenomenos d'estas duas classes são proporcionados á sua organisação ;

2.º Série de comparações entre os differentes corpos organisados, d'onde resulta a demonstração que os effeitos produzidos por cada um d'elles durante sua duração phenomenal, que a quantidade de intelligencia de que cada um d'elles é provido, é proporcionada á maior ou menor perfeição de sua structura organica ;

3. Série de comparações entre o homem e os outros animaes, em differentes épocas, d'onde resulta a demonstração que o homem é só aquelle, cuja intelligencia se tenha aperfeiçoado ; que a dos outros animaes retrogradou ; que o animal melhor organizado é o unico, em uma reunião de animaes quaesquer, cuja intelligencia possa se aperfeiçoar ; que a dos outros deve necessariamente retrogradar por effeito da acção e reacção continua dos animaes uns nos outros ; que é um prejuizo philosophico crêr que o homem é o unico animal que tenha a propriedade de aperfeiçoar-se ; que a verdade é que elle não é o unico em que esta propriedade de aperfeiçoar-se exista ; finalmente, que se o homem desaparecesse do globo, o animal mais bem organizado se aperfeiçoaria ;

4.º *Série dos progressos do espirito humano.*

Esta série deve ser dividida em duas partes, das quaes *uma contenha o passado e a outra o futuro.*

O que se houver de dizer a respeito do futuro deve ser consequencia evidente do que houver sido comprovado a respeito do passado (sic).

▶ Dando conta da rota que foi seguida pelo espirito humano, devem-se tornar o mais claras possível as observações seguintes :

1.º Que o homem na origem de sua existencia gosou sobre os outros animaes apenas da superioridade de intelligencia resultante directamente da superioridade de sua organização, e que tal superioridade era bem pequena ;

2.º Que o homem empregou muito tempo, isto é, muitas gerações para desenvolver uma lingua ; que o systema de signaes convencionaes só foi completo no momento em que as *ideias geraes, causas e effeitos*, foram bem distinctas e ligadas a signaes differentes ; que desde então a intelligencia do homem se achou de ordem decididamente superior ao instincto dos outros animaes ; que (*Atenção ! começa aqui a cousa !*) que, desde este instante, o systema religioso começou a se formar ; que este systema foi a principio a *Idolatria*, isto é, a crença que as *primeiras causas, as grades causas eram visiveis* e a adoração d'estas causas por aquelles que não procuravam estudar a relação das causas e dos effeitos e aperfeiçoar seu conhecimento ;

3.º Que da ideia de causas visiveis, o homem

elevou-se á ideia de *muitas causas invisíveis e animadas*, o que constituiu o *Polytheismo* ;

4.º Que da ideia de *muitas causas invisíveis e animadas*, o homem alçou-se á ideia de uma só *cansa invisível e animada*, o que constituiu o *Deismo* ;

5.º Que da ideia d'uma só *cansa invisível e animada*, o homem se ergueu á *concepção de muitas leis regendo as diversas classes de phenomenos*. (Não será a melhor versão da *metaphysica* ?) ;

6.º Que o homem se elevará á crença de *uma só e unica lei* regendo o universo, o que constituirá o futuro. (Não será esta a melhor versão do verdadeiro *estado positivo* ?)

Dando conta do futuro, deve-se proceder separadamente, de um lado, á demonstração de que a *reorganisação da corporação scientifica e do clero da sociedade politica* deve ser tal como indiquei ; e deve ser fundada na crença e no conhecimento d'uma só e unica lei regendo o universo; de outro lado, á formação de um *plano de organisação mimucioso....*» (1)

Depois d'isto que mais ? Para que mais nada? A victoria é tão completa que impõe a generosidade.

Deixamos de inebriar-nos com as suas fanfarras

(1) *Œuvres Choisies*, pag. 28 a 34 do 2º vol.

para perguntar apenas ao fanatitico e mediocrissimo esculapio de Paris : Então, Sr. Robinet, porque não transcreveu as passagens que acima ficaram citadas?

● Então faltará alli o periodo *fetichico* e o *polytheico* e o *monotheico* ? Faltará o *metaphysico* e o *positivo* ? Não estará alli a *positivação* das sciencias particulares, da philosophia, a *reorganisação* da sociedade, da religião, do clero ?

Não estará alli assignalada a *crise moderna*, a dissolução da crença medieval, a *aspiração* para uma nova doutrina geral, o ideal da paz, como a consequencia d'esse novo dogma ?

Que mais fez Comte, que al fez elle, sinão tomar o programma de Saint-Simon-Burdin e desenvolver ?

Para que o criminoso intento de occultar as fontes e obscurecer o testemunho da historia ?

Nossa these está provada : não precisava Comte de sahir dos livros mais antigos de Saint-Simon para metter na cabeça a famosa *lei dos tres estados*.

Poderíamos, se fosse mistér, citar vinte ou trinta outros trechos dos alludidos escriptos, claros, terminantes, irresistiveis, onde a preconisada *lei* acha-se estampada em todos os tons. Será preciso ?

Não o crêmos, tanto mais quanto outras theses que nos propuzemos provar, não o foram ainda

directamente, e, na explanação d'ellas, implicitamente estaremos a insistir na historia dos tres estados.

Referimo-nos ás tres proposições, em que o proprio Comte resumiu o seu famoso opusculo de 1822, proposições que fazem parte das seis que nos esforçamos por provar n'este capitulo.

São ellas, como já vimos: *politica tratada pelo processo da physica e da chimica, ideia de acabar a chamada crise revolucionaria moderna com a criação de uma nova doutrina geral. novo poder espiritual ou novo clero que se ocupe da educação nova.*

São proposições estas, porem, que em rigor já se acham explicitamente provadas pelo complexo das citações que fizemos até aqui das obras de Saint-Simon.

Se, todavia, existe algum espirito bastante obstinado em duvidar da evidencia, para esse vai mais este pedaço irreductivel, que se lê, bem como os outros que já foram citados, no *prefacio* á *Memoire sur la science de l'homme*

« Em seu resumo mais succinto, eis a concepção da qual minha obra será o desenvolvimento: Todos os esforços do espirito humano, até á época em que elle começou a basear seus raciocinios em *factos observados e discutidos*, devem ser considerados como esforços *preliminares*.

A *sciencia geral* só poderá ser uma sciencia

positiva na época em que as *sciencias particulares* fôrem baseadas em observações.

A *politica geral*, que comprehende o *systema religioso e a organização do clero (sic)*, não será uma sciencia *positiva* sinão na época em que a *philosophia* se tiver tornado em todas as suas partes uma *sciencia de observação*, porque a *politica geral (sic)* é uma applicação da *sciencia geral (sic)*.

As politicas nacionaes se hão de aperfeiçoar necessariamente quando as instituições de politica geral fôrem melhoradas.

Para provar a justeza d'esta concepção, para fazer vêr que o trabalho mais util que possa ser feito consiste em quatro memorias, a primeira das quaes organise a *sciencia do homem de modo positivo (sic)*, a segunda dê *bases positivas (sic)* á *philosophia geral*, a terceira contenha um *plano de reorganização do clero (sic)*, a quarta trate da questão da reorganização das instituições nacionaes; é preciso examinar com alguma minudencia o que se passou desde o *começo do XIV seculo..... etc.* » (1)

E foi o começo d'este programma que Saint-Simon desenvolveu na *Memoria sobre a sciencia do homem*. N'esta formigam as passagens que são

(1) *Œuvres Choisies*, 2º vol. pag. 15.

verdadeiras fontes onde o positivismo bebeu a fartar-se.

Mas já bem antes, em 1808, na *Introdução aos trabalhos scientificos do seculo XIX*, o calumniado francez escrevia paginas magistralmente fundamentaes, como esta: «Foi Descartes que organisou a insurreição scientifica.

Foi elle que traçou a linha de demarcação entre a sciencia antiga e a sciencia moderna; foi elle que levantou a bandeira em torno da qual se *gruparam os physicos para atacar os theologos (sic)*; elle arrancou o sceptro do mundo das mãos da imaginação para o collocar nas mãos da razão; elle formulou o celebre principio: o homem só deve crêr nãs cousas apresentadas pela razão e demonstradas pela experiencia; principio que fulminou a superstição, principio que mudou a face moral de nosso planeta....

Descartes disse: *dai-me materia e movimento, e eu farei um mundo.*

Ousou emprehender a explicação do mecanismo do universo. O systema dos turbilhões é admiravel, considerado do ponto de vista do qual deve ser encarado. Este systema teve o *merito inapreciavel de ser o primeiro* esboço geral puro.

Nenhuma ideia theologica (sic) entrou em seus elementos.... Ha duas sortes de trabalhos scientificos: *procurar factos, racionar sobre os factos*, isto é, aperfeiçoar as theorias.

Foi do aperfeiçoamento da theoria scientifica que Descartes principalmente se occupou. A escola seguiu, alem dos limites naturaes, a direcção que Descartes lhe havia imprimido; ella perdia-se nos *labyrinthos da metaphysica (sic)* e negligenciava inteiramente a procura dos factos, quando Locke e Newton appareceram. Estes dois tomaram nova direcção; procuraram factos e os acharam da mór importancia: um descobriu a lei da gravitação, outro a da perfectibilidade do espirito humano.

A escola tornou-se então newto-lockista; e vai para um seculo segue a direcção dada por estes dois grandes homens; occupa-se com a busca dos factos e despreza as theorias. Para o progresso da sciencia, para a felicidade, para gloria da nação franceza, o Instituto deveria trabalhar para o aperfeiçoamento da theoria, deveria voltar á direcção de Descartes. Para melhor fazer comprehender minha ideia vou empregar uma comparação. Descartes, logo que chegou ao novo paiz scientifico por elle descoberto, subiu á montanha mais alta e de lá passou a vida a examinar a região da qual nos deixou uma ideia geral. Locke e Newton desceram do cume da montanha ás regiões baixas e empregaram a vida em percorrel-as. Foi só no fim de sua carreira que galgaram de novo o alto; mas então já não tinham mais a vista bastante boa para descobrir a totali-

dade da região, da qual, aliás, cada um d'elles havia apenas explorado a metade.

Ha cem annos a escola percorre a zona scientifica em todas as direcções; *é tempo de voltarmos ao ponto de vista geral.*» (1)

Bella pagina de critica philosophica, denunciadora de uma facil e larga intuição espiritual em quem a escreveu.

E é a um *semeador de ideias* d'esta ordem, a um homem entusiasta e generoso d'esta guisa, que os positivistas, em sua colera damninha, attiram os mais crassos apodos....

Mas o que importa é que demonstrámos se acharem os *tres estados* nas obras de Saint-Simon desde o tempo em que Augusto Comte tinha apenas tres ou quatro annos de idade.

Paſsemos além.

II

Os outros vicios da decantata lei

A famosa doutrina positivista dos *tres estados*, dada pelos fanaticos por uma invenção transcendente do pai da religião da humanidade, não tem só o defeito de ter sido copiada litteralmente de Saint-Simon, que a tomou de Burdin, que a recebeu de Turgot, provavelmente,

(1) *Œuvres Choisies*, 1º vol. pag. 57 e 58.

Tem, além d'isto, sob o ponto de vista da pretendida originalidade, o vicio de não passar,—*na parte referente ao chamado periodo theologico, de uma simples repetição de velhas ideias largamente espalhadas por mythologos e criticos religiosos no ultimo decennio do seculo passado e nas primeiras decadas do que está a findar.*

Quem quer que tenha certa leitura de linguistica, critica religiosa, mythologia e pré-historia acha-se perfeitamente no caso de julgar da exacta procedencia d'esta censura.

O movimento iniciado por Wolf, a proposito dos poemas homericos é o ponto de partida d'essa immensa serie de estudos em que se distinguiram Lobeck, Heyne, Hermann, Lachmann, Frederico Schlegel, Kreuser, Guilherme e Jacob Grimm, Otfried Müller, para não fallar na grande cohorte de linguistas e mythologos que se distinguiram nos decennios seguintes, e representam as magnificas pesquisas de reconstrucção do pensamento primitivo que hão de ser talvez o mais prestimoso titulo de nosso seculo aos olhos da posteridade.

Quem conhece este assumpto deve completamente saber que o chamado periodo theologico de Comte já estava de todo determinado pelos criticos na sua triplice phase do *feiticismo* ou *naturalismo animista*, do *polytheismo* ou *periodo da apothese* e do *anthropomorphismo*, e do mo-

notheismo ou *periodo da concepção do Ser Supremo*. E' cousa rudimentar e de vulgar noticia, por todos sabida, menos pelos positivistas, que têm a mania de vêr originalidade em todas as afirmações de seu pretencioso e arrogantissimo chefe.

Resumindo a doutrina dos *mythologos* do começo d'este seculo, que deixamos acima citados, escreve um escriptor bem informado: « *O desenvolvimento dos mythos religiosos e das poesias que os exprimiram, parece ter seguido a ordem seguinte, não n'este ou n'aquelle povo, porem sim na humanidade:—o homem, tocado de terror e emocionado de reconhecimento á vista dos phenomenos, ora terriveis ora bemfazejos da natureza, poz-se a adorar e a implorar estas forças desconhecidas tão esmagadoras para a sua fraqueza. Quando ouvia gemer o vento e roncar o trovão, quando via o fogo do ceu brotar das nuvens e estas, semelhantes a monstros medonhos, correrem a cima de sua cabeça, seguidas pela tempestade, imaginava que eram as manifestações de seres celestes, ora irritados, ora serenos, dos quaes, porem, dependia sua segurança, sua vida. Mais tarde, distinguindo cada ordem de phenomenos, referiu-os a seres sobrenaturaes, que reinavam como senhores absolutos cada um em seu dominio determinado: assim se formaram os deuses elementares, o ceu, a terra, o mar, o sol, etc.*

Pouco a pouco, como se attribuia a estas divindades da natureza uma influencia boa ou má, quer na vida do individuo, quer nos destinos da nação, empréstaram-se-lhes os sentimentos do homem, suas faculdades e até suas formas exteriores: *é a este periodo do desenvolvimento do mytho que pertencem as mythologias india, grega e germanica.* O espirito humano, porem, não pára ahi: pela ideia de subordinação necessaria das diversas divindades a um senhor unico e pela noção de causa e effeito applicada ao problema da origem das cousas, eleva-se por fim *ao principio de um deus unico, crêador ou pelo menos ordenador do universo e dispensador dos bens e dos males.* »

Eis ahi o afamado estado theologico perfeitamente descripto pelos mythologos e criticos religiosos, bem antes de Comte achar-se em condições de escrever qualquer cousa n'este mundo, e não só descripto, como determinado em seus tres periodos capitaes.

E' uma analyse perfeita, exacta; porque n'ella cogita-se apenas do desenvolvimento do pensamento religioso, que não é misturado erroneamente com o desenvolvimento da sciencia ou da philosophia, erro em que cahiu desasadamente o positivismo.

E' uma questão de facto, que só muita ignorancia poderá desconhecer, e que para espiritos

de instrução, ainda que mediana, não demanda outra demonstração além da que ahí deixamos.

Podemos, pois, ir adiante, passando a examinar a terceira mácula, que afeia a encomiada doutrina, e é esta: *«insurge-se contra a lei geral da evolução, constituindo uma verdadeira contradictio in adjecto, qual é, por certo, a disparatada ideia de uma evolução já feita, já concluída, uma evolução parada, mettida n'um circulo de ferro.»*

Um dos defeitos magnos do positivismo, defeito revelador em seu chefe da ausencia do verdadeiro espirito philosophico, é essa fatal pretenção que elle tem de haver dito a ultima palavra em todos os assumptos. Singular ingenuidade que estraga e corrompe o edificio inteiro do systema.

Por mais grave que fosse o assumpto, em sciencia, em philosophia, em moral, em politica, em religião, Comte teve a infatilidade de ter arredado todas as difficuldades e solvido todos os problemas...

Basta este symptoma para afastar d'essa deletéria doutrina os espiritos imparciaes, as almas progressivas, as intelligencias avidas de saber. Esses homens suppõem ter na cabeça a formula definitiva de todas as cousas, e na bocca a palavra ultima de todos os enygmas. O genio do seculo, que se affirma poderosamente na doutrina da evolução, que professa a theoria do desenvolvi-

mento, do *fieri* perpetuo do pensamento, não pode bater palmas a espiritos assim obcecados por um dogma feichado, irreductivel, immoificavel, absoluto.

De certo, se a crença n'uma evolução constante é o ensino inilludivel da philosophia naturalista, quem deu a Comte o direito de feichar o cyclo do pensamento e marcar-lhe o termo final? Porque *tres estados* e não trinta ou cincoenta? Quem pode dizer até que ponto a intelligencia humana ha de chegar na explicação dos phenomenos que se lhe deparam no universo?

A disposição d'espirito anti-scientificado positivismo claramente manifesta-se todos os dias. E tal disposição origina-se exactamente do modo estreito, manco e esterilmente dogmatico por que elle comprehende a evolução.

Por isso é que os seus adeptos repellem enfatuadamente a explicação monistica do mundo e regeitam, por exemplo, em biologia os ensinamentos do transformismo. A theoria dos tres estados, como a representação completa e acabada do desenvolvimento espirital da humanidade, é uma affirmação illogica, improgressiva e atrophicante.

Illogica, porque o conceito de uma *evolução parada* é um disparate; improgressiva, porque metendo o espirito humano n'um circulo de ferro, cresta n'elle os instinctos do saber, os nobres im-

pulsos da descoberta e da conquista de novas verdades e de novas doutrinas ; atrophiante, porque, asphyxiando-o n'uma formula irrefragavel, definitiva, redul-o ás porporções de automato repetidor de um credo immutavel.

Todas as philosophias progressivas devem ser relativas, devem deixar um lado aberto na fronteira do desconhecido. E' a condição de todo progresso espirital.

Todo o systema, todo o dogma que falta a este elementar principio de differenciação, torna-se implicitamente um obstaculo ao progresso, um embaraço, uma limitação ao pensamento, que aspira naturalmente ao porvir. Muito menos compressorá do que o positivismo foi a doutrina catholica, e todos sabemos o que é feito d'ella em face dos avanços da sciencia; os seus *non possumus* estão reduzidos á poeira diante do pensamento moderno. O positivismo macaquêa hoje as suas arrogancias dogmaticas com menos intelligencia dos tempos, menos poesia real, menos conhecimento do coração humano. Como philosophia, como politica, como religião, esse credo immutavel ha-de morrer antes de espalhar-se, e a sua pessima comprehensão da evolução da humanidade, estatuida na celebre theoria dos *tres estados*, não é dos menores motivos de sua queda.

Podemos proseguir. O quarto vicio que anda encartado na originalissima descoberta é este:

« *Ataca completamente a lei do consensus, porquanto os famosos tres estados não se deram em todas as fundamentaes crêações da humanidade, nos diversos ramos de sua actividade.* »

A lei dos tres estados, se fosse uma inducção verdadeira, deveria dar conta de todos os phenomenos da actividade humana e deveria applicar-se a todos os ramos d'essa actividade.

Outra cousa não é a lei da connexão e do *consensus* de todos os factos, que rege a complexidade dos actos humanos. E' principio geralmente admittido por toda a philosophia moderna como um d'aquelles pontos postos fora de contestação. O proprio Comte o reconhece e proclama, como uma das verdades elementares da sociologia.

Para mostrar, porem, que a theoria dos tres estados infringe esse dogma fundamental do pensamento scientifico hodierno, não é preciso grande esforço.

Bastante é olhar para o desenvolvimento historico das cinco fundamentaes crêações da humanidade: religião, arte, sciencia, politica e industria, segundo deixamos indicado em o n^o IV do capitulo I d'este livro. (1)

O cabal esclarecimento d'esta these prende-se ao que alli ficou demonstrado e não deve ser agora repetido e ao que será dito na esplanção

(1) Vide *supra*, pag. 42 e seguintes.

dos tres defeitos seguintes a este quarto de que ora tratamos. A materia é connexa.

No intuito, porem, de tirar toda a duvida ao ponto aqui em questão baste-nos mostrar como se portam os impertubaveis tres estados com a industria. Elles, nem siquer em sonho, se applicaram jamais no longuissimo percurso do desenvolvimento d'aquella. Sim ; nunca houve uma industria theologica, uma industria metaphysica e uma industria positiva...

Seria realmente muito engraçado poder a gente chegar ao sapateiro e pedir-lhe *um par de botas theologicas*, ou ao alfaiate e encommendar-lhe *um par de calças metaphysicas*, ou ao marceneiro e indagar se tinha á venda *um sofá positivo*, uma mesa *fetichista*, ou um *bahú polytheista*... A cousa é tão ridicula que torna-se até incomprehensivel. A industria em sua evolução passou por outras phases, que não as dos enygmaticos tres estados. O mesmo se deu com a religião, com a sciencia, com a politica, e com a arte. E taes periodos já foram por nós indicados n'outro logar d'este livro. Enviamos para ahi o leitor. (1)

Mas não basta dizer que os tres estados não se applicam a todas as criações fundamentaes da humanidade; preciso é mostrar que tal dou-

(1) Vide *supra*—citado n. IV do cap. I, *Contemporaneidade e independencia reciproca das criações fundamentaes da humanidade*.

trina soffre de um quinto desarranjo, que vem a ser: «*insurge-se contra o character geral da distincção das referidas crêações, confundindo o desenvolvimento de umas com o de outras.*»

● A quem meditar seriamente sobre a lei dos tres estados, como se acha ella formulada em Comte, não deixará de se deparar a contradicção intrinseca que a deturpa e corrompe.

E' cousa que não tem sido bem ponderada por criticos e philosophos, que, em geral, suppondo de pouco alcance a alludida lei, não a têm sujeitado a uma analyse rigorosa.

A antinomia intrinseca e inconciliavel é esta : no espirito intimo do positivismo, *religião e sciencia*—são duas cousas fundamentalmente identicas ; porque não passam uma e outra de uma tentativa de *explicação do universo*; uma e outra partem de uma só necessidade do espirito humano e proseguem ao mesmo desideratum. Isto por um lado. Entretanto, por outro lado, dá-se uma como diversa e posterior á outra ; porque, affirma-se, depois do periodo theologico ou *ficticio*, é que veio o periodo positivo ou *scientifico*.

E', pois, claro que o regimen *scientifico*, fundamentalmente identico ao regimen *religioso*, transforma-se afinal em alguma cousa de antithetico a este, tanto que o substitue e o relega para a região dos mythos.

A verdade, porem, revelada por séria inves-

tigação psychologica e historica, acha-se exactamente em proposição inversa á que se deduz do positivismo.

Para este—religião e sciencia são *fundamentalmente identicas, tendo a ultima desenvolvimento posterior á primeira*; para nós, interpretando o evolucionismo naturalistico e agnostico de nosso tempo, religião e sciencia são duas cousas *profundamente distinctas, tendo ambas desenvolvimento separado; mas simultaneo, paralelo e não successivo*.

Os positivistas confundem e embrulham as cousas. Amalgamam religião e sciencia, dam-n'as como obedecendo ao mesmo principio evolutivo, juntando cousas heterogeneas e inanalógicas. Na supposta lei dos tres estados o primeiro termo, ou periodo na sua triplice divisão, pertence ao desenvolvimento historico da *religião*; os outros dois cabem ao desenvolvimento da *sciencia*. Estam juntos indebitamente porque a evolução da religião é uma cousa, a da sciencia é outra cousa. Não é verdade que a sciencia tivesse jamais passado por um periodo theologico, e nem é verdade que a religião venha a passar por um periodo experimental. Tão longe quanto pode penetrar a investigação historica, ainda mesimo lançando ella mão dos meios mais ou menos directos de pesquisa, como a linguagem, os mythos, as crenças dos selvagens, sempre aquillo que affectou as

faculdades do conhecimento, a observação, a experiência do homem primitivo, sempre aquillo de que elle formou uma ideia empirica esteve fóra da esphera religiosa.

São as primeiras noções do conhecimento vulgar, origem do conhecimento scientifico. Eram necessariamente pouco desenvolvidas, como pouco elevadas foram tambem as primeiras crenças religiosas. Mas eram independentes umas das outras; nem havia predominio de umas sobre outras. Nunca houve um fetiche (*feitiço* deviamos nós dizer em linguagem vernacula), nunca houve um fetiche, nem um deus para a *unidade*, para a *pluralidade*, para o *numero*, em *summa*; como nunca os houve para o *calor*, para o *frio*, para a *noite*, para o *dia*, e todos os accidentes mais vulgares da vida commum; como não os houve para o *arco*, para a *flecha*, e os diversos utensilios criados pela actividade economica; como nunca os houve, conforme lembrou Adam Smith, para o *peso*, e pudéra juntar para as noções fundamentaes da mathematica e da physica, desde os mais remotos periodos da vida espiritual.

E, assim por diante, em todos os ramos da sciencia, como sciencia, em todos os factos do conhecimento, por qualquer forma adquirido, em todos os tempos nunca a noção mental foi attribuida a um deus. Nunca houve um deus da *somma*, nem da *multiplicação*; um deus da arithmetica, um

deus da algebra, um deus da analyse ; nem um deus da optica, um da acustica, um da capillaridade, um da afinidade chimica, um da nutrição, um da circulação do sangue, um das funcções do estomago, um do pulmão.

Este é o facto : o conhecimento, completo ou incompleto, profundo ou superficial, exacto ou inexacto, sempre teve uma feição autonoma, sempre se deu como um resultado da pratica, da observação, do exercicio normal e espontaneo dos sentidos do homem voltados para o mundo exterior.

Assim se formaram, assim se accumularam as noções, os conhecimentos scientificos, cuja marcha, queremos dizer, cujos quatro *estados* até hoje percorridos, são como já foi dito n'outra parte d'este livro : *primitivo empirismo espontaneo, dynamismo metaphysico, realismo phenomenista, monismo evolucionista* (1)

O pensamento religioso, procurando dar satisfação ao sentimento que o estimulava, seguia sua marcha, parallela á da sciencia, esclarecendo-se, por certo, com as luzes d'esta ; mas **perfeitamente** distincto. Seus quatro *estados*, até hoje, têm sido : *fetichismo* (mais corretamente *feiticismo*) ou *naturalismo animista, polytheismo anthropomorphico, monotheismo transcendental, agnosticismo*, ou reconhecimento de alguma cousa de *inco-*

(1) Vide á pag. 48 a explicação d'estes *estados*,

gnosciuel, onde a sciencia não estenderá, talvez, nunca o seu dominio. (1) São, repetimos, duas evoluções parallelas, porem distinctas.

* Comte, reflectindo mais tarde sobre a indestru-
cibilidade da religião, que elle tinha dado por
acabada para os espiritos allumiados pela sciencia,
e que desappareceria definitivamente da terra,
logo que a actual cultura se estendesse a todos os
povos retardatarios, ainda hoje laborando em
alguma das phases do seu famoso *estado theolo-*
gico, Comte, reflectindo na indestructibilidade
do sentimento religioso, tentou dar-lhe outro ali-
mento, phantasiando a sua religião *scientifica, de-*
monstrada, definitiva, final, amalgama de feiti-
cismo e philosophismo, tendo por objecto a *hu-*
manidade que forma *trindade* com o *espaço* e a
terra, tendo como *padroeira* Clotilde de Vaux, e
como modelo supremo dos esforços do coração—
autopia da virgem mãe...

No fundo importa isto uma derogação á sua
lei dos tres estados. Quando elle, tomando-a de
Saint-Simon, a formulou em 1822, quando a de-
senvolveu em 1830, nas primeiras lições do *Curso*;
não admittia, como em 1832 disse a Chevalier,
quarquer tendencia religiosa nem mesmoreduzida
ao seu minimo, e o espirito da famosa lei é exacta-
mente este. O penderucalho religioso, que depois

(1) Vide *supra*, pag. 50.

lhe juntou, é implicita e explicitamente uma contradição.

Prosigamos. O sexto defeito da doutrina dos tres estados, segundo deixamos indicado, é *desnaturar propositalmente o conceito de religião, de metaphysica e de sciencia no intuito de illudir por um jogo verbal.*

Esta censura é a mais justa que é dado imaginar.

O positivismo altera, desnatura o significado dos velhos conceitos de religião, metaphysica e sciencia, no intuito d'enganar, ora alargando, ora estreitando, ora substituindo o seu conteúdo.

Ja vimos que, no que se refere á religião, repete o atrasado e esteril modo de vêr de Dupuis, do insignificante Dupuis—na *Origem de todos os Cultos*, quando ensina que a religião é uma tentativa de explicação do universo. Através de modificações varias, como seja renovação consciente do feiticismo, especialmente na curiosa e engraçadissima theoria da *trindade* positivista—do *Grand Milieu*, *grand Fétiche* e *grand Être*, chegou o systema á sua religião pretensamente demonstrada e scientifica, a esse famoso embroglio que merece o nome de *clotildismo*, porque não passa, em mais de um ponto, de uma caricatura do *marianismo* dos catholicos.

Entretanto, toda a critica mythologica e religiosa é hoje unanime em ensinar doutrina inteiramente diversa. A religião, bem longe de ser um systema de explicação do universo, é, ao contrario, um especial estado d'alma que se alimenta exactamente das lacunas existentes na explicação scientifica do universo. São, como se vê, dois modos de pensar que se acham em completa polaridade.

Tal é o ensinamento que brota da sciencia critica dos Kreuser, dos Knobel, dos de Wete, das Ottifried Müller, dos Strauss, dos Max-Müller, dos Reuss, dos Burnouf, dos Scherer, dos Colani, e, em geral, de todos os mestres d'esta ordem de pesquisas.

E esta maneira de apreciar os factos da religião e da sciencia é tão racional e adequada á ordem natural dos phenomenos historicos e psychologicos, que é hoje moeda corrente até entre os espiritos de ordinario especializados, confinados n'outra ordem de investigações.

E' este o caso de Huxley. Foi com verdadeiro prazer que, relendo agora mesmo os *sermões leigos* d'esse principe dos naturalistas, alli se nos deparou uma confirmação esplendida do verdadeiro conceito do que seja a religião e do que seja a sciencia.

E, desde já e uma vez por todas, recommendamos aos moços brasileiros a leitura assidua

dos magníficos discursos e artigos do biologista philosopho que se acham vertidos em francez e ao alcance de todos, na forma de cinco elegantes volumes, nutridos de graça, bom senso e elevado saber, sob os titulos:—*Les Problèmes de la Géologie et de la Paléontologie, L'Évolution et l'Origine des Espèces, Les Problèmes de la Biologie, La Place de l'Homme dans la Nature, Les Sciences naturelles et l'Éducation*. Fructos das pesquisas e do alto pensamento de um dos homens mais competentes da nação ingleza em todos os tempos, esses admiraveis pequenos livros constituem a mais tonificante das leituras e, como já lembrámos, o mais energico contra-veneno a oppôr á opilação do clotildismo marasmatico. Especialmente recommendamos os lay-sermons intitutados—*De l'utilité de travailler au développement des connaissances naturelles, Valeur des sciences naturelles au point de vue de l'éducation, Sur la base physique de la vie, Descartes et le Discours de la Méthode, Du positivisme dans ses rapports avec la science, La sensation et l'unité de structure des organes sensitifs*. No primeiro d'esses lay-sermons acha-se, sobre o ponto que nos occupa do conceito da sciencia e da religião, este pedaço de ouro:

« —Não posso deixar de acreditar que as bases de todos os conhecimentos da natureza foram levantadas quando a razão do homem contemplou

pela prima vez os factos da natureza, quando o homem selvagem reconheceu, por exemplo, que em suas duas mãos ha mais dedos do que em uma só; que é mais ligeiro atravessar um ribeiro do que circumdál-o subindo até á sua nascente; que uma pedra fica no seu logar quando ninguem bole com ella e cae da mão que a deixa escorregar; que a luz e o calor seguem o sol e desaparecem com elle; que um páo se gasta no fogo; que as plantas e os animaes crescem e morrem; que, batendo em seu visinho, excitava a sua colera e se expunha tambem a levar pancada, ao passo que, offerecendo-lhe um fructo, causava-lhe praser e podia receber em paga um peixe. *Os esboços grosseiros da mathematica, da physica, da chimica, das sciencias moraes, economicas e politicas foram traçados quando os homens adquiriram estes conhecimentos primitivos.* E desde que se mostrou a sciencia, *o primeiro germen da religião tambem se mostrou.*

Escutai este velho canto de Homero que, a despeito de seus tres mil annos de existencia, nada perdeu de seu verdor :

« Quando nos céus as estrellas que escoltam a lua
« nos parecem bellas, quando os ventos se acal-
« mam, quando se mostram os cumes dos montes,
« os cimose os valles, e os céus immensos se desven-
« dam até ao zenith, quando os astros resplande-
« cem, a alegria invade o coração do pastor.»

Se o grego meio selvagem podia tão intensamente tomar parte nos sentimentos que experimentamos hoje, estejamos certos que elle não ficava n'isso, que, após este momento de prazer, como nós, sentia invadir-lhe uma certa tristeza. Esta pequena faísca da intelligencia humana, que desperta, brilha tão pouco em meio do abismo de nossa ignorancia fatal.

Ella nos faz vêr as imperfeições irremediáveis, as irrealisaveis aspirações da natureza humana, e não parece poder ir alem. *Reconhecendo os limites que lhe são impostos, vedado, aberto diante d'elle o livro cujo segredo não pode desvendar, o homem experimenta uma tristeza que é a essencia de toda a religião, e, procurando dar a este sentimento uma fôrma, por meio d'aquellas que lhe fornece sua intelligencia, dá origem ás theologias superiores.*

Assim, portanto, desde que a intelligencia começou a despontar, as bases de todos os conhecimentos, seculares ou sagrados, foram logo erigidas, sem a menor duvida, posto que os primeiros edificios do pensamento religioso tenham sido durante muito tempo sem solidez intrinseca e se tenham accomodado, por assim dizer, a todas as theorias possiveis do governo do universo.

Desde o começo existiu indubitavelmente nos espiritos mais grosseiros a convicção firme de

que a constancia successiva de certos phenomenos exigia, ao ménos para taes phenomenos, uma ordem fixa e reguladora.

Não posso acreditar que o mais atrazado adorador de *feitiços* tenha nunca imaginado na pedra que cae um deus determinador da queda ou no fructo um deus para lhe determinar a doçura. Parece certo que a humanidade, desde o primordio, deu-se conta de todos os phenomenos d'esta especie sob um aspecto estrictamente positivo e scientifico. »

Nada existe a mudar ou alterar n'estas palavras; acham-se de accôrdo com a doutrina geral da evolução e em especial com a doutrina da formação do conhecimento vulgar e scientifico, qual se acha ella exposta no magnifico—*Genesis of Science* de Spencer, que tantas vezes já citámos.

Mas não é só o conceito de religião em face do da sciencia que o positivismo altera e embrulha no curso da evolução de ambas e no correr das mutações porque elle proprio passou na mente de philosopho.

A ideia de *metaphysica* é tambem desviada do seu significado geral, historico, assentado e clasico. Seria curioso através dos quatorze ou quinze volumes de Comte apanhar os varios sentidos que elle empresta ás palavras *metaphysica*, *metaphysico*... A's vezes têm um sentido de cousa

aeria, phantastica, de todo extravagante; outras vezes refere-se simplesmente a tudo que não se apoia directamente na experiencia; ora se reporta á tendencia de admittir para a explicação dos phenomenos naturaes *essencias*, *forças*, *causas* como que superiores a esses mesmos phenomenos; ora comprehende no seu anathema qualquer tentativa de explicar a experiencia mesma, como esta explica os factos; já dirige-se á questão das origens ou *causas primeiras* e á questão do plano do universo, ou *causas finaes*; já é apenas um termo de desdem, de sentido duro e pejorativo, que equivale a uma verdadeira decompostura passada aos adversarios. Desde que, porem, os termos *metaphysica*, *metaphysico*, applicam-se ás cousas mais diversas, quasi sempre a linguagem philosophica e o sentido dos factos correm o perigo de se obscurecerem com grande desvantagem real.

Entretanto, quaesquer que tenham sido as variações que o conceito de metaphysica possa ter soffrido no curso da historia, e os ainda mais variados matizes que elle possa ter tido na mente de Comte, não é menos verdade que essa expressão, synonyma de philosophia no seu sentido mais geral, applica-se hoje áquelles problemas reaes, inilludiveis, innegaveis, que não têm podido até agora constituir uma sciencia particular. E taes problemas são mais consideraveis, mais

valerosos do que aos positivistas sôe parecer; porque elles repousam no fundo do conhecimento mesmo, são um resultado de nossa propria organização mental, e acham-se na base de todas as sciencias.

N'este sentido, o unico verdadeiro, a metaphysica, posto não seja uma sciencia, é indestructivel, porque é uma disposição natural do espirito humano a sondar as razões ultimas e a natureza intrinseca das cousas. Tal o sentido da concepção de Hume, ampliada por Kant, os dois illustres destruidores da *velha metaphysica dogmatica*, crêdores da unica metaphysica admissivel, sendo conveniente mudar-lhe o nome para *metempiria* ou *metempirismo* como propoz o inglez Lewes, que era, aliás, afeiçoado ao positivismo. Ainda n'este ponto o evolucionismo, no que elle possui de mais eminente, é claro, preciso e acha-se de accôrdo com os factos e com a sciencia inteira. Eis aqui as palavras de um competente, de um que sabe o que diz, porque tem analyses e observações proprias: « A maxima de que as investigações metaphysicas são estereis em resultados e de que é perda completa de tempo occupar o espirito com ellas, está em grande favor entre numerosas pessoas que se gabam de possuir o senso commum, e nós ouvimos-las ás vezes enunciar por auctoridades eminentes, como se sua consequencia logica, a supressão d'este genero d'es-

tudos, tivesse a força de uma obrigação moral.

N'este caso, comtudo, como n'outros analogos, aquelles que promulgam as leis parecem esquecer que um legislador prudente deve tomar em consideração, não só se o que ordena é cousa que se deva desejar, como ainda se é possível que se lhe obedeça. Porquanto, se a ultima questão é resolvida negativamente, não valeria certamente a pena agitar a primeira.

Tal é, effectivamente, a grande força da resposta a dar a todos aquelles que bem quizeram fazer da metaphysica um artigo de puro contrabando espiritual. Que seja para desejar, ou não, o impôr um direito prohibitivo sobre as especulações philosophicas, é absolutamente impossivel impedir-lhes a importação no espirito humano. E é assaz curioso notar que aquelles que proclamam com maiores brados abster-se d'essas mercadorias são, ao mesmo tempo e em grande escala, consummidores inconscientes de uma ou d'outra de suas innumeraveis falsificações ou imitações e arremedos. Com a bocca cheia da brôa grosseira, terrivelmente indigesta, tão de seu gosto, prorompem em invectivas contra o pão commum. Em verdade, o tentamem de alimentar a intelligencia humana com um regimen estreme de metaphysica é pouco mais ou menos tão feliz quanto o de certos pios orientaes que pretendiam sustentar o corpo sem destruir vida

alguma. Todos conhecem a anedota do micrographo sem contemplação que destruiu a paz d'espírito d'um d'esses doces fanaticos, mostrando-lhe os animaes que pollulam n'uma gotta da agua com a qual, na candida innocencia de sua alma, elle matava a sêde; e o adorador confiante do senso commum pôde expôr-se a receber um abalo do mesmo genero quando o vidro de augmento da logica rigorosa revela os germens, sinão as formas já adultas, de postulados essencialmente, fatalmente metaphysicos que fervilham entre as ideias mais positivas e até as mais terra á terra.

Aconselha-se ali d'ordinario ao estudante serio, para o arrancar dos fogos fátuos que brotam dos pantanos da litteratura e da theologia, que se refugie no terreno firme das sciencias phisicas.

Mas o peixe legendario que pulou da frigideira ao fogo, não era mais tolamente aconselhado do que o homem que busca um santuario contra a perseguição metaphysica entre as paredes do observatorio ou do laboratorio. Diz-se que a metaphysica deve seu nome ao facto de que, nas obras de Aristoteles, tratam-se as questões de philosophia pura immediatamente depois das da physica. Se isto é verdade, esta coincidencia symbolisa com felicidade as relações essenciaes das cousas, porquanto a especulação metaphysica

segue de tão perto a theoria physica quanto os negros cuidados seguem seu cavalleiro.

Basta mencionar as concepções fundamentaes e realmente indispensaveis da philosophia natural que tratam dos atomos e das forças, ou as da attracção considerada como acção que se exerce em distancia, ou as da energia potencial, ou as antinomias de um vacuo ou não vacuo, para lembrar o fundo metaphysico da physica e da chimica, ao passo que, pelo que toca ás sciencias biologicas, o caso é ainda mais grave. Que é um individuo entre as plantas e os animaes inferiores? Os generos e as especies são realidades ou abstracções? Ha uma cousa que se chama força vital? ou este nome denota apenas uma reliquia de velho feiticismo metaphysico? A theoria das causas finaes é legitima ou illegitima? Eis ahi alguns dos assumptos metaphysicos suggeridos pelo mais elementar estudo dos factos biologicos.

Não é tudo; pode-se dizer, sem medo de errar, que as raizes de cada systema de metaphysica repousam no fundo dos factos da physiologia. Ninguem pode contestar que os orgãos e as funcções da sensação sejam tanto da esphera do physiologista quanto o são os orgãos e as funcções do movimento, ou os da digestão; e, todavia, é impossivel adquirir até o conhecimento dos rudimentos da physiologia da sensação sem ser levado directamente a um dos mais fundamentaes

de todos os problemas metaphysicos. Com effeito, as operações sensitivas têm sido desde tempos immemoriaes o campo de batalha dos philosophos. „

Magnifico.

A physiologia moderna, de que Comte quasi nada sabia, estudando os órgãos dos sentidos, os phenomenos da sensação e da percepção e a consciencia d'esses phenomenos, determinou a indole, mais que metaphysica, *allucinatoria*, d'esses factos. E vem essa philosophia de aves agoureiras e de ignorantes embair os tolos com suas disparatadas velharias sobre metaphysica, cujo sentido inverte !...

Podemos avançar.

Em septimo logar, dissemos nós, *a theoria dos tres estados caracteriza mal especialmente o pretendido segundo estado.*

Esta critica não é uma repetição da anterior : refere-se particularmente a certo *qualificativo improprio* dado por Comte ao intitulado periodo metaphysico. Recorramos aos textos.— « Para explicar, diz o pontifice, convenientemente a verdadeira natureza e o caracter proprio da philosophia positiva, é indispensavel lançar antes de tudo uma vista geral sobre o andar progressivo do espirito humano, encarado em seu complexo ; porque uma concepção qualquer só pôde ser bem conhecida por sua historia. Estudando assim o

desenvolvimento total da intelligencia humana em suas diversas espheras de actividade, desde o seu primeiro e mais simples surto até a nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que elle obedece por necessidade invariavel, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer por provas racionaes fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer por verificações historicas oriundas de um attento exame do passado. Esta lei consiste em que cada uma de nossas concepções principaes, cada ramo de nossos conhecimentos,—passa successivamente por tres estados theoricos differentes: estado theologico ou ficticio, estado metaphysico ou *abstracto*, estado scientifico ou positivo. Por outros termos, o espirito humano, por sua indole natural, emprega successivamente em cada uma de suas investigações tres methodos de philosophar, cujo character é essencialmente e mesmo radicalmente opposto: a principio o methodo theologico, depois o methodo metaphysico e, finalmente, o methodo positivo. D'ahi tres especies de philosophia, ou de systemas geraes de concepções sobre o complexo dos phenomenos, que mutuamente se excluem: a primeira é o ponto de partida necessario da intelligencia humana; a terceira,—seu estado fixo e definitado; a segunda é unicamente destinada a servir de transição. » (1)

1 *Cours*, I, 8 e 9, da 4ª edição,—Paris, 1877.

O qualificativo mal empregado para caracterisar o periodo metaphysico, a que nos referimos, é o de *abstracto*.

E é ponto evidente. A operação da abstracção nada tem de metaphysica, no sentido de cousa *transitoria* e infundada do espirito humano.

A elaboração das ideias atravessa tres phases fundamentaes e indispensaveis no espirito humano.

A noção *concreta* cede o passo á concepção *abstracta*, e esta ultima é succedida pela concepção *racional*.

Percepção, abstracção e rasão—são os tres estadios por que passam as ideias; todos os tres, porem, são essenciaes ao espirito e inteiramente scientificos.

A ideia da mesa em que escrevemos é um conhecimento *concreto*, tão legitimo como a ideia *abstracta* da extensão, que o é tanto quanto a lei *racional* da gravitação. Como, pois, escolher o qualificativo *abstracto* para determinar e definir um periodo e uma serie de concepções que se dizem inconsistentes, incorrectas, transitorias?

E' uma inadvertencia palmar, em que não é mistér insistir.

O que é preciso não deixar de fazer n'este ponto é rastejar na historia a origem, o genesis da ogerisa de Comte pela metaphysica, ainda

mesmo reduzida áquelle minimo em que ella se confunde com a philosophia.

Não é absolutamente uma cousa original; era velho chavão muito em moda na segunda metade do seculo passado. Não houve philosopho, sabio ou escriptor que não dirigisse uma catilinaria á metaphysica.

Era um acepipe ao paladar de todos e um artigo de bom tom. Nós os galhardos desenfastiados do fim do seculo XIX, que todos os dias esconjuramos a metaphysica, temos a ingenuidade de estar a dizer umas cousas frescas e de ultima hora, quando não fazemos mais do que repetir umas ratices de cabellos brancos, murchas e insipidas como um fructo gorado.

E' só pegar ao acaso qualquer auctor do seculo passado e assistir á pateada que todos passam á metaphysica. Em d'^{Alembert}~~Alembert~~, Lagrange, Hume, Kant, Condorcet, Diderot, Cabanis, em todos e sempre a surriada é geral.

Já vimos como Turgot, Burdin e Saint-Simon fallaram d'ella, exactamente, justamente, como de um cousa phantastica e transitoria, tal qual mais tarde foi repetido por Comte, e ahi a cada hora pela gente do *Apostolado* dos positivistas.

Vamos invocar outros testemunhos. Escreveu d'Alembert, fallando dos principios da desdenhada sciencia: « O pouco progresso que ella tem

feito desde muito tempo mostra quão raro é applicar com felicidade estes principios, quer pela difficuldade intrinseca á semelhante trabalho, quer talvez pela impaciencia natural que impede o limite n'este ponto.

Entretanto, o titulo de *metaphysico*, e até de grande *metaphysico*, é ainda assaz commum em nosso seculo ; porque gostamos de ser prodigos em tudo: porem quão poucas pessoas verdadeiramente dignas d'este nome !

Quantas existem que só o merecem pelo infeliz talento de obscurecer com muita subtileza ideias claras e de preferir nas noções que formam para seu uso o extraordinario ao verdadeiro que é sempre simples ! Não é pois para admirar depois d'isto que a maior parte d'aquelles que se chamam *metaphysicos* façam tão pouco caso uns dos outros.

Não duvido que este titulo venha a ser breve uma injuria para nossos bons espiritos, como o nome de *sophysta*, que, apezar de significar sabio, aviltado na Grecia por aquelles que d'elle usavam, foi regeitado pelos verdadeiros philosophos. »

Estas palavras do illustre auctor do *Discurso sobre a Encyclopedia* reflectem a opinião popular de seu tempo.

O mesmo tom de desdem é constante, até tratando-se de questões de alta mathematica, onde

a metaphysica pareceria entrar a martello. E' o caso de Lagrange. Este sabio mathematico é categorico e explicito. Eis aqui um trecho seu :

« Demais, escreve elle, não contesto que se possa, pela consideração dos limites encarados de um modo particùlar, demonstrar rigorosamente os principios do calculo differencial, como Maclaurin, d'Alembert e muitos outros depois d'elles o têm feito. Porem a especie de *metaphysica* que se é obrigado a empregar é, sinão contraria, ao menos estranha ao espirito da analyse que não deve ter outra *metaphysica* a não ser aquella que consiste nos primeiros principios e nas operações fundamentaes do calculo. »

Mais adiante continúa elle : « É, pois, mais natural e mais simples considerar immediatamente o desenvolvimento das funcções, sem empregar o *circuito metaphysico* dos infinitamente pequenos ou dos limites... etc.. »

Assim, bem se vê, sempre que se queria arredar uma doutrina qualquer por sua obscuridade, subtileza, ou qualquer outro character dissono, o qualificativo que vinha á bocca de todos era:— *metaphysica, metaphysico*...

Mas não eram só o mathematico, o geometra, o physico os que atacavam a velha matrona intrigada; a chimica fazia côro de seu lado. Eis aqui a voz de Lavoisier :

« Tudo o que se pode dizer sobre o numero e sobre a natureza dos elementos se reduz, a meu vêr, a *discussões puramente metaphysicas*; são problemas indeterminados que se propõem a resolver, que são susceptiveis de uma infinidade de soluções, porem das quaes é bem provavel que nenhuma em particular esteja de accôrdo com a natureza. »

Os proprios philosophos seguiam a mesma rota. David Hume levantou-se intrepidamente contra os principios, todos os principios do *dogmatismo metaphysico* de seu tempo.

Para ter uma ideia de seu desdem pela metaphysica doutrinaria e absolutista da escola, basta lêr o ensaio intitulado — *On the Academical or Sceptical Philosophy*, que termina por aquellas celebres e incisivas palavras: « Se pegarmos n'um volume de *theologia ou de metaphysica* escolastica, por exemplo, devemos perguntar: este livro contem raciocinios abstractos relativos á quantidade ou ao numero? Não. Contem algum raciocinio experimental relativo aos factos observados e á existencia? Não. Attiremol-o, pois, ao fogo; *elle só contem sophysmas e illusões.* »

Não se poderia encontrar um anathema mais completo contra a metaphysica; é tão radical quanto o dos positivistas, tendo, porem, a vantagem de ser muito mais antigo, mais original e mais espirituoso.

Era uma toadilha geral, um verdadeiro signal dos tempos. Condillac deu aviso d'isso quando, referindo-se a certos elogiastas sophysticos de Aristoteles e detractores systematicos de Locke, escreveu estas palavras: « Se estes homens juntassem a um methodo exacto muita clareza, muita precisão, teriam algum direito a encarar como inuteis os esforços que faz a metaphysica para conhecer o espirito humano; mas poder-se-ia bem desconfiar que elles estimam tanto Aristoteles só com o intuito de desprezar Locke, e de desprezar este *na esperança de lançar o desprezo a todos os metaphysicos.* » O ataque, a critica acerada e faceta, o emprego de todos os desdens contra a metaphysica accentuou-se, como dissemos, no decorrer da segunda metade do seculo passado. No fim do seculo já era cousa vulgar e corrente.

Kant entrou então no debate, despertado pela critica percuciente e severa de Hume, e, em 1781, no prologo de sua *Critica da Rasão Pura*, escreveu aquellas celebres palavras tantas vezes lembradas :

« *Presentemente o tom da moda consiste em mostrar todo o desprezo para com a metaphysica; e a matrona repellida e abandonada se lastima como Hecuba. modo maxima rerum, tot generis natisque potens nunc trahor exul, inops...* »

Quando, pois, Augusto Comte sahio de lança em riste a atacar a velha metaphysica, já encontrou a rainha despojada de seuthrono, a choramingar as glorias passadas, e o denodado francez apenas abriu fréostas em muros já esboracados...

Entretanto, ahi mesmo o positivismo é desasado; pois que Hume e Kant, que são os verdadeiros auctores da derrota da metaphysica, de suas incabidas pretenções á sciencia, de suas affirmações gratuitas, de seu dogmatismo audacioso, como verdadeiros analystras e conhecedores que eram do espirito humano, não a deram por uma das *phases* e sim por uma das *faces* d'esse mesmo espirito.

D'est'arte para Comte a metaphysica é uma cousa aéria, illusoria, disparatada, um periodo doloroso e anarchico da intelligencia humana, que vae ser e deve ser extirpado pela sciencia experimental e positiva.

Para Hume e Kant a metaphysica não é uma sciencia propriamente dita, nem poderá jamais sê-lo; porque trata de problemas superiores á capacidade da razão humana; mas é uma disposição natural d'essa mesma razão, que formula espontaneamente taes problemas. Vamos dar o desenvolvimento preciso a esta ideia e indicar como e porque esta ultima concepção é a verdadeira. O conhecimento vulgar e empirico, desenvolvendo-se, alargando-se, agglomerando factos, deu

origem á sciencia ; é innegavel. Se dermos a esta a definição mais lata possível, se considerarmos sciencia todo e qualquer conjuncto de conhecimentos devidamente systematisados e susceptiveis de verificação e previsão, claro é que n'esse conceito o mero e simples empirismo é incapaz de dar conta de tudo. São precisos, indispensaveis ideias abstractas, noções geraes, principios reguladores, syntheses racionaes, leis capazes de dar a explicação da seriação e da concatenação dos factos.

Mas o mundo dos phenomenos é demasiado complexo. Cada face especial d'elle dá logar a uma sciencia particular e cada sciencia particular é uma especie de esphera inteira e completa em que se verificam aquellas necessidades acima indicadas. Cada sciencia tem suas ideias abstractas, suas noções geraes, seus principios reguladores, suas syntheses, seus principios, seus axiomas, suas leis.

As sciencias particulares ficariam, porem, isoladas, se não fosse possível ao espirito humano descobrir os principios communs a todas, os methodos a ellas applicaveis, a classificação de que são susceptiveis, a synthese final a que podem chegar.

Este é o papel da philosophia. Percepção exterior, abstracção, raciocínio, razão levantaram este duplo edificio da sciencia e da philosophia. Mas será verdade que uma e outra esgotam todos os

aspectos das cousas e todas as aspirações da intelligencia?

Alem das sciencias particulares e da philosophia, que as synthetisa, não haverá mais nada, a razão humana não poderá para alem d'ellas formular ao menos outras questões, outros problemas, insolúveis talvez experimentalmente, porem sérios, graves, indestructiveis?

Este mundo dos phenomenos é tal como nos parece? Tem uma causa? E' eterno? E' destructivel? E' infinito? O espaço e o tempo, em que elle se move têm existencia objectiva, ou simplesmente subjectiva? Passaram dos factos exteriores para o espirito, ou d'este para o mundo exterior? Este obedece a um desenvolvimento monistico ou dualistico? Ha em todo elle uma teleologia ou um puro mecanismo? Taes as questões que não poderam nunca constituir uma sciencia particular, que tambem não são da alçada da philosophia considerada como simples synthese das sciencias particulares. São a região da *metaphysica*, ou, por estar esta palavra desacreditada, da *metempiria* ou *metempirismo*, segundo propõe Lewes, e foi já por nós referido. Kant despojou-a do character de sciencia, mas achava-a legitima como anelo e disposição natural do espirito. E tinha razão.

Apreciemos outro ponto.

O oitavo vicio de que pode ser arguida a lei dos

tres estados é este : « *Na explicação ultima, apresentada como um desideratum, um ideal da phase positiva, consistente na reducção dos phenomenos particulares a um phenomeno geral, comprehensivo de todos, cahe implicitamente n'alguma cousa de analogo ás explicações fundamentaes dos dois anteriores estados, tidos por transitorios.*»

Esta critica é devida a Herbert Spencer e é fundamentalmente verdadeira e irrespondivel.

Comte tinha dito : « O systema theologico chegou á mais alta perfeição de que é susceptivel quando substituiu a acção providencial de *um ser unico* ao jogo variado de numerosas divindades independentes que tinham sido imaginadas primitivamente. Igualmente, o ultimo termo do systema metaphysico consiste em conceber em logar de differentes entidades particulares, *uma só grande entidade geral, a natureza, encarada como a fonte unica de todos os phenomenos.*

Semelhantemente, a perfeição do systema positivo, para o qual tende sem cessar, posto que seja bem provavel que não deva nunca attingil-o seria poder representar todos os diversos phenomenos observaveis como casos particulares de *um só factio geral, tal como o da gravitação por exemplo.*» (1)

Eis ahi a cousa como ella se acha na grande obra do philosopho clotildista.

(1) Cours, 1, 5, edição de 1877.

Ainda n'este ponto, porem, é preciso lembrar aos positivistas que elles devem ser mais serios e mais amigos da verdade historica. A ideia de reduzir todos os phenomenos observaveis ao facto geral da *gravitação* é genuinamente saint-simoniana. Foi Saint-Simon quem, na sua celebre *Memoria sobre a gravitação universal*, a expoz e a defendeu, bem antes de Comte, que a bebeu alli, sem citar a fonte.

Saint-Simon, repetido n'este ponto por Comte, é um verdadeiro predecessor do *monismo* hodierno. E muito para censurar são as paginas leviaanse superficiaes, escriptas sobre este assumpto por Emilio Littré, na tantas vezes citada biographia que fez de seu antigo mestre e amigo. Littré ridicularisa Saint-Simon por pretender reduzir todos os phenomenos observaveis ao facto geral da gravitação, faz disso grande escarcéo, sem se lembrar que é essa uma aspiração da sciencia contemporanea, sem se recordar de ter sido tal aspiração abraçada tambem por Comte...

E' que em materia de fidelidade historica os positivistas de todos os matizes confundem-se n'um geral desapego da verdade, quando a cousa lhes convem.

Mas ouçamos Spencer no desenvolvimento da impugnação que faz a Comte n'este ponto fundamental:

« O progresso de nossas concepções, diz elle, e de cada ramo de nossos conhecimentos, é, do começo ao fim, *intrinsecamente o mesmo*.

Não é verdade que haja tres methodos philosophicos radicalmente oppostos; existe apenas um só methodo que fica sempre essencialmente identico a si mesmo. Desde o principio até ao fim nossas concepções das causas dos phenomenos têm um gráo de generalidade que corresponde á extenção das generalisações que as proprias experiencias determinam; e nossas generalisações vão mudando á medida que as experiencias se accumulam. A integração das causas, encaradas a principio como multiplas e locaes, mas por fim encoradas como unas e universaes, é um processo que implica, por certo, a passagem por todos os gráos intermedios entre seus dois extremos; porem suppôr que os passos que se fazem de um a outro são outros tantos degraos pelos quaes nos elevamos, é apenas effeito da illusão. As causas que a principio suppomos concretas e individuaes identificam-se no espirito á medida que os phenomenos semelhantes se destribuem em grupos. Quando se identificam e se estendem a um numero cada vez maior de phenomenos, as causas tornam-se cada vez menos distinctas na sua individualidade; se a identificação continúa, ellas tornam-se gradualmente diffusas e indefinidas no pensamento; e, por vezes, sem que

haja a menor mudança na indole e natureza do processo, o espirito humano adquire a consciencia *de uma causa universal, que não pode ser concebida...*

E, assim como a marcha do espirito humano é una, tambem seu ponto de chegada é um... Não ha tres concepções finaes possiveis; existe apenas *uma concepção final*. Quando a ideia theologica da acção providencial de *um unico ser*, substituto de todas as causas secundarias independentes, se tem desenvolvido com toda a nitidez de que é compativel, torna-se a concepção de um ser cujo poder sempre activo se manifesta em todos os phenomenos; a concepção, tomando está forma definitiva, *faz desaparecer no pensamento todos estes attributos anthropomorphicos que distinguam a ideia primitiva*.

O pretendido termo final do systema metaphysico, a concepção de uma unica grande entidade geral, *a natureza*, encarada como a fonte de todos os phenomenos, *é uma concepção idêntica á primeira*: á ideia de uma só causa que, aparecendo-nos como universal, cessa de ser encarada como concebivel, *differe apenas pelo nome da ideia de um ser unico que se manifesta em todos os phenomenos*.

E, semelhantemente, aquillo que se nos apresenta como a perfeição ideal da sciencia, isto é, o poder de se representarem todos os phenome-

nos observaveis como casos particulares de um só factó geral, *implica a ideia de alguma existencia ultima á qual se refere este factó unico, e a crença n'essa existencia ultima constitue um estado de consciencia identico aos dois primeiros.*» (I)

Voilà qui est profond. Ser Supremo, Natureza, Phenomeno unico geral,—são tres concepções irreductiveis, obscuras, phantasticas, inconcebiveis, identicas entre si. A supposta existencia de tres philosophias finaes radicalmente differentes não passa de uma concepção anachronica e imprestavel.

Tomem mais senso os positivistas, estudem e pensem um pouco mais.

Finalmente, o nono e ultimo defeito que articulámos sobre a illusoria lei dos tres estados é o seguinte :

« Dado de barato que fosse verdadeira n'um ou n'outro ponto, não tem um character de per-eita generalidade; porquanto não se verifica fntre todas as raças, entre todos os povos. »

Tal é a verdade.

A theoria, aliás muito anterior a Comte, e já ensinada pelos mythologos e criticos religiosos de haverem as concepções theologicas passado pela phase do naturalismo feiticista, do poly-

(I) Classification des Sciences, trad. Réthoré, pag. III e segs.

theismo, do monotheismo, é apenas um resultado do estudo da civilisação greco-romana e occidental.

Foi o estudo dos mythos da Grecia, de Roma, e da Germania que induziu a critica a formular a famosa theoria, verdadeira em parte; porem inapplicavel ás demais raças humanas.

E' assim que vemos os egypcios passarem do primitivo feiticismo á concepção monotheica, sem ter jamais estado de posse de um verdadeiro polytheismo.

E' assim que vemos os arabes passarem tambem, sob o influxo de Mahomet, de um feiticismo primitivo para a crença monotheica.

E' assim que vemos igual caminho ser percorrido pelos judêos. Mas não foi só entre esses povos cuschito-semitas que a supposta lei da trilogia theologica deixou de ter logar.

Entre os povos aryanos da India e mongolicos da China temos cousa melhor.

Na India ao lado do brahamanismo polytheista levantou-se o buddhismo, que, longe de ser monotheista, é uma religião que faz abstracção de um Deus, justamente como o positivismo de nossos dias.

Phenomeno identico se deu na China, onde, ao lado e ao mesmo tempo em que Confucio levantava a sua religião moralisante e semi-feiticista,

erguia-se a metaphysica de Lao-tseu e o atheismo do buddhismo importado da India.

Este ponto foi, contra as declamações de P. Laffitte, tirado definitivamente a limpo, entre outros, por G. Wyrouboff, em sua revista—*La Philosophie Positive*—nos numeros de maio-junho e julho-agosto de 1873, cuja leitura recomendamos.

Ouçamos alguns trechos d'esse bello estudo :

« O Sr. P Laffitte admite sómente uma religião na China; o resto, e este resto comprehende mais de dois terços da população, não passa de accidente, não passa para elle de elemento secundario. Isto simplifica, por certo, muito o problema, mas é claro que o não resolve absolutamente; porque é preciso saber qual o motivo por que taes *accidentes* persistiram por tanto tempo e acabaram por desempenhar um papel tão importante. Tres religiões, ou se quizerem, tres philosophias estam diante nós:—a escola de Confucio, a escola de Lao-tseu, a escola de Buddha; todas tres são quasi contemporaneas, sempre viveram juntas no mesmo quadro politico e social, devem, pois, corresponder a aspirações que, por serem diversas entre si, não são por isso menos reaes; nenhuma d'ellas pode ser desprezada, se quizermos fazer uma ideia do *conjuncto da civilisação chinesa*.

A primeira religião da China, aquella cujos delineamentos são encontrados no Shu-King, era astrolátrica; as partes principaes do mundo, o ceu e a terra, com suas diversas manifestações, suppunham-se habitadas por espiritos indissolúvelmente ligados á materia. O respeito pelos antepassados era desenvolvido, constituia um verdadeiro culto, provavelmente o culto religioso unico d'esse tempo; quanto aos manes dos mortos, suppunha-se que estivessem no repouso absoluto se os mortos tinham vivido bem, errantes perpetuamente nos ares se pertenciam a peccadores. E' como se está a vêr, uma concepção bem analogá á ideia buddhica do *nirvana*, com a differença de ser muito mais restricta, ter um caracter mais domestico, porquanto o culto d'ahi resultante era quasi exclusivamente limitado á familia.

Confucio e Lao-tseu, nasceram no meio d'essas concepções, e cada um d'esses dois contemporaneos as commentou e as arranjou a seu modo, um mais ligado ao passado, outro mais affecto ao futuro, porem ambos no fundo ousados innovadores. Lao-tseu é um *metaphysico* em o sentido de procurar a solução dos problemas de moral e philosophia nas abstracções do espirito, e não na observação da pratica da vida, como faz Confucio; tem em mór escala do que o seu rival o sentimento do progresso, e, pode-se dizer, que

elle é, até certo ponto, revolucionario, porque não se deixa quedar no meio das velhas tradições e pensa que o que se vae seguir é melhor do que o que precede. »

Depois de caracterisar largamente as doutrinas de Buddha, de Confucio e de Lao-tseu no extremo imperio asiatico, sempre em desacordo ás phantasias de P Laffitte, inspiradas pela ferrenha e falsissima orthodoxia positivista, inimiga dos textos e documentos, o auctor slavo chega a esta conclusão: «A religião, cujo codigo se acha nos *Quatro livros sagrados*, não é feiticista, como o buddhismo não é polytheista, como o culto de Lao não é monotheico; é uma formula particular que tem analogias mais ou menos consideraveis com varias das phases religiosas do Occidente; não sendo, porem, identica a nenhuma d'ellas reclama um nome especial e um posto á parte na classificação dos sistemas intellectuaes crêdos pela humanidade. Não quero dar esse nome, nem procurar esse posto. Meu fim, ao escrever este estudo, foi mostrar que o caminhar das civilisações é infinitamente mais complexo do que o suppoz A. Comte, que cada grupo de povos, ou, mais exactamente, cada raça tem seu modo proprio de conceber o universo e de modificar esta concepção; e sustento, que nenhuma só das religiões do extremo Oriente está subordinada

à lei dos tres estados, como ella foi formulada. » (1)

Esta é a voz da sciencia independente, fiel aos factos que se não deixam asphyxiar por theorias preconcebidas e falhas.

Assim, pois, não é só em suas ideias e pretensões geraes e na propria classificação das sciencias, como vimos, que o positivismo é desasado. Tambem na famosa lei dos tres estados, a sua espinha dorsal, segundo a expressão de St. Mill, e contra a opinião geral dos beatos, a velha philosophia clótildista abre longa margem á critica.

(1) *La Philosophie Positive*, Tome XI, Juillet à Décembre—1873, pags. 10 e 29.

CONCLUSÃO

Pomos aqui remate a esta primeira *serie* da *Doutrina contra Doutrina*. Em sua totalidade nosso trabalho procurará preencher o programma seguinte:

PARTE PRIMEIRA

○ POSITIVISMO EM SUAS IDEIAS CAPITAES

Cap. I — A supposta razão fundamental do positivismo e suas exageradas pretenções.

Cap. II — A classificação das sciencias.

Cap. III — A lei dos tres estados.

Cap. IV — As tres philosophias : primeira, segunda e terceira em seus pontos capitaes.

Cap. V — A politica segundo o positivismo.

Cap. VI — A religião, seus dogmas e practicas.

Cap. VII — Acção pessoal de A. Comte e de Clotilde de Vaux.

PARTE SEGUNDA

O POSITIVISMO NO BRASIL

Cap. I — O positivismo no norte do Brasil.

Cap. II — O positivismo no sul do Brasil e nomeadamente no Rio de Janeiro.

Cap. III — A theoria do positivismo sobre a historia brasileira.

Cap. IV — Acção do positivismo no regimen republicano. Critica de suas propostas e de seus feitos.

Cap. V — A questão do presidencialismo e do parlamentarismo. Historia do 1º Congresso da republica e dos dois primeiros presidentes.

Cap. VI — Ponderação pessoal e conclusão.

Como se vê, d'este programma, além de um capitulo geral sobre os actuaes partidos politicos entre nós, apenas os tres capitulos iniciaes estam publicados n'este livro, que fórma, porém, um corpo á parte, perfeitamente apto a funcionar como uma especie de introducção á obra que projectamos.

Entregamos ao criterio da nação este livro de fe, de patriotismo e de esperança.

Oxalá possa elle em qualquer gráo ajudar o espirito publico a libertar-se d'essa doutrina fatal, repellida pela sciencia e pelo bom senso.

O paiz atravessa um momento doloroso.

E' a hora dos grandes desenganos, dos profundos abatimentos. *O Brasil é um paiz de descontentes.*

E' a definição que mais lhe póde quadrar. De alto a baixo, desde o presidente da republica até ao mais obscuro e desprotegido da sorte, passando por ministros, senadores, magistrados, banqueiros, magnatas de todos os feitios, é o descontentamento que lavra. Mas ha os descontentes *victimias* e existem os descontentes, não diremos algozes, porém *autores*.

Aquelles são o povo que geme angustiado, porque só conhece do novo regimen o sequestro da liberdade, o menospreço de seus direitos, as difficuldades da vida, o exagero dos impostos e quasi as agonias da fome, que lhe vai entrando em casa, amarrada e presa á carestia dos alimentos.

Os outros, os *autores*, são os intitulos chetes, que se desconsoláram de sua propria obra, porque não a souberam fazer, e o não souberam, porque não tinham competencia na ideia, nem largueza de animo no coração para a elevarem forte e justa, acertada e digna, a ser amada pelo povo. E este vingá-se de tantos desacertos com a indifferença systematica, a abstenção calculada. Vêde as eleições... E' a desestima da nação pelo modo por que a tratam os seus dictadores, e este

divorcio crescente entre o povo e a classe que se apossou do governo, deixou crêar entre nós um grupo de *politicians* que assestou baterias nas cumiadas do poder e de lá impõe silencio ás consciencias. Mas essa acrobacia politica firma-se em um equilibrio instavel; ha de vacillar e cair, porque lhe falta a base segura da opinião nacional.

E' mister que acabe essa politica homœopathica, em cuja factura a nação tem entrado em uma dynamisação infinitesima.

O povo brasileiro tem feito contra essa politica apenas a guerra do tedio, o assedio do abandono, a revolução do desprezo.

E' preciso sahir dessa situação em que o governo manqueja e o povo ri-se de seus passos desageitados em desabono da republica...

O amor pelas novas instituições, o consorcio de ideias e sentimentos entre a nação e seu governo só pôde vir de outras praticas e de outros principios, que não aquelles, cujo desastrado emprego trouxe a situação presente.

Como desafogo de consciencia, como protesto de patriota, é preciso dizer de publico e alto que nos não illudimos sobre as desgraçadas condições em que se encontra o paiz.

E' um convite a outros, a alguns daquelles que os vai-vens dessa politica bastarda collocaram na posição de poder bem servir á nação para um exame de consciencia.

Qual o estado do paiz sob o ponto de vista politico-social ?

Não é occasião de desenvolvê-lo em analyse minuciosa ; mas pôde-se-lhe dar uma ideia em synthese rapida.

E' só olhar para o povo e para o governo, tomando-lhes os signaes mais caracteristicos.

Vamos vêr. A população nacional, considerada em seu conjuncto, de norte a sul, do mar aos sertões, atravessa a peor das crises, e para a qual não contribuiu em um millesimo, porque foi o primeiro presente que o desaso do poder lhe fez, a tremenda crise economica, solapadora de todos os recursos do pobre, tornando-lhe desesperada, amaldiçoada a vida.

Este symptoma, que a sabença governamental nem sequer pôde ainda definir e estudar em suas causas, não tem sido por fôrma alguma alliviado em mais de quatro annos de desatinos financeiros.

E é mister haver perdido todos os estímulos do bom senso para lhe desconhecer a gravidade.

Em um paiz, onde a vida em geral não tem o menor incentivo para o bello e para o grande, porque a sua cultura espiritual é quasi nulla e os encantos da vida social, os prazeres da civilização não existem, em um paiz, onde o molde constante do viver é ainda rudimentar, e onde a

pobreza é a regra generalisada, ao povo paciente e já tão maltratado, vieram tornar ainda mais pesada a carga da propria existencia material...

O povo está atacado nas fontes directas de seu inglorio viver.

Para fallar a linguagem positiva dos factos, não tem recursos para comprar o alimento diario, o amarissimo pão que o sustenta. Situação, que seria afflictissima para qualquer governo, que soubesse que não é por luxo que os povos pagam governos; situação sorridente para esse *sargentismo emproado* que é hoje o governo do Brasil.

Na vida moral e politica as liberdades, as chamadas liberdades *necessarias* estão aniquiladas.

A liberdade de imprensa tomou o aspecto de irresoluta timidez, diante das ameaças que lhe surgem, ou sob a fôrma de arruaças, ou sob o aspecto de contestações ministeriaes, asperas no tom, provocadoras nas reticencias, insolitas nos epithetos.

A liberdade eleitoral é uma farça em que é principal motor a fraude e, quando ella não basta, campeia, na propria Capital Federal, o cacete dos capangas. A liberdade de reunião só é praticamente realizavel'a apaniguados do governo; fôra delles é um perigo tentar pô-la em execução.

Mas este povo abatido, humilhado, por mais enjôo que tenha aos seus dictadores, não pôde

de todo esquivar-se ás relações com a administração publica. Qual o character predominante agora nessas relações? O desgosto, o constrangimento, porque ineptamente perturbáram todos os serviços nacionaes.

Invertendo o axioma de que a natureza e a politica não fazem saltos, os recentes governos brasileiros desmanteláram o antigo edificio juridico-administrativo.

Facil era retocal-o, tornando-o expedito. Fizeram o contrario, sobrecarregaram-no de molas inuteis, morosissimas. Quereis a prova?

Não precisa ir muito longe; não precisa entrar nas grandes repartições publicas, nas secretarias de estado; basta ir aos tribunaes, onde o povo tem relações mais constantes, interesses mais immediatos; basta vêr o que foi feito na organização judiciaria do Districto Federal. Tendes ahí a prova provada da inegavel verdade.

Embaraços em tudo, embaraços por toda parte; dir-se-hia que a administração brasileira é a systematisação da delonga e da chicana...

E a instrucção, que vale ella?

Tornáram-na para o povo puramente *nominalista* pelo character vistoso, pedantesco de um encyclopedismo inadequado, impossivel.

Cousas para inglez vêr, diziam nossos antigos; *iscas para nossa bascfia*, deve dizer-se hoje em dia.

Assim é, mais que nunca, exacto asseverar que o *refle do soldado e o papel de imposto do exactor de fazenda* são ainda e sempre as duas fórmulas supremas das relações do poder com o povo brasileiro.

Olhemos directamente para o governo; que tem elle feito?

Que o diga o abysmo das finanças desmanteladas, do credito nacional abatido, das despezas publicas quadruplicadas, e nesse *crescendo* significativo da desordem economica, o *rythmo*, ainda mais significativo, do cambio para os degráos inferiores...

Que o diga o desequilibrio da politica interna, onde a subversão geral de governadores, congressos, tribunaes e intendencias, deixou estatelada a consciencia publica, que ainda não pôde revocar-se do pasmo diante da anarchia magna do Rio Grande do Sul, immenso distico de vergonha, que nos humilha perante o mundo civilizado.

Que o diga a desordem existente em todas as classes, nomeadamente naquellas que deviam ser as mais disciplinadas, a cujo acceno o governo curva-se submisso, por lhes estar jungido, sem autonomia, como creatura passiva a despotico créador...

Que o diga a nobre e digna magistratura brasileira, hoje quasi por toda a parte avulsa e perseguida, por se negar á sancção de abusos, tendo de

ceder seus lugares a caloiros, ou ficar sob a pressão de ameaças do poder.

Que o diga o primeiro congresso nacional, onde os melhores talentos tiveram de calar-se, para abrir espaço á ousadia de uns charlatães, arvorados em publicistas, que tomaram a tarefa, designada a dedo, de justificar as patranhas governistas, torturando o direito anglo-americano na linguagem mascava da mediocridade á soldada.

Que o diga o desaso da politica exterior, onde não se sabe o que mais possa humilhar, se a arrogancia das reclamações estrangeiras, que brotam dos erros governamentaes com a mesma fertilidade dos cardos nos campos safaros, se a desconsideração acintosa dos argentinos subscriptada a nós nas resoluções de seu conselho nacional de hygiene !

Que diga o desnorteamento moral de todos os incentivos e impulsos sociaes ; porque o governo deixou de ser uma commissão da nação, melindrada pela responsabilidade constante, inilludível do dever, para converter-se no manejo adequado ao arranjo de tremenda camarilha que mantem o militarismo.

Que o diga o conjuncto da vida nacional immergida em desalento, onde tudo emudeceu, a poesia, a arte, a sciencia ; onde se calaram todos os surtos da intelligencia para abrir margem á

ganancia, á sordidez lucrativa de uma politica nefasta...

Não é, porém, a republica a culpada desses desacertos; não é o ideal republicano a causa de tantos desatinos, dil-o-hemos afinal.

Vícios accumulados de educação fizeram-nos chegar á elevada fórma de governo, sem ter a disciplina precisa, a consciencia do direito e do dever, indispensavel á valorosa obra democratica.

Desherdados da verdadeira cultura de nosso seculo, no que ella tem de mais seguro para a vida politica, da velha Europa nos passaram apenas os erros, os desvarios, os vícios do organismo social: as hysterias do jacobinismo de um lado, o mal cadulo do positivismo de outro lado.

E, como dois animaes inimigos ajojados ao carro de nosso progresso, nos têm os dous systemas acarretado males incalculáveis.

Falta-nos a forte philosophia de uma politica experimental e segura.

Jacobinismo futil e positivismo esteril, taes as duas grandes molas que tem transviado a republica no Brasil.

Sabe-se, entretanto, que, se é verdade que o grosso dos frequentadores da politica entra nella semum plano doutrinario, sem um ideal, apenas levado pelos interesses de momento, os chefes, os directores, os guias do povo devem ter uma norma,

devem inspirar-se em uma philosophia, e a que havemos tido tem sido inteiramente prejudicial.

Despresadas as lições do naturalismo scientifico, esquecidos os ensinamentos da synthese moderna, appropriada á democracia contemporanea; de um Spencer, de um Huxley, de um Maine, de um von Ihering, os caricatos directores do pensamento brasileiro andam ahi a empalidecer no *catechismo positivista* e a rezar a Clotilde de Vaux...

FIM

INDICE

	PAGS.
Dedicatória.....	V
Declaração indispensavel.....	VII
Introdução.....	IX

PARTE PRIMEIRA

O POSITIVISMO EM SUAS IDEIAS CAPITAES

Cap. I A SUPPOSTA RASÃO FUNDAMENTAL DO POSITIVISMO E SUAS EXAGERADAS PRETENÇÕES:	
§ I Vantagens apparentes do positivismo; seu ponto de partida... ..	3
§ II A universalidade do dogma religioso.....	20
§ III Subordinação da actividade espiritual ao dogma religioso.....	31
§ IV Contemporaneidade e independencia reciproca das crêações fundamentaes da humanidade.....	42
§ V A decantada anarchia mental.....	56
§ VI Sacerdotalismo, pontificalismo, sacramentalismo, inerrancia, definitividade da religião positivista...	72
§ VII A decantada incorporação do proletariado na sociedade moderna.....	98
§ VIII Spencer, versus Comte.....	112
Cap. II A CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS:	
§ I A série hierarchica a refutação de Spencer.....	123
§ II A critica de Spencer e a resposta de Littré.....	144
§ III Ainda a critica de Spencer e a resposta de Littré.	161
§ IV De novo a critica de Spencer e a resposta de Littré	175
§ V Outros vicios da classificação de Comte.....	186
§ VI A questão da Psychologia e da Logica.....	211
Cap. III A LEI DOS TRES ESTADOS:	
§ I Comte e Saint-Simon.....	237
§ II Os outros vicios da decantada lei.....	292
CONCLUSÃO.....	339

ERRATA

PÁGS.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
XIII	10	braileiros	brasileiros
XXI	21	póde	poderá
XXXV	18	contanto	comtanto
LXV	4	se têm	se têm
LXXV	25	faustos	faustosos
LXXIX	15	contribuirão	contribuiram
LXXX	22	n'ella evidentemente e	n'ella, evidentemente
XCII	21	escola de Maistre	escola de de Maistre
CVIII	20	divessos	diversos
9	17	Semerie	Sémérie
12	25	patenteiando	patenteando
14	29	<i>antipathica ao</i>	<i>antipathicas ao</i>
44	4	estão	estam
90	17	preposições	proposições
98	3	semeiado	semeado
101	26	<i>mediador</i>	<i>mediador</i>
103	6	excessões	excreções
106	8	mediador	mediador
113	9	<i>rei occidentalidade</i>	<i>rei, occidentalidade</i>
127	29	indicão	indicam
138	19	Whewoell	Whewell
183	18	cousa o inicio	cousa, o inicio
186	27	comtescã dada	comtesca, dada
188	29	1816	1818
191	29	de dever	do dever
192	7	methaphysica	metaphysica
192	17	invadeiaveis	invadeaveis
198	28	coordenarem e	coordenar em
222	20	de outro.	de outro.»
231	4	encandeaiadas	encadeiadas
240	15	<i>vintième</i>	<i>vingtième</i>
245	16	Bolimbroke	Colebrooke
261	21	<i>c'est là</i>	<i>c'est là</i>
261	25	<i>par là</i>	<i>par là</i>
268	13	intrega	intégria
270	6	indicado	indicada
270	19	pertube	perturbe
275	7	não e physiologo	não é physiologo
292	17	Pessemos	Passemos
304	24	hoje têm	hoje, têm
320	18	d'Alenbert,	d'Alembert.
336	11	<i>sigrados</i> não	<i>sagrados</i> , não

Distribuição systematica das obras do auctor

a) Apontamentos para a Historia da Litteratura Brasileira :

- I.—A Philosophia no Brasil, 1878;
- II.—A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna, 1880;
- III.—Ensaio de Critica Parlamentar, 1883;
- IV.—Ethnographia Brasileira, 1888;
- V.—Estudos de Litteratura Contemporanea 1888;
- VI.—Pedagogia e Litteratura (no prelo)

b) Contribuição para o estudo do «Folk-Lore» Brasileiro :

- I.—Cantos Populares do Brasil, 1882;
- II.—Contos Populares do Brasil, 1883;
- III.—Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira, 1888;
- IV.—Uma Esperteza!. (Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Sr. Theophilo Braga), 1887.

c) Historia Litteraria :

- I.—Introdução á Historia da Litteratura Brasileira, 1882;
- II.—Historia da Litteratura Brasileira, 1890;
- III.—A Historia do Brasil pela biographia de seus heroes, 1890.

d) Estudos de Politica Nacio

- I.—Parlamentarismo, Presidencialismo, Republica do Brasil, 1893;
- II.—Doutrina contra o positivismo no Brasil;
- III.—Partidos Politicos (no prelo)
- IV.—Provocações e

- I.—Cantos do Fim do Seculo, 1878;
- II.—Ultimos Harpejos, 1883.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).